

Autobiografia em Madrid

(e algumas reflexões sobre a
Literatura e a História da Espanha)

Márcio Catunda
2026

Ficha Técnica:

Capa: Aluisio Gurgel

Projeto gráfico e diagramação: Renato Palet

Revisão: Vianney Mesquita

Fotos: Márcio Catunda

Ficha catalográfica

ISBN

SUMÁRIO

PRÓLOGO I	7
A CALLE DE O'DONNELL	0
PLAZA DE FELIPE II	0
A CALLE DE ALMAGRO E A PLAZA DE ALONSO MARTÍNEZ	0
PLAZA DE SANTA BÁRBARA	0
PLAZA DE CIBELES	0
PUERTA DEL SOL	0
PLAZA MAYOR	0
PLAZA DE LA VILLA	0
PLAZA DE SANTA ANA	0
EL BARRIO DE LAS LETRAS E EL SIGLO DE ORO	0
FRANCISCO DE QUEVEDO Y VILLEGAS	0
LOPE DE VEGA E SUA CASA-MUSEU	0
OS CAFÉS, LABORATÓRIOS DE LITERATURA	0
A PERIPÉCIA DE DON RAMÓN DEL VALLE-INCLÁN	0
PLAZA DE CANALEJAS	0
EL ATENEO, LA DOCTA CASA	0
O PALÁCIO REAL	0
JARDINES DE LA PLAZA DE ORIENTE	0
MONASTERIO DE LA ENCARNACIÓN	0
PLAZA DE ÓPERA	0
PLAZA DE CALLAO	0
GRAN VÍA	0
CÍRCULO DE BELLAS ARTES	0
EL TEMPLO DE DEBOD	0
CERVANTES E A PLAZA DE ESPAÑA	0
PEREGRINAÇÕES E LEITURAS CERVANTINAS	0
MUSEO DEL PRADO (LUZ SOBRE A HISTÓRIA)	0
SAN JERÓNIMO EL REAL	0
PASEO DEL PRADO	0
CALLE MAYOR	0
O INCIDENTE DA CALLE DE MALDONADO	0
FEDERICO GARCÍA LORCA	0
O ATENTADO DA CALLE DE CLAUDIO COELLO	0
A RESIDENCIA DE ESTUDIANTES	0
ALMUDENA E CUESTA DE LA VEGA	0

LAS VISTILLAS, LA MORERÍA E PUERTA CERRADA	0
MUSEO DE HISTORIA DE MADRID	0
PUERTA DE TOLEDO	0
EL MANZANARES	0
PARQUE DEL RETIRO	0
POEMAS DEL RETIRO	0
PUERTA DE ALCALÁ	0
LAVAPIÉS	0
TIRSO DE MOLINA	0
PLAZA DE JACINTO BENAVENTE	0
PLAZA DE ANTÓN MARTÍN	0
SAN PLACIDO E SAN ANTONIO DE LOS ALEMANES	0
CALLE CONDE DE PEÑALVER	0
MUSEO REINA SOFIA	0
REAL ACADEMIA DE SAN FERNANDO	0
MUSEO ARQUEOLÓGICO NACIONAL	0
MEDITAÇÃO NA CALLE DE SERRANO	0
PLAZA DE COLÓN	0
ALGUNS PARQUES DE MADRID	0
OS MACHADOS, POETAS SUBLIMES	0
A FRATERNIDADE DOS POETAS	0
LUIS ANTONIO DE VILLENA	0
LUIS ALBERTO DE CUENCA E ANTONIO FERNÁNDEZ HELIO- DORO	0
ELOY SÁNCHEZ ROSILLO	0
CARLOS D'ORS	0
ESTER BELLVER	0
AMANCIO PRADA	0
JOSÉ LUÍS GARCÍA MARTÍN	0
MADRID E SUALITERATURASS	0
HEBDOMADÁRIO LÍRICO	0
PANEGÍRICO DE LA VIDA APLACIBLE EN MADRID	0
EPÍLOGO	0
POSFÁCIOS:	
O POETA E A CIDADE	0
MÁRCIO CATUNDA, UN APASIONADO WHITMANIANO	0
BIBLIOGRAFIA	0

*Diversa Madrid, criada
com fundo calor humano,
teu encanto não se mede
por monumento ou paisagem.*

(Murilo Mendes)

Madrid del cielo diáfano que filtra eternidades.

(Ramón Gómez de la Serna)

*!Vive Dios que me espanta esta grandeza
y que diera un millón por describilla!...*

(Miguel de Cervantes)

PRÓLOGO

Minhas constantes viagens a Madrid iniciaram em 1994. A primeira vez, vinha de Lima, meu primeiro posto na carreira diplomática. Adentrei o Velho Continente pela porta da Espanha. Foi alumbramento à primeira vista. Vinha com a mulher e o filho. Íamos para Genebra, meu segundo posto.

Gostei tanto de Madrid que regressei muitas vezes, enquanto estive na Suíça, de 1994 a 1997, trabalhando no Consulado-Geral do Brasil em Genebra. Os primeiros poemas surgiram, bem como os primeiros amigos espanhóis.

Hospedado no Hostal Americano, na Puerta del Sol, eu despertava cedo para passear. Queria ver tudo, com sofreguidão e sede. A Espanha me interessava cada vez mais. Passei 14 anos consecutivos lendo no idioma castelhano, para imergir no mundo hispânico.

Em 1998, quando estava na Bulgária, comecei a escrever uma história da Espanha, que veio a lume em 2011 e recebeu o título de *Luz sobre la Historia*. Usei como epígrafe uns versos de José Alcides Pinto: “a poesia é didática; luz sobre a história e esquecidos altares”.

Não acreditava que fosse trabalhar na Embaixada em Madrid. Os próceres do Ministério das Relações Exteriores removem os colegas para os postos de nível A (no denominado Primeiro Mundo), depois de dois ou três anos num Posto C (em países menos desenvolvidos). A Embaixada brasileira em Madrid é posto concorrido. O Departamento de Pessoal, contudo, me devia um Posto A, depois de dois anos em Gana. Pedi Paris ou Madrid. Sabia que Paris era mais difícil. Deu certo.

Durante três anos (de 2011 a 2013), fiz uma criteriosa prospecção no ambiente cultural espanhol. Conheci os principais poetas contemporâneos do País, a respeito os quais escrevi um livro intitulado *Laudetur, 63 Poetas Españoles del Siglo XXI*, com poemas dedicados aos poetas homenageados, numa série de paráfrases intertextuais.

A primeira aproximação com a língua espanhola, porém, foi anterior. Em Fortaleza, na adolescência, ouvia o Florival Serraine, meu tio, antropólogo e contista, falar de Neruda, Gabriela Mistral e Rubén Darío, recitando versos do grande poeta nicaraguense: “juventud, divino tesoro, ya te vás para no volver”.

No Instituto Rio-Branco, de 1984 a 1985, fui aluno de Kori Bolivia, escritora de quem me tornei, desde então, grande amigo. Em seguida, o estágio em Quito e as viagens a Bogotá, Lima, Cuzco e Machu Picchu, no início de 1986, marcaram minha vida e constituíram iniciações à cultura de língua castelhana.

Na chegada para trabalhar na Embaixada em Madrid, no final de 2010, o Embaixador não foi nada simpático: “se você for vagabundo eu vou pegar no teu pé”, disse-me, com a cara sisuda. Eu lhe havia dado um livro de poesia autografado e, talvez por isso, ele achou que eu iria dedicar a maior parte do expediente de trabalho à atividade literária. Acertou em cheio.

Essa condição desfavorável me afetou indiretamente, mas, na verdade, tive sorte. A Embaixada estava bem lotada e o trabalho de Chefe do Setor de Imprensa não me ocupava mais de 50 por cento do tempo diário. Apesar disso, um certo desconsolo me inspirou a escrita do poema *Veredas Marginales*:

Cayó sobre mí el estigma de los poetas malditos.

Pero todo no pasa de paranoia.

Camino por veredas marginales.

No desisto de ser yo mismo, el rey de mi propia ética.

Nessa conversa inicial com o Embaixador, quando ele me perguntou por que eu quis servir em Madrid, respondi: Madrid é a melhor cidade da Europa. De fato, Madrid é uma cidade propícia à vagabundagem lírica, virtude invejada pelos figurões.

O vagabundo lírico inventa o ofício de sentir a beleza. Ensimismado nas horas de fulgor, adormece no afã do frêmito. Inebriado de experiências metafísicas. O afortunado forasteiro percebe a mirífica perspectiva das ilações. Conjuga o verbo imaginário, à procura da essência luminosa dos morfemas.

Os olhos do chefe me fitavam austeramente e me amedrontavam. Ele só amenizou o cenho fechado e o olhar inquisidor um ano depois, quando recitei Vinicius de Moraes no Instituto Cervantes, na palestra do José Castello. No dia seguinte, acompanhei a comitiva da Embaixada a Salamanca, para um almoço, a convite do Centro de Estudos Brasileiros, daquela velha e tradicional Universidade espanhola. O Embaixador, todo sorrisos, durante o almoço, até me pediu para recitar Vinicius de Moraes, perante os professores salmantinos.



O Vinicius que o meu chefe admirava tinha sido também tachado de vagabundo. O decreto de exoneração, que lhe impingiram, dizia: “ponha-se esse vagabundo para trabalhar”. Senti-me honrado em receber o título que Vinicius de Moraes recebera.

A vagabundagem lírica é invejada pelos colecionadores de medalhas e pelos que se ocupam em vigiar e punir. O vagabundo lírico flutua em doce vertigem, tal os pássaros ébrios de calidez. Foge dos cérebros caóticos. Sente o generoso dom do vento que acende as pétalas místicas, no jardim da incerteza dos dias.

Dentre os poetas que me visitaram em Madrid, Lêdo Ivo, que hospedei em casa, foi para mim um guia no mundo da palavra e do pensamento. Agregador de novas amizades, carismático, era admirado por vários poetas famosos: Antonio Gamoneda, o barão de León, Amalia Bautista, Martín López-Vega e Juan Carlos Mestre, compunham o fã clube de Lêdo Ivo. Diversos editores o publicaram em Madrid, traduzido por Martín López-Vega.

Já o conhecia. Visitei Lêdo Ivo em 1982, em seu apartamento em Botafogo. Mantivemos alguma correspondência, interrompida pela minha inconstância. Depois do lançamento de um de seus livros, na Livraria Central, no Museo Reina Sofia, fui jantar com o Lêdo, o Gonçalo Ivo (o filho dele, artista plástico), e a nora, Denise, no restaurante La Trainera, na calle Lagasca. Repetimos, noutras ocasiões, os jantares no mesmo restaurante, sempre que Lêdo regressava a Madrid, com Gonçalo e Denise.

Na segunda vez que Lêdo Ivo esteve em Madrid, coincidentemente, chegou à cidade o poeta Antonio Carlos Secchin, que falou no Ateneo de Madrid, a respeito de João Cabral de Melo Neto, cumprindo atividades culturais organizadas pelo Centro de Estudos Brasileiros, em parceria com a Universidade de Salamanca e a Fundação Cultural Hispano-Brasileira.

Retrocedo no tempo da narrativa para mencionar que meus primeiros livros em castelhano remontam à fase em que trabalhei na Embaixada em Lima: *Los pilares del esplendor* e *Llave maestra*, escritos em 1992, num período em que desfrutei da companhia de poetas peruanos, entre os quais, Eduardo Rada, Eli Martín, Regina Flores Montes, Antonio Cisneros e Gustavo Efraim Ortega, Gustavo Armijos, Manuel Pantigoso e Oscar Limache. Carmen Sologuren, querida amiga, funcionária da Embaixada em Lima, traduziu *Los Pilares del Esplendor* para o castelhano. Os poemas de *Llave Maestra* foram minha primeira experiência com a escrita de textos em espanhol.

Já na República Dominicana, publiquei *Madrid y otros idilios*, em 2005, livro que transformei em outro, acrescentando novos poemas, sob o título de *Autobiografía en Madrid*, que teve duas edições em espanhol: a primeira em Sevilha e a segunda em Madrid.

Autobiografía en Madrid, que o leitor tem diante dos olhos, contém poemas, integral ou parcialmente transcritos dos livros *Madrid y otros idilios*, *Autobiografía en Madrid* e *Luz sobre la Historia* (sendo este a ousada tentativa de escrever um épico da história da Espanha). Trabalhei o texto de *Luz sobre la Historia*, de 1998 a 2011.

Outros livros não tardaram a germinar. Com o surgimento dos livros, concebi outra veleidade: a arte dramática, tão peculiar aos espanhóis, que brilharam sempre na tradição milenar do teatro. Na Espanha, o poeta que recita poemas diante de uma plateia recebe o nome de “rapsoda”.

Ao perceber o campo de ação para a poesia recitada em diversos centros culturais, tomei aulas com o Alex Amaral, que então vivia em Madrid, e havia atuado em peças e filmes espanhóis. Memorizei, inicialmente, textos de García Lorca, Miguel Hernández, Antonio Machado e San Juan de la Cruz, para es-

trear na Casa de Astúrias, no recital organizado por Soledad Martínez González-Duarte e seu simpático marido Romualdo.

Minha primeira ocasião nos palcos coincidiu com a vinda do Flávio Sarlo, poeta, cineasta e jornalista capixaba, velho amigo que conheci em Fortaleza, em 1980, no Festival de Poesia Independente, organizado por Natalício Barroso. Desde então, Flávio esteve presente em correspondência ou em sucessivas visitas ao meu domicílio, no Rio de Janeiro. Flávio Sarlo documentou, em vídeo, minha primeira participação nos saraus de Madrid.

A experiência de recitar poemas vinha de antigo: dos tempos do Clube dos Poetas Cearenses, em Fortaleza, desde 1975. Desenvolveu-se, posteriormente, nos saraus de Lima, com o poeta Eduardo Rada, e, em vários recitais, no Rio de Janeiro,

Dentre as visitas que recebi em Madrid, a de Flávio Sarlo foi das mais produtivas: fomos a Toledo, Segovia, Palencia e Soria, cidades onde escrevi poemas para o livro *Paysages y Leyendas de España*. Compilamos o primeiro vídeo, intitulado *Poesia em Tempos de Crise*. Fui me aperfeiçoando na arte declamatória, até fazer recitais inteiros com textos meus e de poetas espanhóis.

Mordido pela vespa da vaidade, escrevi uns poemetos, tentando imitar o grande clássico Marco Valerio Marcial, mestre na sátira mais irreverente e recitei os Epigramas Marciais em diversos auditórios.

Um inventário de memoráveis acontecimentos, de 2011 a 2013, registra, além da edição dos livros escritos em castelhano, momentos marcantes nos salões literários: duas palestras na Residência de Estudantes; a primeira, em homenagem a João Almino, então Cônsul-Geral do Brasil em Madrid, com a participação da professora Bethania Guerra de Lemos; a segunda, sobre a obra de Ana Miranda (convidada pela Fundação Cultural Hispano-Brasileira), com a presença da escritora e a participação do ativista cultural Antonio Maura.

Outra ocasião sublime foi quando participei da palestra de José Castello, no Instituto Cervantes, em homenagem a Vinicius de Moraes, com a participação musical de Edimundo Santos. Recitei poemas do homenageado e José Castello ficou tão entusiasmado, que disse que eu me estava transformando num Vinicius de Moraes. A anedota, dita por um dos maiores escritores brasileiros contemporâneos, encheu-me de veleidades.

Mais uma lembrança especial foi a viagem a Bilbao, com Nélida Piñon, que, no trajeto, falou um tanto do seu cachorrinho Gravetinho, que os malvados vizinhos queriam proibir de passear no pátio do edifício onde ela morava. Naquele tempo, os animais ainda não tinham a proteção das majorias como agora. Ela, contudo, contratou um advogado e ganhou a causa. Gravetinho pôde, finalmente, passear no pátio do prédio. Nélida falou, também, entre outras coisas, de sua técnica de suscitar suspense na ficção, ao narrar o fato principal no final do discurso. Ao chegarmos ao País Basco, Nélida falou brilhantemente a respeito de sua obra literária.

Registro aqui, também, o encontro com Márcio Souza, na Universidade de Santiago de Compostela, num seminário de escritores de vários países, organizado pela professora Carmen Villarino Pardo. Na ocasião, constatei a simpatia, o carisma e a simplicidade do escritor amazonense, autor de *Mad Maria* e outros consagrados romances.

Quanto à apaixonante experiência dos recitais, enumero alguns locais onde tive a honra de realizar saraus poéticos: na Casa de la Rioja, a convite de Rosario de la Cueva, recitei o *Cántico Espiritual*, de San Juan de la Cruz; no Centro Asturiano, da calle Farmácia, recitei poemas de Miguel Hernández, Antonio Machado e San Juan de la Cruz. A sequência de recitais continuou, no luxuoso Círculo de Bellas Artes; no Ateneo, a convite de María Victoria Caro Bernal; na casa de espetáculos “Se Cae el Telón”, com a participação de Alex Amaral; no Café Comercial, com o apoio dos poetas Jaime Alejandre e Raúl Nieto de la Torre, e no Teatro Guindalera, sob os auspícios da atriz María Pastor.

Acrescento a essa lista a palestra e o recital no Centro de Estudos Brasileiros, da Universidade de Salamanca, a convite do poeta e professor Alfredo Pérez Alencart. Em todas essas ocasiões, sem timidez nem hesitação, exerci o ofício da poesia. Havia tomado aulas, não podia dar vexame. Já no final da estada no posto diplomático, realizei, no Centro Cultural Matadero, o lançamento de *Jardín de Ortigas*, publicado pela consagrada Editorial Renacimiento, dirigida pelo famoso poeta Abelardo Linares. O livro foi apresentado pelo não menos famoso poeta Cesar Antonio Molina.

Minha paixão pela Espanha, é, portanto, anterior ao tempo em que li João Cabral e Murilo Mendes, que enalteceram aspectos da cultura espanhola.

A estada do poeta carioca Ricardo Alfaya, um querido amigo, quase coincidiu com a vinda a Madrid do João Ubaldo Ribeiro. Eu havia machucado o tornozelo na escada do metrô da plaza de España e andava com dificuldade. Mesmo assim, fui ao aeroporto esperar o grande romancista. João Ubaldo chegou cansadíssimo. Sua esposa, Berenice, reclamava de dor na coluna vertebral, em razão dos incômodos da viagem. Ambos se queixavam da dificuldade de chegar ao local do recebimento das malas, que ficava a uma enorme distância do desembarque dos passageiros. Por outro lado, o motorista que a Embaixada mandou, para conduzir o escritor, era um cidadão brasileiro, recém chegado à Espanha, que mal conhecia o trânsito de Madrid e se atrapalhou na hora de acionar o GPS. Berenice se queixou: “é melhor pegar um táxi”. Ubaldo concordou: “eu deveria ter consultado o horóscopo antes de viajar”. Brinquei: “o Guimarães Rosa não saía de casa sem consultar o horóscopo”. Ubaldo sorriu e foi se descontraindo, até chegarmos ao hotel, onde fumou um cigarro e ficou bem-humorado.

No dia seguinte, João Ubaldo falou, com o seu vozeirão, no auditório da Casa do Brasil, na Moncloa, para um público numeroso. Ao terminar, não esperou o coquetel servido em sua homenagem. Quis voltar ao hotel imediatamente.

No mesmo período da visita do Ricardo Alfaya e da presença do João Ubaldo em Madrid, veio também o Gilberto Mendonça Teles. Gilberto já me havia visitado nos tempos de Genebra, de 1995 a 1997, quando passeamos na Suíça e na França, pelas nevadas montanhas do Jura e numa viagem a Bourget, para ver o lago, no qual Lamartine se inspirou para escrever o seu poema imortal.

Tanto Gilberto quanto Lêdo permaneceram pouco tempo no meu apartamento, na esquina da calle de O'Donnell com a calle de Narváez. Lêdo viera outras vezes, com Gonçalo e Denise, hospedando-se no Hotel Ritz. Gilberto veio convidado pela Universidade de Granada, onde tinha contatos importantes.

Algumas recordações afloram, fragmentariamente: um passeio com Alfaya e Gilberto, na livraria Casa del Libro, na calle de Alcalá, próxima à minha residência. O almoço de paella e o papo sobre literatura, em que falamos de Drummond, em cuja obra Gilberto era o maior especialista.

Havia em casa dois quartos de hóspedes. Gilberto dormiu no principal, o mesmo em que Lêdo Ivo ficou, quando veio. Sempre de bom humor, quando viu a cama, Lêdo perguntou: “eu vou dormir nesse leito nupcial?”. Os amigos se impressionavam com a vivacidade de Madrid e o acervo fantástico dos museus e das livrarias.

Com esses bons amigos, andei pelos jardins do Parque del Retiro, para mostrar-lhes o meu recanto de inspiração. Minha casa ficava a 200 metros do fabuloso bosque madrilenho, que tantas vezes cruzei, em horas de lazer, ou a caminho do trabalho. Para ir trabalhar, entrava pela Puerta de O'Donnell e saía pela Puerta de Alcalá.

Tenho magníficas recordações do bairro de Chamberi, onde, no dia a dia, eu circulava na hora do almoço. Às vezes, tomava o metrô para almoçar no centro da cidade, no Mercado de San Miguel ou nos restaurantes de La Latina ou de Tirso de Molina. Depois do almoço, nas imediações do metrô Antón Martín, revia o Barrio de las Letras e a Real Academia de la Historia, onde, certa noite, assisti, com o poeta e artista plástico Antonio Fernández Heliodoro, à posse acadêmica de Luis Alberto de Cuenca.

Nos intervalos do almoço, entre os dois expedientes, depois de comer no Barrio de las Letras, eu ia pela calle de las Huertas, até a Plaza de Santa Ana e dali à Puerta del Sol e à Plaza de Ópera, onde pegava o metrô e ia cumprir o segundo expediente.

Antes da residência em Madrid, eu viajava frequentemente da Suíça à Espanha, no período de 1995 a 1997. Nos anos de 2020, outra vez morando na Suíça, faço o mesmo itinerário, como se repetisse a experiência que, no entanto, é apenas semelhante.

Viajar da Suíça à Espanha e vice-versa é ter a experiência de duas Europas. A diferença consiste na comunicação entre as pessoas. Na psicanálise, falar é a terapia. Em Madrid, todos os ambientes parecem programados para o encontro e a conversação. Em Genebra, vive-se num complexo de introversão, porque os suíços não são de conversar com estrangeiros. São reservados até mesmo entre eles. Talvez Calvino e Rousseau tenham contribuído para forjar-lhes esse temperamento pouco social. Em Madrid, tudo é pura extroversão. Constato, de inopino, que daquele tempo para hoje Madrid agigantou-se tanto, que perdeu algo em qualidade de vida.

A CALLE DE O'DONNELL

Depois de longa caminhada, sob ao arvoredado do Parque del Retiro, saio das alvissareiras premissas do jardim, como quem vai ao encontro do ontem. Impossível repetir uma experiência com igual intensidade! Avanço, contudo, pela calle de O'Donnell, avenida de alta rotatividade, uma das vias de acesso ao aeroporto de Barajas.

Na calle de O'Donnell, no charmoso Barrio de Salamanca, eu passeava com meus hóspedes, que me incentivaram a escrever sobre Madrid. O poeta Flávio Sarlo, quando esteve hospedado em meu apartamento, teve uma rotina por demais hedonista: curtiu cada bairro da cidade e bebeu cerveja todos os dias no Café-Bar Silma, na esquina da calle de Narváez com a calle del Duque de Sesto. Certa noite invernal, caminhamos pelo Retiro, até a hora em que encontramos os portões fechados. Para sair, pulamos as grades de ferro perigosamente afiados e nos safamos.

Neste novo passeio, revejo a confeitaria da esquina de Narváez com O'Donnell, onde um dia Gilberto Mendonça Teles comprou croissants, presunto e queijo, porque fez questão de aportar víveres, à guisa de colaboração para o jantar.

Gilberto esteve no apartamento da calle de O'Donnell antes da vinda do Flávio Sarlo e durante a estada de Ricardo Alfaya (com quem fui a Zamora) e de Lêdo Ivo (que acompanhei em sua palestra na Residencia de Estudiantes). Posteriormente, Eduardo Rada, o peruano, veio de Lima.

A plêiade dos bardos em minha casa, de 2011 a 2013, foi um banquete de Orfeu. Senti um verdadeiro encantamento de satisfação. Foi um idílio literário ter tantos poetas ao redor.

Para desfrutar desse privilégio, contei com a colaboração da Janet, que trabalhava no Consulado-Geral, e do Vinicius, que estudava na americana Universidade de Saint-Louis, em Madrid.

Por fin la primavera llega a las aceras soleadas de la calle O'Donnell. El parque, confidente de mis sermones al viento, me entrega un paseo para hablar a los mirlos. Una insociabilidad ácida me impulsa a buscar algún sitio lejos de las personas. El viento derrama sus cántaros.

Cerca de la naturaleza, ignorando toda suerte de recelos, me exacerbo hasta un alto grado de saturación. Es lo que queda al converso, al regenerado, al bohemio que anda por la espesura de las ramas enverdecidas.

A transitadíssima calle de O'Donnell tem, numa extremidade, a alta antena apelidada *El Piruli*. Indo-se pelo lado oposto, chega-se ao Parque del Retiro.

Passeando pelo bairro, Flávio Sarlo escreveu a interessante crônica “O Poeta da calle O'Donnell”, publicada no livro *Pitangas Vermelhas e Cigarros Índios*, que relata alguns dos nossos passeios no Parque del Retiro, as viagens a Palencia, Segovia e Soria, as conversas com amigos espanhóis e minhas participações nos recitais de Madrid, em 2012.

Flávio menciona que meus livros estavam bem distribuídos em estandes de grandes livrarias espanholas e alude ao documentário *Poesia em tempos de crise*, com cenas de ruas de Madrid e das três cidades que visitamos. Refere-se, também, aos nossos almoços com dois amigos: o poeta e compositor Pablo Guerrero e o escritor Ramón Hernández. Com Pablo, cantautor, carismático, pessoa simples, agradável, de voz grave, barba negra, compositor consagrado na Espanha, com vários CDs de poesia, falamos, entre outros assuntos, do meu livro *63 poetas españoles del Siglo XXI*. Pablo Guerrero Cabanillas disse que eu havia conseguido a proeza de reunir, num único volume, poetas que não se falam entre si: os gregos e os troianos da poesia espanhola.

Pablo Guerrero, o poeta, o jogral, o menestrel, cavalheiro muito querido, faleceu no dia 30 de setembro de 2025 e foi chorado por muita gente, porque tinha amigos e admiradores por toda a Espanha. Conheci-o num concerto seu, no Círculo de Bellas Artes. Fui a ele apresentado pelo amigo David Domínguez, de apelido Davidzinho, que tem o bom gosto de muito apreciar a música brasileira. A voz grave e doce de Pablo ressoava como um

acalanto nas suas canções de lindas melodias. Sua poesia é um dom do mais delicado e primoroso lirismo. Um homem tão encantador não pode morrer, apenas se pode encantar, isto é: passar um tempo invisível, até reaparecer em novos encantos.

Com Ramón Hernández, poeta e romancista, professor visitante de narrativa hispânica da Universidade da Filadélfia e do Missouri, almoçamos, num restaurante perto da Plaza de las Cortes. Ramón estava acompanhado do poeta Antonio Machado Sanz, que já naquele tempo fazia as vezes de boa companhia ao escrevinhador que aqui registra suas memórias. Ramón Hernández faleceu em 19 de maio de 2024. Gente de tanto valor humano faz muita falta ao mundo.

Para testar o talento de cineasta do Flávio Sarlo, fomos captar imagens para o seu filme. Nos finais de semana, viajamos de trem a Palencia. Percorremos as ruas silenciosas e desabitadas de Palencia; visitamos a catedral, do século VII, que havia sido um antigo templo visigodo e depois, durante a ocupação árabe, veio a ser uma mesquita. Vimos, no subterrâneo, o local onde eram realizadas as reuniões e cultos dos cristãos primitivos, lugar de vibrações mágicas.

Em Segovia, vimos o castelo, cercado por muralhas medievais e o aqueduto romano do século XII. A terceira viagem foi a Soria. Interessei-me pela paisagem que Antonio Machado cantou com exacerbado lirismo: os *Campos de Castilla* e a ribeira do Douro. Passeamos às margens do rio Douro e vimos o mosteiro, construído em cima das grutas de San Saturio. Nesse cenário de sonho, extasiados com a monumentalidade do silêncio, percorremos os caminhos encantados de Antonio Machado.

Na aziaga madrugada de 23 de dezembro de 2012, recebi a chamada telefônica do Gonçalo Ivo, dizendo que seu pai falecera naquela noite em Sevilha. Gonçalo me havia comunicado, dois dias antes, que eles chegariam a Madrid, onde nos encontraríamos. Era véspera de Natal. Passei o resto da noite sem dormir, angustiado. No dia seguinte, eu procurava lugares onde visse o horizonte aberto, e o Sol incidisse diretamente sobre o meu rosto, porque só a luz seria capaz de curar a minha angústia.

Meditei sobre a aventura de desfrutar do mundo e de ler um poema. Via um cedro, inclinado sobre o rio, com os ramos

levantados para o alto, e perguntava por que a árvore sobrevive ao homem. Lêdo Ivo era para mim o cantor triunfal das efemérides insólitas. A claridade não me fazia esquecer a cinza de sua partida. O dia inteiro fui perseguido por esse pesar. Meditei, junto a água, depois da noite inesperada. A vertigem do irremediável se lançava contra o cristalino dia. Perplexo, eu constatava como a vida parecia um rio e o espírito um fluido azul no firmamento.

Quando fez sua penúltima viagem à Espanha, Lêdo Ivo hospedou-se na calle de O'Donnel, número 37. Era um deleite conversar, até altas horas, com o poeta, leitor de poetas franceses e espanhóis, que me contava anedotas sobre escritores. Bebia uma garrafa de vinho todas as noites. Fazia-se admirado pelas pessoas com sua simplicidade, seu sentido de humor, amor à vida, generosidade e talento. Tive a preciosa oportunidade de rir com sua alegria e aprender de sua cultura e suas ideias.

O posto diplomático em Madrid foi o único em que pude, efetivamente, fazer uma prospecção no âmbito da elite cultural local, aproximando-me dos grandes escritores.

Das viagens pelas cidades espanholas nasceram muitos poemas. Reproduzo aqui um dos primeiros textos escritos em Madrid, nos tempos em que ainda trabalhava no Consulado-Geral em Genebra e viajava para Madrid, quase todos os fins de semana. As viagens eram puro êxtase para um cearense ávido por conhecer o mundo:

*Entre árboles y albricias,
me sueño entre pardas viviendas de idilio,
bajo torrentes de inmenso azul.
Peregrino por alegres calles,
vengo a beber neblina en tus pétalos,
Madrid, rocío y arenal de mi destino.*

(Madrid, 5/5/95).

Quando parti de Madrid, no final de 2013, com destino a Argel, deixei o filho Vinicius trabalhando e residindo na cidade. Assim, pude regressar várias vezes e rever, periodicamente, os amigos que conheci nos tempos da Embaixada.

As amizades permanecem. Visitei duas vezes Eloy Sánchez Rosillo em Murcia. Estive algumas vezes com Luis Antonio de Villena e Luis Alberto de Cuenca. Encontrei-me, casualmente, com Antonio Daganzo, num restaurante.

Estive no lançamento do livro *Arcén*, obra reunida de Pedro López Lara, na livraria Sin Tarima, em Antón Martín e tive a alegria de rever, depois de tanto tempo, Juan Carlos Mestre, Santos Domínguez Ramos, Javier Lostalé e José Cereijo.

Encontrei-me com David Domínguez González no Café Comercial e falamos de sua amizade com Clara Janès, Javier Lostalé, Jaime Siles e o inolvidável Pablo Guerrero. David apresentou-me com o livro de cartas da grande pintora Maruja Mallo, que foi namorada de Miguel Hernández.

Estive em Málaga, algumas vezes, ciceroneado pelo Antonio Gómez, que me levou a conhecer Ronda. Em Valencia, foi o casal Adriana Maria Gomes e Miguel Fisher que me anfitriou, mais de uma vez, em sua casa.

O leitor verá como Antonio Machado Sanz, que conheci em 2012, na Residencia de Estudiantes, na ocasião da palestra de Lêdo Ivo, é uma referência permanente nesta narrativa: Antonio e sua esposa María Jesús, que tanto me ensinaram da história e da literatura do seu País, acompanharam-me em diversos passeios.

PLAZA DE FELIPE II

Regressei algumas vezes à movimentada calle de Narváez e caminhei até a plaza de Felipe II, um refúgio para o peregrino das *anchas aceras*. Aprecio sempre aqueles edifícios neoclássicos, de pequenos *balcones con rejas*, marca registrada de Madrid. A plaza de Felipe II é um lugar de sombras na minha taberna existencial. El Corte Inglés está do lado esquerdo. No outro extremo, avisto o monumento intitulado Gala, que Salvador Dali plasmou, em homenagem à sua mulher, a libertina Gala, que foi também amante do poeta Paul Éluard. Por trás da escultura há três dolmens e, atrás de ambos os monumentos, há o ginásio-anfiteatro Movistar Arena (ex-Wizink Center), também denominado Palacio de los Deportes, de metal e vidro, em semicírculo, com estrelas negras estampadas no frontispício verde.



Observo, todas as vezes em que vou à plaza de Felipe II, a estranha estátua, que é um corpo de bronze, de cinco metros de altura, com o pé direito decepado em duas partes. Dentro do tórax aberto, um pêndulo sustenta um globo. Os dois braços estão voltados para o lado esquerdo. A mão direita segura outro pêndulo, com outro globo na extremidade. Na panturrilha esquerda, vista por trás da escultura, uma grande veia protuberante infla e se transforma num cordão que sobe pela espinha dorsal do insólito corpo. A figura tem um sexo híbrido, mais masculino do que feminino, e não tem rosto; tem um oco no lugar da face. Esquisitices do Dali. Os três altos dólmens de granito, postos atrás da estátua (os ápices cobertos por uma grande pedra), completam o espetáculo. Na superfície verti-

cal do cubo, que serve de pedestal para a escultura, está gravado o nome GALA, com uma letra em cada lado do quadrilátero.

Una plaza para sentir los rumores nocturnos. Calle Narváez, ¿hasta cuándo verás mi huella cotidiana? Terrazas nocturnas, por las que me extravió atónito, luna esmeralda. Cristalina noche como un secreto a voces.

Una plaza donde reposar de mis trajines, mirando el cielo, extraño azul. Un refugio donde caminar dentro del laberinto de mi castillo interior. Llevo mi devoción a través del día.

Caminar así me hace olvidar todas las penas. Caminar con viento a favor, dentro de mi trance.

El aliento de la vida me da tregua, y pido que no me falte el engaño de los arreboles para flanquear el día.

Soy esta vibración del lugar y de la hora. Soy el que imagina el sueño del pájaro. Brisa de la tarde, deliciosa luz de las primicias. Octubre proporciona la calma que septiembre me sustrajo.

Caminar así es más que un culto religioso, es un delirio en el que me consumo para conocerme a mí mismo.

Madrid es un bálsamo envenenado, una pasión itinerante.

Eram de êxtase os meus refúgios na plaza de Felipe II, nas noites de outono, memorizando Lorca e Vinicius de Moraes e contemplando o crescimento da Lua. Recordo-me, não sem nostalgia, da vagabundagem lírica de quando tive meus Lares e Penates na calle de O'Donnell. Eludo toda a melancolia, quando transito outra vez pela rua dos seus alumbramentos. A nostalgia, entretanto, infiltra-se sorrateiramente no meu alento. Passado e presente dão-se as mãos.

A CALLE DE ALMAGRO E A PLAZA DE ALONSO MARTÍNEZ

Há um prazer misterioso em voltar a percorrer esses lugares, outrora visitados cotidianamente. Da calle de Zurbano à calle de Almagro, aprecio a elegância arquitetônica dos edifícios senhoriais. A bandeira do Brasil pende de uma varanda do número 28 da calle de Almagro. Tive ali meu escritório, a serviço da Embaixada, de 2011 a 2013. Nas imediações, acham-se, de um lado, a parada do metrô Rubén Darío (o magnífico poeta, que veio da Nicarágua conquistar o cenário cultural de Madrid), e, do outro lado, a Glorieta de Alonso Martínez, diante da qual está situada a plaza de Santa Barbara, lugar repleto de restaurantes e cafés. A livraria Pasajes, na calle de Génova, é ponto obrigatório na peregrinação. Na calle de Almagro, sentei-me por instantes, no banco de madeira, em frente ao portão do prédio da Embaixada. Segui caminhando e não tardei a rever a livraria e a rotunda de Alonso Martínez. As vozes se misturam com as recordações.

Nos passeios pela calle Almagro, das minhas correrias mercuriais de funcionário, vivi agradáveis momentos, praticando andanças em direções aleatórias. Eu andava, como hoje, entre Deus e os homens, ensimesmado na alegria de pensar e sonhar.

Depois do expediente, na trajetória da calle de Almagro à calle de Santa Engracia, eu me sentava num banco, ao lado da estátua de Alonso Martínez, o jurisconsulto espanhol que dá nome à parada do metrô e à rotunda ao redor da qual circulam carros através de cinco avenidas.

Haver trocado o escritório da calle de Almagro pelo silêncio dos bosques foi tornar o presente melhor do que o passado. Ah, o tempo, esse dispenseiro de destinos! As horas passam, à revelia dos relógios. Hoje, que a química do estômago fraternalmente dialoga com a energia do cérebro, é de júbilo cada minuto.

Disponho do dia, como coisa íntima. Contemplo a tessitura verde das árvores, bordadas de trinos. Bebo o ar como água da fonte e escrevo de moto próprio.

Medito sobre os estragos do tempo. Ainda que o vivido resvale para o limbo, as irrepetíveis experiências deixaram em mim a emoção de recordá-las. Mistérios da memória.

No dia 5 de novembro de 2024, voltei à esquina da calle de Fernández de la Hoz com a calle de Zurbarán, com uma absurda saudade daquela década de 2010. Aquele tempo, entretanto, não foi melhor do que este agora. Eu fazia sucesso nos recitais de Madrid, mas trabalhava o dia todo no escritório da Embaixada. Num aspecto o dia de hoje é menos vantajoso: estou 15 anos mais velho. Tenho, no entanto, o dia todo para a vagabundagem lírica. Sento-me, outra vez, num banco de madeira da calle de Almagro e me recordo, num *trailer* memorial, de momentos em que eu repetia esse rito. Não havia tantos carros, gente e ruídos nas ruas. A satisfação de desfrutar da luz matinal, contudo, é idêntica. Da Glorieta de Alonso Martinez, atravesso a calle de Sagasta e vou deambular na Plaza de Santa Bárbara, à sombra dos altos plátanos.

PLAZA DE SANTA BÁRBARA

No recanto aconchegante da Plaza de Santa Bárbara, anexa à Plaza de Alonso Martínez, à sombra dos álamos, ouvindo os passarinhos, escrevi a estrofe derradeira de *Viagens Introspectivas*:

Poeta inveterado nas calçadas de Madrid, sedento de luz, be-duíno de tênis tala larga e paletó anti-angústia, penso nos poetas que por mim morreram.

Amenizo bizarramente a ânsia de viver! Fujo das esquinas de trânsito estridente, talvez em busca da virtude essencial. Com a perplexidade da lucidez delirante e um fastio inusitado, tenho a alma em dispersão.

Sento-me num banco da praça, diante dos três planos da natureza. Os passantes parecem perdidos, quando pisam o chão, na fascinante noite subjetiva.

Li, nos compêndiso de História, que existiram, na plaza de Santa Bárbara, um cárcere da Inquisição e o Convento de Santa Bárbara, ambos derrubados no século XIX para a ampliação da plaza de Alonso Martínez. ß

Como quem entende o drama de existir, vejo o céu, espelho indecifrável. A vida urge como uma ordem fisiológica:

*Plaza de Santa Bárbara,
meu zazen, sem mosquito
nem tatami.*

Ambiente tranquilo, cercado de restaurantes, a plaza de Santa Bárbara tem no centro um quiosque de livros. Os transeuntes passam em direção ao metrô, ou descem pelas ruas adjacentes de Chueca, que tem fama de ser o bairro dos gays.

Dali à calle de Gravina, na direção de Chueca, sinto-me um jogral peregrino. Vou vendo os velhos e distintos edifícios da calle de Hortaleza. A Igreja de San Antón, de fachada lisa, com o Santo de balandrau e cajado esculpido na *hornacina*, e o escudo da Espanha bordado sobre o pórtico.

*Silencio. Son las tres
en la calle de Gravina.
Hora de siesta.*

Sigo pela ladeira em declive. De súbito, a calle de Gravina se transforma numa subida e derivo à direita, pela calle del Barquillo. Perco-me nos labirintos de deambular. Lanço uma moeda para um mendigo que lê um livro, sentado na calçada. Chego à fonte octogonal da plaza del Rey e à Casa de las Siete Chimeneas, reconstruída em 1586, com fachada de mampostería e sillar. Quatro velhas colunas, da construção anterior a 1586, decoram a entrada do recinto, convertido em Ministerio de Cultura. O palácio pertenceu a Pedro de Ledesma, Secretario de Indias.

Chego ao Mercado de San Antón, onde me permito saborear bocado de bocado e tortillas. Pronto estou na confluência da Gran Vía com a calle de Alcalá.

Daqueles tempos prazerosos e temíveis do trabalho na Embaixada, recordo-me de passeios em que revi a plaza de Santa Barbara e a calle de Gravina. Entre tantos momentos marcantes, sofri duas experiências eminentemente difíceis: o dia em que recebi a notícia da morte de minha mãe e o dia em que Anderson Braga Horta me escreveu para dizer que Francisco Carvalho havia falecido. Sob o impacto dessas notícias, caminhando, desolado, pela calle de Almagro, num dia de chuva, escrevi a elegia pela ausência de Francisco Carvalho. Dia triste aquele da viagem transcendental do telúrico, visionário dos hipocampos; o poeta inimigo dos opressores, o campeão dos ritmos. Aquela manhã enlutada era um espinho na minha coroa de martírio. A chuva era como um pranto oculto de nostalgia.

O dia emocionalmente mais sofrido foi o 30 de junho de 2012. Sentado no banco de madeira, em frente ao edifício da Embaixada, na calle de Almagro, 28, escrevi um poema, cujos versos vieram acompanhados de lágrimas. Na arejada tarde, de suave luz, eu perguntava onde estaria Dona Zenilda, que parecia tão perto de mim, e, no entanto, abandonara o corpo, em hora imprevista. Sabia que a vida e a morte estão na natureza de tudo, e só me restava imaginar um lugar luminoso, onde minha mãe estaria levitando, no silêncio da imensidão azul.

Recordava-me do poema de Drummond, que dizia, fosse ele rei do mundo, não permitiria que as mães fossem embora. A saudade de minha mãe acompanha-me pelo resto da vida. Sua ternura sempre ansiosa, sua preocupação com o bem do seu filho pródigo. O seu sorriso de festa ao ar livre. Meditando sobre o mistério, eu via, lá no alto, o esplendor abissal do dia. Fitava a luz do Sol, na expectativa de ver o rosto de minha mãe. Sabia que, quando as estrelas brilhassem, ela estaria naquelas imediações.

PLAZA DE CIBELES

Quanto mais me perco, mais me encontro e vice-versa. Na tarde amena, pela calle de Alcalá, numa caminhada em declive, chego ao impressionante edifício do Ayuntamiento de Madrid. Filigranado de pináculos, frisos e múltiplas janelas verticais, que primor de fachada tem esse palácio, coroado de torreões longilíneos! Que grandiosidade arquitetônica! A fonte de Cibeles, deidade tutelar honorária de Madrid, conduz a sua carruagem, que dois leões sem rédeas vão puxando, no transe das águas em círculo. Cibeles tem um “mascarón” na portabagagem do carro. A famosa deusa, cuja beleza merece um punhado de adjetivos com exclamações, impávida, viaja sobre um pedregulho florido de jorros aquáticos!

Símbolo de Madrid por antonomásia, a deusa da fecundidade, seus leões e os “amorcillos” detrás do carro, foram esculpidos, respectivamente, por Francisco Gutiérrez e Robert Michel, mediante desenho prévio do sublime Ventura Rodríguez, em 1777.

O Palacio de Cibeles, antigo Palacio de Telecomunicaciones (onde outrora eu despachava livros), sede do Ayuntamiento de Madrid, abriga também o espaço cultural CentroCentro (assim mesmo, duas vezes).

Também se vê, na Plaza de Cibeles, o barroco Palácio de Linares, hoje Casa de América (que dizem ser mal assombrado) e o fabuloso Banco de España, com vidraças e lavra de pedras classicistas.





Quanta vez mirei as fachadas
desses edificios, contemplando o co-
che ornamental de Cibeles e cantando
em solilóquios a hora e o ar, perplexo,
no exercício da arte de caminhar!

*Entre Recoletos y Alcalá, desor-
bita su rutilante carruaje la esposa de
Saturno bajo un plenilunio de mármol.*

*Atraviesa el surtidor alumbrado, aureolada por el orgasmo
del agua. Hacia la Puerta de Alcalá se marcha. Y hacia la Puerta
del Sol la siguen los pequeños sátiros traviesos.*

*Derrama flores, coronada de júbilo, la diosa de Madrid, con-
ducida por implacables leones, asistida por mí de madrugada, y
por el astro de hielo que vela las nieblas de otoño y bendice los
colosos.*

PUERTA DEL SOL

O coração de uma cidade é o lugar onde mais pulsa a sua vibração orgânica. É o seu ambiente mais transitado. O mais animado centro de convergência da população em Madrid é a Puerta del Sol. Com a elegância dos prédios neoclássicos, de tons claros, ornados de simétricas janelas, a Puerta del Sol é um lugar nuclear para os transeuntes, que percorremos o centro histórico de Madrid.

Depois da reforma da praça, a estátua de Carlos III foi colocada ao lado da sede da Comunidade. *“El mejor alcalde de Madrid”* parece “guapo” em seu novo posto, em sua montura, de guardião do emblemático edifício. Não faz muito tempo, vi a Puerta del Sol repleta de canteiros de obras, cobertos por um toldo, deixando ver os escombros. Destroçaram as duas fontes que ali havia. A descoberto, restava apenas a estátua de Carlos III.

A prefeitura (alcaldía) foi cruel com os adeptos da praça, porque deixou, como assentos, bancos de pedra que o Sol aquece, no braseiro dos meses de calor. Poucas bundas neles se aventuram repousar.

Gente pra todo lado, o povo borbulha como água ao redor do pedestal da estátua impecável de Carlos III, diante do edifício da Presidencia de la Comunidad, cuja fachada encanta pela simetria das janelas. O escudo da Espanha se ostenta no frontão triangular. Brilha, no pináculo da torre, o hierático relógio de algarismos romanos. Acima de tudo, arrematados pela seta dos ventos, os sinos de bronze, presos ao casulo de um templete metálico, perfazem o primor de praça de poucos ornamentos.

Em frente à Presidencia de la Comunidad, registra-se, no chão, o quilômetro zero, do qual partem de Madrid as seis



principais rodovias nacionais, na direção de várias cidades da Espanha. Do outro lado da praça, na esquina com a calle del Carmen, a placa indicando que Borges morou ali.

Existiu outrora, no edifício da Presidencia de la Comunidad, o Ministerio de la Gobernación, onde aconteceram os fuzilamentos de 2 e 3 de maio de 1808. Também Franco andou dando “paliça” em muita gente nos calabouços da *Gobernación*.

Há mais de trinta anos, vi, por primeira vez, os emblemas desse espaço mágico: a charmosa estátua da Mariblanca, uma Vênus, com perfil de Palas Atena ou cortesã hispano-romana, talvez cliente dos vinhos Tio Pepe, cuja publicidade é outro signo da Puerta del Sol, junto com a estátua *del Oso y el Madroño*, o Hostal Americano, que me acolheu nas primeiras peregrinações e o Café La Mallorquina, que proporciona degustações extravagantes.

Ciganas vendem bilhetes de loteria. Os pregoneros gritam: “¡Compramos oro!” Os turistas atravancam a passagem da calle de Preciados. Um *pordiosero* debruçado, prostrado de joelhos, tocando a testa no chão, ganha uma moeda e se ergue para contar os trocados no copo de plástico. Os de África dispõem na calçada suas bolsas e camisas de imitação, sobre os panos que se fecham com cordéis, quando o carro temeroso da polícia (que denomino, indevidamente, *la Benemérita*) se aproxima e berra a estridente sirene. A carreira da fuga é algo cinematográfico. Num átimo, os comerciantes pobres desaparecem como em mágica. Logo regressam os vendedores para cumprir sua faina macilenta.

Os jovens, voluntários de instituições internacionais, tentam obter dinheiro para causas filantrópicas. Um deles me aborda e eu exclamo: *¡Poderoso caballero es don Dinero!* É o que diria don Quevedo, se regressasse à calle de Preciados e fosse abordado pelos requisitadores. Há muitos comércios de comida rápida nos arredores. Lembro-me de que Andrés Trapillo apelidou a feia cobertura da entrada do metrô de *un absceso tremendo de hormigón y cristal*. (TRAPIELLO, 2020, p. 350).

Da Puerta del Sol, tenho a grata recordação do dia em que me encontrei com o poeta Tanussi Cardoso, amigo de longa data, que anima os saraus de poesia do Rio de Janeiro. Tanussi

vinha feliz em viagem de turismo cultural. Tinha visto as coleções de Arte do Museu do Prado e do Reina Sofia.

El día es un hervidero en la Puerta del Sol. Eje de todo el centelleo, de su epicentro se agitan las inquietudes. Hay prisa y multitud alrededor del cuadrante. Campanario de bronce, trofeo, faro magnético, lugar abierto a la claridad. Lugar de contiendas como las de antaño. Otrora pregones de alojeros, buhoneros, figones, tertulia y mancebía. Hoy postigo de artistas callejeros, y los de siempre, trasnochados holgazanes.

La gente pasa, olvidándose de la incertidumbre del destino. La Mallorquina linda con la calle Mayor. Y al otro lado, por la calle del Arenal, por donde bajan despacio los transeúntes, las fachadas neoclásicas tienen pequeños balcones de delgadas rejas.

Sobre el ángulo de Espoz y Mina, una cúpula antigua corona el tejado. El edificio de la Comunidad de Madrid, su torre con elegante reloj, y la campana alzada como una insignia. Los chorros circulares del agua, la estatua de Carlos III dentro del pentagrama, y el gentío que acude por la calle de Preciados. Procesiones de aparatoso cortejo. Puerta del Sol: horas que nunca se apagan.

Todo comienza en la calle del Arenal. El Magerit abrió sus anchas alas y el Manzanares estrechó las suyas.

El Madrid de huella tardomedieval se hizo el Madrid de los Austrias, alumbrando sus callejuelas. Longitudes de la Gran Vía. Desde la Puerta del Sol hasta Cibeles, los grandes edificios me acechan con solemnes miradas. El sol fragua el círculo mirífico de lo visible.

Camino con el ligero peso de la tarde. La sierra de Guadarrama ostenta, a lo lejos, su dorso zoomorfo.

Subo a calle de la Paz e, por detrás da Puerta del Sol, avisto o Teatro Albéniz, com as figuras de madeira no frontispício envidraçado da fachada, que representam os tipos regionais da Espanha. Na calle de la Paz, entro à direita, pela calle de la Bolsa. Vejo as filigranas mouriscas da torre da Iglesia de Santa Cruz. Ao lado da igreja, o magnífico Ministério de Asuntos Exteriores

ostenta um escudo dos Borbones, um arcanjo no cimo e uma torre lateral. Foi antes o cárcere de Madrid.

A alguns passos dali, pela calle del Arenal, onde outrora passava um córrego, afluente do Manzanares, vê-se a rústica fachada da antiga Iglesia de San Ginés, de tijolos marroms-avermelhados. Uma placa recordatória, no átrio da igreja, alude a três próceres das artes espanholas: o poeta e espadachim Francisco de Quevedo foi batizado ali, o dramaturgo e poeta Lope de Vega se casou diante do altar de San Ginés e o glorioso compositor Tomás Luis de Victoria tem sepultura naquele antigo templo. Pelo fato de os três estarem enumerados seguidamente na mesma placa, se não tivesse lido de perto a inscrição, pensaria que os dois poetas também tiveram sepulcro ali. Na verdade, *Fénix de los Ingenios* tem sua pedra sepulcral na Igreja de San Sebastián, na calle de Atocha, próxima a Antón Martín. Quevedo foi sepultado na *Iglesia de San Andrés*, em Villanueva de los Infantes (Ciudad Real), porém não se sabe onde foram parar os seus restos mortais, que se mesclaram com outros, quando da reforma da igreja. Quanto a Tomás Luis de Victoria, consta que sua tumba está no Monastério das Descalzas Reales.

Chego à plaza de Ópera, onde se alça a esbelta estátua de Isabel II, em frente ao Teatro de Ópera, cujos cartazes anunciam melodramas imortais.

Antes de chegar aos jardins da plaza de Oriente e ao Palácio Real, derivo pelo lado esquerdo da calle del Arenal para visitar a plaza Mayor, que é o esplêndido Salão de Beleza de Madrid.

PLAZA MAYOR

Vou rever a plaza Mayor, retangular, quase quadrada, espanta-me outra vez com a beleza da estátua equestre do rei Felipe III, esculpida em 1616 por Juan de Bolonia (ou Giambologna). Montado no animal em movimento, representação típica do estilo renascentista, Felipe III parece ter certa dificuldade em abarcar os flancos inchados do cavalo.

Entre os pomposos arcos atuais, que, desde o século XVII, restringiram os antigos acessos da plaza del Arrabal, mercado principal da *Villa*, o peregrino quer abraçar a plaza Mayor. Na fachada principal, brilha o colorido das imagens mitológicas. Sob os arcos e as varandas, há muitos restaurantes. 10 entradas



Pergunto-me se algum peregrino, que perambula nesse salão de beleza de Madrid, sabe que a plaza Mayor foi construída de 1617 a 1619, durante o reinado de Felipe III, que morreu antes de a inaugurar. Decerto poucas almas sabem que corridas de touros e autos de fé eram nela assistidos, com voluptuosidade, por embaixadores, reis, núncio apostólico e a multidão de cerca de duas mil pessoas. Era uma diversão da época ver o espetáculo sinistro das fogueiras crepitando na plaza Mayor, como punição aos delitos contra a fé. Disseminou-se uma anedota ou lenda, segundo a qual Felipe IV matou ali um touro bravo e ameaçador, com um tiro de arcabuz.

Velázquez, que foi “aposentador”, arranjava os lugares do rei e da rainha para os espetáculos dos tempos da Casa de Austria. Quando o incêndio de 1631 estragou a parte original, de madeira e ladrilho. Gómez de Mora reconstruiu as partes afetadas.

Decerto ninguém supões que, nesse lugar, onde se queimavam homens, foi degolado don Rodrigo Calderón durante o reinado de Felipe IV. Olivares tudo fez para acabar com o prestígio de Lerma. Rodrigo Calderón, assessor de Lerma, foi acusado de bruxaria e de roubo de joias. Na plaza Mayor, armaram o patíbulo e o executaram em 1621.

No balcão da Casa de la Panadería, em 1680, até o débil Carlos II presenciou, no meio de sua corte, ao ritual perverso da Inquisição.

Ramón de la Cruz dá a conhecer, no “sainete” *La Plaza Mayor* (de 1765), que os madrilinhos se divertiam e compravam *coliflores, anchoas, almendas, aceitunas, turrões y jalea*, como acontece até hoje, nessa praça, que foi teatro de revoluções e lutas heroicas.

Pérez Galdós situou, ficticiamente, a casa de Fortunata nesse ambiente, ao redor do qual as ruas estão repletas de edifícios religiosos. Madrid se configura como cidade barroca, engalanada de arcos de triunfo, colunatas e pedestais com numerosos adornos.

Saio pelo Arco de Cofredos ou Arco de Toledo à calle de Toledo, artéria do coração clássico de Madrid dos reis Áustrias. Caminho na direção da Igreja de San Isidro, cuja cúpula, com claras torres emparelhadas, aparece na distância, dentro do arco. Contemplo a suntuosa fachada da igreja, que já foi a catedral de Madrid, e guarda as tumbas de San Isidro, o Labrador, patrono da cidade, e de sua esposa, Santa María de la Cabeza.

Regresso ao centro da simétrica plaza Mayor. Na perspectiva, vejo a imagem da portentosa igreja, construída no século XVII.



Atravesso o Arco de los Cuchilleros e desço a escada das Cuevas de Luis Candelas, subterrâneo onde o bandoleiro do mesmo nome, ladrão de cavalos e joias, se escondia com sua quadrilha. Candelas sofreu pena de morte, em 1837, com 33 anos, conquanto jamais tenha matado ninguém. Na esquina, no atual restaurante Candelas, os espanhóis e os turistas, ruidosos, comem

alcachofas con jamón, num ritual aristocrático e antigo. A Cava Baja está ao lado, e também a Puerta Cerrada, que já não existe e é agora uma praça.

Na saída da plaza Mayor, em direção da plaza de la Villa, dirijo-me ao Mercado de San Miguel, que expõe suas estruturas de ferro e me convida a desfrutar, com os comensais internacionais, das saborosas “tapas”, sofisticada gastronomia.

Ao caminhar duas quadras, na inclinação da calle Mayor, deparo com a medieval plaza de la Villa, que ostenta uma das caras mais antigas de Madrid.

A las ocho de la tarde salgo de casa, sin hora de regreso. La ciudad brilla cúpulas de marfil, los motores huelen a plomo. La noche pertenece a Orfeo.

Los portales gritan: ¡Plaza Mayor! En la universidad de la Plaza, en su emblemática solemnidad acogedora, estoy como en las antiguas fiestas patronales.

Felipe III alzado en guardia, entre cuadrángulos de claras ventanas. ¡Pasan unas gitanas de dulces manos, samaritanas de hermosura! Una guitarra resuena: “Recuerdos de la Alhambra”, del fantástico Tárrega.

Luceros de la calle Mayor donde Lope y Calderón terciaban sus manteos.

PLAZA DE LA VILLA

O histórico espaço urbano da plaza de la Villa está recortado por imóveis de estilo gótico-mudéjar, como a Casa de los Lujanes, do século XV, a Casa Consistorial, antiga sede do Ayuntamiento, ou lugar de reuniões dos regedores da *villa*, ligada ao plateresco Palacio de Cisneros (Benito Jiménez de Cisneros, sobrinho do poderoso Cardeal), e a Biblioteca da Real Academia de Ciencias Morales y Políticas, que se destaca pelas avoengas paredes de pedra, decoradas de escudos. Fato que os espanhóis se alegram de citar: na torre Casa de los Lujanes esteve cativo o rei francês Francisco I, depois da batalha de Pavia em 1525. No centro da praça, impõe-se a figura cavaleiresca de Álvaro de Bazán, Capitán-General da esquadra vencedora em Lepanto, em 1571. O Aquiles espanhol segura a bengala de comandante com a destra, a espada embainhada com a sinistra, e pisa a bandeira do Império otomano.

Solemne y con elegancia de flores, la efigie de don Álvaro de Bazán alzada en el patio iluminado. Reliquia sobria puesta en la encrucijada, la Torre gótica de los Lujanes que albergó al cautivo rey francés. Casa de Cisneros. Real Academia de Morales y Ciencias Políticas, cuna de Federico Chueca.

Jardín de candelabros. Embrujos de hiedra, rejas y balcones. Torres de piedra y ladrillo. Balcones que lucen hacia la calle Mayor. Plaza de la Villa, trono de austeridad.

A plaza de la Villa está quase ao lado, com a Torre de los Lujanes, que serviu de prisão para o rei francês Francisco I. Antonio acredita que o monarca de França esteve detido no Palácio Real. Os historiadores contam suas versões. Ali, avistamos, também, a estátua do Almirante Álvaro de Bazán, no meio da praça. Disse Antonio ter conhecimento de que, na esquina da

calle del Codo, o poeta Francisco de Quevedo costumava “verter água”. O *Ayuntamiento* pôs uma imagem do Cristo para que não se mijasse mais naquele recanto.

Ao deambular pelas imediações da plaza de la Villa, não tardei a ver, no altar da Igreja de Santiago e San Juan Batista, a imagem belicosa de um Santiago, trucidando um mouro. O apóstolo, que sempre foi a favor da não-violência, está ali, intempestivamente, na figura de precursor dos combates dos Templários contra os sarracenos e os turcos, nesta Espanha de tantas façanhas épicas.



PLAZA DE SANTA ANA

A plaza de Santa Ana tem, como atrações estéticas, o Teatro Español e as estátuas de Calderón de la Barca e García Lorca, arautos – clássico e moderno – da dramaturgia espanhola. Cervantes diz, no começo da *Gitanilla*, que Santa Ana é *patrona y abogada de la villa*.



Vejo a clara fachada neoclássica do Teatro Español, em cujos frisos se destacam efígies de Lope de Vega, Calderón de la Barca, Miguel de Cervantes e Juan Ruiz de Alarcón. Imagino como seria o aspecto do Corral de Comedias del Príncipe, edificado ali, em 1585, nos tempos de Calderón de la Barca. Alarcón é o menos conhecido desses grandes dramaturgos, que tiveram suas obras apresentadas antes dessa casa de espetáculos ter o nome atual. Juan Ruiz de Alarcón y Mendoza, nascido no México, escreveu comédias da qualidade de *Los favores del mundo* (1616-17), *La verdad sospechosa* e *La amistad castigada* (1621), tragédias como *El tejedor de Segovia* (1619-1621) e *El Anticristo* (1623).

Existiu, no quadrilátero da plaza de Santa Ana, um antigo convento de carmelitas descalças, fundado em 1586 pelo Santo Patrono dos poetas, Juan de Yepes, canonizado com o nome de San Juan de la Cruz. Tinha o poeta 62 anos quando da inauguração do convento. A Madre Teresa havia morrido há quatro anos. Acompanhou-o, na ocasião, a priora do Convento de Beas de Segura, Ana de Jesus, pela qual Juan de Yepes nutria uma *entrañable amistad* e à qual dedicou o seu fabuloso *Cántico Espiritual*.

O convento existiu ali até 1810. Foi derrubado em consequência do plano urbano desenvolvido por José Bonaparte. Havia, no centro da praça, uma fonte sobre a qual se colocou a estátua de Carlos V y el Furor, de León Leoni, hoje exposta no Museu do Prado.

Do ritual de caminhar “*callejear*” (isto é: deambular pelas

“calles”), recordo-me de quatro momentos decisivos, na plaza de Santa Ana: o primeiro, num passeio, em 1996, com o velho amigo Luis Sendino, numa noite fria de outono. Sendino pronunciou, com muito encanto: “*es viernes, es día de marcha*”. Naquela inolvidável sexta-feira, escrevi:

*Noche de plazas y templetes atribulados de noctámbulos,
frente al Teatro de ventanas neoclásicas.*

Las tabernas lucen la noche de otoño. Viento impulsando papeles y hojas por las aceras.

Escaparates como brillantes perdularios. Buscamos refugio en la marquesina.

Ya no pasa el 65 después de las once y media, bajamos por Carretas hacia el calor del metro.

Tráfico intenso, es viernes, día de marcha. Escena festiva, albañiles borrachos por las calles.

O segundo momento crucial foi em 2003, quando andei com Amancio Prada, do Círculo de Bellas Artes à plaza de Santa Ana. O *jamón* que comemos na Cervecería Alemana tinha sabor de alguma ambrosia espiritual, pois até hoje eu me recordo com enlevo daquele momento inefável. O encantamento na Cervecería Alemana vinha talvez do fato de Valle-Inclán, Zuloaga, Benavente, Azorín e Unamuno terem ali realizado sua tertúlia.

Naquela ocasião, constatei que o grande menestrel, que compôs melodias para a grande poesia espanhola é um finíssimo cavalheiro. Desde então, ficamos amigos.

A terceira efeméride especial na plaza de Santa Ana foi quando me encontrei com Antonio Gómez, *el malagueño*, el místico andaluz, estudioso da filosofia *sufi*. Sentamo-nos diante da estátua de Calderón e desfrutamos do agradável clima, que me inspirou um elogio ao mês do meu



nascimento. O frio havia acabado. *Hasta el 40 de mayo no te quites el sayo*, lançou Antonio o antigo “refrán”.

Recordamo-nos de que, nos anos de 1990, havia jardins em terra batida, bancos de madeira e um pequeno parque infantil na plaza de Santa Ana. A recente reforma beneficiou os comerciantes dos restaurantes, que encheram de mesas e cadeiras o espaço coletivo.

Fitamos a estátua de don Pedro Calderón de la Barca, moldada por Juan Figueras y Vila. Sentado, em pose meditativa, com roupa de sacerdote, tendo nas mãos cruzadas um livro, Calderón parece em vias de conceber uma metáfora. O autor de *La vida es sueño* está acompanhado de uma figura feminina alada, que sustenta uma máscara. É uma alegoria da Fama ou do Teatro, que bem poderia ser uma das nove musas, talvez Melpômene, a musa da tragédia.

Falamos das musas do Parnaso e das carpideiras, porta-vozes das Parcas. Do gosto expandido da tragédia pelas maiorias. Naquele dia, não conseguimos decifrar as quatro imagens gravadas no pedestal da estátua do imortal dramaturgo. Depois do almoço, saímos como dois sátiros, recitando *coplas*. Antonio Gómez é um verdadeiro *sufi*, só não tem condições de imitar os giros do dervixe equilibrista dinâmico. Antonio está sempre contente com o que Deus lhe dá e nisto consiste a sua bonomia.

Recordei-me de uma tarde em que Antonio Gómez me convidou para assistirmos a um ritual de dança *sufi*, pelas bandas do Bairro de Atocha. Fiquei perplexo, quando vi o dervixe girar, durante cerca de meia hora, sem parar. Eu esperava a hora do bailarino se estatelar no chão. Se eu girasse um minuto, cairia tonto.

O quarto momento que venho evocar é um relance, em que passamos, Antonio Machado Sáenz, sua esposa María Jesús e eu, em frente ao monumento do autor de *El Alcalde de Zalamea*. Lancei o desafio: - Quem sabe quais são as imagens que estão aí esculpidas ao pé do Calderón? Antonio puxou o telefone, acionou a internet e decifrou o enigma.

A primeira, de costas para a praça, é uma cena de *La Danza de la Muerte*. A imagem mostra um rei bailando com um grupo a dança que a morte impõe a todas as criaturas para reduzi-las ao destino comum; a segunda destaca um instante de *La escondida*

y la tapada, que protagoniza a astuciosa doña Ángela, demonstrando que a inteligência feminina pode superar a força masculina; a terceira, *El alcalde de Zalamea*, cujo protagonista aparece no centro, com um cajado, ao lado do rei Felipe II, para punir o capitán Álvaro de Ataíde por abuso de poder; a quarta, de frente para a praça é *La vida es sueño*. Vê-se ali o príncipe Segismundo, após ser liberado da torre em que estivera injustamente cativo, ajoelhado aos pés de seu pai, o rei Basílio.

Os *castaños* da plaza de Santa Ana dão sombra aos forasteiros. Os elegantes edifícios, ao redor revelam o encanto da formosa cidade dos “*balcones y rejas*”.

A fábula barroca, semeada de metáforas, é a proeza maior de Pedro Calderón de la Barca. Ao dividir o homem entre a graça e a culpa (a dupla face de Janus), Calderón é escolástico. Seus autos sacramentais, de tema mitológico, combinam a mitologia pagã e a história da salvação cristã. São lições de moral, envoltas em meditada cenografia. Recriam e alegorizam o sacrifício e a memória de Cristo, o homem Deus, na Última Ceia. Na consagração do pão e do vinho, representada em praça pública, na festividade Corpus Christi, evocam-se os mistérios da Redenção. O drama da condição humana, representado, na especulação teológica dos autos sacramentais, tem como personagens o homem, Deus e o diabo.

Calderón nasceu em Madrid em 1600. Recebeu as primeiras letras no Colégio Imperial dos Jesuítas, situado, primitivamente, na esquina da calle de la Colegiata com a calle de Toledo. Ato seguido, estudou em Alcalá de Henares e em Salamanca.

Os palcos não tardaram a se ocupar de suas primeiras peças: *Amor, honor y poder* (1623) e *La dama duende* (1629) e *Casa con dos puertas mala es de guardar* (1629). Calderón escreveu *El nuevo palacio del Retiro*, a obra com que se inaugurou o teatro do *Palacio del Buen Retiro*, em 1634.

Ingressou na Ordem de Santiago em 1637. De 1640 a 1642, serviu como soldado no exército que combateu os catalães rebeldes contra o governo central.

Esteve a serviço do duque de Alba, de 1646 a 1649. Fez-se sacerdote da Orden Tercera de San Francisco e cantou sua primeira missa em 1651. Desde então, escreveu autos de corpus e

comédias para a corte de Felipe IV, que o nomeou Capelão da Catedral de Toledo.

Calderón escreveu cerca de 120 comédias e 60 autos sacramentais. No final de sua carreira, todos os autos sacramentais representados em Madrid foram da sua autoria.

O prolífero dramaturgo faleceu em 1681, e foi enterrado na capela de San José, da igreja de San Salvador y San Nicolás, na calle de Atocha.

Em *La vida es sueño* (1635) - que assisti há tempos, no Teatro de la Comedia - o caso de Segismundo é curioso: é uma inversão da fatalidade e um desmentido do fado prognosticado. O rei Basílio manda acorrentar o príncipe Segismundo num torreão, porque os astros lhe avisaram que seu filho, príncipe cruel, não merecia o direito à sucessão. Na primeira ocasião em que Segismundo conhece a liberdade, constata-se que os astros não mentiram. Ele se comporta como um bárbaro. Sendo outra vez recolhido à torre, ele se dá conta, finalmente, de que tudo é sonho e que a vida é uma ilusão. Esta iluminação súbita transforma-o, qual Paulo de Tarso na estrada de Damasco. Na dialética da liberdade e do destino, Segismundo vence o destino e perdoa o pai.

El Gran Teatro del Mundo (1633), obra representada pela primeira vez em 1641, em Valência, nas festas do Corpus Christi, protagoniza a vingança da honra e a inanidade das glórias mundanas. A vida humana é representada no teatro do universo. O autor é Deus. O ator é o homem, à mercê dos Gênios do Bem e do Mal, que vão ao mercado comprar uma prenda que agrade a Gracia, para que ela escolha um dos dois como marido. O Mau Gênio compra a Culpa, que acompanha o Prazer e a Gula. O Padre de Família, fundador do Gran Mercado del Mundo, precipita-o no abismo infernal. O Bom Gênio doma o cavalo do Pensamento, ajudado pela Fé e pelas Virtudes e ingressa na vida bem-aventurada.

Em *El alcalde de Zalamea* (1633), a ação acontece no verão de 1580. As tropas de Felipe II marcham a Portugal, com o propósito de defender os direitos dos Habsburgos à coroa do reino vizinho. Uma bandeira do *tercio* alojou-se em Zalamea de la Serena, onde o rico lavrador, Pedro Crespo, abriga em sua casa o capitão Álvaro de Ataíde, que lhe rapta a filha Isabel. Ela já rechaçara o violento miliciano, mas Pedro, seu pai, suplica que o capitão se case com

ela. O arrogante Álvaro de Ataíde despreza a moça, porque ela é uma camponesa.

Felipe II intervém para resolver o conflito. Nomeia Pedro Crespo *alcalde* perpétuo de Zalamea e seu filho, oficial da guarda real. A desditada Isabel se retira a um convento. Pedro Crespo condena Álvaro de Ataíde à morte, com o aval do rei.

Os historiadores mencionam o episódio ocorrido em 1629, quando Pedro Calderón de la Barca invadiu o Convento das Trinitárias, perseguindo o ator Pedro de Villegas, que apunhalara o seu irmão, José Calderón. Essa ocorrência provocou a indignação de Lope de Vega, porque Marcela de San Félix, sua filha, professava como monja naquele monastério. Lope queixou-se ao Frei Hortencio Paravicino, que reclamou de Calderón num sermão. Este, por sua vez, burlou-se do frade, que levou o caso a um juiz. A sentença do magistrado foia ordem de mutilar a obra do poeta e condená-lo à pena de prisão domiciliar por seis dias.

Nesta emblemática plaza de Santa Ana, diante do Teatro Español, rendo também homenagem a Federico García Lorca, um dos mais brilhantes sucessores de Calderón na proficiência dramaturgica. Na estátua, o bardo granadino, elegante, de jaqueta e gravata, tem a delicadeza de oferecer aos transeuntes uma *alondra* (cotovia), simbolizando o pássaro da paz. Presto-lhe minhas reverências, ciente de estar diante de um ser iluminado e sublime, que jamais pensou em agredir ninguém e, no entanto, foi sacrificado, como um Cristo, na resplandecente Granada. Morreu por nós.

Cidadão urbano (*urbi et orbe*), com as bênçãos da indústria e do comércio, sigo caminhando e vejo, à esquerda do Teatro Español, na calle del Príncipe, o Teatro de la Comedia, cuja programação privilegia montagens de obras clássicas.



EL BARRIO DE LAS LETRAS E EL SIGLO DE ORO

Vou, com entusiasmo, pelo Barrio de las Letras, lendo, na calle de las Huertas, as epígrafes litográficas de autores da Literatura Espanhola. Revejo, na esquina da calle del León, a Real Academia de la Historia. É o casarão no qual viveu Menéndez y Pelayo, de 1894 a 1912. Essa mansão do conhecimento é uma invenção dos tempos de Felipe V e existe desde 1735, por iniciativa de Juan Manuel Fernández Pacheco, o oitavo Marquês de Villena.

O Barrio de las Letras, também chamado Barrio del Parnaso, teve brilhantes moradores no tempo dos reis da Casa de Áustria, período que os historiadores apelidaram de *Siglo de Oro*. O império espanhol atingiu o seu clímax.

A monarquia imperial, sob a majestade dos três reis de nome Felipe, incentivava a cultura e as artes, malgrado o controle autoritário do Santo Ofício. O rei Felipe IV, um tremendo *bon vivant*, entregou as responsabilidades ao valido Olivares e converteu os salões dos palácios em teatros. A família real participava, junto com as damas e os cortesãos, nos recitais realizados na Corte. Velázquez, nomeado pintor de câmara, recebeu dinheiros para estudar a pintura italiana e comprar quadros e esculturas na Itália.

Lope de Vega, Tirso de Molina, e Calderón de la Barca brilharam nos *corrales* – antigos anfiteatros.

Felipe IV, hedonista e pusilânime, tinha manias de arte e mulheres. Foi assistindo a uma peça, no Corral de la Cruz, que ele se apaixonou pela atriz Maria Calderón, com a qual teve o filho Juan de Áustria, bastardo que recebeu o mesmo nome de outro bastardo, o filho de Carlos V.

O conde-duque de Olivares, mecenas de Velázquez, caiu em desgraça quando tentou substituir os credores banqueiros genoveses pelos portugueses, cuja limpeza de sangue era contestada

pelas autoridades do Santo Ofício. Acusado de vários assassinatos, Olivares foi alijado da Corte.

Os escritores recorriam à proteção dos aristocratas para a sobrevivência e competiam pela celebridade, como os demais cortesãos que semeavam cizânia entre eles, na concorrência por privilégios e imunidades.

Cervantes, veterano de Lepanto, egresso de guerras, cativos e fracassos profissionais, viveu, de 1615 a 1616, numa casa, na calle del León, esquina com a antiga calle de Francos, atual calle de Cervantes. Essa casa foi demolida em 1833. Cervantes escreveu ali o imortal *Don Quijote*, que defino como a comédia do conflito entre a realidade e a ilusão, ou a sátira ao fanatismo do excesso de idealismo e do amor puritano.

No antigo Barrio de las Letras, o século XVII foi a *Edad de Oro*, em que Francisco de Quevedo, bacharel em Alcalá e teólogo em Valladolid, exerceu o seu mandato de Poeta burlesco, satírico, filosófico e erótico. Tirso de Molina fez despontar o mito de Don Juan. Luis de Góngora, o clérigo cordobês, restaurou o classicismo dos deuses da Antiguidade. Lope de Vega expandiu, na dramaturgia, o lirismo e o humanismo de sua vida rica de aventuras. Calderón de la Barca concebeu o seu teatro imortal. Cervantes escreveu a consagrada fábula, tornou-se o maior escritor da língua castelhana.

Esses geniais habitantes de Madrid concorriam pela fama remunerada, vendendo suas obras a empresários, no Mentidero de los Representantes, que se localizava na esquina da calle de León com a del Prado. Suas peças eram apresentadas nos *corrales* del Príncipe e de la Cruz, que deram origem aos atuais Teatro Espanhol e Teatro de la Comedia.

Sigo na direção da calle de Lope de Vega e deparo com o Convento de las Trinitarias Descalzas de San Ildefonso, onde Lope de Vega celebrou missa e onde permaneciam em clausura a sua filha Marcela e uma filha de Cervantes, de nome Isabel.

O *Manco de Lepanto*, que viveu na calle de León, foi enterrado no Convento de las



Trinitarias em 1616. Recordemo-nos de que foram os sacerdotes da Ordem Trinitária que pagaram o resgate de Cervantes do cativeiro de Argel.

O edifício das Trinitárias ostenta o frontão clássico, o óculo sobre a larga fachada de ladrilho escuro, as misteriosas grades, as altas torres, os arcos, os escudos e as pilastras toscanas, em cujo relevo se vê a *Imposición por la Virgen de la casulla a San Ildefonso*. Na cripta, sob o presbitério e o coro, uma lápide rememora o *Príncipe de los Ingenios, don Miguel de Cervantes Saavedra*.

Eram comuns a maledicência e as intrigas entre os grandes gênios do denominado *Siglo de Oro* da literatura espanhola. As opções pelas correntes estéticas foram pretexto para o distanciamento entre os grandes escritores. A competição pelas subvenções dos mecenas acirrou as diatribes, num tempo em que se escreveu muita poesia laudatória a reis e grandes do País.

Góngora já tivera entreveros com Quevedo em Valladolid, quando a Corte ali se instalou por vontade do Duque de Lerma. Vinte anos mais jovem que Góngora, Quevedo parodiou o estilo *alambicado* de seu rival. Apelidou o poeta cordobês de *perro de los ingenios de Castilla, docto em pullas, cual mozo de camino*. (“Pullas” são ditos ferinos, provocações, palavras ditas para ofender. O termo significa, literalmente, espetos).

Quevedo seguiu escrachando o seu confrade: Este, *en quien hoy los pedos son sirenas, éste es el culo, en Góngora y en culto, que un bujarrón le conociera apenas*. (“Bujarrón” é sinônimo de sodomita). Também se burlava dos atributos nasais do seu rival, comparando o nariz semítico de Góngora a um *espólón de una galera* ou a um peixe espada. *Rabi de la judía, cosa que tu nariz aun no lo niega*. Debochava, também, da aversão de Góngora ao toucinho, fato que lhe denunciava a condição de cristão novo: *Cristiano viejo no eres,/ porque aún no te vemos cano;/ hidealgo, ese sin duda,/ pero con duda hidalgo*.

Góngora, por sua vez, satirizou as pretensões helenistas e a coxeira de Quevedo, apupando-o num soneto: *Anacreonte español, no hay quien os tope*. Disse, a respeito dos “versos flojos” de Quevedo: *vuestras suavidades son de arrope* (isto é: uma xaropada).

Quevedo retrucou: Que Góngora era *poco cristiano, mucho tahúr, no clérigo, sí arpía*. (“Tahur” significa jogador embustei-

ro). Além do mais, era *doctor en mierda, graduado en pujos*. (“Pujos” refere-se a quem tenta defecar e urinar, mas não consegue. Pode ter também o sentido de “cagão”).

O cordobês contraatacou. Impôs a Quevedo o apodo de “barbero”. Símile sutil, pois escarnece da fama de bebedor de seu rival, ao aludir ao profissional que usa cotidianamente o álcool no trabalho.

Quevedo escreveu o mais cruel dos epitáfios para Góngora: *Hombre en quien la limpieza fue tan poca/ (no tocando a su capa),/ que nunca, que yo sepa,/ se le cayó la mierda de la boca*”.

Sarcasmo do destino: Góngora veio de Córdoba ser capelão de Felipe III em Madrid, e empobreceu tanto, que não tinha como pagar o aluguel do imóvel que ocupou, na atual calle de Lope de Vega (antiga calle de Francos), esquina com a calle de Quevedo (antiga calle del Niño). Em 1625, queixava-se: . Quevedo, o novo proprietário da casa, despejou o seu colega.

Esse vexame aconteceu um ano antes da morte de Góngora em Córdoba.

Lope de Vega e Góngora tiveram, também, suas querelas. Os hipérbatos de Góngora deram motivo às farpas de Lope.

O autor de Soledades, por sua vez, desprezava o simplismo de Lope de Vega: *con tus versos cansas aun a Job*.

Góngora satirizou a presunção com que Lope estampou, na capa do livro *La Arcadia*, o brasão dos Carpio, com dezoito torreões: *aunque todas son de viento, dudo que tengas viento para tantas torres*. Num curioso trocadilho, disse que as torres de Lope eram *torres de torrezno*. Mais incisivo é o verso com que se refere à *Jerusalén Conquistada*, de Lope de Vega: *Vimo, señora Lopa, su Epopeya*. Os insultos prosseguiram, noutro soneto: *insolente poeta tagarote... Pide perdón al pueblo que enojaste*. (“Tagarote” significa ave de rapina; em sentido figurado, indivíduo glutão, que vive às custas dos outros).

Góngora reiterou sua depreciação a Lope, chamando-o *perro de los ingenios de Castilla*. Lope revidou, tachando de “minotaurista” o seu adversário. Referia-se à complexidade do estilo gongórico, que, de algum modo, lembrava o labirinto do monstro mitológico.

Quanto à intriga de Lope com Cervantes, conta-se que, em 1602, o *Fénix de los Ingenios* compareceu a um sarau em Sevilha, e os contertúlios leram um soneto iconoclasta de Cervantes, que classificava os versos de Lope como “boberías”. Cervantes fez o Quixote considerar as peças do grande dramaturgo como *espejos de disparates, ejemplos de necedades e imágenes de lascivia*.

Lope, evidentementeem chateou-se com esses dardos irônicos e passou a chamar Cervantes de *el zerbantes* ou o dos versos como *huevos estrellados mal hechos*. Em 1605, disse, a respeito de Don Quijote e seu autor: ninguno hay tan malo como Cervantes ni tan necio que alabe a *Don Quijote*. Aduziu que as páginas da obra-prima de Cervantes só serviam para *envolver chorizo de almacén*. No final, acrescentou, pejorativamente: *Ese tu Don Quijote baladí/ de culo en culo por el mundo va/ vendiendo especias y azafrán romi,/ y, al fin, en muladares parará*. (“Muladar” significa lugar sujo, lixeira ou pocilga). Muitos leitores viram, no apócrifo Quijote, de Avellaneda, uma sombra de Lope de Vega.

Nem tudo, porém, foram só *rencillas* entre os gigantes da Edad de Oro. Em *Viaje al Parnaso*, Cervantes reconheceu que ninguém se avantajava a Lope em prosa ou verso e pôs-lhe a alcunha de “monstruo de la naturaleza”, em alusão à qualidade e a quantidade da sua obra teatral.

Quevedo sempre elogiou Lope de Vega. Em 1634, num parecer sobre *Rimas del Licenciado Tomé de Burgos*, disse ser um livro *escrito con donaire*. O nome de Lope era *universalmente proverbio de todo lo bueno, prerrogativa que no ha concedido la fama a otro nombre*. (QUEVEDO, 1966, p.1927).

Em *Viaje al Parnaso*, Cervantes declara, a respeito de Quevedo, que “sus escritos el tiempo no consuma”, porque Francisco de Quevedo “hijo de Apolo y de Calíope musa, era *el flagelo de poetas memos*”.

Lope de Vega, por sua vez, proclamou a imortalidade de Góngora num soneto-epitáfio: *Ya muere y vive, que esta sacra pira/ tan inmortal honor le constituye,/ que nace fénix donde el cisne expira*.

Góngora é chamado o Cisne do Betis, porque foi o *cordobés* que cantou as proas das barcas do Guadalquivir e a gloriosa majestade da cidade da mesquita-catedral. Estilizou cantos inaudi-

tos, unicórnios de rareza insólita, acrescentando a sintaxe renascentista à mitologia dos hipérbatos, burilados com o esmeril das sonoras metáforas. Em linguagem pagã, Góngora escarneceu o vigário e o juiz venal. Satirizou os cornos dos pedantes. O melhor de Góngora são os *Romances y letrillas*, de versos curtos, em que arrefecem os artificios barrocos. Não deprezemos, entretanto, a excelência de seus sonetos, que exuberam de luxo pictórico.

Capelão de honra de Felipe III, Góngora foi acolhido na igreja do desengano e se mostrou galante com as monjas. Pelo futuro de seus sobrinhos, exaltou, em panegírico, o Duque de Lerma. O Conde-Duque de Olivares elogiou seus manuscritos. Em sua pobreza de altivez, pastor havia sido, e rico de gados. Vendeu seus móveis, acossado por dívidas. Não podia pagar os aluguéis, e já não tinha para o custo da carroça. Tomado estava pela fome, como Breda. Quevedo comprou a casa em que vivia Góngora, para «desengongorarla». A fatalidade havia arrastado seus padrinhos. De regresso a Córdoba, pisou o golfo de sombras, diante das coroadas tumbas.

FRANCISCO DE QUEVEDO Y VILLEGAS

Fui arengando com Antonio, reclamando de que na parede do *metro Quevedo* não havia um soneto do universal poeta, que foi secretário particular do *virrey* duque de Osuna (Pedro-Téllez-Girón) em Nápoles, quando o duque de Lerma dirigiu a política do reino de Felipe III.

Os leitores certamente me darão razão: o Ayuntamiento de Madrid e a empresa encarregada do Metrô deveriam colocar pelo menos uma citação de Quevedo nas paredes do Metropolitano. Um dos argumentos básicos poderia ser o fato de Cervantes ter várias páginas do *Dom Quixote* nos murais da parada da plaza de España. Tampouco na parada de metrô Rubén Darío há versos desse mestre, ao passo que a estação de Goya estampa, esplendidamente, em elegantes molduras, reproduções de *grabados dos Caprichos, da Tauromaquia e dos Disparates*. Efetivamente, não

se pode deixar de pensar que os pintores gozam de mais prestígio do que os poetas na Capital espanhola

Fomos à Glorieta de Quevedo, em cujo subterrâneo eu projetava pregar um cartaz com um soneto do grande bardo. Não tinha à mão uma cartolina, nem a caneta atômica nem a fita adesiva. Pensei que seria melhor mandar uma carta à empresa *Metro Madrid*, apresentado a sugestão de botarem cartazes com poemas nas estações cujos nomes homenageiam os poetas.

Fomos nos recordando de que Francisco de Quevedo formou-se bacharel em Alcalá de Henares e estudou teologia em Valladolid. Alguns biógrafos espalharam a espécie de que o poeta teve como amante um certa Ledesma, atriz com quem teria tido vários filhos. Outros estudiosos



não hesitam em afirmar que se trata de um mito biográfico. O certo é que o poeta não teve uma vida privada das mais edificantes, conquanto tenha recebido, em 1612, o hábito de Caballero de Santiago, nas Descalzas Reales.

Quevedo acompanhou o duque de Osuna a Nápoles, divertindo-o com seus “chistes” zombeteiros. Inventou sonhos ou visões oníricas, com um cinismo fanfarrão que zomba da condição humana. Para ele, o Inferno e o Juízo Final são reflexos da hipocrisia e da corrupção social. A sua palatina burla prima pela sátira impenitente. Foi ele o poeta da religiosidade profana e do humorismo sentimental.

Sem o conhecimento do rei espanhol, Quevedo ajudou na conjuração da Espanha contra Veneza, preparando, com Osuna, um complô para destronar o doge, naquela nada Sereníssima República, ameaçada pelos piratas e repleta de espões. Na festa do *Desposorio del Mar*, quando o *Bucentauro* levasse a *Señoria* às altas águas, o Milanêsado combateria por terra para dominar o arquipélago de palácios.

Quando os venezianos descobriram a urdidura, os estrangeiros foram jogados nos canais com pedras nos pescoços. Quevedo escapou porque se disfarçou de mendigo. Fingiu que era muito mais coxo, mancando como um verdadeiro *pordiosero*, naqueles tempos cheios de mendicância. Conseguiu escapar, quando a sua cabeça estava a mais alto preço que nenhum prêmio literário.

Ao regressar a Madrid, deplorou o desmoronamento dos muros da pátria. Sua aventura pesou como o estigma de réu político.

Todas as paixões se percebem em sua obra de filósofo e poeta: o amor pessimista, o triunfo da iniquidade no mundo, as musas insignes e o grande amor não correpondido por Luisa de la Cerda, da Casa de Medinaceli, a quem dedicou 65 sonetos.

O matrimônio com a viúva Esperanza de Mendoza, em 1634, durou pouco tempo: “Dices que me darán mucho dinero/ porque me case: lo barato es caro.”

Que aspecto foi mais relevante na personalidade de Quevedo? Foi ele, mais acentuadamente, o “lançador de estribilhos

agravadores”, que vilipendiava os hediondos, ou o estoico, refugiado da Torre de Juan Abad, onde meditou sobre as delectações da morte? Foi “el patizambo”, o aristocrata-plebeu, que desafiava os bandoleiros com a espada do atrevimento? Por certo, com sua sintaxe barroca, não radicalizou em poesia o culteranismo greco-romano.

Sua mais consagrada obra de ficção, *Historia de la Vida del buscón*, é uma incursão na literatura picaresca, à maneira do *Guzmán de Alfarache* (1599 e 1604), de Mateo Alemán e do *Lazarillo de Tormes* (1554, de autoria incerta). Nas três ficções, os personagens estão marcados pela pobreza e sobrevivem à custa da astúcia. É de acreditar que Francisco de Quevedo se inspirou em ambas as novelas, pelo fato de *El buscón* ter sido posteriormente editado.

Conforme Gómez de la Serna, don Pablos, *El buscón*, pícaro faminto, seduz os leitores como um *marginal testigo de Dios*. Pablos, órfão de país que sofreram pena de morte, narra suas aventuras escatológicas: sua chegada à Universidade de Alcalá, onde levou surras dos estudantes, sua temporada na pensão do licenciado Cabra, onde não havia banheiro e era preciso persuadir as tripas de que haviam comido. Em sua itinerância, Pablos meteu-se em situações escabrosas e foi vítima de vários embusteiros. Entre Segovia e Madrid, sofreu prisões e agressões, pediu esmola pelas ruas e só encontrou velhacos e pícaros, sendo ele próprio um malabarista da sobrevivência.

Uma prova de versatilidade na arte de insultar foram os sarcasmos proferidos contra Góngora e Ruiz de Alarcón nos mentideros dos forasteiros e das mulheres risonhas.

Certa noite, em 1639, apareceram na mesa do rei uns versos dobrados entre o guardanapo e o prato, que resultaram na sentença de prisão de Quevedo.

Citemos apenas uma estrofe: “*Mira, rei, que ya tenemos/ el cordel a la garganta,/ y que la opresión es tanta/ que aun quejarnos no podemos./ Pero en tan grandes extremos/ de extorsión que nos oprime,/ lo que más el pueblo gime/ es que te falte el querer/ para usar de tu poder,/ pues te robó una mistad/ tu voluntad...*”

No dia seguinte, quando estava o satírico no palácio do Duque de Medinacelli, no *Barrio de las Musas*, a polícia pediu

que ele se desse preso. Por ordem do conde-duque, os sicários o trasladaram na noite fria ao Convento de San Marcos de León. Quem teria colocado o sarcasmo escrito nas mãos do rei e do seu implacável valido?

Já não existe o palácio do duque de Medinaceli, onde, numa noite de baile, Quevedo sofreu voz de prisão e foi levado ao desterro. Consta que as filhas do conde-duque de Olivares o detestavam. No lugar do palácio dos Medinaceli, abriram-se duas ruas: a calle del duque de Medinaceli e a prolongação da calle de Cervantes.

Quevedo exercitou na enxovia a moral bebida em Sêneca e o cristianismo profundo e sincero, que lhe deram ânimo viril e dignidade, nos transe da fortuna adversa.

Os quatro anos de dura prisão foram amenizados pelo afeto de que os frades foram tomados pelo escritor. Eles riam de suas agudezas. Um dia, Quevedo elogiou um prato de comida feito mais de água do que de verdura: *!Bravo plato! !Valiente plato!* Os anacoretas perguntaram por que assim qualificava o repasto. Don Francisco atestou: *porque no tenía nada de gallina.*

Depois da prisão no convento, foi forçado a permanecer em sua propriedade na Torre de Juan Abad, com proibição de voltar a Madrid. Somente quando caiu Olivares, pôde Quevedo regressar à Corte, em 1643, aos 63 anos. Após residir em Madrid durante um ano e meio, seu destino final foi Villanueva de los Infantes, onde escreveu: *ya formidable y espantoso suena/ dentro del corazón el postrer día.*

Seus derradeiros sonetos, dedicados à contemplação da morte, dão conta de que o amor aos livros o consolou nos dias de desterro no Convento de San Marcos e na Torre de Juan Abad:

*Retirado en la paz de estos desiertos,
con pocos pero doctos libros juntos,
vivo en conversación con los difuntos
y escucho con mis ojos a los muertos.*

O mais famoso soneto de Quevedo termina nuns tercetos que deveriam estar gravados nos umbrais dos ambientes madrilinhos que levam o seu nome:

*Alma a quién todo un Dios ha sido,
venas que con humor a tanto fuego han dado,
medulas que han gloriosamente ardido,
su cuerpo dejarán, no su cuidado,
serán ceniza, mas tendrán sentido;
polvo serán, mas polvo enamorado.*

Mencionadas essas referências biográficas, volto à narrativa do passeio com Antonio Machado Sanz, pelos caminhos percorridos por Francisco de Quevedo. Retiro da sacola de plástico um livro, que mostro a meu colega de perambulações. É um pequeno ensaio filológico, sobre a obra e a vida do monumental escritor, intitulado *La poética de la lectura en Quevedo*, que ganhei, em 2013, com o autógrafo de Darío Villanueva, que veio a ser, no ano seguinte, o diretor da Real Academia Española. Diante desse prodígio, envaideço-me e pergunto a Antonio se ele acha que o seu amigo já teve algum prestígio nas Espanhas. E o *caballero de la fraternidad humana responde, bonachão: ¡Jo! ¡Qué tiempos! Siempre tuvo un prestigio en muchos países mi hermano.*

No dia em que passamos em frente à casa de Quevedo, na calle Mayor, Antonio me contou uma anedota que a tradição tem por verdadeira: Quevedo costumava urinar na esquina da calle del Cordón com a plaza de la Villa. Sabendo que ali costumava mijar um transeunte, colocaram uma cruz com a inscrição: *Donde hay una cruz no se orina*. Quevedo escreveu num papel e colocou no local: *Y donde se orina no se ponen cruces.*

Quevedo el austero, el escatológico, cenaba con pajes y lacayos, el día en que dejó tendido al que afrentó a una mujer. Buscaba doquiera peligros.

*Osó cortejar a una princesa de Saboya y fue rechazado. Til-
dó a Luis de Francia y a Richelieu de verdugos de los católicos.
Fustigó a Montalbán con un arsenal de modorros, y a Pacheco de
Narváez, con una estocada. Contra la pedantería, acumuló paro-
xismos de agudeza.*

*Segó cuellos de corsarios, cuando vaciló su suerte, con el fra-
caso de Osuna en Venecia, de donde escapó disfrazado de men-
digo.*

*“A los que se casan los habían de llevar con campanilla”, dijo
a doña Esperanza.*

*Cayó Lerma y Uceda estaba en su contra. “En palacio, no
cabe el pío”, increpó a los doctores sin luz. Su desgracia resultó de
un memorial, que auguraba azotes a los que el rey había de temer.*

*De la casa de Medinaceli a San Marcos de León, discurrió
con asco, en litera, sin camisa ni capa, en el rigor del invierno.
Fueron cuatro años en cerrado aposento, con sus papeles confisca-
dos, sentenciado contra su inocencia.*

*¡Ese vejamen a un caballero del hábito de Santiago! ¡Un
Villegas, linajudo por su obra, señero por su audacia!*

*“Fue por causa grave la prisión de don Francisco”, alegó el
rey. Quevedo estuvo en la prisión como en un muladar. Él mismo
cauterizó sus heridas. Caído Olivares, las iniquidades no cesaron.*

LOPE DE VEGA E SUA CASA-MUSEU

Na altura do Paseo del Prado, avistei a portentosa e elegante Fuente de Neptuno. O esbelto deus passeia em seu carro, puxado pelos hipocampos, fitando o horizonte sobre a circularidade das águas. Em cinco minutos, chegou Antonio Machado Sanz. Havíamos marcado o encontro ali, no Paseo del Prado. Acordamos na ideia de que, depois do almoço, visitaríamos a Casa de Lope de Vega.

No consagrado Barrio de las Letras, comemos *arroz al caldero*. “Estamos en la edad en la que de los placeres carnales elegimos siempre los gastronómicos”, diz Antonio, sempre inspirado, conhecedor partitura dos melhores cardápios.

Vimos as paredes velhas do Monastério de las Trinitárias, onde enterraram Cervantes e onde professou Marcela de San Félix, filha de Lope de Vega. Seguimos pela calle de las Huertas, lendo as inscrições literárias do calçamento.

Descemos pela calle de Cervantes, até o número 11, local onde o letreiro do chão informa que Félix Lope de Vega y Cárpio viveu até o dia 26 de agosto de 1635. Nessa calle de Cervantes, que se chamava antes calle de Francos, morou também o próprio Cervantes, na esquina com a calle del León, numa casa que já não existe.

Daqueles tempos heroicos, resta a imena obra do *Fénix de los Ingenios*, que Cervantes apelidou de “monstruo de la naturaleza”.

Nos dois pisos da mansão, a reprodução dos ambientes e a recomposição do mobiliário são impecáveis. Laranjeiras, canteiros floridos, um alto cipreste e o poço de velhas pedras dão testemunho da presença de Lope de Vega, que escreveu, nesse lugar, alguns de seus mais belos poemas e peças.

O poeta dos muitos casamentos já havia atravessado algumas adversidades, quando, em 1610, aos 48 anos, veio morar nesse endereço, onde permaneceu até o fim da vida.

Depois de concluir os estudos em Alcalá e Salamanca, Lope de Vega participou da expedição naval, destinada a submeter a Ilha Tercera, nos Açores. Quando voltou a Madrid, em 1587, enamorado, escreveu injúrias contra a atriz Elena Osorio, filha de um representante teatral e foi condenado ao desterro durante oito anos. Alistou-se na Armada, em 1588, depois do casamento com Isabel de Urbina, e embarcou nas galeras “invencíveis”, que fracassaram nas costas da Grã Bretanha. Ao voltar a Cádiz, com o irmão Juan de la Vega morto, a bordo dos destroços da Armada, pôs-se sob a proteção do duque de Alba. Viveu em Toledo, e, depois, até 1595, no castelo de Alba de Tormes. Os dias tranquilos foram interrompidos com lágrimas pela morte de Isabel de Urbina.

O viúvo Lope não podia viver sem uma mulher escanchada nos ombros. Uniu-se em 1596 a Antonia Trillo, o que lhe valeu um processo, da parte dos moralistas de turno, que censuravam os casais amancebados.

Lope de Vega publicou *La Dragontea* e *La Arcadia*, sob o mecenato do Marquês de Sarria, conhecido homem de letras.

A nova esposa, Juana de Guardo, filha de um rico magarefe, trouxe-lhe um dote de 22 mil reais de prata e lhe deu o filho Carlos Félix e duas filhas. O fabuloso dramaturgo não tardou a se apaixonar pela atriz Micaela de Luján (a Camila Lucinda de seus versos), com quem teve Lope Félix e Marcela de San Félix (que viria a ser Priora no Convento das Trinitárias). Em Toledo, recebeu as “ordenes de presbítero” e solicitou os amores de Jerónima de Burgos, que interpretara a personagem principal de *La Dama boba*. Sabe-se que lhe apareceu, também, na mesma época, uma certa Lucía Salcedo, que o poeta apelidou *la loca*.

A necessidade o forçou a ser familiar da cabrona ocupação do Santo Ofício e membro da Congregação dos Escravos do Santíssimo Sacramento.





De 1610 a 1635, Lope de Vega residiu na casa de Madrid, na calle de Francos, onde viveu os últimos 25 anos de sua vida.

Quando estivemos na Casa de Lope, deparamos com o jardim do Poeta. Imaginei-o contemplando aquelas árvores que são outras, porém são as mesmas: cipreste, laurel, granado e naranjo; um pequeno oásis:

En ese ameno jardín,/ debajo de un naranjo,/
gorriones celebran/ las sombras perfumadas de la
primavera./¿Acaso los jazmines/ huelen como en los
tiempos de Lope?/¿El canto de los pájaros/ no será el
mismo que oyó/ el autor de *Fuente Ovejuna*?

Vimos o gabinete, a escrivaninha, a biblioteca, de velhos compêndios do século XVII e a capela de Lope, que tem um retábulo com a imagem de San Isidro e dois relicários da sua filha Marcela, a monja trinitária. O poeta tornou-se sacerdote quando vivia na casa. O conflito entre o místico e o profano era vivido na disjuntiva entre a religião e o teatro.

Vimos a sala onde Lope se reunia com os amigos, o quarto de dormir, as cortinas, o urinol, que se despejava das janelas com um “agua vá”, a mesa onde o poeta comia o “desayuno” de torresmo com aguardente e o quarto das duas filhas.

Seu amigo Alonso Contreras, que Pérez-Reverte transformou no Capitán Alatriste, para narrar, em ficção, sua peripécia, viveu no terceiro piso, durante nove meses, às expensas do poeta, que lhe dedicou a peça *El rey sin reyno*. Contreras, que foi militar, corsário e espia, derrotou uma frota do corsário inglês Walter Raleigh no Caribe, integrou os tercios em Flandes e combateu turcos e berberiscos no Mediterrâneo. Arturo Pérez-Reverte caracteriza-o como um mercenário, fiel amigo de Quevedo, disposto a qualquer desafio, naquela Espanha dona de dois mundos, onde, com estocadas e tiros de arcabuz, um homem podia fazer-se matar por sua reputação.

Pois naquela Espanha de arbítrio e competição pela sobrevivência, em vão, Lope dedicou uma peça ao Conde-Duque para ter sua proteção. Foi no período de residência na calle de Francos, hoje calle de Cervantes, número 11, que Lope manteve

sua polêmica com José de Pellicer, contra quem escreveu Gato-maquia, tachando-o de adulator, porque conseguira o cargo de cronista de Felipe IV.

A funcionária que nos guiava na visita garantiu que o clérigo Lope de Vega teve 11 mulheres e 15 filhos. Ao tomar os hábitos, não aderiu ao celibato. Casou com Marta de Nevares, de 16 anos (Amarilis), que viveu, cegou, enlouqueceu e morreu na casa da calle de Francos, em 1632. Marta de Nevares foi o derradeiro amor da vida de Lope de Vega. Era casada com um tal Roque Hernández, um velhote de quem logo ficou viúva. A ela, o poeta dedicou diversos livros, inclusive as *Novelas a Marcia Leonarda*.

A atitude infame de um certo Cristóbal Tenorio, que seduziu Antonia Clara, filha de Lope e Marta, foi um grande desgosto para o poeta. As tragédias familiares inspiraram seus melhores versos: *A mis soledades voy*, escreveu e reiterou: *un hombre que todo es alma está cautivo en su cuerpo*.

Na fase da plenitude intelectual, Lope escreveu as melhores comédias e tragédias de capa e espada, e os dramas rurais, em que o camponês triunfa sobre o nobre e o rei interfere como restaurador da justiça: *Fuente Ovejuna* (1614), *El Caballero de Olmedo* (1622), *El mejor alcalde de Madrid, el rey* (1623), *El castigo sin Venganza* (1631), e *La Noche de San Juan* (1631), peças que o Corral de la Princesa e o Corral de la Cruz, situados na plaza de Santa Ana, tiveram momentos gloriosos ao apresentá-las.

Assisti, em setembro de 2025, no Teatro de la Comedia, a uma extraordinária representação de *Fuente de Ovejuna*, sob a direção de Rakel Camacho, e imaginei Lope de Vega satisfeito, se visse sua obra recitada e cantada em coro pelo magnífico elenco da *Compañía Nacional de Teatro Clásico*. Atores de excelente categoria transmitiram ao público o impacto dos versos de *Fuente Ovejuna*, que denunciam a violência da tirania e a vingança dos oprimidos. O enredo retrata os costumes e o comportamento da sociedade espanhola do século XIII: o malvado comendador Fernán Gómez de Guzmán, da Ordem de Calatrava, provoca a revolta dos provincianos contra o bando dos Reis Católicos. Apodera-se da Ciudad Real, em nome dos partidários de Juana Beltraneja. Em seguida, regressa a *Fuente Ovejuna* e comete desmandos. Rapta e força Laurencia, a filha do *alcalde* Esteban.

Frondoso, o noivo da moça, toma satisfação. O comendador Fernán Gómez, bárbaro e lascivo, prende Frondoso e se dispõe a enforcá-lo. Com infâmia e crueldade, distribui açoites e “a todos quita el honor”.

O povo se rebela e executa a vingança, matando o tirano. O juiz submete os cidadãos à tortura, para arrancar-lhes a confissão de culpa. Pergunta: “¿Quién mató al comendador? E todos respondem: *Fuente Ovejuna, señor*. O rei Fernando de Aragón não impõe castigo ao povo, ao constatar que procedeu com heroísmo, ao exercer a justiça.

Peribáñez y el comendador de Ocaña protagoniza também um caso de autoritarismo arbitrário. O comendador de Ocaña, don Fadrique, da Orden de Santiago, ficou encantado com Casilda, mulher do lavrador Pedro Peribáñez e tentou seduzí-la, abusando de sua autoridade. Casilda revelou-se inflexivelmente fiel a seu marido, em todas as ocasiões em que o comendador deramou-se em galanteios, para convencê-la a enganar Peribáñez. Este, por sua vez, mordido de ciúme, sentindo-se ofendido e desonrado, flagrou o comendador atrevidamente, assediando a sua esposa e o matou de espada.

No transe da morte, o comendador reconheceu ter merecido a ferida e perdoou Peribáñez. O marido ofendido matou também dois lacaios alcahuetes.

Ao cabo, o casal foge para Toledo, onde Peribáñez se entrevistará com Enrique III. O monarca, que reinou de 1390 a 1406, havia oferecido mil escudos a quem prendesse ou matasse o casal fugitivo. A rainha Catalina de Lancaster, prudente e sábia, evita o dano, influenciando Enrique III a fazer «*la gracia de la vida*», isto é, conceder o perdão ao marido ofendido, que demonstrara, não delito, mas valor.

El caballero de Olmedo destaca os personagens rivais don Alonso Manrique (o caballero de Olmedo) e don Rodrigo, ambos pretendentes à mão de Inés, a *hermosa labradora* de Medina del Campo. Don Alonso eclipsou don Rodrigo na lúdia de toros, chegando a salvar-lhe a vida, o que significou, para don Rodrigo, uma humilhação. Cresce a inveja de don Rodrigo, quando o *galán caballero* recebe do rei don Juan II o hábito da *Orden de Alcántara*. Don Rodrigo se antecipa e pede ao pai de Inés que

autorize o seu casamento com a moça. Inés, no entanto, está a apaixonada por Alonso. Don Rodrigo, corno convicto, manda seu capataz matar o rival. No desfecho da trama, o rei manda prender e degolar don Rodrigo.

Peribáñez y el comendador de Ocaña e El caballero de Olmedo, pelo aspecto da violência, estão nos antípodas. A agressividade de Peribáñez apresenta-se como legítima defesa da honra, enquanto o crime de don Rodrigo é um absurdo, em que, injustamente, não se respeita nem a honra nem a vida do inocente don Alonso.

El Fénix de los Ingenios abona con comedias el favor de Elena Osorio, y por difamarla, con los huesos da en la cárcel. Caminó hacia el destierro, la frente coronada de laurel.

En La Coruña desembarcó, después del cataclismo de la Armada. En un sereno abril de naranjales, navega el mar de Venus con Isabel de Urbina. La muerte se llevó a su querida, y al fruto alboreado de sus entrañas.

Le prohibieron con Antonia Trillo consolarse. No le daban pan las fiestas literarias. La clerecía cerró los corrales, por defunción del rey de las reliquias.

Hubo de servir a un suegro carnicero. No bien se casó con Juana de Guardo, fue tras Micaela de Luján, cual mariposa hacia la llama.

Entre farándula y juegos de escarnio, ejercitó, en tempestuosos amoríos, la trama argumental de las pasiones.

Se enzarzó con Góngora y su cohorte, por lo de las “torres de torreznos”. Al duque de Sessa le pidió aceite para no cenar sin luz. La cabrona ocupación del Santo Oficio compensó con la caballería del Santísimo.

Jornadas en fragua lírica forjó en los salones del Alcázar de Sevilla.

Dos golpes de desesperación lo abatieron: Carlillos convertido en lirio helado, y Juana muerta al dar a luz a Feliciano.

Tragicomedias dedicó a Felipe III. El conde de Saldaña su ingenio alababa. Sin éxito pidió el cargo de cronista real.

Falto de premios, el autor de mil comedias a Dios se quejó de que Olivares no le perdonaba las que a Lerma dedicara.

El obispo le manda quitarse los bigotes. Marta de Nevares, cuyo marido tanto enojo le causó, quedó ciega y loca. Lope la cuida con amor y dolor hasta su muerte. El paroxismo del infortunio fue ahogarse Lope Félix.

En la noche oscura, escribía arrodillado ante el Crucificado.

Ya con comediantas holgarse no solía, pero su nombre era excelencia en todas partes. De su fecundo genio dijo Quevedo que otro no ha merecido igual prestigio. “Fuera justo enriquecerle”, confirma Jáuregui.

OS CAFÉS, LABORATÓRIOS DE LITERATURA

Os cafés de Madrid têm sido sempre lugares de encontros dos escritores. Esses albergues da boemia madrilenha são academias, onde se conversa sobre a vida e se desfruta da alegria de viver na cidade da extroversão e do “esparcimiento”. Nesses ambientes de sociabilidade aberta, evidentemente, bebe-se, consome-se, não apenas cafeína, mas vinhos, licores, infusões e outros estimulantes cerebrais, combinados com bocadillos, tortillas, pinchos etc.

Encontrei-me com o amigo Antonio na plaza de Santa Ana, da qual saímos em peregrinação aos cafés dos escritores. Logo, encontramos, na esquina da calle de Huertas com a plaza del Ángel, a indicação alusiva à residência de Francisco Rojas de Zorrilla (1607-1648), autor de *Del rey abajo ninguno*, *Entre bobos anda el juego*, *Donde no hay agravios no hay celos*, *Los áspides de Cleopatra* e *Nuestra Señora de Atocha*.

Del rey abajo ninguno é a tragédia mais conhecida de Francisco de Rojas Zorrilla, que morreu jovem, aos 41 anos. Constitui uma reflexão sobre a honra e a justiça. Nos séculos XVI e XVII, tempo do reinado de Alfonso XI. García del Castañar, um nobre disfarçado de pastor, descobre que don Mendo tentou seduzir-lhe a esposa Blanca. García pensou que o sedutor fosse o rei e se conformou com a situação. Ao perceber, porém, que o seu rival era don Mendo, não tolerou a afronta e apunhalou mortalmente o ofensor de sua honra. Sua lealdade permitiria que o rei o corneasse. Abaixo dele, mais ninguém.

Na comédia *Entre bobos anda el juego*, o histriônico, grosseiro e avaro charlatão don Lucas del Cigarral pretende casar com a boba e humilde Isabel de Peralta, mas vê frustrada a sua vontade. A moça



está enamorada e se casará com don Pedro, primo de don Lucas. No final feliz, Lucas del Cigarral espalha para toda a gente que foi ele quem renunciou ao casamento.

A plaza del Ángel, na vizinhança da plaza de Santa Ana, recebeu este nome em razão de uma pintura do Anjo da Guarda, que havia numa das casas. Convém não confundir Francisco de Rojas Zorrilla, gigante do teatro espanhol do século XVII, com José de Zorrilla, o autor de *Don Juan Tenorio*, que viveu de 1817 a 1893. Duvido de quem afirme não haver nenhum parentesco entre ambos.

Caminhamos até a Igreja de San Sebastián, cuja entrada se localiza na calle de Atocha, e avistamos a pedra branca, na parede da nave, que indica o sepulcro do *Gran Poeta y Padre del Teatro Hispano*. A placa revela também que coube à Real Academia Española a iniciativa de homenagear Lope de Vega, fixando aquele pequeno painel à guisa de sepulcro. Sobre a placa, há um Cristo crucificado, preciosa pintura realizada no estilo de Velázquez. Na paróquia de San Sebastián, fundada em 1541, foram batizados Tirso de Molina, em 1579, Moratín em 1770 e Jacinto Benavente em 1876.

Sáímos da igreja e chegamos de novo à esquina da plaza del Ángel. Ali observamos a floristeria, onde existiu outrora o cemitério da paróquia de San Sebastián.

Antonio ajudou-me a encontrar o local onde existiu, até 1808, a Fonda de San Sebastián, tertúlia fundada por Nicolás Fernández Moratín (1737-1780), na plaza del Ángel, número 10. Meléndez Valdés (1754-1817), López de Ayala (1739-1789), Francisco de Goya, Tomás de Iriarte (1750-1791), autor de *Fábulas literarias* e Ramón de la Cruz (1731-1794), o dramaturgo dos *sainetes*, eram acólitos daquela confraria literária. O local foi todo reconstruído. Atualmente, funciona ali um hotel da cadeia NH.

Nicolás Fernandez de Moratín é o autor de *La fiesta de toros* em Madrid, obra publicada em 1790, que celebra, com estro castiço, a figura do famoso toreiro Pedro Romero e exalta a opulência dos palácios madrilenhos.

Na plaza de Santa Ana, ressumbra o Teatro Español, diante do qual as figuras de Lorca e Calderón evocam as glórias da dramaturgia espanhola. Repleto de histórias, essa Casa de Espe-

táculos nasceu do velho Corral de Comedias del Príncipe, que começou a funcionar em 1583. Em 1745, esse primitivo centro de dramaturgia tornou-se um recinto coberto. Depois de passar por duas reformas, uma em cada século, recebeu o nome atual. A fachada de primorosas janelas e frisos florais, com as efígies de Lope de Rueda, Lope de Vega, Calderón de la Barca, Tirso de Molina e Ruiz de Alarcón, em medalhões esmerilados, ressaltam o valor heráldico ao edifício.

Don Juan Tenorio, de José de Zorrilla, foi estreado em março de 1844, no Teatro de la Cruz, junto à plaza del Ángel. José de Zorrilla compõe, com Espronceda, Gustavo Adolfo Bécquer e Mariano José de Lara, uma lista de importantes autores do Romanticismo espanhol.

Zorrilla nos revela um *Don Juan Tenorio* provocador e presumido. Galã sem escrúpulos o malvado burlador aposta com don Luis para ver quem saberia obrar pior, com melhor fortuna. Rapta doña Inés do Convento em Sevilha, porque o pai da moça não daria a filha a um hipócrita que seduziu centenas de mulheres, desde uma princesa à filha de um pescador. Don Juan se ajoelha diante do comendador Gonzalo e lhe implora que lhe permita casar-se com Inés, a fim de salvar-se, endireitando os passos no caminho do bem. O pai da moça é da mais atroz intransigência: “Nunca! Primero la mataré!” De tanto insistir, don Juan se sente tão humilhado que mata tanto o comendador quanto don Luis, que já o ameaçava, de espada em riste.

Depois da fuga para a Itália, o antiherói volta a Sevilha, vai ao cemitério e encontra as tumbas e as estátuas de don Gonzalo e de doña Inés. Os fantasmas declaram a sua perdição. Gonzalo quer levá-lo ao Inferno. Inés intercede, e o Amor os leva ao Purgatório, entre anjos que lhes jogam flores perfumadas.

Antes de *Don Juan Tenorio*, Zorrilla já havia escrito *El zapatero y el rey* (1840), um drama em que Don Pedro el Cruel nomeia um sapateiro capitão da Guarda Real, no conflito em que o monarca é assassinado pelo irmão, Don Enrique.

Na caminhada, em que cruzamos a plaza de Santa Ana, encontramos, na calle del Príncipe 14, ao lado do Teatro de la Comedia, o Café El Gato Negro, onde Jacinto Benavente dirigiu uma tertúlia, de que participavam Valle-Inclán, Carlos Arniches,

os irmãos Quintero, Pedro Muñoz Seca e outros. Funcionou até 1956. O local, de bela fachada com janelas e grades, denomina-se hoje Restaurante La Reserva.

Voltamos pela calle del Príncipe, revimos a plaza de Santa Ana e descemos a ladeira da calle del Prado, onde localizamos, na esquina com a calle del León, o Café del Prado. O edifício tem uma porta monumental e dentro se vêem as largas paredes de pedra de sua antiga estrutura. Havia ali mesas reservadas para Gustavo Adolfo Bécquer, Menéndez Pelayo e Santiago Ramón y Cajal. O local, também frequentado pela geração dos melhores escritores do século XX, foi mandado fechar pelo ditador Primo de Rivera, porque os contertúlios eram todos seus adversários políticos.

A uma quadra dali está o legendário Mentidero de Representantes, onde, na época dos Áustrias, os dramaturgos e os diretores de teatro negociavam o pagamento de direitos autorais e a logística da montagem das peças.

Num átimo, subimos a Carrera de San Jerónimo e avistamos, ao longe, na silhueta de ouro do poente, a esguia torre de San Ginés.

Na esquina da Carrera de San Jerónimo com calle de la Victoria, constatamos que o famoso Café Fontana de Oro, que serviu de contexto histórico para a novela homônima de Galdós, é hoje ocupado pelo Museo del *Jamón*. Segundo o velho novelista, *hay quien ha aprendido todo lo que sabe de filosofía en la mesa de un café*. Nas tertúlias do Fontana de Oro, os liberais se reuniam durante o Triênio Liberal (1820 a 1823), para conspirar contra o absolutismo.

Atravessamos a Puerta del Sol. A noite veio turvando a clareza da tarde, acendendo reflexos. A Puerta del Sol, arena central de Madrid, é um circo peculiar. Seria mais que uma Ágora, se estivessemos na Grécia Antiga.

Adentramos a calle del Arenal, entre múltiplos *peatones*, à procura do número 15, onde funcionou o café El Nuevo Levante, reduto onde Valle-Inclán, Azorín (José Martínez Ruiz), Pío Baroja, Bergamín e Gómez de la Serna se reuniam. Vamos pelo meio dos autômatas, encontramos a Igreja de San Ginés e, na quadra seguinte, do lado esquerdo, próximo do Teatro Real e da plaza de Ópera, o Hotel Francisco I, que veio a substituir o luxuoso e histórico Nuevo Levante.

Fomos, em seguida, ver o local onde Gómez de la Serna animou, em 1912, todos os sábados, a tertúlia da cripta del Pombo: o Café y Botillería de Pombo, na calle de Carretas, 4, próximo à Puerta del Sol. Constatamos que há poucos traços desse antigo ponto de encontros. O recinto virou um edifício horroroso. Na esquina da calle Carretas com a calle de San Ricardo (na traseira do prédio da Presidencia de la Comunidad), o que restou do café predileto de Gómez de la Serna foram vidros e metais de um desvaido edifício, sem nenhuma decoração. No chão, um letreiro, quase apagado, informa que o Café del Pombo ali existiu. Os livros do grande Gómez de la Serna estão fora de catálogo. O autor de *Nostalgias de Madrid*, animador das conversas das noites dos sábados, nos divãs da “sagrada cripta”, é referência permanente para o escrevinhador contemplativo, que recolhe imagens no panorama de Madrid.

Regressamos à Puerta del Sol e encontramos o Café de la Montaña, na esquina da calle de Alcalá. Antonio mostrou-me uma placa amarela, que declara ter existido ali, no térreo do antigo Hotel El Paris, a tertúlia do grande escritor Ramón del Valle-Inclán. Anoto o que se informa na placa: donde el hidalgo y escritor gallego cayó mutilado; un campo de batalla que luego sería inmortalizado, en su sin par “Luces de Bohemia” como Café Colón, foro en el que Rubén Darío fue honrado por Max Estrella y su escudero don Latino, sin pensar en el mañana.

Em 1899, no Café de la Montaña, na Puerta del Sol, esquina com calle de Alcalá, nos excessos da pior boemia, Valle-Inclán discutiu com Manuel Bueno, seu colega ofício, e levou um bastonazo que resultou na amputação do seu braço esquerdo. Ao levantar o braço para defender-se, o bastão bateu-lhe no pulso e a abotoadura da camisa penetrou na carne. Valle-Inclán sofreu a gangrena e a amputação do braço. A mutilação estragou a carreira do ator, que já havia estreado em La comédia de las fieras, de Jacinto Benavente. Tinha então 33 anos. É desse tempo o início da amizade com Rubén Darío, que permaneceu na capital da Espanha, como diplomata, até 1914.

Em lugar do Café de la Montaña, vimos a loja da empresa Apple, à porta da qual havia uma fila de gente indo comprar o novo modelo iPhone 17. Disse-me Antonio que, antes mesmo de existirem o Hotel El Paris e o respectivo Café do poeta de *Luces de Bohemia*, havia ali a igreja del Buen Suceso, da qual retiraram o

primeiro relógio e o puseram na cúpula do edifício da Comunidad de Madrid. O relógio atual, mais moderno, é de 1866.

Prosseguimos estudando a arqueologia da literatura, uma ciência nova, diz Antonio, gracejando. Do Barrio de las Letras, que, segundo o meu amigo, teve outrora prostíbulos, mantidos pelas monjas, chegamos à calle Mayor e à plaza de la Villa. Comprei livros numa livraria que existe na calle Mayor, repleta de obras especializadas na História de Madrid. Deparamos, em seguida, com a casa onde viveu e morreu Calderón de la Barca. (A casa não é visitável, do contrário, teríamos batido à porta).

Na caminhada, chegamos à altura do Ministério de Asuntos Exteriores, e Antonio não esqueceu de advertir que ali funcionou outrora “la cárcel de la *Villa*”. Seguimos, cruzando as ruas; Antonio falando de sua pregressa vida profissional no Banco Hispano-Americano (BHA), hoje Galeria Canalejas, um edifício luxuoso, na calle de Alcalá, em frente à Academia de San Fernando e à Casa Real de la Aduana.

Antonio foi me falando que passeamos à maneira de El diablo cojuelo, de Luis Vélez de Guevara (1579-1644), escritor satírico, discípulo de Quevedo. El diablo cojuelo é um *hombrecillo* desdentado, que sobrevoa Madrid com o estudante Cleofás. Cojuelo deu a Cleofás o dom de voar, em agradecimento por libertá-lo da redoma de vidro, onde um astrólogo o fizera prisioneiro. Eles pousam na torre de San Salvador (igreja que existiu na plaza de la Villa até 1842). Daquela altura, bisbilhotam a vida das pessoas, sondando o interior de suas casas. Meu companheiro de aventuras sempre cita figuras curiosas da cultura de seu País. Diz ele ser fã de María Jiménez, a cantora que popularizou canções como *Se acabó* e *Con dos camas vacías*, de estilo flamenco-pop. María Jiménez se vangloriava de cantar com emoção. Disse um dia: *yo canto con el coño*, numa entrevista televisiva.

Concluo esta crônica dos Cafés de Madrid com uma recordação do Café Gijón, que frequentei de longa data. Um dia, encontrei-me com o poeta José Ramón Ripoll nesse ambiente, que foi um dos preferidos de Camilo José Cela e Francisco Umbral. Na ocasião da conversa com Ramón Ripoll, recebi dele um convite para participar de um Seminário de Literatura Hispano-Americana, promovido pela Universidade de Cádiz. Não pude ir.

Estava pronto para viajar ao Sul da Espanha, quando recebi a infeliz notícia de que minha mãe havia falecido. Em vez de Cádiz, fui ao Ceará. Em vez de alegria, tristeza.

Em suas memórias, escritas no livro Madrid, Andrés Trapiello dá testemunho de que o Café Gijón tem sido um lugar da madrilenha *movida*, palavra que deriva de *moverse para conseguir droga*. Trapiello cita o livro *La noche que llegué al Café Gijón*, de Camilo José Cela e diz que via Gerardo Diego, velho indo à tertúlia do Gijón. Na volta, vinha moribundo, pálido, *en las últimas*. O Gijón estava envenenando o poeta de *Manual de espumas*.

A PERIPÉCIA DE DON RAMÓN DEL VALLE-INCLÁN

Ramón Maria del Valle-Inclán, galego, nascido em Villanueva de Arosa, província de Pontevedra, estudou em Santiago de Compostela. Interrompeu os estudos e viajou ao México, onde permaneceu de 1892 a 1893. Por que passou um ano no México? Fugiu do serviço militar e foi em busca de aventuras. Situou, naquele país, o curioso personagem Marqués de Bradomín, no enredo de *Sonata de estío*.

Volto a Madrid em 1890, aos 24 anos, para frequentar as tertúlias dos cafés. Era o tempo dos encontros da denominada *Generación del 98*, de que participaram, entre outros, Rubén Darío, Juan Ramón Jiménez, Jacinto Benavente, Azorín, Pio Baroja, Ricardo Baroja e Antonio Machado.

Nos cafés da Puerta del Sol, da calle de Alcalá, da calle del Arenal ou da calle del Príncipe, conheceu os tipos da “chulería” de sua literatura esperpéntica, repleta de figuras rebeldes e canalhas.

Valle-Inclán foi funcionário do Ministério de la Instrucción Pública y Bellas Artes. Entretanto, “el verdadero laboratorio de Valle fueron los cafés y las tertulias” (TRAPIELLO, p. 112). Em seu mandato honorífico, exercido nas tertúlias, vestindo roupa escura, cabeleira escorregia, “barbas de chivo” e “botines blancos de piqué”, Valle-Inclán era um “hombre de café”. “Sin café no habría sido nada”, aduz Trapiello (P. 108). *Botines de piqué* são sapatos elegantes, de couro fino e tecido delicado, usados pelos dândis, no final do século XIX e no início de século XX.

Caminhei com o poeta Antonio Machado Sanz, meu companheiro de investigações líricas, em busca dos lugares da boemia de Ramón del Valle-Inclán, o xerife dos cafés madrilenhos.

Fomos ao *callejón* del Gato (calle de Álvarez Gato), esquina com calle de la Cruz, um dos ambientes onde Valle-Inclán se inspirou para criar personagens que semelham a imagens de espelhos côncavos e deformados. Na calle de Álvarez Gato, que é um *callejón*, uma viela estreita, encontramos a antiga taberna frequentada pelos protagonistas de *Luces de Bohemia*. Ficamos diante dos dois espelhos que ali existem, em homenagem ao poeta. Vimo-nos de cabeça para baixo num dos espelhos. No outro, vimo-nos achatados (gordos, com pernas curtas). Max Estrella, o protagonista de *Luces de bohemia*, explicita de maneira memorável: *Los héroes clásicos reflejados en espejos cóncavos dan el esperpento*.

Na famosa rua dos espelhos que deformam a realidade, vimos numa placa a inscrição: *La Noche de Max Estrella*, isto é: o local de onde os admiradores de Valle começam a caminhada, em que percorrem os lugares que o escritor menciona em suas obras teatrais, batizadas com o neologismo “esperpento”, estilo que revolucionou a literatura espanhola.



A fabulação ímpar do *esperpento* teve como inspiração, não só os espelhos deformadores, mas também as gravuras de Goya e as leituras de seus autores prediletos: Barbey d'Aureville, Eça de Queiroz, D'Annunzio e Alexandre Dumas.

O *esperpento* é uma irreverente crítica do tempo e da história, uma visão deformada da sociedade, retratada como um microcosmo de seres grotescos e extravagantes.

Na mesma rua, já no final da calle Álvaro Gato, na esquina com Nuñez de Arce, vimos o Tablao de Flamenco Villa-Rosa, cujas paredes exibem azulejos que estampam

imagens coloridas de cidades espanholas. A poucos metros, avistamos a Plaza de Santa Ana, onde almoçamos.

A boa sinalética dos locais da boemia dos escritores de outrora favorece o estudo da literatura espanhola.

O melhor das criações de Valle-Inclán nasceu de sua experiência no submundo cultural e popular de Madrid.

O enredo de *Luces de bohemia* evoca as noites em que Max Estrella, o poeta cego, e Don Latino de Hispalis, seu parceiro, andavam rodeados de vagabundos, guardas, prostitutas, *chulos*, *borrachos*, *serenos*, *empeñistas*, *traperas* y *verdureras*.

Max Estrella debocha do rei Alfonso XIII e de seu ministro, García Prieto. Em 1917, a crise da Restauração monárquica, o baixo nível de vida dos assalariados, a carestia e as reivindicações violentas constituem o telão da realidade esperpêntica de *Luces de bohemia*. As tropas saem às ruas para reprimir assaltos ao comércio de alimentos.

Max vende os livros de sua biblioteca para sobreviver. Depois, vai ao Café Colón e ali encontra Rubén Darío. Eles bebem vinho e conversam sobre metafísica. Quando vai pela rua, acompanhado de Latino de Hispalis, Max escuta uma mulher gritando, desesperada, diante de uma criança morta, durante um tiroteio. O velho poeta cego falece na madrugada em que percebeu aquela chocante cena fatal. Bradomín e Rubén Darío comparecem ao enterro do protagonista de *Luces de bohemia*.

O Ramón del Valle-Inclán casou-se em 1907 com a atriz Josefina Blanco, que se desempenhou com destaque em peças de Benavente, Galdós e do próprio Valle-Inclán. O divórcio só se deu em 1932. Conta-se que chegou a trancar a mulher no hotel para impedir que ela atuasse numa peça de José Echegaray. Contam, como anedota, que, quando inauguraram a calle de José Echegaray, ao enviar uma carta a um amigo que morava na mesma rua, Valle escreveu, no endereço do destinatário: calle del viejo idiota, nº 16. A carta chegou ao seu destino e ele elogiou a inteligência do carteiro.

Nas *Sonatas*, escritas, de 1902 a 1905, uma para cada estação do ano, o personagem central é o Marquês de Bradomín, réplica do general carlista Carlos Calderón, que guerreou, de

1833 a 1840, a favor de Carlos María Isidro de Borbón, contra o exército dos liberais, que apoiavam Isabel II. Bradomín representa o sadismo do beato pecador, que desfruta da culpa de suas vítimas. Francisco Umbral define o Marquês de Bradomín como um *Don Juan Tenorio* sossegado e um Casanova católico e sentimental.

Nas quatro *sonatas*, Bradomín faz estragos. Na *Sonata de primavera*, ele é um oficial das guardas nobres, que, nos felizes tempos do papa-rey, perturba uma jovem que quer ser freira e causa a morte de sua irmã, criança ainda. Na *Sonata de estio*, após o Convênio de Vergara (onde acabaram as esperanças carlistas), o protagonista busca um *mayorazgo* perdido no México e conquista uma bela crioula incestuosa. Na *Sonata de otoño*, ambientada na Galícia, Bradomín esgota as forças de uma antiga amante, enferma de tuberculose. Na *Sonata de invierno*, perde o braço por Carlos VII, nos caminhos de Navarra, e seduz a própria filha, num convento transformado em hospital de campanha. O episódio do braço destroçado evoca o acontecido com o poeta, na discussão que teve com o jornalista Manuel Bueno em 1899, no Café de la Montaña, na Puerta del Sol.

Em 1916, tempo em que aprofundou suas leituras esotéricas e teosóficas, Valle exerceu o cargo de professor de Estética, na Real Academia de Bellas Artes. Em sua extensa obra, ironiza a monarquia constitucional. Sobre as guerras civis e os conflitos dinásticos, escreveu *La guerra carlista* (de 1808 a 1809) e *El ruedo ibérico* (de 1927 a 1932), de caráter heroico, com ambientação fantástica e terrorífica.

El ruedo ibérico, um assombroso mural, iniciado em 1927, depois da publicação de *Tirano Banderas*, tem como personagens os generais Narváez, Prim, Serrano, a rainha Isabel e outros, do cenário político da Revolução de setembro de 1868, que destronou Isabel II. É um contraponto à ficção dos *Episódios nacionales*, de Pérez Galdós.

Divinas palabras (*Tragicomedia de aldea*), escrita em 1919 e estreada em 1934, no Teatro Español, é, certamente, uma das mais “esperpênticas” da lavra do poeta maldito. Juana La Reina e seu engendro, um anão, bem como os demais personagens são bêbados, debochados e pícaros. Falam a gíria da marginália.

A apologia à libertinagem termina com a surpresa das palavras divinas do sacristão Pedro Gailo.

Francisco Umbral decifrou os códices do criador dos esperpentos no brilhante ensaio Valle-Inclán *Los botines blancos de piqué*. Distinguiu, na obra valle-inclanesca, o estilo diverso dos *novelones de Galdós, llenos de gente, de diálogos vulgares e reflexiones tautológicas e sobrantes*. (p. 64).

Quanto à filosofia iconoclasta de Valle-Inclán, Umbral referiu-se à Igreja, à aristocracia e ao exército como as três “bestias”, abominadas ao largo da obra do grande nihilista, sucessor de Quevedo na sátira. Eu diria que a igreja é combatida nas *Sonatas*, mediante o cinismo de Bradomín; a aristocracia é rechaçada na crônica da decadência da época isabelina e do carlismo (movimento favorável a Don Carlos, pretendente ao trono e opositor do regime liberal nos tempos de Amadeo I e Alfonso XII). O exército é satirizado na trilogia *Martes de Carnaval*, composta por *La hija de capitán*, *Los cuernos de don Friolera* e *Las galas del difunto*. Também no escárnio de *Lucas de bohemia* vê-se a rebeldia libertária e anarquista do visionário Valle-Inclán, que denuncia os costumes patriarcais e dogmáticos da Espanha da Restauración.

Quanto à poesia de Ramón del Valle-Inclán, Umbral destaca o livro *La pipa de kif* (1919). Kif se refere ao haxixe, o cânhamo índico, que lhe proporcionava “um estado vagamente alucinatório”. Notemos como se revela, nestes versos, o baudelairianismo do grande Valle-Inclán: *En mi pipa el humo da su grito azul* (p. 136). Seu devaneio contemplativo se reitera nesta primorosa estrofe: *Mis sentidos tornan a ser infantiles,/ tiene el mundo una gracia matinal,/mis sentidos como gayos tamboriles/ cantan en la entraña del azul cristal*.

Para Umbral, Valle-Inclán é o único escritor espanhol, com Quevedo e os barrocos, que faz falar a gente mediante uma estilização e uma síntese que elevam qualquer localismo a um nível de significação maior. Nele, a beleza das palavras se realça pela metaforização insólita e renovada.

Em *La corte de los milagros*, o poeta irreverente voltou-se contra a Casa de Bourbon reinante. Fez de Isabel II uma “mujer de cabaret”. Narrou a cerimônia em que a rainha recebe a rosa de

ouro por graça papal. Enquanto as conspirações proliferavam, o esposo afeminado e o terror do inferno atormentavam a soberana.

Valle-Inclán boêmio, pobre e explorado, vituperou a ditadura de Primo de Rivera desde 1924. Quando ascendeu ao governo da República, em 1931, Manuel Azaña o nomeou Conservador do Patrimônio Artístico Nacional. Em seguida, Valle presidiu o Ateneo Científico, Literário y Artístico de Madrid, sendo nomeado, posteriormente, diretor da Academia Española de Bellas Artes em Roma. Luis Araquisgrán achou divertido como um carlista e tradicionalista tornou-se *el primer bolchevique de España*.

Gonzalo Torrente Ballester atesta que Valle-Inclán viveu numa polêmica ininterrupta contra a sociedade burguesa e “murió como vivió” (p.383). Valle-Inclán morreu em 05 de janeiro de 1936, em Santiago de Compostela, onde se havia retirado desde março do ano anterior. “Murió en decorosa precariedad”, no dizer de Andrés Trapiello. No leito de moribundo teria dito: *¡Como tarda esto!*

No dia 14 de fevereiro de 1936, Rafael Alberti e Federico García Lorca organizaram, no Teatro de la Zarzuela, uma homenagem a Valle-Inclán, recém falecido. Lorca recitou sonetos que Rubén Darío dedicou a Valle-Inclán. Cernuda leu o seu elogio ao polígrafo, autor dos esperpentos. No final do evento, foi apresentado a peça *Los cuernos de don Friolera*.

A trama de *Los cuernos de don Friolera*, a primeira peça que compõe a trilogia *Martes de Carnaval*, situa-se num período de trágicos acontecimentos. Em 1921, o presidente do Conselho de Ministros, Eduardo Dato, foi assassinado por um anarquista.

O drama tem por personagem central o tenente Pascoal Astete, de apelido don Friolera, o qual recebe um bilhete anônimo, dando conta de que sua mulher, doña Loreta, é pedra de escândalo. Ele está decidido a matar a mulher, porque *en el Cuerpo de Carabineros no hay maridos cabrones*. De fato, Pachequín, o barbeiro, assedia a esposa do tenente. Esta, por sua vez, está enamorada.

Don Friolera percebe, pelo olhar da velha beata, doña Tadea, que foi ela a autora da carta anônima, que noticiou a infâmia que lhe desgraçou a vida. Acossada, Tadea lhe recomenda “dar a los culpables lo merecido”.

Don Friolera aponta a pistola para doña Loreta e don Pasqualín. Jura que matará ambos, malgrado a inocência que eles alegam. Doña Loreta acompanha Pachequín à residência dele. Chora e diz que não pode abandonar a filha nem o lar. Friolera repete o refrão: “en España mujer que falta tiene pena de vida”.

Três oficiais, colegas do tenente Pascual Astete (don Friolera), reúnem-se para decidir que o Exército não quer “cabrones”, e é preciso velar pelo decoro da família militar. Don Friolera diz a seu colega: “mis cuernos no son una excepción en la milicia”. Os oficiais o incentivam a lavar a honra com sangue.

Bêbado, Friolera apresenta-se ao coronel Pancho Lamela e confessa o seu crime. “Ha procedido como un caballero”, diz o Coronel. Doña Pepita, esposa do oficial superior, avisa, no entanto, que foi informada de que Friolera matou a própria filha.

Um cego canta um *Romance* no final do drama, narrando uma versão absurda dos fatos. Don Friolera matou três e depois foi condecorado como herói de guerra em Melilla.

O personagem don Estrafalario, que assiste ao espetáculo, dá testemunho de que a crueldade e o dogmatismo do drama espanhol só encontram semelhante na Bíblia.

A ironia mordaz é a arma do anarquismo pacifista de Valle-Inclán. O grande fabulador declara que “os espanhóis não são bárbaros sanguinários como os representa a literatura oficial”. Em realidade, “somos unos borregos”, atesta, com sarcasmo.

Valle-Inclán retratou com crueza o maltrato dado que às mulheres na Espanha do século passado, deu “bofetones” no exército, na igreja, no rei, no governo e suas corrupções. Denuncia, também, o papel nefasto dos instigadores das desavenças.

Las galas del difunto, o segundo *esperpento* de compõe a trilogia *Martes de Carnaval*, é uma sátira à Guerra de Cuba, em cujo final, em 1898, os militares se desmoralizam com a derrota. Um dos neuróticos do conflito belicoso de 1898, em que a Espanha assistiu ao fim do seu império, foi o ex-combatente Juanito Ventolera.

La Daifa, de nome Ernestina, foi expulsa de casa pelo pai, o boticário Sócrates Galindo, porque engravidou do soldado Aureliano Iglesias, que serviu na mesma divisão que Juanito.

As condecorações que o herói repatriado recebeu não serviram nem para pagar uma dormida com uma prostituta.

La bruja aparece transmutada numa coruja e leva a carta de Daifa ao licenciado Sócrates Galindo, seu pai, o boticário, que joga a missiva no arroio, porque sua filha era uma “relajada”.

O soldado Ventolera encontra a carta na sarjeta e a entrega ao boticário. Ato seguido, a bruja mete os olhos deslumbrados pela porta e o boticário cai fulminado.

Juanito Ventolera vai ao Campo Santo com dois “pistolos” (soldados, na gíria). Com olhos de febre, levanta a lousa para ver se o boticário lhe deixara algum presente. Os colegas o recriminam: “en un campo-santo la sepultura es tierra sagrada”. Eles o advertem de que os mortos se podem levantar “como Capitanes Generales descontentos”. Juanito faz pouco caso e veste o terno de primeira do defunto.

Transfigurado com as galas do defunto boticário, Ventolera declara: *hay que ser soberbio y dar la cara contra el mundo entero. A mí me cae simpático el Diablo.*

El rapista (barbeiro) e o sacristão vão consolar a viúva doña Terita, a boticária. Falam mal do Governo, que primava pela demagogia e adotava a mordaza. O sacristão cobra 12 duros pelas despesas do velório, referentes à cera e ao cachê dos cantores. A viúva protesta contra aquele roubo e aquele escândalo. O sacristão alude à indulgência: os sufrágios rebaixariam a pena do finado. O rapista também apresenta uma fatura.

De noite, o pícaro Ventolera bate à porta da boticária. Ela se recusa a abrir. Ele salta pela varanda: *traigo para usted una visita de su finado*. Com o máximo descaramento, pergunta à viúva se ela teme enamorar-se. Ela oferece dinheiro para que ele vá dormir fora. Juanito escarnece, dança flamenco, girando com “castañuelas” e compassos. Entre galanteios, pede à boticária o “baston” e o “bombin” chapéu que pertenceram ao boticário. Doña Terita desmaia de susto.

Juanito regressa ao bordel e entrega a Daifa, a filha do boticário, uma carta que achou no bolso do defunto, seu ex-patrão. Ela constata que é a carta que ela escrevera a seu pai, pedindo dez duros para mudar de vida.

Louvem-se, nos espertentos, a destreza de Valle-Inclán na experiência da linguagem, repleta de “gitanismos”, a fantástica descrição dos ambientes de cada cena e a magnífica conjuração das tramas.

La hija del capitán, o terceiro espertento que constitui a trilogia *Martes de Carnaval*, tem como principal cenário um ambiente de jogatina e pilantragem.

La Sini (Sinibalda), filha do capitán Chuletas de Sargento, falou para El Golfante, naquela gíria de ciganos: “Darle pasaporte a don Joselito”, significando despachá-lo para o Além.

O *horchatero*, por sua vez, declara publicamente: “la hija se acuesta con el gobernador militar”.

Don Joselito, conhecido pelo apelido de Pollo de Cartagena, aparece caído sobre um charco de sangue. El Golfante acredita haver assassinado o amante de la Sini. O general e o capitán baixam o cadáver ao sótano para encaixotá-lo. O capitán gostaria de “facturar” o morto; isto é: esquartejá-lo.

La Sini pega a carteira de don Joselito e vai com El Golfante negociar os papéis com El Batuco.

Em frente ao Círculo de Bellas Artes, os pregões adiantam a notícia veiculada pelo jornal *El Confidencial*:

“Se ha verificado un duelo entre el general Miranda y don Joselito Benegas por una rubia opulenta”

O general, indignado, exige um desagravo, mas não quer dar o espetáculo de um pronunciamento isabelino. Forjará, contudo, uma ação com o apoio dos chefes da Milícia. Em sua avaliação, *la salud pública reclama un Directorio Militar*.

O general Miranda recebe o apoio do brigadeiro Frontaura e do coronel Camarasa, para a vindicta. Aquele *ultraje a un Príncipe de la Milícia* não poderia ficar impune.

O general jura que aquela seria a última noite do Governo que o caluniava e o cobria de lodo.

Chega, com banda de música, a delegação de beatas catequistas para receber o monarca na estação de trem. O rei pronuncia um breve discurso, elogiando a ação regeneradora do Exército.

Nota-se, no enredo de *La hija del capitán*, que Valle-Inclán invectiva contra o Golpe de Estado perpetrado pelo general Primo de Rivera em 1923. O poeta mostra os oficiais do Exército exaltando o lema “Pátria, Religião e Monarquia”, na companhia de caloteiros da ralé.

Além da crítica ao Golpe de Estado de Primo de Rivera, o fundamento de bastidor para *La hija del capitán* foi o crime do Capitán Sánchez, em 1913, que, com sua filha, assassinou e esquartejou o cidadão de nome Jalón, um jogador inveterado do antigo cassino do Círculo de Bellas Artes.

La cabeza del dragón, escrita em 1909, é uma graciosa peça, que não consta de trilógias e constitui, isoladamente, um primor de dramaturgia. Sua ironia lúdica e sua delicada crítica servem para crianças de todas as idades.

Três príncipes jogam pelota no pátio de um castelo e falam do rei e do seu valido. Um Duende “*canta sin edad, como las fuentes y los pájaros*. Canta, preso no torreão:

¡Dadme libertad,

Paloma real!

¡Palomita que vuelas tan alto,

Sin miedo del gavilán!

É um duende do bosque, caçado por Mingo Mingote e dado de presente ao rei.

A pelota entra pela janela do torreão, cuja porta está trancada. Só a rainha tem a chave e não a dá a ninguém.

O Príncipe Pompón, herdeiro do reino, promete libertar o Duende se este lhe der a pelota que foi parar no torreão do castelo, mas não cumpre a palavra, depois que o Duende devolve a bola.

Outra vez a pelota entra pela janela do torreão. É a vez de o Príncipe Ajonjolí empenhar a palavra e não cumprir o prometido.

A pelota volta ao domínio do Duende, que incita o Príncipe Verdemar a furtar a chave do bolso de sua mãe. Em agradecimento por libertá-lo, o Duende dá a Verdemar um anel que suscitará sua presença, quando necessário.

O rei Mangucián se aborrece com a fuga da sua presa. Promete comer cru o coração de quem a soltou. O príncipe Verdemar teme ser delatado pelos irmãos e foge do reino.

Entram, na venda de Maritones, o Príncipe Verdemar e um bufão.

O Dragão ruge nos muros da cidade, pedindo que lhe seja entregue a Señora Infantina, filha do rei Micomicón.

O Príncipe Verdemar decide desafiar o Dragão. O rei Micomicón faz saber aos caballeros e villanos que dará a metade do seu reino a quem salvar a Infantina Blanca Flor, dando morte ao Dragão. Aparece o rufião El Bravo Espandián, chefe de uma quadrilha de malfeitores.

A Infantina está conformada a morrer para salvar o reino. Quando o rei se despede da filha, aparece o príncipe Verdemar, como um arcanjo: com uma armadura resplandecente e uma espada de diamante que lhe deu o Duende para vencer o Dragão, e declara: *Princesa de mis sueños, soy un enamorado de tu hermosura y vengo de lejanas tierras para vencer al Dragón.*

O Paladino levanta a espada como um raio de sol e dá morte ao Dragão de sete fileiras de dentes, misto de serpente, cavalo e morcego. O Duende arranca a língua do monstro e extrai o veneno para vender aos poetas e às damas que murmuram de tudo. El Bravo se apresenta perante Infantina e mente: diz que foi ele quem lhe salvou a vida. Ela o rechaça.

Espandián exhibe a cabeça do monstro para resgatar a fama de “capitán de bandoleros”. A Infantina reafirma que se trata de um impostor. O rei Micomicón, temeroso da valentia do bandleiro, diz que a sua palavra não pode ser perjuro. A princesa lhe oferece morrer para salvar a honra de sua estirpe soberana. De pronto, aparece o príncipe Verdemar e prova que matou o Dragão, mostrando a língua do monstro. Mas está vestido de Bufón e o pai de Infantina não permite o casamento, pois um bufão não pode ser tronco de uma monarquia, embora o possa um bandleiro. Verdemar revela então a sua identidade – mostra a flor de lis no peito, distintivo dos de sua linhagem.

A pedido de Infantina, o rei isenta Espandián da pena de morte, mas manda açoiá-lo.

Na boda, o Duende serve, num prato de ouro, carne crua ao rei Mangucián, como desagravo por sua promessa de que comeria o coração do próprio filho.

Não se pode falar das três *Comedias Bárbaras* sem reproduzir alguns diálogos de cada uma, dada a instigante verve da fabulação de Valle-Inclán. São peças ambientadas em lugares fictícios, o principal dos quais Viana del Prior, que sugere uma antiga jurisdição eclesiástica da Galícia, Corresponde às comarcas litorâneas de A Pobra do Deán e A Pobra do Caramiñal, que Valle-Inclán percorreu na infância e na adolescência.

O contexto histórico são as velhas estruturas senhoriais do sistema oligárquico do final do século XIX e início do século XX. A oligarquia, fundada no caciquismo corrupto, convertia o parlamentarismo numa farsa. A perda colonial de Cuba, Porto Rico e Filipinas foi estigmatizada com a pecha de “desastre de 1898”. O sistema político fracassado, incapaz de modernizar o país e suscitar a coesão nacional, engendrava a decadência moral e espiritual de famílias como os Montenegros, pecuaristas e latifundiários.

No contexto de um mundo tradicional, patriarcal, violento, as *Comedias Bárbaras* relatam abusos de autoridade, paixões e enfrentamentos entre grupos sociais antagônicos. Destacam também o misticismo supersticioso e a mentalidade preconceituosa da sociedade provinciana. Dão provas da imaginação do poeta que, por vezes, conduz o leitor a atmosferas sobrenaturais.

Comentar as *Comedias Bárbaras* implica tanto a elaboração de uma sinopse detalhada de cada enredo quanto reprodução alguns diálogos, dada a instigante verve de Valle-Inclán na fabulação das conversas de seus personagens.

Em *Cara de Plata*, a primeira peça da trilogia, publicada em 1909, don Juan Manuel (El Caballero) é um protagonista tão atuante quanto seu filho Cara de Plata (don Miguel Montenegro). O enredo gira, também, em torno de Sabelita (a moça cobiçada por ambos) e do truculento abade.

Em Viana del Prior, “ressoa nos átrios, em pedras canoras, o romance das rapinas feudais e bandeiras de grêmios rebeldes contra condes e mitrados”. Don Juan Manuel Montenegro, o *Mayorazgo*, vencedor de um pleito com os *alcaldes*, fechou a passagem dos “chalanés” (negociantes de gado), que desejavam

atravessar Lantañón com as reses, a caminho da Feira de Viana. Don Miguel Montenegro, o *Cara de Plata*, cumpre a ordem de seu pai, de cerrar o passo dos tropeiros. Deixa passar apenas as *mujerucas*, entre as quais Sabelita.

Alto, cabelo de ouro, olhos de alegre verde, nariz de águia imperial, Cara de Plata flerta com Sabelita. Pergunta-lhe: *¿Cuándo vuelves allá?* E declara, “donjuanescamente”: *Esta noche te deshago la cama*. Ela retruca: *No seas pirata*.

El Caballero, o “viejo hidalgo”, patriarca dos Montenegros, teme que os irmãos pervertam Cara de Plata com seus maus exemplos. Abomina os filhos, que reputa ladrões e déspotas.

Cara de Plata, o filho obediente, barra a passagem do abade de San Clemente. O religioso, que irá dar um viático a uma alma moribunda, se resente de que sua *tonsura* (sua autoridade eclesiástica) foi ultrajada.



A tropa de boiadeiros quer que o abade lidere uma revolta contra os Montenegros. Doña Jeromita, irmã do abade, visita o *Mayorazgo* para retirar sua sobrinha Sabelita da casa de seu padrinho. El Caballero não se opôs a que Sabelita seguisse com doña Jeromita, na certeza de que a afilhada regressaria.

Cara de Plata e seus irmãos cavaleiros, criadores de gado, entram pela *quinta* com varas, golpeiam a porta e pedem vinho ao *mesonero*. O abade joga baralho com eles e ganha no jogo. Don Mauro não aceita; alega que o sacerdote fez trapaça e dispara a pistola. A bala passa raspando no rosto de Cara de Plata. Essas atitudes mostram a decadência moral dos Montenegros, que se faziam abomináveis.

O abade promete por cinza na cara da casta soberba. Doña Jeromita os maldiz: *¡Almas negras! ¡Pedernales!* O sacristán concorda: *¡Lobos fieros!*

O abade, armado de trabuco, desconfia das intenções de *Cara de Plata*, que o visita para trazer-lhe os 30 dinheiros ganhos no jogo. O abade recusa as moedas. Doña Jeromita afugenta

Cara de Plata, tratando-o de Satanás. Cara de Plata lança a bolsa ao janelão. O abade a devolve, jogando-a de volta ao caminho.

Pela Casa Paroquial, passeia o abade, armado de trabuco. Doña Jeromita insiste para que ele vá buscar a bolsa, antes que a leve o primeiro que passe. Trata-o de orgulhoso e quer buscar a bolsa. Ele ameaça dobrá-la de um *trabucazo*.

Na névoa lunar do caminho, o louco Fuso Negro tropeça com a bolsa e escapa com ela. O abade dispara o trabuco. Ladridos distantes...

Em San Martino de Freyres (aldeia fictícia na Galícia feudal), Cara de Plata encontra-se com Sabelita. Diz-lhe galanteios, que não a comovem. Quando o rapaz se retira, chega Fuso Negro para perturbar a moça. Ela se assusta e grita por socorro. Aparece de súbito El Caballero e a leva desmaiada em seu corcel.

Cara de Plata bebe vários copos de aguardente, insistindo com Pichona la Bisbisera para que beba com ele. Convida-a ao boliche e a correr mundo juntos. Pede que ela baile um fandango. Pergunta-lhe: *¿Es divertida tu vida, Pichona? Ela responde: ¡Correr caminos! Divertida conforme al pensamiento que cada uno lleve.*

O sacristão traz a notícia de que a sobrinha do abade foi levada pelo Caballero. O abade vocifera: *la mala oveja esta noche vuelve a su corte.*

Cara de Plata volta a procurar Pichona:

¡Abre Pichona!

- Estoy desnuda en la cama

- Trabajo adelantado.

Ele entra pela porta, dobrando-se.

Tu tienes una pena, diz-lhe Pichona, lendo as cartas. Adivinha os maus augúrios de um galã enamorado. Ele sabe que seu pai é o seu rival.

Na casa do *Mayorazgo*, Sabelita pede: *Padrino, vuélvame a San Clemente*. Ele a dispensa, mas ela diz que não pode. Ele sentencia, convicto: *me perteneces*. Ela contesta: *Padrino, no me pierda. Ele: Soy Satanás e te pierdo.*

O abade chega: *Rei Faraón, vengo por mi oveja*. O Caballero alega que trouxe sua afilhada para que acompanhasse suas solidades. Mas a deixa livre. Ela, contudo, confessa que tem os pés atados e está *dañada del malo*. E pede ao padrinho que ordene que ela fique, se é sua sorte perder-se. O Caballero impreca: *Cai-ga el pecado sobre mi conciencia. ¡Quédate!*

O *tonsurado* sai, maldizendo o Montenegro, esbofeteando a própria cara e rezando para Satanás. Num diálogo surrealista, ordena ao sacristão que morra: *A Satanás te encomiendas*. Quando o abade invoca o Rei do Inferno, aparece Fuso Negro: *Presente, mi Capitán* (tendo na mão uma bolsa de moedas).

Fuso Negro torna-se *La Voz de la Chiminea*, pedindo a Pichona que expulse de sua cama o homem que a acompanha. *¡Echa de la cama a ese puto!* Ela responde: *es un rey*. Cara de Plata acusa: *perico, esa bolsa no es tuya*. *La Voz de la Chiminea* pensa que Pichona está na companhia do abade: *Señor abad, no haga más las coscas a esa cabra negra. ¡Vistase los hábitos!*

Armado de um machado, Cara de Plata se lança na noite estrelada, para castigar seu pai, o ladrão do virgo de la sobrina del abad.

No átrio do Pazo de Limoneros, Cara de Plata aparece: *Padre, vengo a matarle. Isabel es mía. O Caballero filosofa: Rapaz, a tus años sobran amores. Si una mujer no te quiso, hay cien que están esperándote. Y padre no hay más que uno*. Ato seguido, o abade passa com o féretro do sacristão e o Caballero confessa seus pecados: *Soy el peor de los hombres. Satanás ha sido siempre mi patrono*. Cara de Plata arremata: *¡Donde está el rayo que a todos nos abraze!* E sai galopando pelo arco.

A ação de Águila de blasón, segunda peça da trilogia *Come-dias Bárbaras*, é protagonizada pelo Caballero, seus filhos, doña María e Sabelita.

Don Juan Manuel, el Caballero, sofre em sua mansão um assalto de sete ladrões de rostos tismados, um dos quais mascarado. Eles o constroem a entregar-lhes o dinheiro. Ele pede socorro, grita que há fogo e foge. Os ladrões também correm, acossados pelas vozes dos vizinhos.

Sentado no chão, don Galán, o bufón, diz que se murmura que um dos assaltantes era um filho de seu amo. O Caballero

está convicto de que não se devia deixar vivo esse filho de Édipo. Depois de haver perpetrado a agressão na casa de seu pai, Don Pedrito, o filho rebelde, foi exigir de Liberata, a mulher do molinero, que pagasse pelo uso do moinho. Lançou os cachorros contra a velha, derrubou-a e a possuiu. O Caballero empresta a escopeta ao molinero para que mate o faccioso don Pedrito, que lançou os cachorros contra Liberata.

Sabelita, a criada amasiada com o patrão, abandona a casa, com ciúmes da velha Liberata, mulher do molinero Pedro Rey.

O Caballero comenta a atitude do seu sétimo avô, Marqués de Bradomín, que teve um pleito com os frades dominicanos, armou seus criados, saqueou o convento, matou sete frades, e cravou-lhes as cabeças sobre a porta de sua casa. Assim mesmo, ele próprio resolvera 32 pleitos que tinha.

Colérico, triste e sarcástico, don Juan Manuel lamenta a partida de Sabelita e a tristeza da velhice.

Doña María, a mulher de don Juan Manuel, ao saber que Sabelita abandonou a casa, volta ao lar, deplorando as dores que sofreu, causadas pela pecadora que ela acolhera em casa como uma filha.

Sabelita adentra a noite, sem rumo, exposta à chuva e aos bêbados das tabernas. Depara com uma família que lhe pede para batizar uma criança antes do nascimento, porque a grávida foi vítima de feitiço. Ela cumpre o ritual e parte incontinenti na noite dos perigos.

Cara de Plata visita doña María para se despedir. Vai lutar pelos carlistas na guerra pela qual pretendem fazer de Carlos Maria de Borbón y Áustria (1844-1909) rei de Espanha, com o título de Carlos VII.

Doña María vai com o menino Jesus tentar salvar Sabelita do demônio que a arrastará para as águas do rio. Ela estremece ao ver uma árvore, de dez sinos na ramagem, que se transformam em 12 corvos que sobrevoam, grasnando. O Menino Jesus a recrimina, porque ela desamparou Sabelita, a pecadora arrependida, cujas penas eram más que las estrellas del cielo.

Don Farruquiño, filho desordeiro de don Juan Manuel, vai roubar um esqueleto no cemitério da Orden Tercera, para

vendê-lo ao Seminário, para a aula de História Natural. Depois de recolher o cadáver, Farruquiño o ferve para que se despegue a pele, enquanto Cara de Plata e La Pichona vão para a cama, desfrutar dos prazeres do amor.

Instalada na casa do Caballero, Liberata empenha-se para ser a nova ama, tentando quebrar o feitiço de Sabelita.

Don Galán vai resgatar Sabelita nas brenhas milenares de uma colina druídica. Ela está transtornada, não quer ser vista por ninguém. Atira-se ao rio para morrer e é salva por um barqueiro.

Doña María volta com Sabelita à casa e exige que o Caballero se retire. Este abandona o lar, exclamando que doña María é uma santa “de alma grande e loca”. Leva consigo Liberata e o bufón, don Galán, pela noite escura de vento e nevada.

Romance de lobos, terceira peça da trilogia, é a história da conversão e da loucura de don Juan Manuel. Irritado com o seu cavalo, que se encabrita, o Caballero blasfema, rogando que um raio o parta e o confunda. De súbito, vê-se envolto numa atmosfera sobrenatural, rodeado por uma procissão de almas penadas e demônios. As bruxas o carregam pelos ares e ele sente o escalafrio da morte. Na outra margem vai um enterro. As bruxas fogem, transformadas em morcegos. O cavalo relincha. Ouvem-se gritos na noite. O vento se retorce no oco das janelas. Risadas dos trasgos ressoam no vento. O Caballero pega da escopeta. Um marinheiro traz uma carta, dando conta de que doña María caiu muito enferma.

Os filhos expulsaram Sabelita da cabeceira da difunta e repartiram entre si os utensílios da casa, depois da morte de doña María. Sentem falta dos talheres de prata e se acusam de ladrões. Don Pedrito e don Rosendo se agarram. O capelão chega à porta e os repreende: ¡Aún está caliente el cuerpo de vuestra madre y ya peleais como Caínes! Eles o ameaçam como cinco lobos.

Quando reconhece que fez de sua esposa uma mártir, o Caballero é abatido por um sentimento de culpa e um desejo alucinado de redenção. Confessa que tem filhos em várias aldeias. Decide ir a pé, de noite, as quase quatro léguas (três horas de caminho) até Flávia Longa, para assistir ao enterro de sua mulher. (Ia de barco, mas desistiu, à última hora. Soube, depois, que

o barco naufragou e morreram todos os tripulantes). Pelo caminho, encontrou-se com uma hoste de mendigos que, chorando, exclamavam: era doña María la madre de los pobres.

Depois do funeral de sua mãe, Farruquiño e Pedrito vão furtar o tesouro da capela deserta e se desentendem. Agredido pelo irmão, don Pedrito parte e, no caminho, encontra-se com o pai, que lhe dá com o bastão, declarando: ¡A un hijo tan bandido se le abre a cabeza, se le mata, se le entierra! Don Pedrito, trêmulo, com os olhos ardentes, investe contra o pai. Os mendigos o advertem de que um filho não pode atacar quem lhe deu a vida. Pedrito atira para longe de si o bordão que havia tomado do leproso. Detrás do pobre está a sombra de doña María.

Don Juan Manuel chega com os mendigos. Seus filhos, don Mauro, don Rosendo e don Gonzalito, que estão na mansão, bebendo vinho e comendo migas, saem, imediatamente, da cozinha e fogem a cavalo pelo portão do horto.

Os mendigos se frustraram porque pensavam que comeriam na casa do hidalgo. O Pobre de San Lázaro filosofa: el mundo es una cárcel oscura por donde van las almas hasta que se hacen luz.

El Caballero quer levantar a lousa da sepultura de sua esposa. A capela está escura porque os “lobos” roubaram a lâmpada.

Aqui parece que Valle-Inclán parodia a atitude do rei Carlos II, el Hechizado, que fez abrir o sepulcro de sua mulher, María Luisa de Orleans, para dar-lhe um último abraço.

No escuro, o capelão surpreende don Farruquiño, que ficara preso no presbitério, e o acusa de sacrílego. Ele alega que ali se encontra para impedir o latrocínio dos irmãos.

O Caballero diz a Farruquiño que não tardará a morrer. E, se tardasse, aos filhos lhes faltaria paciência para esperar. Quando abre a lousa, emociona-se tanto, que quer morrer também. Pede confissão para ter a absolvição dos pecados, pois sente que não tardará a entrar na mesma sepultura de sua mulher. Diz que seu único pecado foi ter sido um verdugo daquela santa.

Don Juan Manuel mandou dar uma carga de milho a cada viúva dos naufragos do barco e se isolou na alcova, ameaçando com a escopeta quem de lá se aproximasse. Decidido a deixar-se

morrer de fome, é açoitado pelos que tentam ajudá-lo e ele sai de casa, maldizendo os “lobos, hienas e escorpiões” que não o deixam morrer em paz. Pergunta por que daquele ventre de mulher santa saíram demônios.

Na praia escura, depara com mendigos que procuram os tesouros do barco naufragado. Pede a Fuso Negro que lhe corte a cabeça e a leve a seus filhos demônios.

Uma mulher viúva queixa-se da falta de amparo e da fome de seus filhos. O Caballero promete que cavará a cova para o marido da viúva, ainda que tenha de pedir esmola diante da própria casa. Regressa a casa e depara os criados em debandada. Bate à porta. Não abrem. Manda que os mendigos incendeiem o casarão. Os filhos aparecem, furiosos e ameaçadores. A clamorosa hoste penetra, seguindo o Caballero, que os nomeia seus verdadeiros filhos, em vez daqueles filhos de Satanás. Quer repartir os bens com os mendigos e despojar os herdeiros. Don Mauro expulsa os pobres. O pai o esbofeteia. O filho dá com o punho na frente do velho Vinculero (latifundiário), que cai com rosto contra o chão. A hoste de servos ergue-se e se abalança contra os mancebos. O Pobre de San Lázaro exclama: ¡Era nuestro padre! A voz dos filhos: ¡Malditos estamos y metidos en un pleito para veinte años!

Precursoras dos *esperpento*, que surge em 1920, com *Luces de Bohemia*, tendo como cenário a realidade social de Madrid, as *Comedias Bárbaras* são um retrato dramático de um mundo provinciano, arcaico, violento e em decomposição, que foi criticado pelos eminentes pensadores espanhóis da época. Joaquín Costa propunha escuela e despesa como programa regenerador. Unamuno sugeriu a regeneração ética da consciência nacional. Ortega y Gasset defendeu o implemento de um projeto nacional, sob a liderança de uma elite responsável. Azorín pugnou pela renovação cultural e social das instituições.

PLAZA DE CANALEJAS

Torno a percorrer a calle de las Huertas, a dos versos gravados nas letras douradas da calçada. Torno a avistar a alta parede do Convento de las Trinitarias Descalzas, onde uma placa informa que a filha de Lope de Vega, Sor Marcela de San Félix, poetisa e dramaturga, ali se recolheu à vida religiosa, de 1622 a 1688.

Na esquina da calle del León, deparo com a Real Academia de la Historia, que tem na fachada um relevo representando a grelha de São Lourenço, significando que ali se localizava a casa de oração da comunidade de El Escorial.

Na calle del Príncipe, revejo a plaza de Santa Ana, o venerável edifício do Teatro Español, com as efígies dos dramaturgos imortais e, alguns metros adiante, o Teatro de la Comedia, com cartazes de propaganda de clássicos imperdíveis.



Chego, por fim, à plaza de Canalejas, cujos pomposos edificios marcam o espaço de confluência entre a calle del Príncipe, a carrera de San Jerónimo, a calle de Sevilla e a calle de la Cruz. Nessas ruas, os veículos automotores alastram-se aos quatros ventos, como as pétalas de uma flor ou como as hélices de um catavento.

Não há um assento para o viandante na praça das pulsantes galerias de lojas, restaurantes, hotéis e cafés. Nas tabernas, entretanto, os vive-dores engordam com um cardápio composto de tapas, tortillas, bocadillos de *jamón*, queso, vino y cerveza. O espanhol é um boêmio inato. Dizia Antonio Machado: al estilo de España especialista en el vicio al



alcance de la mano. Na dinâmica vital da plaza de Canalejas, falam incessantemente os ociosos comensais nas calçadas, que se chamam “terrazas”.

Na estampa magistral da Galeria Canalejas, onde há lojas sofisticadas, vê-se a efigie do Primeiro-Ministro José Canalejas, com bigodes fartos e óculos. Foi diante de uma livraria, na Puerta del Sol, que os anarquistas o mataram.

Na esquina da Carrera de San Jerónimo, avistam-se as Cortes, na trajetória castiça, rumo ao mais profundo de Madrid.

A tarde se alonga nas sombras da quase noite, mas ainda há luz para uma foto da vitrine da loja Canalejas, onde eu comprava as melhores camisas da Espanha, no tempo das vacas gordas. Hoje só se for com 50% de desconto.

Estoy en la plaza de Canalejas. ¿Dónde iré en la penumbra de la noche futura? Miro los ventanales de la Real Academia de Bellas Artes de San Fernando. Cuesta abajo voy, peregrino y penitente.

Camino hasta agotar la perspectiva del sueño. Cojo un taxi que atraviesa los comercios iluminados.

Oro delicado del firmamento. Luz peregrina de la tarde. Caminar es un devaneo, como extraviarse con las cosas. Giran los coches.

Logro divertirme con repetir todos los días los mismos caminos.

Convém recordar aqui os desdobramentos políticos e sociais que resultaram, em 1912, no assassinato de José Canalejas, líder do Partido Liberal, Presidente do Conselho de Ministros, durante o reinado de Alfonso XIII.

Desde que a regente Maria Cristina foi forçada, pelos progressistas, a abandonar a Espanha, em 1840, consolidou-se um tempo de gerais e revoluções. Os generais Espartero e Narváez repartiram os caprichos de mando, até 1843, durante a menoridade de Isabel II. O general O'Donnell e seu partido Unión Liberal tentavam reconciliar das facções, mediante um patriotismo à maneira de Napoleão III. Na guerra da África, o general Prim protagonizou a figura de herói.

O reinado de Isabel II coincide com o que se considera o esplendor do Romantismo na Espanha. José de Espronceda bri-

lhou, com o tema teológico de *El diablo mundo* (Adão submetido ao enigma da vida) e com o existencialismo de *El estudiante de Salamanca*, em que o desafortunado de Félix de Montemar paga caro por sua depravação; Gustavo Adolfo Bécquer destacou-se com *Rimas* e *Leyendas*, extravasando lirismo e melancolia; Mariano José de Larra publicou artigos “costumbristas” em vários jornais e, sobretudo, escreveu a novela *El doncel de Don Enrique el Doliente* (1834), que narra o amor obsessivo de Macías, caballero da corte de Enrique III (século XIV) por Elvira, cujo marido o transforma num mártir do amor; José de Zorrilla, dramaturgo, escreveu *Don Juan Tenorio* e *El zapatero y el rey*; Rosalia de Castro, poeta e novelista galega, produziu *Cantares gallegos* e *Follas novas*.

Isabel II reinou até 1868, quando foi destronada pela “Revolución Gloriosa”, numa escaramuça dos generais Prim e Serrano, que se chamou batalha de Alcolea.

Para governar a Espanha, Serrano e Prim chamaram o duque de Aosta, Amadeo de Saboya. Escandalizado pelo assassinato de Prim, em dezembro de 1870, Amadeo renunciou à coroa.

A Primeira República foi proclamada em 1873 e terminou no ano seguinte, com o “pronunciamiento” do general Martínez Campos, que guerreou contra os carlistas e forçou o regresso da monarquia Bourbon, na pessoa de Alfonso XII. Nesse interregno chamado “Restauración” alternavam os partidos Liberal, sob a liderança de Sagasta, e Conservador, comandado por Cánovas del Castillo.

No período de 1898 a 1899, ocorre o que se chamou de “desastre nacional”: a perda dos territórios ultramarinos. Cánovas, líder do Partido Conservador, durante o reinado de Alfonso XII, foi assassinado em 8 de agosto de 1897, no balneário guipuzcoano de Santa Ágreda. A dinastia Bourbon foi ficando mais à mercê dos nacionalismos e regionalismos.

Durante o reinado de Alfonso XIII, iniciado em 1902, cresceram o catalanismo de Lerroux e o caciquismo, contra o qual protestaram Joaquín Costa, Pío Baroja e Antonio Machado.

De 1909 a 1914, ocorrem episódios de violenta dramaticidade. A Semana Trágica de Barcelona, em 1912, foi reprimida com o fuzilamento de Francisco Ferrer Guardia. Em represália,

um anarquista assassinou Canalejas diante da vitrine da Livraria San Martín, na Puerta del Sol. Nove anos depois, pistoleiros anarquistas assassinaram o Presidente do Conselho, Eduardo Dato. A Segunda República foi proclamada em 1931.

Recordo-me do dia em que encontrei o número 6 da Puerta del Sol, na esquina com a calle de Carretas, depois do edifício da Presidencia de la Comunidad. Ninguém já se lembra do fatídico 12 de novembro de 1912, em que mataram Canalejas. Vi, no local onde havia a Livraria San Martín, uma loja de souvenirs.

Restam, como testemunhas dos fatos históricos, os edifícios elegantes da Puerta del Sol, entre os quais o da Presidência da “Comunidad de Madrid”. Carlos III, cuja estátua se vê ao lado, inaugurou em 1768, esse emblemático edifício. Funcionaram ali a Real Casa de Correos e a sede do Ministério de la Gobernación.

EL ATENEO, LA DOCTA CASA

Recorri à memória de Maria Victoria Caro Bernal, diretora do Ateneo, para recordar que foi na Sala Nueva Estafeta, que agora se chama Sala Ramón y Cajal, onde realizamos os eventos poéticos no tempo em que morei em Madrid: dois recitais de poesia e o lançamento do livro *Dias Insólitos*, em 2012, com a presença do poeta peruano Eduardo rada e da própria Victoria Caro Bernal, diretora daquela Casa do Saber. Tornou-se Victoria uma amiga imprescindível, que me confiou a honrosa tarefa de prefaciá-lo seu livro *Tierra Amada, Espíritu de perfección*.

Recordo-me também, de que participei, no Ateneo, representando a Embaixada do Brasil, da palestra do Antônio Carlos Secchin, sobre a poesia de João Cabral de Melo Neto.

O Ateneo Científico e Literário de Madrid foi fundado em 1835, no período da regência de María Cristina. Portanto, depois do absolutismo de Fernando VII. A iniciativa da sua criação coube a um grupo de escritores formado por Ángel de Saavedra (Duque de Rivas, autor de *Don Alvaro o la fuerza del sino*, tragédia do mais absurdo pessimismo), que foi o primeiro presidente da instituição, Alcalá Galiano, Mesonero Romanos e Martínez de la Rosa, que foi o segundo presidente do Ateneo, depois de haver sido presidente do Conselho de Ministros.

O Ateneo teve vários endereços, o primeiro dos quais, na calle Montera, 32, onde hoje existe o Hotel Ateneo. Foi instalado na sede atual, na calle del Prado, número 21, sob a presidência de Cánovas del Castillo, no reinado de Alfonso XII. Cánovas, além de presidente do Conselho de Ministros e dirigente máximo do Partido Conservador, foi o autor da novela histórica *La campana de Huesca*. *Crónica del siglo XII* (1852). Escreveu também ensaios sobre a História da Espanha.



No alto da encantadora fachada do Ateneo, diviso os bustos de Alfonso X, Cervantes e Velázquez, sobre a porta em arco.

Subi as escadas e o porteiro me informou que o Café do Ateneo estava em reforma. Portanto, eu só poderia adentrar o recinto se fosse para assistir a alguma conferência, mediante prévia inscrição, através do site da instituição. De fato, havia, ao pé da escada um aviso: “Solo socios”.

Apreciei, porém, de cada lado da parede, na escadaria da entrada, duas belas esculturas alegóricas de bronze: Adán después del pecado (cabisbaixo, o primeiro Homo Sapiens segura o rosto, como um vencido) e La Victoria, uma espécie de Minerva, que tem nas mãos um globo e uma espada quebrada.

Gostaria de ter revisitado a Galería de Retratos, pintados por Madrazo, Sorolla, Casado del Alisal e Fortuny, a mítica sala da Chacarrería e o Salón de Actos.

Ao longo da história do Ateneo, entre os presidentes mais notáveis da instituição, contam-se Manuel Azaña, Valle-Inclán, Fernando de los Ríos, Gregorio Marañón e Miguel de Unamuno. Em 1905, a primeira mulher a ser admitida como sócia foi Emilia Pardo Bazán, a autora de *Los pazos de Ulloa*, novela que mostra a sociedade galega rural.

O polígrafo e filólogo Marcelino Menéndez y Pelayo, autor de *Historia de las ideas estéticas* e *Historia de los heterodoxos españoles*, foi presidente da Sección de Literatura do Ateneo. Fez ali várias palestras em 1896. Há, no Ateneo, um retrato de Menéndez y Pelayo, pintado por Rafael Hidalgo Gutiérrez de Caviedes, e 114 livros seus, doados à Biblioteca.

Em outubro de 1909, Ortega y Gasset fez, na famosa sala de la Cacharrería, a palestra *Los problemas nacionales y la juventud*, abordando o papel da juventude na construção de uma nova Espanha. Propôs a razão vital e a ação para superar a crise de identidade e a decadência política daquela Espanha do início do século XX. Estava implícita nessa ideia o axioma “Yo soy yo y

mi circunstancia”, em que Ortega pressupõe o ser humano como uma tarefa inconclusa, relacionada com elementos dinâmicos e interdependentes. Disse ele, em *La rebelión de las masas*, que a massa conformista influi na elaboração das estruturas do Estado e dos partidos, provocando a decadência das sociedades e engendrando os totalitarismos.

Ortega y Gasset fundou a *Sesión de Filosofía* do Ateneo, em 1913, para interpretar e criticar aquela Espanha destroçada pela Primeira Guerra Mundial, com os liberais e os conservadores em pugna; uma sociedade em que a interação das massas na política e a invertebração obstacularizavam a solidariedade. Seu primeiro livro, *Meditaciones del Quijote* (1914), reflete sobre a dificuldade da Espanha em funcionar como Estado.

Em sua *España Invertebrada*, escrita em 1921, Ortega y Gasset instou a classe intelectual a influir na tarefa de articulação unitária do organismo nacional, com propósito de reverter a tendência desagregadora e individualista, que provocaria a atomização da Espanha.

Em 1915, Galdós escreveu um texto para o programa de conferências no Ateneo, intitulado *Guía Espiritual de España*, documento literário, pelo qual louvou o casarão vetusto: um altar de ensueños, uma *Universidad libre* e uma grandiosa basílica del saber moderno, cuja magnificência aquitetônica tem todas as galas de primores del arte suntuario.

Unamuno esteve no Ateneo, por primeira vez, em 1889, quando a instituição funcionava na calle Montera, 22. Aluno da Faculdade de Filosofia e Letras, da Universidade Central, na calle de San Bernardo, Unamuno morava numa pensão, localizada no edifício Astraena, na calle Fuencarral, 2. Vivia, já naquele tempo, a disjuntiva entre razão e fé, que o acompanhou toda a vida.

Em 1914, já reitor em Salamanca, Unamuno fez no Ateneo a leitura de *El Cristo de Velázquez*, expressando a concepção agônica do mundo e a humana sede de imortalidade. Na ocasião, estiveram presentes Antonio e Manuel Machado. Imagino o famoso reitor de Salamanca recitando com devota entonação: *La Luz que te rodea es el espíritu/ que fluye de tu Padre, el Sol eterno*.

Presidente da instituição, de 1933 a 1934, Unamuno dizia que o Ateneo era uma antesala do Parlamento, onde os futuros

deputados se adestravam no uso da palavra. De fato, passaram pela instituição nada menos que 16 presidentes do Governo.

Unamuno, professor de grego, poeta trágico, teólogo liberal, messiânico, providencialista e apocalíptico, envolveu-se na defesa da liberdade de expressão e foi desterrado pelo general Primo de Rivera. Aquele ditador de turno, que perpetrou um Golpe de Estado em 13 de setembro de 1923, forçou o Ateneo a suspender suas atividades de 1923 a 1930. O Ateneo funcionou, minimamente, durante a Guerra Civil e a ditadura franquista.

Em 1946, depois da Segunda Guerra Mundial, ao regressar à Espanha, depois de 10 anos de exílio, Ortega y Gasset apresentou, no Ateneo, a palestra “Idea de Teatro”, uma reflexão sobre a natureza do teatro como lugar onde a realidade e a irre realidade se encontram, na confluência do público com os atores. Li o texto da conferência, publicada em livro. As reflexões de Ortega dão conta de que o público precisa deixar-se levar pela farsa feita pelos atores, porque está sempre carente de um descanso de estar na realidade, naufrago dela.

À guisa de ilustração, explano a respeito dos fundadores do Ateneo. O primeiro presidente, Ángel de Saavedra (Duque de Rivas), cordobês, herói das guerras contra Napoleão, senador liberal em 1837, secretário do embaixador Juan Valera em Nápoles, presidente da Real Academia de la Lengua e da Real Academia de San Fernando, eminente autor de uma obra, de 1835, precursora da filosofia existencialista: *Don Álvaro o la fuerza del sino*, drama extraordinário. Don Álvaro é um homem fadado à desgraça. Leonor é uma mulher nascida para o sofrimento. O pai de Leonor, Marquês de Calatrava, é o causador daquela tragédia absoluta, em que os protagonistas buscam a morte sem outra alternativa. Apesar do sobrenome, não consta que Ángel de Saavedra seja um descendente de Miguel de Cervantes Saavedra.

Francisco Martínez de la Rosa foi também, a exemplo de Rivas, um importante autor do teatro romântico espanhol. Sua obra mais conhecida é *La conjuración de Venecia* (1834), drama histórico ambientado na Veneza do século XVII. Martínez de la Rosa escreveu, também, *Los celos infundados* (1833), comédia que protagoniza um marido ciumento, cuja suspeita da infidelidade da esposa, submete-se a situações ridículas, como escon-

der-se dentro de uma chaminé, e *La viuda de Padilla* (1814), a respeito dos comuneros que rejeitaram Carlos V.

Quanto a Alcalá Galiano, a quem Saavedra dedicou o seu *Don Álvaro*, seu livro mais importante é *Recuerdos de un anciano* (1864), obra memorialística, na qual se relatam os grandes acontecimentos políticos da Espanha do século XIX.

Mesonero Romanos, por sua vez, é um “costumbrista”, ao converter o memorialismo em crônica sentimental da vida espanhola. A obra mais representativa de Mesonero Romanos é *Memorias de un setentón, natural y vecino de Madrid* (1882), que reconstitui a vida madrilenha, do final do século XVIII a uma parte do século XIX. Nessa mesma linha, Mesonero fez também *Escenas matritenses* (1842) e *El antiguo Madrid* (1861).

O PALÁCIO REAL

No dia 30 de novembro de 2023, encontrei-me com Antonio Machado Sáenz, no formidável El Retiro, o bosque madrilenho onde escrevi tantos poemas. Passeamos, enquanto o zéforo de mansa vibração nos refrescava os rostos. Eu ia mostrando ao poeta o verde esmalte translúcido da ramagem. As nervuras cintilantes filtrando perfumes telúricos. Pequenas flores, como delicados prodígios estelares.

O céu multiplicava uma perplexidade nebulosa. A energia aérea exalava fulgores na brisa e nas folhas:

Don Antonio é Virgílio.

O Retiro é o Paraíso.

Só falta eu ser Dante.

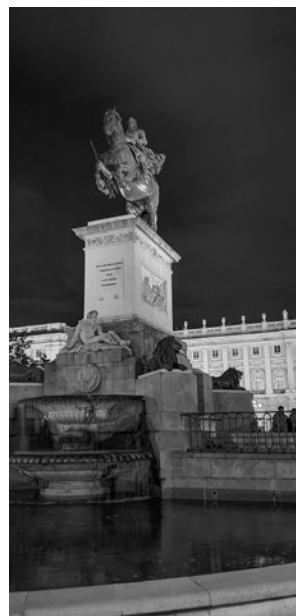
Sáimos, pela calle de Alfonso XI, por detrás do Palacio de Comunicaciones, hoje sede do Ayuntamiento. Cruzamos a calle de Montalbán, descemos a calle de Antonio Maura. Contemplamos o frontispício de acrópole do Palacio de la Bolsa de Madrid. O Prado, Neptuno e o Museo Thyssen-Bornemisza completam o encanto da quadra memorável.

Vamos contando as grandezas contempladas, até chegarmos à plaza de las Cortes, diante da estátua de Cervantes, que tem nas mãos os manuscritos e a espada. Os leões alegóricos, com suas patas sobre bolas, decorando o Palacio del Congreso de los Diputados, o Café Hontanares, junto à plaza de Canalejas, o Cassino pomposo e o palácio barroco da Real Academia de San Fernando, construído em 1775.

Cruzamos a Puerta del Sol e lemos a placa, na esquina da calle del Carmen, informando que Jorge Luis Borges esteve hospedado ali em 1920.

Já diante do Palácio Real, divisamos a estátua de Felipe IV, em seu corcel, de patas dianteiras levantadas, sobre a fonte que celebra a glória das Artes. A estátua, obra de Pietro Tacca, imita o modelo pintado por Velázquez. Antonio Machado me recorda de que a imagem do cavalo em corveta é considerada uma concepção barroca e que Felipe IV teve por valido Gaspar de Guzmán, o conde-duque Olivares, que administrou o império durante mais de 20 anos.

Os pardais e as nuvens parecem celebrar conosco a porticada monumentalidade do Palácio Real. A arborizada praça, do lado direito da perspectiva, tem sido um refúgio meu, nas caminhadas em Madrid. A formosura desse espaço único mostra o vale do Manzanares e o horizonte, além da serra.



A fachada do fabuloso Palácio Real, de 130 metros de comprimento, é um prodígio dos arquitetos Giambattista Sachetti, Francesco Sabatini e Ventura Rodriguez, que a estruturaram com granito, mármore, pedra caliza, pilastras toscanas, colunas jônicas e várias estátuas.

O Palacio Real, construído por Felipe V, sobre o antigo alcázar sarraceno, foi danificado por um incêndio em 1734. A causa do sinistro foi atribuída a uma vela acesa, no quarto do pintor francês Jules Ranc. O novo palácio emergiu das cinzas, tendo a marca de seus arquitetos.

Depois da morte de Fernando VI, Carlos III herdou o trono em 1759 e o siciliano Sabatini se ocupou de continuar as obras do Palácio Real.

Desde a espetacular plaza de la Armería, adentramos o pátio central, cujas galerias fazem lembrar Versailles. Lindos

afrescos, móveis e cristais se descortinam perante os nossos olhos. Admiramos o teto do brilhante Salón de Alabarderos, onde Giambattista Tiepolo pintou, em 1762, a Apoteose de Enéias, em homenagem a Carlos III e sua mãe, Isabel de Farnésio: Vênus encomendando a Vulcano as armas de Enéias.

O Salón de Colunas ostenta a escultura intitulada Carlos V y el Furor, cópia do original de Leone Leoni, do século XVI, plasmada por Ferdinando Babedienne em 1874. Carlos V segura uma lança e pisa um demônio atado com correntes.

A Antecâmara de Carlos III, de magnífica decoração, estilo imperial, exhibe retratos do rei Carlos IV e da rainha Maria Luisa, pintados por Goya, de 1795 a 1800.

Na Cámara de Carlos III ou Salón Gasparini, onde o rei se vestia e recebia as visitas, cintilam as lâmpadas de um lustre gigantesco de 500 quilos. Decoram-no suntuosas poltronas, de luxuoso estilo Rococó, e paredes ostentam frisos de mármore e ouro; a mesa é ilustrada com desenhos de estilo etrusco e os espelhos são gigantescos. Os preciosíssimos relógios foram desenhados por Mattia Gasparini.

O Salón de Carlos III é o local onde, em 1788, morreu o famoso rei, que foi chamado “el mejor alcalde de Madrid”. Carlos III está retratado por Mariano Salvador Maella, vestido com o hábito da Ordem que ele criou para si (um elegante traje branco e azul). De espada na mão, esboça o sorriso maroto que se lhe vê nas poses de outros retratos. No teto, resplande um lustre, cujas lâmpadas têm o formato da flor de lis, emblema da Casa de Bourbon.

Na Saleta Amarilla, há tapetes da Real Fábrica de Santa Bárbara, que existiu outrora em Chamberí, bairro onde está situada a Embaixada do Brasil.

O Dormitório de Carlos III está decorado com inúmeros, luxuosos relógios de sua coleção.

Talvez por ser um inveterado gourman, o que Antonio, meu colega de passeios, mais apreciou foi o exuberante Comedor de Gala (salão de festas e bailes), que exhibe a mesa posta para celebrar banquetes de até 200 comensais.



Inaugurada no dia da boda de Alfonso XII com Maria Cristina de Habsburgo-Lorena em 1879, a alcova real resplandece bronzes, porcelanas, lustres e tapetes, cujos desenhos representam os amores de Vertumno e Pomona.

Reluzem, também ali, as coleções de pratarias (platerías) de Alfonso XIII, objetos suntuosos, utensílios, talheres, com desenhos sofisticadíssimos, jarros de cristal e uma bandeja belíssima com o escudo da Casa Real.

Adentramos a Capela Real do Palácio, que impressiona pelo esplendor da cúpula dourada e dos candelabros. A Capela Real, concluída em 1757, tem no altar o dossel, bordado por Antonio Gómez de los Ríos, com as armas de Carlos III, e o Arcanjo São Miguel, pintado por Ramon Bayeu. A luz que penetra pelas clarabóias inunda de claridade o ambiente.

Passamos pelo corredor, entre as salas, e vimos na parede as estátuas de Isabel e Fernando (os Reis Católicos). Isabel tem na mão as joias com que pagou a viagem de Colombo. Fernando segura os papéis das Capitulaciones e a espada.

Chamaram a atenção de Antonio os lustres e a coleção de violoncelos e violinos Stradivarius, fabricados pelo luthier italiano Antonio Stradivari (1644-1737) para os monarcas espanhóis. Também, a linda harpa, que pertenceu a Isabel II, um clavicórdio, um contrabaixo; tudo de incalculável valor.

Não sei dizer o que mais me impressionou, diante de tantos objetos preciosos, obras de arte irretocáveis e salões reluzentes.

Proseguimos no percurso. Adentramos a Antecâmara de María Cristina, decorada com tapetes cujos desenhos representam histórias da Guerra de Tróia.

A Sala de la Corona, onde há o trono de veludo vermelho de Carlos III, mostra também o documento firmado por Juan Carlos I, abdicando em favor do seu filho Felipe, em 16 de junho de 2014.

No balcão da escada principal, sobressai a estátua bufa de Carlos IV como César, obra de Ramón Barba, de 1817.

Na Antecâmara Oficial ou Pieza de Etiqueta de Carlos IV, vimos os retratos de Carlos III, pintado por Antón Rafael Mengs,

Alfonso XIII, por Alejandro Pardinés, e Vitória Eugénia, por Fernando Albis de Sotto Mayor.

Apreciamos, por fim, o Salón del Trono, onde Giambattista Tiepolo pintou a Alegoría de la Grandeza y el Poder de la Monarquía Española, bajo Carlos III, que representa as prerrogativas do Estado monárquico sobre a Igreja. Encontram-se nessa opulenta sala estátuas que foram resgatadas do antigo Alcázar dos Áustrias.

Tivemos ímpeto ainda para ver as Colecciones Reales, no anexo do edifício do palácio, situado ao lado da Catedral. Descemos as rampas, no zigue-zaque de um corredor sem janelas, até a primeira parte da coleção, referente aos Reyes Católicos e à dinastia dos Austrias.

O retrato de Isabel la Católica, pintado por Juan de Flan-dez, mostra a rainha com um casquete que lhe cobre a cabeça, o rosto gordinho e os olhos melancólicos. No peito, a cruz de Jerusalém, com a venera ou concha de Santiago.

Carlos V guerrero, de Pantoja de la Cruz, representa o imperador, posando para celebrar a vitória de Muhlburg em 1547. Leva o bastão de mando e o toisón de oro, simbolo da realeza.

As Colecciones Reales exibem também obras inspiradas em temas religiosos. Quatro quadros impecáveis exemplificam essa tendência: o Cristo crucificado de Ticiano, que é uma eclosão de luz no céu e na terra; a Salomé, cínica e perversa, de Caravaggio; San Francisco en la zarza, de Ribera, e Adoración del nombre de Jesús o Alegoría de la Santa Liga, do exímio Greco, no qual os três mundos dantescos estão representados: um céu de rostos em êxtase, um purgatório em que os padres abençoam os penitentes e o buraco da boca de um dragão, aonde entram os condenados. El Greco (Doménikos Theotokópoulos) realça sua marca de triunfante espiritualidade nas nuances de cores azuis e tons prateados. “Pálida luz de fósforo ligero”, disse o poeta Manuel José Quintana (autor da ode patriótica A España libre), a respeito das cores intensas com que o “louco e extravagante” cretense pintou suas figuras deformadas.

Vimos, ainda, a preciosa escultura do Cristo en la Cruz, de Gian Lorenzo Bernini: no bronze, que brilha à luz da lâmpada, o Crucificado tem um semblante sereno, como se dormisse.

Tínhamos o cérebro repleto de impressões esplêndidas. Fomos desfrutar do esperado almoço, no Restaurante Casa Lucio, na Cava Baja, que Antonio assegura ser um refeitório frequentado pela Família Real de Espanha.

Maria Jesús Velasco, a escritora, esposa de Antonio Machado, veio desfrutar, também, do repasto tradicional: “huevos fritos y revueltos con patatas e chuletilas de cordero”. Comer é um ritual sagrado para os espanhóis. Sob os influxos do elixir de Baco, a numerosa clientela faz da comida e da conversa um rito sacramental do prazer de viver.

A alegria ruidosa dos comensais fez-me recordar de El coro de los grillos que cantan a la luna , verso do Mestre Antonio Machado, ancestral do amigo poeta, que me acompanha em tantas peregrinações.

Os garçons oferecem-nos apostas na loteria, costume tradicional dos espanhóis, quando se aproximam as festas do Natal.

Conheci Antonio Machado Sanz no dia em que o Lêdo Ivo fez sua palestra na Residencia de Estudiantes, instituição que hospedava García Lorca e Juan Ramón Jiménez em Madrid. Lêdo vinha a Madrid cada três meses com o filho Gonçalo, artista plástico, e a nora Denise. Tinha, e ainda tem, bons editores em Madrid. Da vez derradeira, nós o esperamos e ele não pôde vir, porque se despediu do mundo em Sevilha.

Fomos, ato seguido, à Almudena, a Catedral de Madrid, tirar uma teima. Antonio dizia que a tumba de San Isidro estava na Catedral. Insisti na minha tese: o mausoléu do Santo Labrador está na sua Igreja, na calle de Toledo. Ganhei a aposta: na Almudena está apenas o sarcófago, uma arca de madeira de pinho, coberta de pergaminho com pinturas de estilo gótico.

Sáímos da Catedral, caminhamos pela calle del Arenal (onde vivi os dias iniciais de minha “carreira” madrilenha). Passamos em frente à Igreja de San Ginés, e li a epígrafe de bronze, que afirma estarem ali sepultados Lope de Vega, Quevedo e Tomás Luis de Vitoria. Na realidade, apenas o maestro Tomás Luis de Vitoria está enterrado na paróquia de San Ginés. Lope foi batizado ali e Quevedo casou-se no altar daquele legendário templo madrilenho. Meu amigo Machado declara que cantou, em dois corais, a famosa Ave Maria, do maestro Vitoria.

Numa noite de luminosa inspiração, há duas décadas, quando trabalhava na Embaixada em São Domingos e vinha de férias à Capital espanhola, escrevi o meu Paseo Triunfal:

Salgo al mundo y la poesía está en las calles, en la cara de los hombres y mujeres, y en la universidad de la plaza. Es un placer exquisito irme por la calle Mayor, por los barrios de castiza realeza, entre plazuelas y balcones de ala ancha. Entre hondas iglesias bordadas de tomillos. Es un placer exquisito irme hacia el Palacio Real. Noche de luna. Febrero. Sábado. Aras de muchedumbre. Los bares abiertos, iluminados. Voces dispersas.

Llego a la plazuela del Conde de Miranda, un sitio olvidado del tiempo. De repente, la iglesia de San Miguel, su fachada como una torre. Una escalera más y la calle de Segovia. Subo por la Travesía del Nuncio. Aparece la iglesia de San Pedro el Viejo, que fue lugar de la mezquita de la Morería. Subiendo más, encuentro la casa de San Isidro, la Real Iglesia de San Andrés, de primorosa cúpula. y la primitiva plaza de la Paja.

Bajando por la Cava Baja, discurre la gente por el filo de las aceras, entre coches y paredes. Pronto estoy en la calle de Toledo, delante de *la plaza Mayor*. Tengo fuerza para seguir caminando, las rodillas me están cada vez mejores. Avanzo como un peregrino. Calle de los Bordadores. Tabernas, restaurantes, cafés, balcones con sus rejas y ventanas. San Ginés como un rojizo bloque. Calle del Arenal, afición nocturna de caminar. El invierno ofrece una tregua a los que pasean.

Teatro Real. Luna perfecta en el cielo. Medianoche en Madrid. Suena la campana de la Encarnación. He llegado al huerto deseado. En su pedestal luminoso, el Palacio Real alza blancos mármoles, portento de lumbres. Siete Estrellas de la Osa Mayor en la pared de la noche. Mis barcos han tocado puerto. (11 de fevereiro de 2006).

JARDINES DE LA PLAZA DE ORIENTE

Vou aos jardines de la plaza de Oriente e revejo, desde logo, a estátua de Felipe IV, com o cetro na mão direita, montado no cavalo de patas alçadas. O Rey Pasmado parece sair do Palácio Real, garboso e cioso de suas prerrogativas, como reis já não há.

Os jardins, repletos de estátuas, fontes, árvores e pássaros, combinam com o prodígio arquitetônico da majestosa fachada do Palácio Real. A tarde clara de maio completa o encanto do ambiente harmonioso. Mesmo os passantes mais ruidosos parecem reduzir o tom das vozes, diante da beleza do palácio ajardinado.

Do parapeito gradeado, vislumbro os contrafortes verdes: Guadarrama como uma grande muralha que parece a fronteira de outro país. Entre o Palácio e as encostas da serra, imagino um tempo em que o Manzanares foi um mar e os cimos da serra foram praias. Escrevi, numa noite de enfeitada peregrinação, já não sei quando:

De quando tudo foi água
e as colinas, portos,
recordemo-nos, ó noite.

Podemos estudar a história da Espanha à luz das estátuas que se alçam nos jardins da plaza de Oriente: monarcas de Castela, Leão e Aragão, desde os visigodos, que reinaram desde 415, desde o pioneiro Ataulfo até Fernando I, que data do ano 1000.

Felipe IV preside, na estátua equestre, o espaço monumental, em frente ao Palácio Real, ponto inicial da caminhada que venho fazendo, sistematicamente, pelo Monasterio de la Encarnación à plaza de Callao, passando pela plaza de Ópera e pelo Monasterio de las Descalzas Reales.

MONASTERIO DE LA ENCARNACIÓN

Repousei, como de costume, à sombra da arborizada praça, na esquina dos Jardins da Plaza de Oriente, entre a calle de Pavía e o Palácio Real. Volto a experimentar momentos agradáveis nos bancos de madeira desse refúgio revigorante, olhando, ao longe, a Sierra del Guadarrama.



Localizado na esquina da calle de San Quentín com a calle de Pavía, o Real Monasterio de la Encarnación foi concebido pela esposa de Felipe III, a rainha Margarita de Austria, de forte personalidade, que se dedicou a desprestigiar o duque de Lerma. Margarita de Austria patrocinou o convento, que acolheu as “agustinas recoletas”, como ato de ação de graças pela expulsão dos mouriscos. O cenóbio foi inaugurado em 1616, cinco anos depois da morte da rainha. Guarda um relicário com o sangue de San Pantaleón, que se liquefaz todos os dias 26 de julho.

Ao lado dos velhos tijolos marrons e das portas de madeira denteladas do Monasterio, presto reverências à estátua de Lope de Vega. A postura de Lope, de longo balandrau e olhos postos num manuscrito, é a de um guardião templário. No pedestal, por trás da estátua, estão registrados os títulos de quatro peças de sua autoria: *La moza del cántaro*, *La dorotea*, *El castigo sin venganza* e *El mejor alcalde de Madrid*. Malgrado a fama de namorador, Lope de Vega devotou-se à religião, tendo recebido, em 1627, do papa Urbano VIII, o título de Doctor en Teología e o hábito da Orden de San Juan de Jerusalén.

Do Monasterio de la Encarnación, vou pela calle de Arrieta, em direção ao Teatro Real, que se me afigura como um compacto bloco, vazado de pequenas janelas, já na iminência da Plaza de Ópera.

PLAZA DE ÓPERA

Sinto sempre uma sensação de prazer estético ao contemplar a encantadora plaza de Ópera, que está marcada pela pequena estátua da rainha Isabel II e pelo Teatro Real. Isabel II, que os generais ajudaram a governar e depois destituíram, está de costas para o frontispício do Teatro. Traja um manto franjado. A coroa proporciona um inusitado charme à rainha que teve onze filhos, nenhum do seu marido.

O Teatro Real é um primor de edifício, com suas colunas clássicas, cinco portais, cartazes com o programa das obras melodramáticas e a graciosa cúpula de pequenas colunas. Sobremodo impressionante, a compacta edificação do Teatro Real de estilo neoclássico do século XIX. Sua cúpula escura, insólita evoca um féretro. Desde a sua inauguração, em 1850, com a ópera *La Favorita*, de Gaetano Donizeti, o Teatro Real não cessou de acolher em seus palcos os mais seletos melodramas.

Desço ao subterrâneo do metrô para rever o que restou da Fuente de los Caños del Peral, que embelezava a antiga Plazuela de los Caños del Peral. As pedras brancas, que se conservam no sótano da Estação Ópera, são fragmentos dos canais (viajes de agua) que existiam no tempo dos árabes. Os materiais da reconstrução foram acrescentados no século XVI, no tempo em que Felipe II trouxe a Corte para Madrid. A água que abastecia a fonte vinha de um venero (riacho) que descia da calle de Amanuel, atravessando a área onde hoje se encontram o metrô Noviciado e a plaza de Santo Domingo. Pela plazuela de los Caños del Peral escorriam também, perpendicularmente, as águas do alcantarillado (cloaca) da calle del Arenal.



Em dois minutos, faço o percurso da plaza de Ópera ao Palacio de San Martín e ao Convento de las Descalzas Reales. A plaza de San Martín ostenta o seu palácio de ladrilho marron e janelas decoradas com escudos e grades. Na outra esquina, o Monasterio de las Descalzas expõe suas pedregosas paredes vestustas, com janelas e varandas para a plaza de las Descalzas. Fundado por doña Juana de Austria, irmã de Felipe II, em 1559, serviu de palácio para os reis de Castela, desde 1536.

Caminho, no mormaço do dia. Subo a calle de la Priora, na alegre sombra da tarde, e já me encontro na calle de Preciados, que me conduz à plaza de Callao.

PLAZA DE CALLAO

Na plaza de Callao, espaço urbano de intensa movimentação, notei que não havia o único assento de madeira, que foi retirado a cerca de dois anos. Observo os grandes painéis luminosos que não existiam quando de minhas primeiras viagens a Madrid, na década de 1990.

A plaza de Callao tem sua beleza nas fachadas dos edifícios de cor bege. Tem a elegância neoclássica das simetrias do cine Callao, com frisos florais verticais na fachada e do Palacio de la Prensa, de pequenas janelas e columnas. El Vincci Capitol Hotel, com sua proa, separa a calle de Jacometrazo da Gran Vía.

Muitos transeuntes pisam a vibrante Gran Vía, subindo e descendo a escada do metrô, na plaza de Callao. Vão e vêm, carregando malas, fazendo fotos “selfies” ou conversando. Vão e vêm, pela calle de Preciados e pela calle del Carmen, que correm quase paralelas, conectando a plaza de Callao à Puerta del Sol. Vêm e vão, na direção do metrô ou das calçadas da Gran Vía.

El poeta juega bingo en los casinos del destino. Atlas-poeta de Gran Vía Crucis, pasea su rebeldía en procesión lírica. Indefenso, con la angustia topa y se consuela con el vino añejo de los solitarios. Ídolo marginal, refugiado detrás de un remanso, tambalea, soñando con la belleza absoluta.

Atraviesa la noche de reflejos dinámicos, a los que dedica desvelos, a consecuencia de un filtro amoroso. El poeta se deleita de lujuria espiritual. Cambia horas de tedio por un minuto de éxtasis. Y, en precipitada ambición, entrega su fortuna por un vértigo de frenesí.



GRAN VÍA

Quem quiser ver muitas caras e andar esbarrando nas pessoas, vá passear na Gran Vía. O povo celebra a festa cotidiana da cidade que não dorme nem para. O indivíduo se anula na multidão. A grande artéria agitada vai além das torres que se avistam, na altura da plaza de España, e, na direção oposta, vai ao encontro da calle de Alcalá. Dirijo a misantropia dos meus passos pela calçada, junto à multidão.

Os turistas passeiam todos os dias pela Gran Vía, avenida cosmopolita, dos palácios transformados em lojas. Os cidadãos que passam nem olham para um mendigo que dorme na esquina da Gran Vía com a calle de la Salud.

O sábado na Gran Vía é uma boiada solta. Uns neuróticos buzinaam atrás dos ônibus. A calçada larga ferve de gente. Em seu magnífico *Nostalgias de Madrid*, Ramón Gómez de la Serna qualifica de ribombante e neoyorquina a Granvía.

Na calle Montera, o formigueiro é mais espesso. Meu refúgio na Gran Vía tem sido a Casa del Libro, onde encontro sempre alguma edição tentadora e não resisto à volúpia de ampliar a biblioteca.

No dia 10 de junho de 2025, o ilustre casal Antonio Machado Sanz e María Jesús Velasco deu-me o privilégio da companhia, num passeio pela Gran Vía. Antonio, que foi bancário na Gran Vía, é autor dos livros *Estación de regreso*, *Un cuaderno*, *un lapiceiro y un pato de escayola* e *Celosías en tiempos robados*, todos de poesia. Fizemos juntos, Antonio Machado Sanz, Rosario de la Cueva e eu, o livro *Sonata a Tres Cuerdas* (com prefácio de Santiago López Navia).

María Jesús, a romancista, escreveu *Historia de B5 y C5 e Cuerdas y Tacones*. Naquela tarde, o casal ia cantar no coral Antonio de Cabezón da Casa Regional de Burgos. Cabezón, organista e compositor barroco, músico de câmara de Carlos V e

Felipe II, é autor de motetos, peças litúrgicas e a melhor música para teclado do século XVI.

Fomos nos desviando das criaturas apressadas que nos ultrapassavam pelas laterais. É assombroso o trasiego das gentes na avenida chafurdada de inquietudes. A Gran Vía foi inaugurada pelo rei Alfonso XIII para que os passantes a percorressem e os poetas a cantassem em zarzuelas. La Gran Vía (música de Chueca e Valverde e versos de Felipe Pérez González), tem uma estrofe em que o coro anuncia a construção da avenida: Según dicen doña Municipalidad/ va a dar a luz una Gran Vía,/ que de fijo no ha tenido igual.

Da plaza de Callao à plaza de Cibeles, diviso alguns prodígios madrilenhos. A igreja do Caballero de Gracia, construída pelo italiano Jacobo Graty, que foi secretário do Núncio Apostólico, no reinado de Felipe II. Contemplamos os altos edifícios imponentes, ornados com pináculos apoteóticos. Avistamos, ao longe, a embandeirada torre do edifício do Ayuntamiento. Chegamos a um lugar onde tudo são palácios.

É no encontro da Gran Vía com a calle de Alcalá que o alto e pomposo edifício Metrópolis reluz o seu primoroso engenho arquitetônico. De estilo “decimonónico”, isto é, do século XIX, o suntuoso Metrópolis encanta pela beleza da sua cúpula de florações douradas, coberta pela Victoria Alada, personificação da vitória, porque tem a missão de voar para coroar o vencedor. Além do encanto dos conjuntos escultóricos do edifício Metrópolis, com sua “anja” Niké, filha de Zeus, pousada sobre a cúpula brônzea, de douradas guirlandas, o encontro da Gran Vía com a calle de Alcalá ostenta o Círculo de Bellas Artes, com deuses gregos, esculpidos sobre as janelas, nos relevos da fachada.

Outros portentos se registram na confluência de caudais da madrilenha “muchedumbre”. Nssa esquina emblemática de



Madrid, localizam-se a Igreja de San José e as portentosas colunas coríntias e as cariátides da fachada do Instituto Cervantes. Lembro-me de que, certa ocasião, visitei o Instituto Cervantes e vi famosa Caja de las Letras (caixas-fortes, no sótão do Instituto, nas quais se guardam legados de personalidades destacadas da cultura (objetos pessoais, cartas e manuscritos secretos, com as respectivas datas em que deverão ser abertas). Outrora se guardavam, nessas invioláveis gavetas, as riquezas materiais do Banco Español del Río de la Plata, que funcionou ali até 2006.

No Instituto Cervantes, a Embaixada do Brasil, com o apoio da Fundação Hispano-Americana, promoveu, em 2013, homenagem a Vinicius de Moraes, com uma palestra de José Castello, em que recitei sonetos do Poeta da Paixão.

CÍRCULO DE BELLAS ARTES

O Círculo de Bellas Artes, que Ramón Gómez de la Serna, Valle-Inclán, Pablo Picasso, Jacinto Benavente e Carlos Arniche frequentaram, foi fundado em 1880. Depois da Guerra Civil, foi usado como escritório pela Falange. Refundado na década de 1980, é, atualmente, financiado por empresas privadas e instituições públicas. Realiza exposições, conferências, seminários, concertos, apresentações de teatro, dança, exibições de filmes e publicações de livros.

A caminho do Círculo de Bellas Artes, na esquina do Instituto Cervantes, Antonio mostrou-me a antiga calle del Turco, agora Marqués de Cubas. Os anarquistas assassinaram ali o general Prim, na tarde de 30 de dezembro de 1870, na véspera da chegada do rei Amadeo I, sucessor de Isabel II. Prim, líder do Partido Progressista, havia conspirado com Serrano, em 1868, para destronar Isabel II e se empenhara para que Amadeo reinasse em Espanha. Amadeo visitou o féretro do seu valedor na basílica de Atocha e não tardou a abdicar.

Pérez Galdós, em sua novela Prim, um dos *Episódios Nacionales*, narra acontecimentos do reinado de Isabel II, que designa o general Prim para resolver, com Napoleão III, o assunto da ocupação do México pelo arquiduque Maximiliano, em detrimento de Juárez.

Galdós reitera que, na Espanha, os generais Serrano, O'Donnell e Prim competiam pelo poder, enquanto Napoleão III devorava Nações. Inspirados pelo espírito revolucionário de Prim, uns sargentos do quartel de San Gil se amotinaram, envolvendo os ultraístas fanáticos. O episódio tem final infeliz: mataram Prim, o general liberal.

Vimos os clientes sentados, desfrutando do melhor consumo, nas mesas da calçada, na parte externa do restaurante do Círculo de Bellas Artes. No recinto, repleto de comensais falantes,

contemplamos no teto as alegorias intituladas *El amanecer*, *La noche* e *El día*, pintadas por José Ramón Zaragoza: um ser de aura dourada contempla uma nuvem, da qual brotam raízes e vai na direção dos homens desemparrados.

No alto salão do restaurante e revimos, à luz de grandes lâmpadas de cristal, a escultura branca da mulher nua, que, com os peitos arrebitados e os olhos entreabertos, esgueira-se, contorcendo-se.

Como repasto, pedimos “salmorejo y huevos rotos con patatas”.

Recordo-me de uma noite de 2013, em que recitei poemas numa luxuosa sala do *Círculo de Bellas Artes*. Lembro-me, também, de que, certa vez, subi à torre e vi a cidade aberta no horizonte.

Caminhamos, pela calle de Alcalá, até o *Café Hontanares*, na plaza de Canalejas, onde funcionava o *Banco Hispano-Americano*, no qual Antonio trabalhou, de 16 aos 18 anos. Derivamos pela carrera de San Jerónimo e miramos a perspectiva: de um lado, o paredão das Cortes; do outro, a *Puerta del Sol*.

Na plaza de las Cortes, o *Congreso de Diputados* mostra as janelas de onde Castelar, o orador, pronunciava seus memoráveis discursos na Primeira República. A estátua de Cervantes preside o logradouro. No número 8, em distintos pisos, moraram Ramiro de Maeztu, Juan March, Ernesto Giménez Caballero e Ramón de Campoamor.

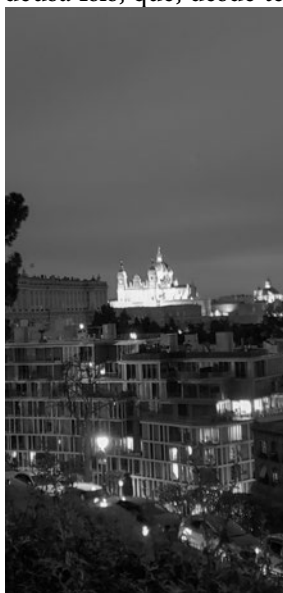
EL TEMPLO DE DEBOD

Revisitei o exótico Templo de Debod no início de outubro de 2025. Coisa por demais exótica, as pedras do Egito plantadas numa praça alta de Madrid !

São três pardos, insólitos blocos retangulares, que se alçavam no Vale de Núbia, em pleno deserto, no Sul do Egito, estão agora metidos num ângulo do Parque Oeste, próximo à Plaza de España. E, surpreendentemente, parecem adaptados ao novo habitat.

O Edifício España e a Torre de Madrid, que se divisam na perspectiva, não parecem contrariar a harmonia desse planalto urbano, de onde vejo a cidade que estende no horizonte suas paredes poliédricas.

Os sinos batem as seis da tarde, talvez pela deusa Ísis, que, desde tempos imemoriais, foi cultuada no Templo de Debod, com peregrinações e oferendas.



O Templo de Debod foi desmontado e trazido, pedra por pedra, em 1968, da Ilha Elefantina, banhada pelo caudaloso Nilo dos Faraós. Foi doado à Espanha por decreto do então presidente Nasser.

É de recordar a história mítica de Osíres (o Sol poente) e sua esposa e irmã Isis (a Lua) e a perseguição implacável que lhes infligiu Seth, até que Horus, nascido no Templo de Debod, restaurou a harmonia do reino, com o apoio do magistrado Tot.



Avistei, na expansão, os bosques da Casa de Campo, os edifícios dos bairros de Aluche e Caramanchel. A redoma prateada da Estación Norte (Príncipe Pío), a cúpula de San Francisco el Grande, o Palácio Real e a Catedral de La Almudena, iluminada, como um navio atracado, no cais de um mar de edifícios. Mais próximo, vejo os altos da cobertura do Teatro Real. Respiro uma brisa benevolente, filtrada pelas copas do arvoredor, escrevi:

Viene otra vez la Luna con cíclica esperanza. Viene con el aro fúlgido en semicírculo. Filamentos de ascuas en Occidental fluidez. Se encienden las luces de la ciudad. El horizonte abierto hacia las estrellas. Oscuras eclosiones brumosas. Ventanas del alumbrado purpúreo anochecer. La noche atraca en el puerto de sus antiguas aguas. Los cristales celestes despuntan en el misterioso azul. La noche adamantina desciende sobre la ciudad mágica. En mi propósito romántico de adorar la noche, apunto en sueño las palabras feéricas.

CERVANTES E A PLAZA DE ESPAÑA

Depois de atravessar as veredas dos Jardines Ferraz, vejo Cervantes, na Plaza de España, num monólito de 35 metros de altura. Sentado no seu trono de escritor, el ingenioso hidalgo assiste à viagem do esquálido, temerário Quijote, que ergue a mão, saudando os pósteros.

O herói insensato, leitor inveterado de livros profanos de cavalaria, vai montado em seu fiel Rocinante, que tem a mirada melancólica e resignada. O Caballero de la Triste Figura leva uma grande lança na mão esquerda, para desfazer os desmandos do mundo. Desprezado pelos corações mesquinhos, vai conquistar o Yelmo de Mambrino, que não brilha desde os ditosos séculos que os antigos chamavam dourados. E ai de quem não visse em Dulcinea del Toboso a mais bela princesa de la Mancha! *Don Quijote*, em efígie, está imaginando um filme, cujo final feliz será o seu encontro com Dulcinea.

Sancho Panza, pequeno e redondo, escudeiro fiel, deixou mulher e filhos para correr atrás das enganosas aventuras do seu amo. Tem convicção de que será governador da Baratária. Vai sem apeiar-se do asno Rucio, que, por sua vez, o transporta, es-tóico e convicto.

Alto e longilíneo, o monumento da plaza de España é quase um obelisco. Mostra Cervantes, sobre os pedestais laterais, ladoado de Dulcinea del Toboso e Aldonza Lorenzo, sendo ambas a mesma personagem, na ficção do herói de Lepanto. A base do pedestal ressalta a cruz vermelho-azul dos Trinitários, os seus libertadores em Argel.



No alto, o globo, e as cinco figuras de mulheres que representam os cinco Continentes. Nesse cone pétreo, que é o pivô da plaza de España, o fabulador Miguel de Cervantes, filho de Alcalá de Henares, rege o cenário, depois de haver andado sem siso, “caballero enjaulado”, em meio à burla e a chacota da malta.

Rinconete, Cortadillo e La Gitanilla, protagonistas das Novelas Ejemplares, também aparecem no conjunto alegórico, erigido pelo escultor Coullant Valera, em 1916. A água da fonte desliza sobre os escudos dos países de língua espanhola.

Cervantes relumbra na escultura, como um farol no alto dos montes pedregosos. Está sentado como um magistrado, segurando o seu compêndio. Exibe um colarinho espesso no pescoço e traça uma toga de *virrey*, calçando sandálias romanas. É o malfadado comissário de provisões da Armada Invencível, que, como Quixote, supera seus próprios limites. Vive acima das realidades do mundo. Atravessa as trevas, marchando à torre do triunfo. Veio valer os que recebem injustiças. Con harto dolor en sus huesos, caballero de los páramos y desiertos.

Que seria do buscador de aventuras, que não teme as ameaças do adversário, se não fosse a prestimosa ajuda do seu escudeiro? Esperançoso de receber a sinecura de uma ilha, Sancho es un perro de devota lealtad.

Se às vezes confundo Don Quixote, herói da firmeza, garboso em sua montura, com Cervantes, vitorioso sobre o inferno zodiacal, é que foi o próprio herói de Lepanto quem desafiou os galeotes, nas sonhadas invenções daquela dichosa edad. Fidalgo enxuto de rosto e seco de carnes, guiado por uma estrela, o caballero cavalgou aos alcázares de sua redenção. Com altivo porte, espada e armadura. Fidalgo de maltrechas ilusiones.

Quixote-Cervantes é um louco que se crê Cervantes-Quixote, naquela luta de heroísmo irreal, que constituía para Unamuno a essência espiritual do povo espanhol.

Contemplo, na plaza de España, além do monumento a Cervantes, a Torre de Madrid, alta e branca, repleta de janelas e varandas, o Hotel Plaza España, um alto bloco triangular, de tonalidades ocre e branca, com centenas de janelas, e, do outro lado da praça, o palácio neomudéjar, construído de 1891 a 1899, onde funciona a Consejería de Educación y Cultura de la Comunidad

de Madrid e outrora funcionou a Real Compañia Asturiana de Minas. Com varandas e cariátides nos suportes das janelas, tons ocre nos ladrilhos, esse palacete humilha o seu vizinho, o feio edifício do Senado, cujas paredes lisas, de granito, têm qualquer coisa de uma penitenciária.

Revejo aqueles exóticos cinco metros de velha muralha, que aparecem no subsolo, impressados num recanto da esquina. Na subida da calle de Bailén, avisto as colunas e os pináculos do portentoso Palácio Real.

A história de Miguel de Cervantes Saavedra tem grande similitude com a de Don Quijote de la Mancha. Aos 22 anos, em 1569, o jovem Miguel de Cervantes feriu um tal Antonio de Sigura, num duelo de espadas, em pleno Palácio Real e, por pouco, não lhe cortaram a mão. Não podia suportar que um “muchacho desnudo, cuerpo arriba”, estivesse levando açoitões de um “labrador de buen talle.”

Viajou a Roma, provido de uma executória de limpeza de sangue, e entrou ao serviço do cardeal Aquaviva, na função de criado de câmara. Em 1571, foi combater o Turco, fazendo das letras armas. Alistou-se na Armada, com a patente de arcabuzeiro.

Quebrantado, a bordo da nave La Marquesa Febril, lutou corpo a corpo e foi ferido de três arcabuzos; dois no peito e um na mão esquerda. A mão ficou mirrada. Foi aquela, segundo escreveu, la más memorable y alta ocasión que vieron los pasados siglos, ni esperan ver los venideros, militando de bajo de las vencedoras banderas del hijo del rayo de la guerra, Carlo Quinto.

Don Juan de Austria, com apenas 25 anos, comandou a esquadra da Liga Santa, no combate em que morreram sete mil cristãos e 25 mil turcos, em apenas cinco horas.

Era el rostro aguileño de un espectro armado. Salió, con temerario empeño, a enderezar entuertos.

En Lepanto, arremetió contra la endiablada canalla. Pecho herido y mano rota fueron hazañas de la más alta ocasión.

Cervantes desembarcou em Messina, onde foi socorrido no hospital, às expensas de Don Juan. Havia perdido o uso da mão esquerda. Desfrutou das comidas italianas, sob as ordens de Colonna, até partir com as galeras em pós de tomar Túnis. Queria

dilatar o orbe luminoso de Espanha. Era a continuação do martírio saboroso da peregrinação cavalheiresca, iniciado numa simples aldeia do império espanhol.

Havia lutado com o “gallardo vizcaíno”, em prol de socorrer os órfãos e os necessitados. Havia levado murros, cujos ferimentos curou com o bálsamo de Fierabrás. Tinha o ideal de fazer obras que ficassem escritas no livro da Fama, pelos séculos vindouros.

En Nápoles, embarcóse en una galera que los piratas berberiscos rapiñaron. De cadenas maltratado en Argel, oculta en una gruta a los fugitivos, esperando fragatas invisibles. A punto estuvo de ser ahorcado. Atado con duros hieros, solo le queda alabar el heroísmo de los mártires.

Embarcou em Nápoles, e a galera Sol foi acometida pelos piratas beberiscos. Foram capturados, ele e o seu irmão Rodrigo, algemados, para ser vendidos como escravos. Cervantes perdeu em Argel cinco anos de sua vida. Tentou fugir quatro vezes.

Em 1576, com dois comparsas, tentou ir por terra de Argel a Orán, e dali embarcar para a Espanha. Um mouro descobriu a trama e os fugitivos regressaram a Argel.

Uma nova tentativa de fuga, com 14 cativos, foi denunciada por um renegado. Cervantes assumiu a responsabilidade do dano e, por pouco, não foi enforcado. Foi confinado a um novo “baño”, durante mais de cinco meses, em 1578.

Era tudo magia e alucinações, na cova de Montesinos, cheia de corvos e torres. Por encantamento, don Quijote já não dipunha do yelmo conquistado pelo herói de Ariosto. Choveram pedras sobre sua augusta pessoa, e era uma infâmia ver homens honrados sendo verdugos de outros homens. Era aquilo un en-tuerto que había que desfazer.

A terceira tentativa de fuga foi interceptada, quando prenderam o mouro que levava uma carta sua ao governador espanhol de Orán. Cervantes foi condenado a receber 2000 paus, que só não apanhou por interferência de terceiros.

Na quarta tentativa de fuga, Cervantes ousou abandonar Argel de barco. O complô foi descoberto por um renegado florentino. Mais uma vez, escapou da força.

Era penoso tardar tanto a estar no Toboso. Pedia a algum encantador que o retirasse daquela prisão. Não queria morrer sem ver a suspirada Aldonza, sua querida Dulcinea encantada.

“Los baños de Argel” e “Los tratos de Argel” retratam a história dos cativos que sonhavam com o regresso à Espanha, no inóspito país do Magrebe, em meio a gentes grotescas e brutais:

!Triste y miserable estado!/ !Triste esclavitud amarga/ donde es la pena tan larga/ cuan corto el bien y abreviado...!/ Cifra de cuanto dolor/ se reparte en los dolores,/ daño que entre los mayores/ se ha de tener por mayor.

As irmãs de Cervantes empobreceriam, se preciso fosse, para resgatá-lo. Sua mãe pediu ajuda ao Consejo de la Cruzada, alegando ser viúva e obteve um empréstimo para libertar os filhos. Os mercedários liberaram Rodrigo por 300 ducados. Miguel permaneceu, sem o seu escudeiro, que foi tomar conta de sua ínsula. Ambos haviam desafiado os desaforados gigantes. Palizas y engaños não eram delírios de moinhos de vento. Nem se tratava de sofrer burlas. Nem de uma ficção de Cide Hamete, nem da felonía do “cabrón” Fernández de Avellana, que ousara completar a epopeia do caballero andante. Era a duração da catástrofe da loucura de um “ingenioso hidalgo”. La historia verosímil de la caballería de los desventurados.

Tras cinco años a golpe de martillo, los trinitarios lo han devuelto a sus cantares de aldea.

Somente em 1580, don Tonto avistou as costas espanholas e regressou à pátria, para reclamar mercedes. Poesia vai de par com o heroísmo.

Montando en mula de alquiler, para la Armada trigo recogía. En Écija dio con la excomunión, cuando embargó el trigo de los canónigos. Encarcelado en Sevilla, por malversación de sus jefes, ungüento le faltó para untar al magistrado.

Solicitó trasladarse a las Indias. Con aquel “busque por acá”, se le niega la merced. Su patrimonio desapareció con Simón Freire.

Sua arma de caballero era uma bacia de barbeiro. No paroxismo da injustiça, foi processado e encarcerado: uma falcatrúa, cometida pelos camponeses de Ecija, que esconderam o trigo em

celeiros dos canônicos, provocou a sua excomunhão. O orgulho estragou o trigo e o regedor o acusou de malversação. Seus chefes, que eram ladrões e não lhe pagavam o salário, foram detidos. Cervantes foi destituído e recolhido à prisão. Quisera castigar aquela “bellaquería” de covardes perversos.

Em 1584, aos 37 anos, casou com Catalina de Salazar, jovem de 20 anos, a “reina de la hermosura”, que, como Aldonza, era uma rosa entre espinhos, um lírio do campo, um “ámbar desleído”. Não tardou a seguir solitário a Sevilha, para exercer o cargo de requisitador de azeite e trigo, no cargo de comissário de abastos da Armada que atacaria a herege Inglaterra.

Em 1595, no emprego de coletor de impostos, ganhou 136 mil maravedies, com que pagaria a dívida perante as arcas reais. Guardou o seu tesouro em Sevilha, na casa de Simon Freire. O homem da sua confiança desapareceu com o dinheiro. O juiz põe Don Miguel na cadeia.

Em vão, Sansón Carrasco se disfarçou de Caballero de los Espejos e de Caballero de la Branca Luna, para fazê-lo desistir de sua intrepidez. O da Triste Figura, esplendor de la Mancha, desditado, malquisito de encantadores, jamais declinou de acometer qualquer perigo.

Siguió con la corte hacia Valladolid, para compensarse por lo sufrido. Se encontró con Gaspar de Ezpeleta, acuchillado a la puerta de su casa. El criminal era el sicario de un cornudo. Pero el alcalde echó la culpa al hombre que escribía.

Um tal Gaspar Ezpeleta esfaqueado em frente à casa de Cervantes, pelo sicário de um marido cornudo, morreu em dois dias. O alcalde mandou encarcerar o peregrino dos peregrinos, o destemido príncipe da justiça e da honra, que se sagrou ao som dos clarins e das trombetas.

No calabouço, Cervantes sofreu, por assim dizer, a burla dos duques invejosos. Havia sido o “caballero” da magia fantasmagórica, que, com sua espada, pusera em liberdade os galeotes.

Se le veía con barbas de plata, cargado de espaldas. En lóbregas chozas, esclavo del Santísimo, escuchaba los ladridos de los santos canes. Con armas inservibles, a cada paso era víctima de pullas.

Havia sido ânimo dos desmaiados e dos desditados. Já não era o pastor de sua aldeia. Era “don vencido” e “don dolido”. Já não era o “enderezador de entuertos”. Tinha consciência de que estava “verdaderamente cuerdo”, segundo atestou um cura do Convento.

Naquele tempo de forças navais e espírito de justiça, ninguém reconhecia a grandeza de quem havia lutado nas galeras contra os corsários turcos.

Hidalgo de maltrechas ilusiones, al desprestigio no lo hubieran relegado de no haber sido un héroe.

Don Quijote de la Mancha havia voltado a ser Alonso Quijano el Bueno, de agradável trato, querido dos de sua casa e de quantos o conheciam. Havia aprendido prudência por penitência. Mas quem está a salvo ? Quem se pode resguardar em porto seguro?

Morreu “cuerdo”, sensato: homem comum. Morreu da melancolia de não sair pelo mundo, caballero andante, dando exemplo de verdadeira nobreza espiritual. Deixou a ama, a sobrinha e Sancho chorando de todo coração.

Cervantes morreu em 22 de abril de 1616 e foi enterrado no Monasterio de las Trinitarias Descalzas, no Barrio de las Letras de Madrid.

A primeira edição de *Dom Quixote* apareceu em 1605, quando a corte se trasladou a Valladolid, por capricho do duque de Lerma.

Alzado al pedestal del recuerdo, sillón de granito plantado en la historia, lámparas de cristal como escenario, el Patriarca de la lengua enarbola su lanza con garbosa probidad.

Los edificios como fragatas ancoradas y el mar de nubes como en Lepanto. El rotundo escudero chaparro le sigue, irresolutos ojos de pícaro. El gordo secuaz no se consuela más que con su prometida heredad.

¡Vais cargados de obsesión! ¡Andáis tocados de temeridad, caballeros hechizados!

PEREGRINAÇÕES E LEITURAS CERVANTINAS

No dia 28 de setembro de 2025, fomos, Antonio Machado, sua esposa María Jesús e eu, a Alcalá de Henares, visitar a Casa-Museu de Cervantes. A cidade celebrava os 450 anos da prisão do escritor em Argel.

Alcalá de Henares (do árabe Al-Qalat Nahar: castelo sobre o rio Henares) tem relíquias arquitetônicas como a velha torre, de 1454, da desaparecida Iglesia de Santa María la Mayor, anterior à universidade criada pelo Cardeal Cisneros.

Fomos pela plaza de Cervantes (antes plaza del Mercado). Divisamos a Universidade, símbolo de Alcalá de Henares; sua plateresca fachada, ornada de anjos e emblemas heráldicos, no centro dos quais o escudo imperial de Carlos V, com as espadas e as cruzes da heráldica religioso-monárquica. Ao lado do escudo, lê-se a inscrição “Plus ultra”, significando “Fim da Terra” (acreditava-se, no Medievo, que se havia chegado ao ponto extremo do Planeta).

Apreciamos as janelas e as varandas platerescas do Colegio Mayor de San Ildefonso, que o Cardeal Cisneros entregou à Companhia de Jesus, em 1499, e veio a ser a Universidade de Alcalá. (Ildefonso de Toledo, conhecido por seu constante afã de aprender, foi reconhecido como santo pela igreja visigoda no século VII).

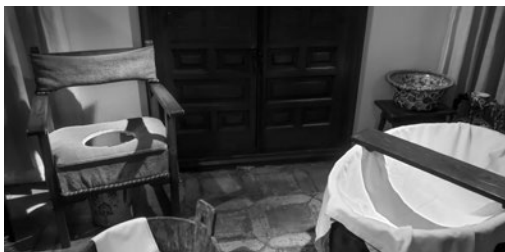
Na plaza de Cervantes, deparamos com o Corral de las Comédias, onde se representaram obras dos autores do *Siglo de Oro*. Os versos mais consagrados de Calderón de la Barca estão gravados na parede:

Que el vivir sólo es soñar/ y la experiencia me enseña/ que el hombre que vive sueña que es/ hasta despertar.

Caminhamos pela calle Mayor, sob os arcos da plaza de Cervantes, de olho nas vitrines das pastelarias. Almoçamos no restaurante Mesón Las Cuadras de Rocinante.

Recordo-me de haver estado três vezes em Alcalá. Nas duas primeiras, assisti à entrega dos Prêmios Cervantes. A terceira vez, estive com o Vinícius, meu filho, num agradável passeio. Marcaram-me a memória, sobretudo, nas entregas dos prêmios, as presenças de don Juan Carlos e doña Sofia.

Deparamos com o Hospital Benéfico de Nuestra Señora de la Misericórdia, fundado em 1483, onde San Ignacio de Loyola deu assistência humanitária e espiritual aos enfermos, enquanto estudou na cidade, de 1526 a



1527, e iniciou sua missão de teólogo, fundador da fabulosa Compañía de Jesús. Lê-se, na parede, o postulado básico da teologia jesuítas: El amor se ha de poder más en las obras que en las palabras. O Hospital está ao lado da Casa onde nasceu Miguel de Cervantes.

Adentramos a Casa-Museu de Cervantes, para constatar que tudo ali está representado como era na época: os utensílios, o pátio, a sala de visita, com o braseiro de metal, o escritório, a cama, a sala de jantar, com porcelanas da época, edições antigas do Quixote, a cozinha, a botica e a cadeira de barbero de Rodrigo de Cervantes, pai do escritor (naquele tempo, os barbeiros exerciam também a profissão de dentistas).

No segundo andar, vimos as habitações das damas e das crianças, o banheiro, isolado apenas por uma cortina, no qual se divisam uma pequena banheira oval e, para a função de latrina, uma cadeira furada, com o penico posto embaixo do buraco.

Num compartimento, com instalações de retábulos de títeres, há primores de representações de episódios do Quixote.

Cervantes deixou Alcalá de Henares aos quatro anos e nunca mais voltou. Conhecemos a peripécia da sua perigosa vida.

Depois da visita à Casa do herói de Lepanto, Antonio e María Jesús queriam tomar tônica com “chuches”. María pediu “cacautes” e Antonio “chucherias”, isto é, açúcar e goma. O café e os “chuches” são a paixão de Antonio, o menino antigo, que não perdeu a inocência e a bondade da criança que sempre foi.

Tomo nota de tudo e Antonio diz que escrevo mais que El Tostado, o erudito Alonso de Madrigal, bispo de Ávila, de 1454 a 1455, célebre teólogo no reinado de don Juan II, pai de Isabel la Católica), que escreveu numerosíssimos tratados sobre temas bíblicos.

No regresso, vamos confortáveis no automóvel do Antonio. Só eu, um tanto abatido e cansado. A recaída da gripe ensinou-me o que é ser casmurro e meditabundo. Na Carretera (a “Nacional 2”), avistamos, ao longe, as torres dos edifícios da plaza de Castilla como dólmens ou minaretes azuis.

Por feliz coincidência, dois dias depois da ida a Alcalá, assisti, com meu filho Vinicius, ao filme *El cautivo*, dirigido por Alejandro Amenábar, a respeito dos cinco anos de cativo de Cervantes em Argel.

Quando, em 1576, o seu barco foi capturado por piratas do Mediterrâneo, o jovem arcabuzeiro Miguel de Cervantes levava consigo uma carta de recomendação de don Juan de Austria, o comandante vitorioso de Lepanto. Essa preciosa credencial elevava o resgate de sua liberdade, em relação à da maioria dos cativos.

Naquele infausto período de sua vida (dos 28 aos 33 anos), Cervantes foi, muitas vezes, agredido pelo gentio e assistiu ao empalamento de vários cidadãos. Viu soltarem as cadeias dos pés dos que renegavam o cristianismo e assistiu a muitas cenas de libertinagem, na cidade que os padres católicos consideravam pior do que a Babilônia. Viu a morte de alguns companheiros de prisão, um dos quais forçado a comer a própria orelha.

Para passar o tempo, Cervantes inventava histórias, que contava a seus companheiros de cárcere. Esteve ao ponto de ser empalado, quando tentou fugir. O governador turco de Argel, homossexual, tomou-se de simpatia pelo engenhoso contador de histórias. Dava-lhe um dia de liberdade, como prêmio para cada história que Cervantes lhe narrava.

Depois de uma tentativa de fuga, Cervantes só não morreu enforcado, porque o governador Hasán Pachá mandou soltar a corda, no momento em que o escritor estava quase agonizando.

Quinhentos escudos de ouro, arrecadados pelos frades trinitários (da Ordem da Trindade), finalmente pagaram o seu resgate.

Dois detalhes importantes: 1) O diretor do filme não pôs no enredo o irmão de Cervantes, Rodrigo, que foi resgatado antes dele, por 300 escudos de ouro. 2) Embora nenhuma fonte histórica suspeite de homossexualismo da parte de Cervantes, algumas cenas, como a do beijo com o governador Hasán Pachá, foram um tanto comprometedoras nesse sentido.

Segundo Amenábar, essa abordagem inaudita foi um mero recurso de ficção em sua obra, pois, efetivamente, Cervantes não era homossexual. Em razão desse viés do roteiro, o filme causou espécie na Espanha. Afora essa alusão esdrúxula, tudo foi mostrado com verossimilhança.

No final, Cervantes recusa o convite para ir viver em Constantinopla com o governador Hassan Pachá. Se tivesse aceitado, talvez tivesse sido assassinado pelo cruel tirano que o protegia. Cabe essa conjectura.

A moral da história é que a sorte ou a habilidade de Cervantes o salvou e suscitou vantagens. Ele teve comutada a pena de morte e os leitores desfrutamos da obra maravilhosa do maior escritor da língua castelhana.

O escritor Álber Vázquez, autor de Cervantes en Argel. Cinco años en las masmorras del Gran Turco, narra os horrores, a subnutrição e as enfermidades que sofreram os cativos cristãos nas prisões de Argel, denominadas “baños”.

Álber Vázquez consultou as mesmas fontes históricas que os demais biógrafos de Cervantes: a Información de Argel, escrita em 1580 (com testemunhos de 12 dos companheiros de cativeiro de Cervantes) e a Novela de Argel, redigida pelo padre Antonio de Sosa, teólogo português, deão da catedral de Agrigento e colega de prisão de Cervantes. Essa “novela” foi publicada em 1612, com o título de Topographia e Historia General de Argel, pelo padre beneditino, Diego de Haedo, que encontrou o manuscrito em Palermo.

Na primeira tentativa de fuga, Cervantes quis ir a pé até Orán, cidade então espanhola, e assumiu a culpa do delito. Foi recolhido ao subterrâneo banho de la Bastarda, com grilhões nos tornozelos.

Havia, naquela Argel submetida ao domínio otomano, 25 mil cativos cristãos, aguardando o resgate ou a morte. Cervantes vivia naquela agonia, assistindo a apedrejamentos e empalamentos.

Apareceu no seu caminho um certo Ibrahim, um espia do Sultão, que o autor da narrativa insinua ser homossexual. Ibrahim, homem culto, oferece ao jovem escritor um copioso jantar em sua mansão. O poderoso espia de Constantinopla tornou-se uma espécie de anjo da guarda de Cervantes.

Outra vez na iminência de ser enforcado, por nova tentativa de fuga, Cervantes foi salvo pelo turco Ibrahim, o alto funcionário otomano, que apareceu de repente e mandou deter a execução. O turco argumentou, imaginosamente, que o espanhol ilustre era, como ele, um espia valioso a serviço de Constantinopla.

Em fevereiro de 1578, Cervantes havia sofrido quatro meses de reclusão no cárcere subterrâneo, quando urdiu nova trama. Escreveu uma carta ao governador de Orán, instando as autoridades de Orán a que declarassem guerra a Argel e tomassem a cidade. O mouro, meio bobo, contratado para levar a missiva, foi capturado pelos soldados bérberes. Foi, outra vez, preciso que Ibrahim defendesse Cervantes para que não o conduzissem ao cadafalso.

Em julho de 1579, Cervantes conseguiu dinheiro para comprar uma galera, na qual pretendia levar 50 cativos de volta à Espanha.

O comissário da Inquisição, Blanco de Paz, que já preparava um dossiê acusando Cervantes de cooperar com os turcos, descobriu o plano de fuga e se ofereceu para ir junto. A lista dos que seriam resgatados já estava completa. O comissário do Santo Ofício se revoltou e denunciou a trama. Novamente Hasán Pachá está em vias de enforcar Cervantes, mas não o faz, pela proteção que o poderoso Ibrahim dá ao espanhol. Ainda uma vez, Cervantes não foi executado, mas passou mais cinco meses encarcerado, com grilhões no tornozelo.

Em 1580, chegaram a Argel cinco frades da Ordem da Santíssima Trindade, com dinheiro que haviam arrecadado em instituições na Espanha para salvar o máximo de cativos cristãos.

Tão elevado era o resgate de Cervantes, que Fray Juan Gil, o redentor geral da Ordem Trinitária, só decidiu pagar quando o escritor já se encontrava no barco que o levaria a Constantinopla. A galera a ponto de zarpar, os remadores já soltando as amarras, o verdugo recebeu os 500 ducados de ouro exigidos.

Cervantes viajou noutra galera, livre, de volta à Espanha. Partiu a 24 de outubro de 1580 e, no dia 10 de dezembro do mesmo ano, reviu a família em Madrid. Somente 17 anos depois começou a escrever o Don Quijote. Novos desafios enfrentaria o homem predestinado.

MUSEO DEL PRADO (LUZ SOBRE A HISTÓRIA)

Fui ao Museu do Prado, com a intenção estudar, prioritariamente, os quadros de Velázquez e Goya, que retratam figuras e episódios das monarquias imperiais dos Áustrias e dos Bourbons. O Prado merece um livro inteiro. É difícil escolher, na vasta e variada exposição geral, as obras dos pintores geniais que plasmaram imagens de episódios e personagens da civilização espanhola.



Desci a ladeira da calle de Felipe II, para rever as colunas do Casón del Buen Retiro, o edifício da Real Academia de la Lengua, na esquina da calle de Moreto, a estátua de María Cristina de Borbón, os altos pináculos da fachada vetusta da Iglesia de los Jerónimos, e a estátua de Goya, já frente aos arcos e às colunas da fachada neoclássica do Museu do Prado.

Projetado por Juan de Villanueva, por iniciativa do conde de Floridablanca, esse palácio da cultura foi destinado, como museu de pinturas, no reinado de Fernando VII. As primeiras obras do seu acervo remontam às coleções dos Reis Católicos. Foram acrescidas, significativamente, pelo colecionismo dos Áustrias e dos Bourbons.

Começo minha peregrinação visitando salas onde estão figurados os primeiros tempos da história da Espanha.



Viriato, de José del Madrazo, dá testemunho dos tempos do Império Romano. Nos tons claros do desenho perfeito, o herói lusitano Viriato jaz morto, vítima de três traidores que escapam, enquanto uns sequazes choram sobre o cadáver do líder e outros erguem as espadas, clamando vingança. As hostes tribais e os pretores de Roma se confrontavam. Os legionários incendiaram Numancia, na ribeira do Duero, liquidando a rebeldia dos lusitanos.

Triunfo de San Hermenegildo, de Francisco de Herrera, el Mozo, põe diante do espectador Leovigildo, que enfrenta a rebeldia do filho, “el flamante” Hermengildo, governador da Bética. Incitado por San Leandro de Sevilla, o príncipe visigodo renegou o arianismo e foi sacrificado. Na imagem pintada, Hermanegildo sobe ao céu, portando à destra um pequeno crucifixo, entre anjos que sobrevoam. Os objetos com que foi matirizado transformaram-se nos instrumentos musicais da orquestra dos anjos. Entre os seres escuros da parte inferior do quadro, Leovigildo leva a mão à testa, arrependido.

Auto de fe en *la plaza Mayor*, de Francisco Ricci, mostra uma cerimônia da Inquisição, de 1680, assistida pela rainha Mariana de Áustria, com o seu filho, príncipe Carlos II e a esposa Maria Luisa de Orleans, num palanque. Mariana de Austria porta um breviário devocional na mão esquerda. Diante da tribuna e das arquibancadas repletas, o inquisidor Diego Sarmiento de Valladares preside o tribunal que condena dois réus, que aparecem à direita, vestidos com “sambenitos” (vestimenta que os distinguia como condenados). Os asnos caminham juntos com os soldados. Esse quadro de Ricci, primitivo na técnica de figurar a perspectiva, é um documento histórico fabuloso. Fica estampado na tela o estigma da Inquisição, que os Reis Católicos estabeleceram para converter os hebreus e punir qualquer desvio herético ou moral. Desde 1492, o Santo Ofício passou a perseguir os delitos contra a fé, castigando os heterodoxos, os judeus, os mouriscos e os alumbrados, com masmorra, tortura e morte na fogueira.

Felipe II, que governou um território mundial, valeu-se da Inquisição para fomentar a intransigência religiosa, combatendo o humanismo proposto por Erasmo. Acusado de praticar o luteranismo, o arcebispo de Toledo, Bartolomé de Carranza, foi o mais famoso dos perseguidos. Preso durante 17 anos em

Valladolid e depois em Roma, Carranza só foi liberado em 1576, vivendo apenas mais dois anos.

Os mais ilustres religiosos da Espanha foram perseguidos pelo Santo Ofício. Denunciado por seus colegas docentes de Salamanca, Luis de León passou cinco anos na cadeia, porque criticou a autoridade da Vulgata de São Jerônimo, proclamada pelo Concílio de Trento em 1545, e traduziu o Cantar dos Cantares, com alusões eróticas a beijos e abraços, como uma carta de amor. San Juan de Ávila foi condenado pelo Inquisidor Fernando de Valdés por leituras proibidas e heterodoxos sermões alumbrados. Escreveu Audi Fili durante o ano e meio em que permaneceu na prisão. Teresa de Ávila, acusada de vítima do demônio, teve seus livros inspecionados, e só não foi encarcerada porque don Gaspar de Quiroga, o inquisidor de turno, proferiu sentença favorável à legitimidade mística da sua religiosidade. Luis de Vives, o grande humanista, teve o pai queimado em fogueira e a mãe desenterrada, para que lhe queimassem os ossos de cristã nova. Vives passou cinco anos no cárcere.

No quadro *La expulsión de los judíos de España*, Emilio Salas retrata o Inquisidor-General, Fray Tomás de Torquemada, lançando o crucifixo, para reclamar dos reis a expulsão dos judeus, sob pena estarem vendendo Cristo como havia feito Judas. A rainha fecha os olhos e o rei parece sorrir. Apenas um dos assistentes parece estupefacto. O episódio da expulsão dos judeus data de 1492. Torquemada era o confessor da rainha Isabel. Mandava e desmandava, desde 1483, perseguindo feiticeiros, idólatras, sodomitas e invocadores de demônios.

O cardeal Cisneros, arcebispo de Toledo, batizou 400 mil almas e queimou centenas de livros em Granada. Sua intenção era forçar os mouriscos a aceitar o batismo ou abandonar a Espanha, o que gerou a Revolta das Alpujarras, no Reino de Granada, de 1568 a 1571.

A magnífica tela de Eduardo Rosales, intitulada *El testamento de Isabel la Católica* representa a rainha Isabel moribunda, o rei Fernando ao pé do leito e um escriba registrando a última vontade da que foi a poderosíssima soberana. O testamento da herdeira do trono de Castela data de 12 de outubro de 1504, um mês antes do seu falecimento em Medina del Campo.

Francisco Pradilla pintou a pavorosa viagem de Juana la loca. Filha dos reis católicos, Juana acompanhou o féretro do marido Felipe, el Hermoso, conduzido a Granada para ser sepultado, depois de falecer em Burgos em 1506. Juana, de aspecto deprimido, grávida da infanta Catarina de Áustria, está sentada no centro da composição, diante do féretro. Itinerante, exposta à intempérie do inverno, vai com uma comitiva de damas enterrar o marido. De luto, olhar contrito, fita o esquife pousado ao chão, entre velas acesas. As damas de companhia têm os semblantes cansados, cheios de tédio. Há um simbolismo no vento que levanta a fumaça da fogueira. Os carros aparecem no caminho nebuloso, enlameado e agreste.

A desventurada rainha esperava o retorno do marido don Felipe, que partira com o propósito de negociar a paz com a França. Consumida de bem fundados ciúmes, doña Juana quis ir a pé, pelas estradas e lodos, para vigiar o “cicatero”, que se deleitava com as louras de Flandes. Quando o bispo a porta lhe cerrou, ela se abalançou contra a aldraba, sacudindo freneticamente os ferros. Passou a noite de novembro na intempérie, golpeando o chão. Sem dormir nem falar, chorando e rugindo como uma leoa. Quando pôde a Flandes chegar, cortou os “mechones” de uma “ramera”, que enfeitiçara de luxúria o arquiduque, seu marido, rei de Espanha.

Grávida do sexto filho, sem descanso, cuidou do marido, que sentiu escalafrios, depois de ter jogado “a la pelota”. Quando o rei rendeu a alma, ela cavalgou, desde a Cartuja de Miraflores, na névoa do inverno, levando o féretro, entre acesas mechas e clérigos de negras capas. Queria apartá-lo dos cenóbios de monjas e de cortesãs invejosas.

Quando Juana foi proclamada rainha, Fernando, seu pai, a declarou demente e determinou que ela fosse recolhida a Valladolid. Cisneros mandou privar doña Juana de comunicação. Desditada, andrajosa e turbada, a rainha dormia num quarto escuro, no turbilhão de sombras do “enclausuramento piedoso”. Cercada de bruxas, tão débil ficou ao negar-se a comer, que o carcereiro empregou a força como um último recurso. Um padre quis exorcizá-la com orações. Cisneros expulsou o feiticeiro: «que por manos del diablo nunca Dios nos hará merced».

Quando Juan de Padilla caiu aos seus pés para que ela firmasse as proclamas, contestou “que no la revolviere nadie contra su hijo”. Entre campanários de dor, quatorze anos esteve detida para que Fernando reinasse.

Ticiano pintou os reis Áustrias com absoluto virtuosismo. No Museu do Prado, o retrato de Carlos V com um perro mostra o imperador saindo para caçar, ricamente envolto numa roupa estofada. O cachorro fiel parece que lhe cheira a barriga.

Carlos V, en la batalla de Murlberg, pintado em 1548, apresenta-o vestido de “caballero” cristão, montando um grande cavalo paramentado e empunhando a lança, numa pose que imita a estátua romana de Marco Aurélio. Empunhando a lança, Carlos de Gante tem o rosto angustiado, porque marcha direito ao campo de batalha, para enfrentar os súditos alemães, que se alinharam com as predicções de Lutero, o herege protegido por Federico de Saxônia.

O horizonte vermelho anuncia a proximidade do combate. A mandíbula descolgada caracteriza o fenótipo dos soberanos da Casa de Áustria.

Carlos V iniciou a monarquia dos Áustrias que impôs cultura, idioma e religião ao mundo, enriqueceu com o ouro e a prata dos ameríndios e expandiu a hegemonia da Espanha na navegação comercial e militar.

Los comuneros Padilla, Bravo y Maldonado, quadro pintado por Antonio Gisbert, em 1862, mostra o verdugo exibindo a cabeça de Padilla, o herói que lutou na Guerra de las Comunidades contra as injustiças do poder real. Os outros condenados assumem uma atitude de rechaço aos sacerdotes que os vêm consolar.

Os Comuneros queriam entregar o reino a Juana. Padilla expulsou o corregedor de Toledo. Maldonado sublevou Salamanca. Derrotados em Villalar (Valladolid) em 1521, alguns comuneros foram enforcados e outros decapitados. Adriano de Utrecht mandou incendiar Medina del Campo como castigo aos rebeldes.

Carlos de Habsburgo recebeu por herança os reinos da sua família: a Borgonha, os Países Baixos, Castela, Aragão, Nápoles, Sicília, Sardenha e as colônias ameríndias. Para obter o dinheiro necessário ao suborno dos eleitores, recorreu às arcas dos rei-

nos de Espanha. Foi coroado imperador na Alemanha, deixando Adriano de Utrech encarregado de representá-lo.

De posse da espada de Carlomagno, Carlos V combateu Francisco de França, que ocupou Fuenterrabía e Milão. As feiras germano-castelhanas, apelidadas de los tercios, venceram em Pavia, em 1525, e prenderam o monarca francês. Don Carlos recebeu três mil ducados e dois milhões de escudos para liberar os filhos do recluso da Torre de los Lujanes.

Quando as tropas pontifícias atacaram Milão, os “tercios impagados” saquearam Roma. Apesar desse dano, don Carlos beijou as sandálias de Clemente VII e foi cingido em Bolonha com duas coroas.

La conversión del Duque de Gandía, de José Moreno Carbonero, é um dos quadros que mais aprecio. Configura o momento terrível em que a imperatriz Isabel foi chamada ao céu. Francisco de Borja, duque de Gandía, viu o cadáver putrefato da esposa de Carlos V e decidiu tornar-se jesuíta. “Nunca más, nunca más servir a señor que se me pueda morir”. Ingressou na vida eclesiástica no posto de terceiro general da Companhia de Jesus. Fortíssima impressão suscitam no observador os rostos compungidos, na cena melodramática. O duque apoia o rosto no ombro de um companheiro. O arcebispo de Granada preside a cerimônia fúnebre. No féretro, Isabel está vestida de branco.

Depois do doloroso transe de Innsbruck, Carlos V abdicou em 1555, em favor de seu filho Felipe II. Não conseguiu evitar a cisão em Augsburg. Nem pôde salvar o catolicismo inglês com o matrimônio de Felipe. Deixou impenitente o atrevido Turco. Acometido de tantos revezes, o dono do império onde o Sol não se pôe tornou-se um penitente, numa cela do monastério de Yuste, onde curtiu até a morte o seu ódio aos hereges.

Felipe II, o sucessor de Carlos V, foi retratado por Ticiano em Augsburg, em 1551. A tela, exposta no Prado, representa o jovem príncipe de armadura, de barba e bigodes ralos e o olhar de esgue-lha, desafiador e cínico. De calças curtas e sapatinhos em formato de barcos, ele segura com a sinistra a espada embainhada.

Alonso Sánchez Coello tem no Prado um curioso retrato de Carlos de Habsburgo, filho primogênito de Felipe II e de sua primeira esposa, a sua prima Maria Manuela de Portugal. Em razão

da consanguinidade dos pais, o príncipe era pálido e enfermo. De boina escura, olhos sonolentos, boca mínima, rosada, e lábios gordos, don Carlos veste capa de pele de lince, que lhe cobre os ombros e lhe confere um perfil de hipocondríaco.

Felipe II, soberano do Orbe, encarcerou os bispos fiéis a Paulo IV e abriu rotas a Paris, depois da vitória de San Quintín. Quando se malogrou a boda com a enferma María Tudor, o rei austero antecipou-se a seu enfermiço filho e se casou com a impúbere de Valois, por quem tanto suspirava don Carlos. Com guardas, forçou a porta do aposento de seu herdeiro, quando suspeitou de sua conspiração com rebeldes holandeses e seu plano de abandonar a Espanha. Não compareceu ao leito de morte do filho, quando dobraram os sinos aos seis meses do seu isolamento, na torre do Alcázar de Madrid. «Mi hijo estaba loco», escreveu ao papa.

Em 1578, Antonio Pérez, secretário de Felipe II, tentou intrigar o rei com o seu irmão Juan de Austria, o bastardo, o comandante vitorioso, tanto na Guerra das Alpujarras quanto em Lepanto. Felipe II consentiu que Pérez mandasse esfaquear Juan Escobedo, o secretário de Juan de Austria. Don Antonio Pérez conhecia demasiados segredos de alcova e caiu em desgraça. O rei mandou queimar a efígie do perseguido, que escapou de todas as masmorras. A sua cabeça estava a prêmio, quando ele fugiu para a França e, depois para a Inglaterra, onde propagou a Leyenda Negra, espalhando folhetos em que denegria a monarquia espanhola.

Don Felipe se desfez do achacoso cardeal Enrique, quando don Sebastião desapareceu nas planícies de Alcazarquivir. Derrotou em Lisboa o prior de Crato e pôs na cabeça a coroa portuguesa.

Contra a rainha inglesa, “la de los cuervos filibusteiros”, enviou o comandante Medina-Sidonia a despedaçar a Armada no Canal da Mancha. Felipe teve febre por mais de um mês. A “desgracia” se devia a “nuestros pecados”, pois a imoralidade ia de mão dada com o desleixo da beataria.

A gota, que enferrujou as articulações de Felipe II, vinha do fel das notícias: quando foi preciso executar os condes Egmont e de Horn, em 1568, as potências inimigas da Espanha alinharam-se a Flandes. As guerras a chichimecas e araucanos e os fracassos de Alba e Requesens agravaram o desassossego. A febre pestilencial acabou com don Juan de Austria.

Havia-se negligenciado a investigação da limpeza de sangue e a punição da sodomia, da blasfêmia, do fornício e da bigamia! Confinado no seu Castelo de San Lorenzo de El Escorial, com os membros inchados, cobertos de pústulas, morreu Felipe II, depois de permanecer 53 dias imóvel.

Tanto Carlos V quanto Felipe II são retratados com perfeição por Velázquez no Museu do Prado. Discípulo de Francisco de Herrera e de Pacheco em Sevilha, Velázquez fixou residência em Madrid em 1623, sob o mecenato de Felipe IV, de quem se tornou pintor de câmara aos 24 anos. Depois de sua primeira viagem à Itália, 1629 a 1631, pintou *Las lanzas*. Depois da segunda estada, 1649-1651, foi nomeado aposentador de palacio, e caballero de la Orden de Santiago.

Da coleção do Museu do Prado, enumero alguns fenótipos pintados por Velázquez, com a captura perfeita das respectivas patéticas idiossincrasias.

No Retrato de Felipe III, o cavalo branco, peludo, tem longas crinas e patas erguidas. O rei exhibe as insígnias, as vestes luxuosamente coloridas, a bengala de general na mão direita e o lenço que o vento repuxa, Cavalga sobre o mar, com uma expressão de orgulho.

Outra das obras imortais expostas no Prado é o retrato do duque de Lerma, pintado por Peter Paul Rubens. Em pose equestre, o poderoso valido de Felipe III aparece de frente, avançando para o espectador. Uma palmeira emoldura-lhe a figura. A vieira de Cavaleiro de Santiago pende do seu pescoço e ele ostenta o bastão de comando dos exércitos, com meia armadura, que jamais levou a combate algum. O semblante e o modo como segura o cetro do poder mostram-no cioso de suas prerrogativas. O cavalo tem olhos humanizados. A atmosfera luminosa realça em suas feições uma melancolia estranha. Na parte baixa do quadro está pintada uma batalha.

Felipe III nomeou don Francisco Gómez de Sandoval (duque de Lerma), plenipotenciário para cuidar do império. Para tanto, o valido recebeu feudos, prebendas e cinquenta mil ducados da prata que chegava nos galeões. Em 1601, Felipe III bailava, comia e rezava o rosário, enquanto Nassau canhoneava os “tercios” em Dunas e duque de Lerma mudava a Corte para Valladolid.

Com as bolsas cheias, Villalonga y Rodrigo Calderón disputavam a primazia do delito. Os turcos vilipendiavam as santas armas. Pululavam motins dos impagados nas Províncias Unidas.

A riqueza da Espanha se dispersava gradualmente, com o esbanjamento do ouro e da prata. A expulsão dos mouriscos desde 1609, também deu prejuízo.

Lerma, com enorme influência sobre o rei, conseguiu que a sua assinatura equivallesse à do próprio soberano.

A rainha e fray Diego Mardones tramaram para acabar os latrocínios do valido. Felipe deu ao duque de Lerma um capelo cardinalício, com o galardão de Príncipe da Igreja, em 1618 e confiou os assuntos do reino ao padre Aliaga e ao duque de Uceda, se fizeram imbatíveis na frágua dos ardis. Felipe III teve um reinado de 23 anos e morreu aos 43 anos, em 1621.

Seu sucessor, Felipe IV, em 1623, mandou prender o duque de Osuna, vice-rei de Sicília e Nápoles. Desatou sua cólera também contra Quevedo, que fora secretário de Osuna.

Sob o mecenato do conde-duque de Olivares, da casta dos Guzmán de Sevilha, Velázquez adentou a Corte, para pintar retratos de Felipe IV, el Rey Galante. Em 1624, representou o rei quando jovem: um rapaz feio, sem os bigodes oblíquos, e com os lábios desproporcionais. Recebeu, como prêmio, o título de pintor de câmara.

De 1634 a 1635, Velázquez pintou Felipe IV, cazador: o olhar abobado, os ridículos bigodões arrebitados, no rosto pálido e pardo, a espingarda na mão enluvada e o cachorro atento a seus pés.

Outro Felipe IV, pintado em 1653, quatro anos depois de se casar com Mariana de Áustria: os bigodes louros repuxados em arco e o semblante um tanto envelhecido.

É de 1655 o retrato de Felipe IV, velho, com a cabeleira e os longos bigodes curvilíneos, de pontas para o alto. O traje de seda negra, despojado dos distintivos régios, o semblante entristecido e o olhar melancólico.

De 1621 a 1665, Felipe IV foi rei de Espanha, de Portugal, dos Países Baixos e das duas Sicílias. Morreu em 1665, de desintéria, após 44 anos de reinado.

No retrato do príncipe Baltasar Carlos, a caballo, pintado em 1635, Velázquez mostra a graciosa simplicidade da infância, no rosto do menino de sete anos. Montado num cavalo gordo, ataviado com toda a pompa, sob o céu límpido, na azulada sierra del Guadarrama, Baltasar Carlos parece mais lúcido do que o seu pai, Felipe IV. Não pôde reinar, porque morreu aos 17 anos,

Em La rendición de Breda ou Las lanzas, Velázquez homenageia o triunfo militar na fortaleza de Breda, sucedido em 15 de junho de 1625, como represália ao ataque de Maurício de Nassau ao Brasil. No quadro, pintado de 1634 a 1635, os cavaleiros descem dos cavalos. O perdedor holandês, Justino de Nassau, comandante das tropas de pendões laranjas (distintivo dos Orange), entrega a chave ao vencedor, Ambrósio Spinola, que esboça um sorriso entre cínico e cordial e lhe põe a mão no ombro. Há tristeza nos semblantes dos holandeses. O campo está encharcado, porque haviam aberto as eclusas para a defesa da cidade. As lanças empinadas e as trincheiras dos tercios ao redor completam o cenário da cerimônia. Para pintar esse esplendor, Velázquez se inspirou na obra El sitio de Breda, de Calderón de la Barca, de 1626.

Sobravam tribulações nos domínios imperiais: a continuidade das guerras, a hostilidade de Richelieu, os desmandos de Rodrigo Calderón, que foi degolado na plaza Mayor, em 1621, as sátiras do conde de Villamediana, que o rei mandou dar morte, em 1622, porque dedicara “coqueteos” à rainha Isabel de Bourbon.

Para compensar esses menesteres, El Rey Galante saía a “caçar”, com roupão de veludo negro e sombrero de seda. Escolhia a mais hermosa e lhe serviam na cama. É proverbial a história da monja que se disfarçou de morta para escapar a suas reais apetências.

No Retrato equestre de don Gaspar de Guzmán, el conde de Olivares, de 1634, Velázquez mostra o valido como um pirata de luxo, adornado de chapelão, com plumas e a couraça bordada de ouro. O cavalo, gordo e marrón, de patas alçadas, parece pequeno para a grandeza de Olivares, que está de perfil, e olha de esguelha, matreiro, como se não se dignasse fitar de frente exceto o rei e a rainha. Traja uniforme militar. Conquanto jamais haja participado de nenhuma batalha, ele cavalga, apressadamente,

exibindo o bastão de general, como se comandasse uma investida das tropas.

Olivares foi um Hércules a serviço de sua majestade. O rei lhe confiava lacaios, luxo, mancebias e a regência das cidades e das Cortes. Na tentativa de restaurar os dias heroicos, o valido pediu subsídios para as despesas militares. Os catalães se recusaram a contribuir. Os portugueses, amotinados, jogaram pela janela o secretário Vasconcelos, proclamando rei o duque de Bragança. Os piratas ingleses fustigavam Cádiz. Em Rocroi, os franceses destroçaram a infantaria espanhola. Os “blasonados” imputaram hediondos crimes a don Gaspar, que caiu em desgraça. Para Felipe IV, esses “ajetreos” resultavam de suas «mocedades», já perdoadas por Sor de Ágreda.

Admiro, especialmente, o retrato da Venerable madre Jerónima de la Fuente, uma monja franciscana, do Convento de Santa Isabel de Toledo, que partiu em missão às Filipinas em 1620. Balandrau escuro, olhar austero, um tanto cínico, ela brande a cruz como se ameaçasse o observador ou o tachasse de herege. Este importante documento revela que, no século XVII, os conventos se encheram de devotos, que fugiam da fome e do fisco.

O Retrato de Isabel de Borbón (1634-35) é uma imagem suntuosa: a primeira esposa de Felipe IV, posa sobre um cavalo branco. Seu longo vestido espraia-se, pontilhado com a flor de lis da coroa francesa.



Las Meninas, o mais famoso quadro de Velázquez, pintado em 1656, representa, numa sala do alcázar madrilenho, a filha do rei, Margarita de Austria, as damas de honra (as Meninas), e os bufões.

A princesa menina, no centro da perspectiva, de vestido branco cremoso, olhar vivaz e curioso, é doña Margarita de Austria. A seu lado estão as damas da rainha, as meninas doña Maria Agustina Sarmiento, de verde e branco, joelho ao solo, oferecendo-lhe um refresco, e doña Isabel de Velasco, de vestido amarelo-cinza e branco. Maribárbola (a anã),

roupa azul, com franjas brancas, olha frontalmente para o espectador. Nicolasito (anão), vestindo um manto avermelhado, põe o pé sobre o cachorro.

Ao fundo, refletidas no espelho, as meias figuras de don Felipe IV e doña Mariana de Áustria.

O exímio artista tinha 56 anos quando pintou esse famoso quadro, em que ele aparece, num canto da perspectiva. Ostenta, na veste negra, a cruz da Ordem de Santiago, mandada pintar no quadro, na vestimenta de Velázquez, por Felipe IV, já depois de morto o gênio retratista, aos 61 anos, em 1660, cinco anos antes da morte do rei.

O jogo de luzes, na profundidade do vão horizontal, faz o espectador vislumbrar a porta e o espelho. A luz define as formas, criando a perspectiva de um espaço verossímil e dourando o ambiente fosco do recinto.

O Retrato de Mariana de Austria, a segunda esposa de Felipe VI, pintado em 1599, representa a rainha vestindo uma inflada saia de renda branca e dourada. A peruca parece extravagante. É uma espécie de cocar, no formato de uma samambaia. A rainha segura, na mão esquerda, um grande lenço branco, e apoia a mão direita numa cadeira. Tem rosto e olhos melancólicos, que a fazem parecer idosa e descontente com o luxo cortesão.

Doña Mariana era, portanto, sobrinha do rei. Estava reservada para o falecido príncipe Carlos Baltasar, mas foi oferecida, na mesma carta de condolência.

Não nos esqueçamos de evocar o talento de Velázquez para figurar os anões, os pícaros, os andarilhos e os bêbados. Comento as imagens de três bufões ou pícaros cortesãos (chamados “hombres de placer”, porque divertiam a família real no tédio luxuoso dos palácios). Para ilustrar os comentários, cito versos do poema Tres bufones de Velázquez, do poeta Santos Domínguez Ramos.

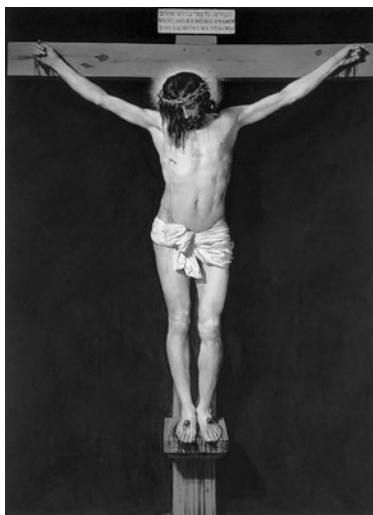
Primeiro: Pablo de Valladolid (pintado de 1632 a 1633), é um ator bufão. Vestido de negro, colarinho branco de “caballero”,



o olhar, expressando uma aflitiva tristeza, parece interpretar o trecho de um drama. Os dotes cômicos de Pablo de Valladolid talvez já não alegrem a corte: Y tú, pobre infeliz, ¿qué además poderoso/ o teatral encaminas a una luz que no hiera/ los párpados más tristes/ del reino?

Segundo: Juan Calabazas, El Calabacillas (pintado em 1638), é um bufão que traja verde escuro, com bordados no pescoço e nos punhos. As cabaças que aparecem aos seus pés parecem conter vinho. O sorriso, na desfocada fisionomia, não esconde a sua propensão às efusões báquicas. O Calabacillas é um homem sem expectativas, que ri da própria desgraça, inconsciente da sua sorte adversa: Esa luz que te quiebra la mirada/ no sabe que los ojos, que las manos/ no pueden esperar otra cosa que escorzos/ violentos como encajes tristes y superpuestos.

Terceiro: Francisco Lezcano, El niño de Vallecas (pintado em 1642): o anão, que foi servidor do príncipe Baltasar Carlos, é uma despojada criatura, com rosto de criança, olhar ingênuo, boca entreaberta de autista, cabeça grande, trajando um capote de pano tosco. Tem nas mãos uma paleta ou um maço de cartas. Nas pálpebras e no gesto, esboça o desconsolo impregnado na alma. Velázquez soube dar uma delicada graça a esse semblante anormal: ... Es él, mirad: llevó manzana y cetro/ y hoy no tiene otra cosa que una paleta plana/ y ese pañuelo al cuello, cuya luz no separa/ dos desórdenes puros que el color diferencia.



Os bufões de Velázquez renovam o repertório temático das narrações pictóricas. Numa sociedade desigual, em que os “hidalgos” dissimulavam sua pobreza, ser bufão de palácio era uma sinecura. Velázquez retrata, entretanto, o desgosto dos bufões com o infortúnio de suas deformações.

Para entender o sereno repouso do Cristo no crucifixo, recorro ao parecer a Pedro López Lara. Em poemas do seu livro *Arcén*, o poeta contempla o Crucificado, rosto caído, cravos nas mãos sangrando, em tranquila dormição, pergunta qual foi a última mirada daqueles olhos velados e afirma: por el temple

del humano que muere/ que clase de Dios habrá después resucitado. López Lara faz o elogio de Velázquez, ao afirmar que o virtuosismo do grande pintor só se pode definir com uma frase de Hamlet: Yo no sé ser, yo soy.

Com a plasticidade das formas, o calor e a beleza da cor, o melhor fotógrafo da arte pictórica tornaria inútil a máquina fotográfica, se ela existisse em seu tempo. Recordemos o que diz Ortega y Gasset sobre as virtudes de Velázquez: Só pinta o que está no objeto cotidiano, pinta com reduzido número de pinceladas, faz impalpáveis as coisas que nos rodeiam e retrai a pintura à visualidade mínima.

Outros grandes artistas deram prosseguimento à narrativa dos episódios da História da Espanha, nas telas expostas no Museu do Prado.

La recuperación de Bahía de todos los Santos, de Juan Bautista Maíno, figura don Fadrique de Toledo, que arrebatou aos holandeses a cidade de Salvador, em 1625, mostrando aos vencidos uma tapeçaria onde se vê Felipe IV coroadado por Minerva e pelo conde-duque de Olivares. Uma mulher trata de um soldado ferido. As caravelas da força expedicionária hispano-portuguesa aparecem no fundo da perspectiva. A cena inspira-se numa obra de Lope de Vega, intitulada El Brasil restituído, de 1625.

Defensa de Cádiz contra los ingleses, de Zurbarán, pintado de 1634 a 1635, enaltece o reinado de Felipe IV, mostrando, em estilo teatral, Don Fernando Girón, o velhote comandante das tropas espanholas, que repeliram o ataque da armada inglesa em 1625. Afetado pela gota, transmitindo, de uma cadeira, as ordens a Diego Ruiz. Os navios aparecem como pano de fundo, no ancoradouro, junto ao forte de Puntal.

O príncipe Carlos II é mostrado por Juan Carreño de Miranda como um rapazinho triste e assustado. De pé, vestido de seda negra, com o toisón de oro no pescoço, a espingarada cingida e um documento dobrado na mão direita, Carlos II, conhecido pela alcunha de El hechizado, sofreu as consequências endogâmicas de várias gerações. A Espanha tinha deficientes, além do rei, também a frota e os capitães. A prata que chegava a Cádiz era embarcada para a França.

Don Juan José, o filho bastardo de Felipe IV com a Calderona, concertou a boda do rei abúlico com María Luisa de Orleans. Os “mentideros” assinalaram a falta de gravidez da rainha. A fecundação não acontecia, conquanto o apaixonado Carlos frequentasse a alcova.

Veio Mariana de Neoburgo. Frustrada seguiu ainda a descendência. Reconheceu don Carlos o mau uso dado à fortuna que Deus lhe encomendara. Mulher nenhuma era capaz de obrar em sua majestade o milagre de procriar um herdeiro. Apelou-se para a magia e o exorcismo. Carlos II foi tratado com pó de víbora, santos e romarias. Os sacerdotes lhe arrancavam da alma as artimanhas do demônio.

Mariana de Neoburgo fingia gravidez e abortos, enquanto as insurreições perturbaram Madrid, Cataluña, Andaluzia e Valencia. As cidades se enchiam de vagabundos, pobres e prostitutas.

Don Carlos abriu as tumbas de seus ancestrais e entregou ao Bourbon duzentos años de conventos.

De 1700 a 1808, reinaram na Espanha, em ordem cronológica, Felipe V, Luis I, Fernando VI, Carlos III e Carlos IV. Uma nova geração de pintores, dos quais Goya foi o mais brilhante, pintou os seus retratos.

Jean Ranc retratou Felipe V, a caballo, em 1723, numa imagem aguerrida. O quadro foi resgatado do incêndio no Palácio Real, ocorrido em 1734, com alguns danos reparados. A batalha que aparece ao longe representa a Guerra de Sucessão Espanhola, de 1701 a 1715. Jean Ranc pintou também Isabel de Farnésio, com o olhar melancólico, não obstante um discreto sorriso e a elegância do vestido de veludo vermelho, cujos botões são joias preciosas.

O Retrato de Felipe V, pintado por Miguel Jacinto Meléndez, mostra o rei com um olhar um pouco afetado, o grosso lábio inferior, o luxuoso vestuário e a peruca de farta cabeleira.

Felipe V, fundador da dinastia Bourbon na Espanha, teve fama de animoso, quando suprimiu os Fueros e Cortes de Aragón, Catalunha, Barcelona e Valência, com o intuito de unificar o reino, depois da Guerra de Sucessão. A Grã Bretaña e a Áustria cerraram filas com as bandeiras da Santa Aliança, em 1701,

para impor o arquiduque Carlos de Habsburgo como rei. Contra Flandes e Cádiz lançaram-se os austríacos.

Após doze anos de contendas, Felipe V comprou a paz com carne de canhão. Milão, a Sicília, a Sardenha, Gibraltar e o Franco Condado foram gotas de azeite nos mares, cujo senhorio os-tentava a puritana Albión.

Resultaram ineficazes o enxofre e o leite de asna. O animoso Felipe V padecia de insônia e bulimia. Chorava a ausência de María Luísa, la Saboyana. Os cortesãos lhe entregaram Isabel de Farnésio, enquanto os franceses arrasavam Urgel, e não se logrou recuperar Gibraltar.

Louis-Michel Van der Loo pintou, em 1743, a Família de Felipe V, quadro no qual aparecem, num luxuoso salão, além de Felipe V, a rainha Isabel de Farnésio e os descendentes que vieram a reinar: Fernando VI, príncipe de Astúrias, sua esposa Bárbara de Bragança, Carlos III, então Carlos VII de Nápoles e sua esposa, Maria Amália de Saxônia. A figura mais expressiva é Isabel de Farnésio, cujo semblante aparenta plena consciência de suas prerrogativas. O velho Felipe V tem feições de bonachão, esboça um sorriso e olha na diagonal. No alto, sob o arco de um balcão estreito, a orquestra dos cortesãos ensaia um minueto. Uma grande cortina vermelha e as colunas conectam os dois planos da perspectiva.

Felipe abdicou em favor do jovem Luis, na expectativa de herdar o trono francês. Luis I desfaleceu diante dos ofícios, o que obrigou don Felipe a retomar a coroa. O poder, desde o tálamo, exercia a apetecida Signora Farnesio.

Nem o cravo de Domenico Scarlatti nem os gorjeios de Farinelli revogavam os fúnebres pensamentos do rei, fundador de Academias, que reinou até 1746.

O retrato do Marquês de Ensenada (Zenon de Somodevilla), da autoria de Jacopo Amiconi, 1750, mostra o dignitário com o semblante pálido, rosto largo, testa longa, peruca grisalha, exibindo o traje exuberante da sua patente e os distintivos da Ordem do Toisón de Oro e da Ordem de Malta.

No reinado de Fernando VI (de 1746 a 1759), a crise agrária resultou na escassez de alimentos e suscitou motins e desordens.

Milhares de cidadãos foram encarcerados, durante a crise agrária. Ensenada (ministro, desde 1743), impôs uma rígida estrutura fiscal, para promover reformas, que os Grandes não aceitaram.

Fernando VI está representado por Louis-Michel van Loo, com toda a pompa real, a luxuosa indumentária azul e vermelha. Rei pacifista, don Fernando desfrutava em Aranjuez das noites líricas, embaladas pelo teclado de Scarlatti e pela inigualável voz do capado Farinelli. Fernando VI defendeu Feijoo, a quem a Inquisição perseguiu, mas condescendeu com a prisão de Ensenada, que perdeu apoio na Corte. Seu programa de impostos atraiu inimigos poderosos como Santo Ofício. Os magnates não freavam o contrabando inglês. Quando a rainha se despediu do mundo, don Fernando VI tocou as raias da alienação.

De Antonio Joli, Embarque de Carlos III en Nápoles, anuncia o ilustrado Carlos III, que veio embelezar Madrid, com monumentos e lampas venezianas e trouxe Tiepolo, Mengs e os duques italianos, com os quais saía a caçar. O melômano do Don Luis, irmão de don Carlos, liderou os saraus musicais da Corte, com a participação do Padre Soler, de Boccherini, de Scarlatti (pai e filho) e de Carlos Broschi (Farinelli).

Os ilustrados foram retirando das bocas do sacerdócio o quinto dos bens dos intestados. Carlos III pediu “senhorios” para pagar a iluminação do Paseo del Prado e as oligarquias se indignaram.

Em março de 1766, ocorreu, na calle de Atocha, da plaza de Antón Martín à plaza Mayor, o denominado motin de Esquilache, uma manifestação violenta contra a ordem do marquês de Esquilache (Leopoldo de Gregorio), secretário de Estado de Guerra, que proibiu o uso de capa larga e chapéu de abas amplas em forma de gancho.

A turba ateou fogo ao palácio de Esquilache. Sua majestade refugiou-se em Aranjuez. A punhal foi passada a gentalha. Para acalmar os ânimos, foi desterrado o marquês Leopoldo de Gregorio, com quem o rei repartia o pão. Os jesuítas, a quem atribuíram a culpa de incitar a rebeldia, foram expulsos da Península. Era o próprio episcopado que solicitava o expurgo dos Loyolas.

A guerra arruinou parte do projeto reformista de Carlos III. A ajuda espanhola à revolta norte-americana contra os ingleses inspira os rebeldes araucanos. Na altiplanicie do Perú, José Gabriel Condorcanqui foi submetido ao suplício.

Era “sin pueblo” o desmonte do Antigo Regime. Carlos III não alterou os monopólios de forno e moinho. Disse que não tocou na Inquisição «porque los españoles la querían».

Dentre os exímios pintores que o Prado oferece, Francisco de Goya y Lucientes, Pintor de Revoluções e Demônios, merece um capítulo especial neste livro. Ao chegar a Madrid, em 1775, procedente de Zaragoza, Goya pleiteou uma vaga de pintor da Real Academia de San Fernando, que não lhe proporcionou a chance esperada.

No início de sua carreira, Goya colaborou com Anton Rafael Mengs, no desenho das tapeçarias (os “cartones de los tapices”) da Real Fabrica de Tapices de Santa Bárbara, que decoravam o dormitório dos príncipes de Astúrias, no Palácio de El Pardo. Estão retratados, nos tapices, cenas de paisagens, costumes e versões do povo espanhol.

Dentre as primorosas imagens que representam as estações do ano, a figuração do Inverno (1787) é a mais impressionante: o vento dobra os ramos secos dos galhos esqueléticos. A neve cai sobre a terra, por onde, em caravana, as pessoas e os animais se curvam com frio, sob a cinzenta luz que turva o céu.

Mais duas tapeçarias me chamaram a atenção destacadamente. A primeira é La pradera de San Isidro (1788), uma miríade de imagens, mostrando uma reunião popular, às margens do Manzanares, com a vista do Prado de San Isidro, de frente para a ponte de Toledo. Os romeiros aparecem na ribeira do rio. A luz da planície, a claridade ribeirinha e o perfil de Madrid destacam-se ao longe, sob o firmamento azul-rosáceo. A segunda é El baile a orillas del río Manzanares (1777), que estampa os hedonistas dançando alegremente num dia de outono. As festas dos “majos” são uma tradição espanhola.

Os melhores retratos goyescos surgem em 1759, com a figura do delgado e feio Carlos III, em traje de caçador, olhos grandes e cara simpática, com o qual Goya galgou os degraus da corte do rei ilustrado, que veio de Nápoles a Madrid, para patrocinar as mudanças reclamadas pelos cortesãos.

Em 1785, Goya foi diretor adjunto da Academia de Bellas Artes de San Fernando, a mesma que o rechaçara dez anos antes. Sua carreira artística se desenvolve prolificamente no período de

transformação do Ancien Régime à Restauração e à pós-ilustração, na Espanha do final do século XVIII e princípio do século XIX.

O Retrato del Conde de Floridablanca, pintado em 1783, realça a figura do Secretario del Despacho de Carlos III, com o colorido das vestes, os documentos nas mãos, a faixa azul de ministro, o medalhão no peito e a peruca de fios encaracolados sobre as orelhas. Floridablanca (José Moñino y Redondo) presidiu a Junta Central Suprema, de 1777 a 1792. Tentou impedir a influência da Revolução Francesa, vigiando a fronteira da Espanha com a França. O seu projeto de distribuir terras de latifúndios aos camponeses de Extremadura resultou na sua exoneração, em 1792.

O Retrato de Leandro Moratín apresenta, com impressionante acuidade psicológica, o ensaísta e dramaturgo, autor das quintillas *Fiesta de Toros en Madrid*, filho do outro Moratín (Nicolás Fernández). Leandro Moratín veste elegante casaco e tem olhos vivazes, nariz proeminente, lábios carnosos e cabelos castanhos.

Goya representa Jovellanos (Gaspar Melchor de Jovellanos), ministro de Gracia y Justicia, de 1797 a 1798, com o semblante melancólico. O ilustrado ministro, que foi exímio poeta, tem o rosto apoiado no braço esquerdo, cujo cotovelo se escora na escrivaninha. Os papéis se amontoam sobre a mesa. Mais homem de letras do que de Estado, o autor da comédia *El Delincuente Honrado* e da famosa *Ley Agraria* dividia-se entre o pensamento político e a poesia. Esteve sete anos preso no Castelo Bellver, em Mallorca, desde 1801, quando foi alvo da inimizade dos setores conservadores da corte.

Chegou a vez de Manuel Godoy ser investido do cargo de Primeiro Ministro, graças à sua intimidade com a rainha Maria Luisa de Parma. A publicidade das suas relações com a rainha prejudicou a monarquia de Carlos IV. Bocas viperinas focavam. Manuel Godoy, o moço de caballerizas, ex guarda de corps, feito duque de la Alcudia, despachava pela entrepierna, ocupando a alcova régia.

Godoy foi mecenas de Goya, desde 1792, ano em que o pintor foi assolado pela surdez, que lhe perturbou os nervos e, certamente, aguçou mais a sua criatividade.

São de 1797 os retratos do duque e da duquesa de Alba. No quadro exibido na coleção do Museu do Prado, o duque de Alba

aparece lendo um documento de Estado, com o cotovelo apoiado numa escrivaninha decorada. Quanto à duquesa, retratou-a, com longa peruca encaracolada, e um vestido rendado, branco até os pés, e faixa vermelha na cintura. A duquesa de Alba, que dizem ter sido amante de Goya, o pintor a retratou com uma longa peruca encaracolada e faixa vermelha na cintura.

As críticas ao fanatismo religioso e aos privilégios da nobreza e da Igreja, propagadas por Meléndez Valdés, Moratín e Jovellanos, inspiraram a pintura de protesto de Goya, que retrata escabrosos personagens de uma sociedade despreparada para instituir o bem-estar coletivo. São exemplos disto os *Caprichos*, pintados de 1797 a 1799, (80 “grabados en aguafuerte”), técnica em que se usa o ácido nítrico para gravar imagens em placas de cobre). São ironias e denúncias da repressão da liberdade intelectual, da glotoneria dos sacerdotes e da ociosidade da nobreza, no reinado de Carlos IV.



No desenho de Tu que no puedes, os asnos, que aparecem montados sobre os camponeses, simbolizam a Igreja e a nobreza como um peso para as classes produtivas. Goya denunciava assim o sistema fiscal que recaía sobre os humildes como cargas que caberiam aos asnos.

Nas caricaturas estilizadas de bruxas, histriões e duendes, Goya representa acontecimentos políticos ocorridos durante e depois da Revolução Francesa. Recordemos de que a ascensão de Carlos IV coincidiu com a morte dos seus primos franceses na guilhotina. As estampas sarcásticas e patéticas dos *Caprichos* refletem a crítica de Goya tanto aos jacobinos quanto aos absolutistas, segundo o fanatismo de cada partido. Os sacerdotes são satirizados, representados como duendes.



El sueño de la razón produce monstruos, estampa a figura de um sujeito dormindo, ao redor

do qual sobrevoam grandes morcegos. É uma denúncia do extremismo político: a razão não vigilante cai na irracionalidade. A fantasia descontrolada dá origem a monstros que a noite realça.

Acredita-se que o asno estampado em alguns Caprichos seja Godoy, um dos protetores de Goya. O pintor o teria satirizado por sua desastrosa política de estadista inepto.

Goya se consagrou como historiador da imagem, ao registrar os primeiros Bourbons. Fez vários retratos de Carlos IV e da rainha María Luisa, caracterizados com aspecto histriônico. Tem laivos de caricatura o quadro em que María Luisa aparece com mantilha e chapéu, montada no cavalo Marcial, que lhe apresentou Godoy.

O Retrato da família de Carlos IV expõe, num espetáculo à parte, o luxo dos Bourbons, que reinaram no período de 1788 a 1808.

Nesse primor pictórico, datado de 1800, a família real, de pé, com o brilho das cores, a beleza dos vestidos, as joias e as decorações, é vista num salão de parede adornada com quadros.

As caras néscias revelam, não obstante, que os personagens estão conscientes de que Goya os está imortalizando.

Os homens vestem a faixa da Ordem de Carlos III e têm no pescoço uma cinta da Ordem do Cristo de Portugal.

As mulheres usam a faixa da Ordem de Maria Luisa, sobre os vestidos, estilo império, cobertos por uma peça de brocado cortado, com a cintura alta.

O menino Francisco de Paula, posto à frente, vestido de veludo vermelho, com faixa na cintura, olhar vivaz, esboça um sorriso.

Com o olhar deslumbrado e os adornos das roupas coloridas, a rainha Maria Luisa afigura-se presumida. Os colares pendem do pescoço e os brincos das orelhas. O cabelo ostenta joias multicores.

Carlos IV, cara de bonachão, tem no semblante qualquer coisa de ambiguidade. Transparecem-lhe a ingenuidade e a astúcia de uma personalidade bipolar.

O seu irmão Antonio Pascual aparece por trás, com uma pitada de inveja no olhar.

À esquerda, Fernando, o príncipe herdeiro, exhibe suas con-

decorações. Tem ao lado seu irmão Carlos Maria Isidoro e a infanta Maria Josefa de Bourbon y Sajona, idosa, com grandes brincos e o “parche” lunar postiço (uma pluma de ave) no olho direito, que lhe suaviza o semblante disforme. O próprio Goya aparece ao fundo, na perspectiva.

A jovem que tem o rosto virado representa a noiva que Fernando ainda não escolheu.

À direita estão: Luis de Bourbon e a esposa Maria Luisa de Parma, filha dos reis (que tem nos braços o filho Luis, neto dos monarcas) e, detrás do ombro de Luis de Bourbon, Carlota Joaquina, que, posteriormente, disseminaria intrigas no Brasil e em Portugal.

Goya pintou, hiperbolicamente, a vida moral da família Bourbon, cuja dignidade parece reduzir-se aos adornos. Há, nas fisionomias do rei e da rainha, uma mistura de cinismo vaidoso, com aparente estupidez. A família parece um grupo de fantoches, carregado de ouro.

As duas Majas dão prova da qualidade da arte erótica de Goya.

A Maja desnuda exhibe encantos de um erotismo impactante: envolta em gaza, rodeada de quadros e refletida nos espelhos, com um olhar sensual, insinuante, ela convida o espectador a admirá-la. Seu corpo delicado e bem torneado, sua pele branca, os seios empinados e a pluma de seda dos pentelhos seduzem o observador. Tudo nela é sensualidade: os pés, as coxas, o púbis, os seios, o rosto e o umbigo, que esboça no seu ventre o caminho de penugem, que se oculta nas coxas unidas. A pele branca brilha nos seios túrgidos e no braço levantado.



A Maja vestida tem um sorriso dissimulado. Reclinada num canapé, calça sapatos de brocado dourado, que ressaltam seus delicados pés. Um toque escuro, por trás do vestido semi-transparente, chama a atenção para o púbis, para a sua cintura fina e a opulência dos peitos. O cinza claro dos contornos, o branco e o amarelo dos trajes combinam com os tons claros e cálidos do sofá.

Ambos os quadros foram encargos de Godoy. Alguns estudiosos dizem que o modelo é Pepita Tudó, a amante de

Godoy. Outros, contudo, aventam a possibilidade de ser a duquesa de Alba. Ambas guardam alguma semelhança fisionômica com a mulher figurada na tela. Pelo indecoro das Majas, Goya chegou a ser interrogado pelos esbirros do Santo Ofício. Eugenio d'Ors, em seu primoroso *Tres horas en el Prado*, qualifica as Majas como “verdaderos monumentos de obscenidad; especialmente, como es natural, la vestida”. (D'ORS, 2004, p. 85).

A crise financeira da Espanha, de 1789 a 1816, em consequência da Revolução Francesa, abateu a monarquia de Carlos IV.

A Espanha perdeu a província ultramarina de Santo Domingo, na guerra contra a França. Os conflitos de classe, a política fiscal desfavorável às classes privilegiadas e a política pró-francesa de Godoy, indispueram o povo com o monarca. Aliar-se a Napoleão equivaleu a submeter-se à espada inglesa. Em 1805, desmoronou a Armada em Trafalgar. Godoy, entretanto, celebrou com Napoleão o Tratado de Fontainebleau, que permitia a passagem de tropas francesas pelo território espanhol, para invadir Portugal.

Don Carlos penetrou no quarto de seu filho, no Escorial, em outubro de 1807, e destampou as provas de uma conjura. O velhaco pediu perdão e denunciou os próprios amigos.

Seis meses depois, em 17 de março de 1808, os fernandinos destroçaram as portas do palácio de Godoy em Aranjuez. Descobriram-no escondido num desvão, enrolado num tapete e lhe deram uma sova. As tropas francesas não tardariam a dominar a Espanha. O príncipe Fernando as recebeu como uma comitiva de aliados.

Com Godoy na prisão, a multidão em Aranjuez forçou Carlos IV e Maria Luisa a abdicarem em favor de Fernando. Carlos IV rogava ao filho perdão para o “entrañable” Godoy, a cuja morte não sobreviveria.

Murat, com 20 mil soldados, apoderou-se de Castela e, sentindo-se rei da Espanha, evacuou para a França Carlos IV, Maria Luisa, Godoy e Fernando VII, este já convertido em rei. A comitiva marchou para Bayona, refém de Napoleão, que arbitrou a renúncia de ambos os néscios, recebeu a coroa e a entregou a seu irmão José, o novo patrão da Espanha.

Quando o rei Fernando VII se entregou aos franceses, os revoltosos fizeram o épico protesto violento de 2 de maio de 1808 em Madrid. No dia seguinte, os espanhóis caíram fuzilados em diversas praças da cidade.

O pintor dos diabólicos arlequins representou os trágicos episódios de 1808 em dois espantosos painéis. El dos de Mayo de 1808 em Madrid, também chamado *La lucha con los mamelucos*, retrata o povo madrilenho com navalhas, atacando os mamelucos egípcios, os dragones e os granaderos que compunham a milícia de Murat. De adaga em punho, defendem-se os mercenários da França. O espectador percebe o movimento da cena em que um francês cai do cavalo e é esfaqueado. Outros mortos aparecem estendidos no chão.

A tragédia dos dias 2 e 3 de maio de 1808 começou às portas do Palácio Real, quando chegaram as carruagens e alguém gritou, da varanda, que o príncipe herdeiro, Francisco de Paula, estava sendo arrancado à força para o exílio em Bayona. Para evitar o rapto do infante, os insurretos acometeram os franceses. Os cavaleiros mamelucos, a serviço do invasor francês, abriram fuego contra o gentio, que tiroteava das varandas e das janelas. Barricadas se levantaram na Puerta del Sol, onde se instalaram canhões.

A plebe por armas gritava, diante do parque de artilharia. O capitán-general não arriscou seus homens à barbaria. Os bispos condenaram os alvoroços. Os abastados fecharam as portas de suas mansões. Não cabía senão defender-se com punhais.

Velarde, Daoíz y Ruiz tomaram o arsenal de Montelón. Avanzou a procelosa refrega, sob os arcos da plaza Mayor, contra a cavalaria, entre balas e golpes de sabre. Expandiram-se os combates pelas ruas; cidadãos e cavaleiros se destroçavam na Puerta de Toledo e na Puerta del Sol. Intrépidas mulheres acendiam a mecha dos canhões.

Na madrugada de 3 de maio, os capturados, arrastados de seus lares, caminhavam atados em grupos. O sangue dos sacrificados manchou o parque de artilharia, o Retiro, a Casa de Campo, a Puerta de Segovia, a montanha do Príncipe Pío e a Puerta del Sol. Depois do silêncio imposto pelas execuções, Murat deu conta a Napoleão de milhares de mortos em combate.

No quadro *Los fusilamientos del tres de Mayo*, o pintor da catástrofe desenhou as cabezas decepadas, os disparos a queima-roupa e as entranhas ensanguentadas. Mostrou a noite do massacre, próximo ao Palácio Real. Os fuzis estão quase tocando os sentenciados. Uma parte dos condenados jaz sobre charcos de sangue. Nos rostos aterrorizados transparece o pavor. Os verdugos, de perfil, rostos cobertos pelas barretinas, estão concentrados na pontaria. A lâmpada incide sobre o cidadão de camisa branca, ajoelhado, cenho franzido, olhos de desespero, abre os braços, numa postura que recorda o Cristo crucificado, com as mãos marcadas por estigmas. Um frade, cabisbaixo, com as mãos juntas, vê os corpos despedaçados dos cadáveres, encharcados do próprio sangue.

José I teve cinco anos de reinado, tempo que durou a guerra, documentada pictoricamente pelo grande Goya.

Com o país levantado em armas contra o usurpador, os napoleônicos demoliram muros em Córdoba e bombardearam Zaragoza. Tendo escombros por trincheras, o gentio fazia fogo das janelas, afrontando os canhões.

Os líderes Juan Martín Díez (El Empecinado), Gregorio Cuesta e Palafox comandavam as turbas, entre cadáveres amontoados, dando guerra aos franceses. Por fim, em Bailén, o exército de Dupont sofreu revés e rendeu as armas, sob o assédio dos homens de *Castaños*.

Goya documentou o inventário da locura. Os Desastres de la guerra, pintados de 1810 a 1815, constituem o manifesto de Goya contra a guerra e mostram o seu desengano com a Restauração de Fernando VII.

Os verdugos se aproximam das vítimas, para castigá-las fatalmente. Os fuzis apontam para os que recebem o batismo da morte e caem sob o fogo das descargas. Os empalados e apunhalados são carregados ao cemitério. Os enterradores jogam numa fossa comum os cadáveres nus, sob um céu de chumbo. O fogo ergue-se sobre o fundo das casas incendiadas. Crianças arrastam cadáveres de franceses. Suplícios e fúrias enlouquecem as turbas selvagens. Goya derramou febre sobre as telas.

Depois da derrota de Bailén, José I foi expulso pelos guerrilheiros e abandonou Madrid. O Caudilho da Europa vingou-se, man-

dando quarenta mil homens através dos Pirineus, para devolver o trono a seu irmão. José Bonaparte voltou e permaneceu até 1813.

Goya fez dois retratos do duque de Wellington, o comandante inglês que, em Vitória, pôs fim às pretensões francesas. Em 1813, José I partiu, finalmente, em debandada.

Em 1814, restaurado e recebido como herói, Fernando VII revogou a Constituição liberal de 1812, restaurou a pena de morte e restabeleceu a Inquisição.

Goya teve de explicar de que lado estava e por que havia pintado José Bonaparte. Apesar disso, sua restituição como pintor de câmara, com o salário completo, dá amostras do seu prestígio.

No retrato de Fernando VII, datado de 1815, Goya mostrou o rei vestido de “capitán-general”, com três galões dourados e os emblemas da Ordem de Carlos III. O semblante e o olhar de esguelha caracterizam-no como um psicopata. Nota-se que Fernando VII não era um campeão em simpatia nem em beleza. Sua expressão “torva e fofa”, segundo Pérez-Reverte, apenas confirma que foi “covarde, vil, cínico, hipócrita, desleal, embusteiro, rancoroso e vingativo”. Em síntese: “o mais repugnante de todos”.

Fernando VII seguiu desterrando, prendendo e confiscando bens de seus opositores. Em 1815, mandou enforcar Díaz Porlier por tentativa de sublevação constitucionalista em La Coruña. Em 1817, mandou fuzilar Luis Lacy, por dirigir um levantamento antiabsolutista na Catalunha.

No dia 1 de janeiro 1820, em Cádiz, os liberais capturaram o rey felón como refém e o forçaram a jurar a Constituição. Em 1823, os “Cien Mil de Francia” acudiram à porta, em nome da Santa Aliança, para restituir-lhe os poderes.

O deputado liberal e dramaturgo Martínez de la Rosa, que o constrangera a aceitar a Constituição, fugiu para o exílio. Menos sorte tiveram Juan Martín Díez, o Empecinado, crivado de golpes de baioneta e pendurado na forca em Roa de Duero; Riego, enforcado e despedaçado na plaza de la Cebada; Mariana Pineda, levada ao cadafalso em Granada; e Torrijos, fuzilado com cinquenta adeptos em Málaga.

Antonio Gisbert registrou, numa primorosa tela, o Fusilamiento de Torrijos y sus compañeros, en las playas de Málaga.

O general José María Torrijos, grisalho, de aspecto sereno e altivo, segura as mãos de dois companheiros. Os padres vendam os olhos dos condenados. O pelotão espera a ordem para novos disparos. Há quatro caídos, mortos, sangrando. Torrijos protagoniza o regresso constitucionalista do Triênio Liberal, que Fernando VII substituiu pelo absolutismo. Vivia exilado na Inglaterra. Entrou em Málaga em 1831 e caiu numa emboscada.

Quando apreciei esses detalhes do quadro, estava comigo o Antonio Gómez, que é malaguenho e me esclareceu os pormenores da paisagem. Num ângulo inferior, vemos a baía de Málaga, que brilha no horizonte. O local as execuções é a Playa del Bulto. As torres da Igreja dos Mártires aparecem ao fundo. O nome da igreja é pura coincidência. Antonio me recorda das palavras de Torrijos, no momento trágico: Antes morrer que consentir tiranos.

As pinturas intituladas *Los disparates*, do fabuloso Goya, dão continuidade à série *Los desastres de la guerra*, reiterando imagens de fuzilamentos, carniceria e mutilações. São estampas que ironizam a Restauração monárquica de Fernando VII.

Em 1819, aos 73 anos, Goya foi viver na Quinta del Sordo, à margens do Manzanares. Ali fez as denominadas “Pinturas negras”, um aprofundamento da fase macabra da sua obra.

As Pinturas negras, colecionadas no andar mais alto do Museo del Prado, plasmam figuras oníricas, fantásticas, de caras retorcidas como bestas possessas. São demônios e bruxas, com perfis de aves de rapina, morcegos e monstros sádicos. São de estarrecer a boca sangrenta e os olhos arregalados do horrendo e famélico gigante Saturno devorando a su hijo: o velho barbudo agarra com as mãos e devora avidamente a criatura, já sem cabeça e sem braço.

El gran cabrón representa uma assembleia de bruxas, em que um bode preto, de grandes chifres, cercado de bruxas, preside o ritual de magia negra. No mundo da noite negra, bruxos e bruxas, de deformadas feições e distorcidos gestos, protagonizam um rito de metamorfose alucinante.

Átropos o las Parcas perfila as impiedosas filhas da Noite, que perseguem os delitos dos homens e dos deuses e concedem aos que nascem a posse do bem e do mal. As três terríveis deusas determinam o destino de um cativo, de mãos atadas, que com elas viaja na atmosfera de um pesadelo.

Goya sentia o clima hostil na Espanha, depois que as forças liberais foram aplastadas pela tirania de Fernando VII. Em 1824, aos 78 anos, já idoso e cansado, transferiu residência para Bordéus, onde, viúvo de Josefa Bayeu, morou com Leocadia Zorrilla, de 36 anos e a filha, Rosario, de dez, que com ele aprendeu a pintar.

O gênio da pintura embarcou-se num féretro, em 1828, aos 82 anos. Em 1888, seus ossos foram trasladados a Madrid. Estão sob o mármore de San Antonio de la Florida. Gómez de la Serna disse, com propriedade, que a pintura de Goya nos exalta a alma com o alcaloide da Arte.

Antonio Machado Sanz acompanhou-me pelas sete quadras do Paseo de la Florida, que separam a Estación Príncipe Pío das duas igrejas de San Antonio de la Florida. Somente soube que a igreja de Santo Antonio, onde está o sepulcro de Goya, estava fechada para reforma, quando já estávamos no local.

Passeamos, contudo, ao largo da Montaña del Príncipe Pío, lugar histórico onde ocorreram os fuzilamentos dos madrilenhos pelas tropas francesas em 1808. Vimos, na subida da Montaña de Príncipe Pío, o grande painel que reproduz o famoso quadro com que Goya imortalizou aquele episódio épico.

Setembro cálido em Madrid: Septiembre es el mejor mes en Madrid. Puedo saborear naranjas de Valencia, sin pasión por el hastío, sin rebelarme contra la primera célula. Sorber la pureza de una Solán de Cabras, salir por un *callejón* bordeado de certidumbres.

Na realidade, fez um calor opressor na segunda semana de setembro de 2025. Três dias depois, esfriou de repente. Com a oscilação da temperatura, peguei gripe e tive de ficar dois dias sem sair de casa. Setembro só foi o melhor mês na derradeira semana, quando o calor arrefeceu.

O certo é que Antonio e eu encontramos encerrada a igreja onde foi sepultado Goya. Culpei a internet, que divulgou a informação errada, não esclarecendo que uma das duas igrejas de San Antonio de la Florida estaria aberta, mas a outra igreja, vizinha, a que nos interessava, porque custodia o túmulo de Goya e tem os afrescos goyescos, estava coberta pelos andaimes de construção. Sem outro recurso, fomos tomar um mosto na esquina. Em tom

de gracejo, Antonio aludiu ao insólito fato de Goya estar sepultado sem cabeça, e, em compensação, terem posto uma efígie do pintor, na calle de Goya, com uma enorme cabeça.

Deambulamos pela ponte Reina Victoria, apreciando as farolas que a decoram desde 1909, e o “embalsado” Manzanares, que, segundo Antonio, assim se chama porque esbarra numa represa construída no século XX.

No âmbito ribeirinho, apreciamos álamos, juncos e pontes, à extensão do curso da água. Bebióte un asno ayer y hoy te ha meado, fazia chacota Góngora com o rio de Madrid.

Voltei ao Prado, dias depois, e continuei a tomar nota dos quadros, em sequência cronológica, para seguir narrando episódios da história da arte espanhola.

Vi, no grande museu, o retrato do Velho Goya, pintado por Vicente López, com casaco de seda gris sobre a camisa branca de babados, mostrando o olhar austero, não obstante os implacáveis traços no semblante idoso, Goya segura o pincel e o estojo, concentrado, fitando o espectador.

Vicente López pintou também o Retrato de María Cristina de Borbón. A rainha regente aparece com uma expressão serena no semblante benevolente. Minuciosas cores, filigranas, joias e um diadema têm destaque no traje. O retrato, concebido como efígie nupcial para Fernando VII, esposo da rainha, revela a habilidade de López para captar, na fisionomia e no luxo dos adornos, a opulência da Corte dos Bourbons.

Após a morte de Fernando VII, María Cristina governou, de 1833 a 1848. Pactou com o liberalismo moderado para defender a coroa de sua filha Isabel II. A camarilha afinou as baionetas, enfebrecida pelo seu cunhado Carlos María Isidro, que não queria ver o povo sucumbir àquela facção sem religião. A Quádruple Aliança liberal aportou navios franceses e armamento inglês. As igrejas foram pasto das chamas. Os sargentos se amotinaram. Com um deles se entretia a Regente. O general Espartero assinou com o general Maroto, chefes dos bandos adversários, o Convênio de Vergara, destituiu María Cristina, expulsou o núncio, fuzilou os generais rebeldes. O general Narváez, o Espadón de Loja, atacou por todos os lados, para livrar-se de Espartero e comandar os valedores de Isabel II, apelidada

“la de los Tristes Destinos”. Outro general, o “bonito Serrano”, atendia para o serviço de alcova.

“Malmaridada” com Francisco de Asis, o primo da “vocecita”, Isabel se ufanava de ser a “chulapona” (castiça e desenfadada) da navalha na liga.

O duque de Valencia acometia os conjurados da plaza Mayor. Don Francisco folgava com don Meneses. Doña Isabel, com túnica apertada e decotada, as formas bem marcadas na estampa, desfrutava das verbenas de barrio.

Em maio de 1847, um jornalista energúmeno disparou várias vezes contra o faetón de Isabel, na esquina da calle de Alcalá com a Puerta del Sol.

Doutra feita, ia apresentar a infanta à patrona de Madrid, quando o estilete de fray Merino resvalou em seus bordados. Depois da ferida ligera e do garrote ao energúmeno, a rainha bailou com moderados o alegre “rigodón” e com progressistas, ao ritmo do “chotis”.

Urbiztondo, o ministro da Guerra, faleceu da espada de Narváez, que o impediu de aceder aos aposentos da rainha que se entretinha com Puigmoltó. Eram tempos de sabres desembainhados.

Os militares não retrocedem em suas “algaradas”. Volta Narváez, depois da queda de O'Donnell, e O'Donnell quando cai Narváez.

Os humoristas contam que o general Ramón María Narváez, no leito de morte, foi por um padre aconselhado a perdoar os inimigos e respondeu: Padre, no puedo perdonar a mis enemigos, los he matado a todos.

Na Noche de San Daniel, em 1865, perpetrrou-se um massacre de estudantes na Puerta del Sol. Os sargentos do quartel de San Gil suscitaram tal torvelinho que a população levantou barricadas. A Marinha em Cádiz logrou adesões de rebeldes. A Junta gritava: ¡Abajo los Borbones! Operários e camponeses assaltavam as fincas. Progressistas e liberais firmaram acordo para depor a rainha. Prim atacou por Levante. Doña Isabel, enxotada ao som de ignominiosos apodos, fugiu por San Sebastián em 1868.

Coube a Federico de Madrazo pintar o retrato de Isabel II: de pé, com os símbolos da realeza, em traje branco de gala, coroada, e tendo ao lado outra coroa, sobre uma almofada vermelha.

Prim fez coroar o duque de Aosta, Amadeo de Saboya, dignatário del risorgimento, que aceitou ser chamado el rey caballero em Madrid.

Consta da inigualável coleção do Museu do Prado o quadro intitulado Los poetas contemporáneos, una lectura de Zorilla en el estudio del pintor, pintado por Antonio Maria Esquivel y Soares de Urbina, que constitui valiosa contribuição para a história literária da Espanha: 44 importantes poetas espanhóis, que viveram no reinado de Isabel II estão figurados na tela de Esquivel. O pintor retrata-se no meio da composição, deixando por um momento o seu trabalho para ouvir Zorilla. Dois dos poetas aparecem apenas em efígie: Espronceda, porque tinha morrido um ano antes (está representado num quadro colocado num cavalete), e o duque de Rivas, que estava em Nápoles (aparece num quadro pendurado na parede).

Esse documento imagético do romantismo, que os espanhóis chamam romanticismo, está datado de 1846. Destacam-se, entre 44 eminentes figuras, Martínez de la Rosa, Ventura de la Vega, Amador de los Ríos, Campomanes e Mesonero Romanos.

Amadeo de Saboya, que chegou quando marxistas, bakunistas e operários se mordiam de raiva. Numa noite aziaga, em frente a uma taberna da calle del Turco, o sicário Paúl y Angulo disparou cinco estampidos contra o general Prim. Don Amadeo pôde apenas visitar o cadáver do seu mais fiel aliado.

Serrano pedia a supressão de garantías. O rei se opõe à medida. Amadeo fumava o seu cigarrillo, na calle del Arenal, quando dispararam contra sua pessoa. Escapou, mas estava cansado de “assonadas”. Vivia acossado pelos conspiradores. Tudo eram lemas para o descontentamento geral: quartéis, trabalhadores, os carlistas, o corpo de artilharia e a guerra de Cuba. Engasgado com o espinho das Cortes, don Amadeo retirou a coroa.

Deixei de comentar, neste inventário parcial e passional do grandioso museu, as obras de Murillo, que, ao representar a glória e as aparições celestiais, retrata uma parte da história

da Espanha. Tampouco citei, especificamente, as figuras dos monges, que Zurbarán pintou para significar o misticismo tradicional da Espanha cristã. Reconheço a lacuna que deixo neste estudo; defendo-me, porém, com o argumento da falta de espaço. Estou seguro de que a enumeração aqui assentada é uma satisfatória sinopse da história da Espanha, figurada na arte dos mestres da pintura.

É proverbial o elogio que fez o pintor e escritor Ramón Gaya: España será más loca sin el Museo del Prado. De fato, apreciador não se cansa de ver as maravilhas do Museu do Prado, esse grande retábulo de perfeições, que, em cintilações de cores, tanto diz do ânimo aguerrido dos espanhóis.

Saio do Prado e revejo, a cem metros, a plaza de la Lealtad, um dos lugares onde franceses fuzilaram espanhóis nos infamizados acontecimentos de 1808. Ciprestes esguios e verticais e um túmulo de mármore, sem altar, embelezam a emblemática praça. Diz muito da história contemporânea da Espanha aquele monólito, ornamentado com quatro estátuas e um facho aceso. Na pedra, está escrito: Las cenizas de las víctimas del Dos de Mayo de 1808 descansan en este campo de lealtad regado con su sangre. ¡Honor eterno al patriotismo!

Em poucos minutos, estou na plaza de Cánovas del Castillo, vejo Neptuno, esgalgo, longilíneo, na sua viagem aquática. De pé, sobre um caracol que tem rodas de barco, vai o rei do mar sobre os cavalos, que nadam nas águas.

Caminho até a plaza de Canalejas e não tardo a chegar à plaza del Ángel, ambiente castizo, onde me encontrei com os amigos Antonio Machado Sanz e María Jesús Velasco. Almoçamos cocido madrileño e bacalao rebozado.

Para os espanhóis, comer é almoçar. Jantar é cenar. Em ambos os ritos sociais, o objetivo em si é o conversatório. Chega-se às treze horas ao restaurante, e não se sai antes das dezesseis. Custa-me selecionar a voz de Antonio, no meio do vozerio impostado de 30 tenores e 30 sopranos ressoando em tom imperativo, no rito da comilança.

SAN JERÓNIMO EL REAL

Depois de visitar o Museu do Prado, dirijo-me à encantadora zona de Madrid, onde a veneranda igreja de San Jerónimo El Real testemunha antigos episódios da história da Espanha.

Nesse vetusto templo, que ostenta um tom de pedra antiga na fachada, ocorreram a jura de Felipe II, em 1528, como herdeiro do reino dos Áustrias, a boda de Alfonso XXIII com Victoria Eugenia em 1906 e a proclamação de Juan Carlos I em 1975.

O enorme quadro do altar maior, da autoria de Rafael Tegeo (1798-1856) intitulado *La última comunión de San Jerónimo*, de 8 por 4 metros, mostra o Cristo ressurrecto, flutuando na nuvem que parece tangida pelos trompetes dos anjos. São Jerônimo, barbudo, velho e austero, vai receber a comunhão das mãos do papa Damaso I (305-384).

O velho santuário jerônimo tem vitrais icônicos e capelas despojadas. À esquerda da nave única, pintados por José Méndez em 1855, nove personagens esboçam gestos ritualísticos. No centro das imagens, emerge a Virgem, de manto azul, alada como um Serafim, repousando sobre a aura branca de sete angelicais figuras, vinculadas por um cordão nos ombros. Anjos coloridos, de mãos unidas, sobrevoam as laterais. No alto, emerge o Cristo crucificado, e, na retaguarda, o Consolador, na figura do Pai Eterno.

Os pintores que decoram a Igreja de San Jerónimo estão à altura dos mais consagrados, com obras expostas no Museu do Prado, que se avista ao lado, na descida da ladeira.



PASEO DEL PRADO

Hei de repetir sempre a agradável caminhada, sob a sombra de plátanos e cedros frondosos, pelo Paseo del Prado, que vai da plaza de Cibeles a Atocha. Tudo é esplêndido nesse trajeto. O acropolitano edifício da Bolsa de Madrid, com majestosas colunas na fachada; a plaza de la Lealtad, com o obelisco dentro de um horto; Neptuno, o intocável, na plaza de Cánovas del Castillo, regendo a orquestra das águas com os cavalos nadadores; a discreta Fuente de Apolo, que é uma miniatura, se comparada à exuberância de Neptuno ou de Cibeles; o portento do Museo del Prado, com



seus ícones-chamarizes; a estátua de Velázquez, sentado, tendo nas mãos o estojo e o pincel, diante da galeria de colunas.

Apreciei, detalhadamente, na venturosa caminhada, a Fuente de Apolo, monumento desenhado por Ventura Rodríguez, o glorioso arquiteto do século XVIII, autor de várias belezas arquitetônicas, inclusive as emblemáticas fontes de Cibeles e de Neptuno. Um manto escorre no corpo esbelto do deus das pitonisas. Quatro efígies alegóricas femininas custodiam-lhe o pedestal, ornado de gárgulas (com as máscaras de Circe e Medusa) que lançam água. São

representações das quatro estações do ano. Todo esse encanto está emoldurado pelos finos ramos dos cedros de veludo escuro, onde os pássaros fazem festa.

Caminho um pouco mais e vejo a estátua de Murillo e o portal do Jardim Botânico, onde avulta uma sinfonia de tons cromáticos e supremos deleites.

Observo, paralelamente à passarela de pedestres, a avenida Paseo del Prado, que se estende no mesmo percurso, da plaza de Cibeles à plaza del Emperador Carlos V (diante da Estação de Atocha). Os carros transitam nesse eixo cultural e histórico do Prado, que remonta ao século XVIII. A UNESCO declarou o espaço, que inclui o Paseo del Prado e o Retiro, Patrimônio Mundial, atribuindo-lhe o qualificativo poético de Paisaje de la Luz. Esse portento de civilização e beleza foi trabalhado pelos arquitetos do tempo de Carlos III, que fizeram do antigo Prado de San Jerónimo um passeio urbano de fina delicadeza.

CALLE MAYOR

Andar pela formidável calle Mayor, via pública feita para o trânsito de carruagens e comitivas reais, permite-nos recordar cruciais episódios históricos. Repleta de transeuntes, a calle Mayor dá continuidade à carrera de San Jerónimo, depois da Puerta del Sol. Sua ampliação foi realizada no tempo de Felipe II, para ligar o Alcázar ao Monastério dos Jerônimos.

Quando caminho nessa passarela de grandes portais de madeira talhada, observo os relevos elegantes dos claros edifícios de varandas decoradas de signos heráldicos.

De pronto avisto os arcos da plaza Mayor. Deparo com o arco onde começa a pequena calle de 7 de Julio. Colorida, ornada de escudos, torres, janelas, varandas e a estátua do rei Felipe III, a plaza Mayor dá acesso ao Mercado de San Miguel, ao qual se chega pela antiga calle de Ciudad Rodrigo, um corredor ornado de colunas de granito.

A calle Mayor, agitada via pública, foi palco de marcantes episódios da história da Espanha, como o assassinato, em 1622, do Conde de Villamediana, poeta galante, que escreveu versos contra a Igreja e a favor da rainha.

Promulgada a Constituição de 1876, no início do reinado de Alfonso XII, as Cortes Constitucionais acolhiam Cánovas, com a bandeira conservadora, Sagasta, com a dos masônicos, e Pi y Margall com a federalista. Os foros bascos, entretanto, engendravam a barafunda. Os caciques primavam pela fraude nos escrutínios de votos.

No dia 25 outubro de 1878, don Alfonso ainda chorava a morte de doña María Mercedes, falecida há três meses, quando, ao regressar da campanha do Norte, contra os carlistas, escapou incólume de uma tentativa de regicídio, da parte de Juan Oliva, um toneleiro tarragonês, que disparou duas vezes contra o coche real, na calle Mayor, 93. Sobreviveu a outro atentado a tiros, em

dezembro de 1879, perpetrado pelo pasteleiro Francisco Otero González, nas portas do Palácio Real, a um mês da boda com María Cristina, apelidada “Doña Virtudes”, quando o casal voltava de um passeio no Retiro.

Apesar das borbulhas republicanas, Sagasta alternava com Cánovas e o rei frequentava as tertúlias de suas favoritas. Foram, entretanto, inúteis as águas de Betelu e a mudança de residência a El Pardo. Morreu Alfonso XII em 1885, com apenas 27 anos, depois de 11 anos de reinado. A tuberculose conseguiu o que não lograram os regicidas.

Bombas se descobriam no pandemônio que convulsionava as paixões. Cánovas mandou fuzilar uns anarquistas em Montjuic. Em agosto de 1897, Angiolillo, um energúmeno napolitano, assassinou, em Santa Águeda, o Presidente do Conselho de Ministros.

Voltaram fracassadas de Santiago de Cuba e das Filipinas, as esquadras de ultramar. Havia anticlericalismo e conflito laboral; Exército ressentido e anarquismo terrorista. Unamuno perguntou se tudo estava moribundo.



É durante a crise política de 1898 que surgem os grandes expoentes da denominada Generación de 98, da literatura espanhola: Unamuno, Menéndez Pelayo, Valle Inclán, Baroja e os irmãos Machado, aos quais viria Rubén Darío, de Nicarágua, compor a plêiade. Menéndez Pelayo publicou Poesías em 1886. Unamuno publicou En torno al casticismo em 1895. Unamuno cresceu em poesia. Pelayo progrediu em prosa, com Historia de los Heterodoxos Españoles. Valle-Inclán trouxe a lume Femeninas, em 1895, uma coleção de relatos que dava ideia do que seria a carreira do criador dos esperpentos. Baroja publicou Vidas sombrías, sua primeira coleção de contos, em 1900. Antonio Machado estreou com Soledades em 1902. Rubén Darío, que viria a ser na Espanha um expoente dessa geração de grandes escritores, editou Azul, em 1888, em Valparaíso. Efetivamente, Rubén Darío, o nicaraguense dos ritmos inovadores, bebeu

água lustral em Paris e recebeu a palma do triunfo em Madrid.

Era da calle Mayor que eu vinha falando, quando fiz a digressão para citar algumas obras dos escritores da *Generación del 98*. O atentado contra Alfonso XIII, na calle Mayor, ocorreu algumas décadas depois das tentativas de regicídio contra o seu antecessor. Alfonso XIII já havia sido vítima da primeira bomba em Paris, quando buscava noiva. Eram tempos de intrigas de militares e sindicalistas. No dia 31 de maio de 1906, na calle Mayor, o anarquista Mateo Morral lançou a bomba contra o monarca, que escapou por pouco. Vinha, com don Alfonso XIII, a rainha doña Victoria Eugénia. O artefato mortífero tropeçou com os cabos do bonde elétrico e caiu, vitimando, mortalmente 28 integrantes da escolta real.

Almocei duas vezes, com Antonio Machado, no restaurante Casa Ciriaco, na calle Mayor, 84, ao lado do edifício do qual jogaram a bomba contra Alfonso XIII. Vimos, na parede do restaurante, a fotografia do insólito episódio que mostra dois cavalos puxando o carro real e a escolta em alvoroço. O casal regressava da cerimônia nupcial.

Enquanto comemos croquetas, Antonio, que é republicano convicto, vai citando casos de maus governantes das monarquias Áustria e Bourbon. Lerma, por exemplo, o valido de Felipe III, que comprou imóveis em Valladolid a preços baixos, antes de mudar a capital da Espanha para aquela cidade, e os vendeu a preços muito mais altos aos cortesãos. Repetiu essa estratégia mais tarde, com o regresso da Corte a Madrid. Não seria o caso de comparar Alfonso XIII a Lerma, porém ao rei também acusaram de ter facilitado concessões a empresários internacionais do jogo e da hotelaria, para aumentar sua fortuna pessoal. Ambos foram, segundo Antonio, “adelantados”, pois são atualmente imitados pelos “alcaldes de los pueblos”.

De repente, Antonio se recorda de sua cantora predileta, Maria Jiménez, que, segundo atesta, foi puta profissional. Ela dizia: “!yo canto el coño!”, pela força com que interpretava as canções. Pedimos “cogote de merluza”. Falamos “lo de siempre”: Antonio fala de Roma e de sua adicção aos sorvetes italianos. Pedimos “filloas” como “postre”. É uma espécie de crepe com mirtilo (em espanhol, arándanos).

Antonio diz que Granada é sua cidade predileta, mas vive enamorado de Madrid, a cidade em que nasceu, na calle Malasaña,

20, 4º derecho, em 17 de fevereiro de 1944. O madrilenho inveterado escreve suas crônicas no site Editanet. El rincón del gato. Continua cantando em dois corais. María Jesús o acompanha.

Fizemos, depois, o trajeto pela calle de Nuñez de Arce, onde moraram, tanto o poeta que dá nome à rua, quanto o conde-duque Olivares. É oportuno recordamos de que Nuñez de Arce foi Ministro de Ultramar em 1883 e é o autor de Gritos del combate (1875), em que expressa suas decepções com o movimento que restaurou a monarquia, entronizando Alfonso XII.

O INCIDENTE DA CALLE DE MALDONADO

A caminhada pelo Barrio de Salamanca serve de pretexto para evocarmos momentos dramáticos vividos pela sociedade espanhola. O nome Salamanca foi dado em homenagem ao empresário José de Salamanca y Mayor, do século XIX. Para mencionar fatos trágicos, ocorridos no ambiente mais aristocrático de Madrid, retrocedamos alguns anos no relato dos acontecimentos históricos.

A título de preâmbulo da narração dos fatos históricos, remontemos à primeira década do século XX; às agressividades que descambaram na proclamação da Segunda República. Barcelona foi pasto da Semana Trágica. Ferrer Guardia, acusado de instigar a revolta contra o embarque dos marujos a Melilla, foi convertido em mártir pelo conselho de guerra.

As esquerdas e os conservadores prometiam tumulto e flagelo. O rei indultou seis, dos que em Valencia cometeram delitos capitais, e puniu o sétimo. Clamores na Gran Vía denunciaram que “hubo mártires de la libertad”.

José Canalejas, o chefe do governo, saiu a pé, no dia 12 de novembro de 1912, para comprar livros na Puerta del Sol e foi assassinado pelo facínora Pardiñas. Quatro meses depois, na calle de Alcalá, o rei escapou chamuscado de um atentado.

Os canhões não davam trégua na Europa. Os barcos espanhóis eram torpedeados. Na greve dos transportes públicos, patronos e a CNT contrataram pistoleiros.

Quando, sem escolta, Eduardo Dato cruzou a Puerta de Alcalá, três assassinos dispararam, de uma moto, dezoito balas contra o seu automóvel. Ainda hoje há, nos arcos da grandiosa porta madrilenha, marcas dessas balas, que se confundem com os disparos da Guerra de Independência contra os franceses.

Luzindo uniforme de infantaria, o rei se disfarçava de aturdido. Os catalães suportavam mal a Mancomunidade anulada. O Marquês de Estrella (Primo de Rivera) desembarcou, com franceses, em Alhucemas, sufocou o alvoroço marroquino e reuniu, por decreto, uma assembleia com quatrocentos caciques. Cresceram os conflitos laborais, os protestos estudantis e as reivindicações artilheiras. Abatido pelos revezes, Primo de Rivera devolveu os poderes, porque as capitânias não reconheceram o seu sacrifício pela pátria.

As eleições registraram a defecção da monarquia. Alfonso XIII abdicou e partiu para a França. Niceto Alcalá Zamora assumiu a presidência da Segunda República. A tentativa de golpe de Estado de 1932 e a Revolução de 1934, com greves e repressões de permeio, são antecedentes imediatos da vitória, em fevereiro de 1936, da Frente Popular, que elevou Manuel Azaña à Presidência da República. Acendeu-se a polarização política.

Calvo Sotelo, líder da Renovación Española, pedira nas Cortes a investida militar. Sua morte foi uma represália dos socialistas ao assassinato do tenente José Castillo, pelos falangistas, em 12 de julho de 1936. Em 17 de julho, um golpe de Estado militar derrubou o governo republicano da Frente Popular, eleito cinco meses antes, e deu início à Guerra Civil Espanhola.

Fui, pela calle de Juan Bravo, à esquina da calle de Maldonado com a calle de Velázquez, buscando o número 89, entre Diego de León e Maldonado, endereço residencial de Calvo Sotelo, que os Guardias de Asalto mataram, às vésperas da Guerra Civil.

Não encontrei, no número 89 da calle Velázquez, a placa alusiva à residência de Calvo Sotelo, onde os sequestrados o arrancaram para assassiná-lo.

A Guerra Civil foi o resultado dos conflitos do clero e dos latifundiários contra o governo de Azaña; da CNT contra “la República burguesa”; da Guardia de Asalto contra os operários; da Benemérita contra os ácratas e da Guardia Civil contra os grevistas. Uma atmosfera de asfixia se apoderou do País atormentado.

Em consequência do ódio dos bandos irreconciliáveis, os melhores poetas espanhóis perderam a vida ou se exilaram. Federico García Lorca e Miguel Hernández pagaram com a própria vida. Antonio Machado não resistiu aos primeiros dias de exí-

lio. Os três poetas haviam assinado, com Bergamín, Altolaguirre, Cernuda e outros, um manifesto a favor da Frente Popular, quando Madrid já se tornara um pátio de pistoleiros. O dia em que mataram Calvo Sotelo coincidiu com a data do embarque de García Lorca, num trem, para Granada, onde seria capturado e fuzilado.

Recorro a alguns exemplos de narrativa literária que se referem ao dramático momento da Guerra Civil espanhola. No romance *Riña de Gatos*, Madrid 1936, de Eduardo Mendoza, o cidadão britânico Anthony Whitelands, especialista em pintura espanhola, achava-se em Madrid na véspera do estalo da guerra. Escapou de tiroteios e atentados, ao tornar-se amigo de José Antonio Primo de Rivera, que foi preso no mesmo dia em que Whitelands foi despachado pela Embaixada britânica, de regresso ao seu país. Na ficção de Mendoza, José Antonio acreditava que seria libertado em poucos dias. Na história real, o líder falangista foi levado à prisão de Alicante, onde foi fuzilado, no dia 20 de novembro de 1936, quando a guerra já se havia iniciado.

Arturo Pérez-Reverte também explora o tema da guerra, na novela *Falcó*. Pérez-Reverte atribui ao protagonista, agente a serviço do franquismo, a responsabilidade de ir a Alicante, com um grupo de falangistas, resgatar José Antonio da prisão. Não obstante, Franco mandou que a operação fracassasse, pois já não lhe interessava ver a sombra competitiva do líder falangista, como uma ameaça à sua chefia absoluta.

Vários escritores foram forçados a exilar-se. Juan Ramón Jiménez e Zenobia Camprubi fugiram para Puerto Rico. Antonio Machado, idoso e enfermo, exilou-se em Collioure, na França, onde pereceu nos primeiros dias. Cernuda desterrou-se na Inglaterra em 1938, e, depois, no México, onde permaneceu até à morte. Jorge Guillén e Pedro Salinas se refugiaram nos Estados Unidos. Altolaguirre exilou-se em Cuba e, depois, no México. Emilio Prados, no México. Cerca de 500 mil cidadãos fugiram para a França. Mais de 150 mil foram executados.

Depois de se casar com Josefina Manresa, Miguel Hernández saiu dos pastos de Orihuela para se alistar, em setembro de 1936, no Quinto Regimento do Exército Antifascista e logo foi nomeado “jefe del Departamento de la Cultura de la Brigada”.

Na primera linha de fogo, arrastou companheiros ensanguentados e comeu pão molhado em sangue. Cercado de balas, recitava poemas com autofalantes. Lutou, durante mais de dois anos, na tormenta das trincheiras. Sofrendo o frio dos nevados, perseguido em toda parte, faminto, bateu à porta de Portugal, onde vendeu o relógio que lhe havia dado Vicente Aleixandre. O militar de plantão desconfiou da venda do relógio, prendeu Miguel Hernández e o entregou à Benemérita. De cárcere em cárcere, o poeta levou surras de urinar sangue. Ratos, piolhos e pulgas teve como companhia. A hemorragia, a pneumonía, a tuberculose e as febres tifóides foram sua palma de martírio, em 1942.

Madrid era uma cidade quase sem víveres e atormentada por descargas de fuzilaria, metralhadoras, canhões e bombardeios aéreos. Vejamos a denúncia dos poeta que abominaram o martírio de Madrid: ¡Madrid, Madrid! Que bien tu nombre sueña,/ rompeolas se desgarran de todas las Españas./ La tierra se desgarran, el cielo truena,/ tu sonríes con plomo en las entrañas. Antonio Machado, (p.196) ¡En España, en Madrid, están llamando a matar, voluntarios de la vida! César Vallejo, (p.23). Madrid es una ciudad de más de un millón de cadáveres; Dámaso Alonso (Hijos de la ira):

A Guardia Civil e os anarquistas bateram-se com as tropas do general Yagüe em Extremadura. Os republicanos canhonearam o quartel de la Montaña em Madrid. Pânico nas sirenes. Os bombardeios reduziam tudo a cinza e sangue. Depois de alguns meses, não havia cemitério para tanta morte. Saía-se à rua com dinheiro e não havia o que comer. Muitos iam trabalhar e não regressavam.

Em Pamplona, o general Mola emitia o seu refrão: “Yo veo a mi padre en las filas contrarias, y lo fusilo”. O coronel Moscardó se entrincheirou com falangistas no Alcázar de Toledo e a fortaleza foi bombardeada pelas forças republicanas. Os sublevadores foram resgatados pelas tropas franquistas. Sobre Asturias provou suas tormentas de fogo a Legión Cóndor.

La Pasionaria cavava trincheiras. Sobre o foso do Manzanares, corpo a corpo, matavam-se os temerários. Mais de três horas ametralhada, Guernica foi laboratório de devastação. O exército popular avançou pela sierra de Guadarrama até Segovia. Erguen-

do retratos de Mussolini, entraram os italianos em Santander e em Gijón. Explosiones aterradoras espalhavam sangue nas ruas. Cadáveres e casas calcinadas. As mães, sob a voragem, buscavam suas crianças entre as cinzas e os cadáveres calcinados.

Em Madrid, arderam três meses de assaltos, ao cabo dos quais retrocedeu o exército popular. O Papa Pio XII mandou a Franco um telegrama de felicitações. Ressoavam os últimos bombardeios nos campos de montanha. Franco foi ratificado no Monastério de Santa María de las Huelgas de Burgos, numa cerimônia realizada em dezembro de 1937. A Igreja dava a benção ao Estado nacional e dotava o Caudillo de legitimidade sobrenatural.

FEDERICO GARCÍA LORCA

A guerra começou no dia 18 de julho. Um mês depois, mataram Lorca. A poesia trágica de Federico García Lorca anuncia o seu sinistro assassinato em 16 de agosto de 1936.

Os personagens da poesia trágica do Romancero Gitano são alteregos de da sua autobiografia fatal. García Lorca é “Juan Antonio el de Montilla, el de la Reyerta”, que “rueda muerto la pendiente/ su cuerpo lleno de lirios/ y una granada en las sienes”.

Federico vinha “sangrando desde los puertos de Cabra”, e pedindo: “Compadre, quiero morir /decentemente en mi cama”.

É Federico Garcia aquele “Antonio Torres Heredia, hijo y nieto de Camborios”, que ia a Sevilha “a ver los toros”, teve “tres golpes de sangre y se murió de perfil”. É ele quem suplica: “madre, cuando yo me muera, que se enteren los señores”. E escreve: como quem implora: “si muero, dejad el balcón abierto”.

O arquétipo do amargo Emplazado é o próprio poeta, um infeliz a quem disseram: “ya puedes cortar si gustas/ las adelfas de tu patio”. O vate vaticinou que a Huerta de San Vicente seria a fonte de todas as lágrimas. Deu testemunho, como um profeta, de que a violência começava em Jerez de la Frontera, “ciudad de los gitanos”, atacada “por toda la noche” pelos “fusiles agudos”. Previu que, faticamente, em Granada, “cerrados los balcones”, correria a população desesperada, quando chegasse o esquadrão do crucifixo negro. Sentiu que seria arrastado da calle de la Gracia, entre fuzis, ao último desespero. Que o levariam a um baranco e o fuzilariam. Tinha apenas 38 anos.

Ignacio Sánchez Mejías, que “buscaba el amanecer y el amanecer no era”, é uma metáfora do seu martírio. Não houve poeta em Espanha “que comparársele pueda”. Foi ele “el andaluz tan rico, tan claro de aventura”, que morreu por todos os poetas da Terra.

Antonio Machado confirma, no poema El crimen fue en Granada, que hablaba Federico, requiebrando a la muerte. Ella escuchaba.

Nos anos de 1930, Federico García Lorca já havia viajado a Cuba e a Nova York, onde deu conferências e se inspirou para escrever poemas. Bodas de sangre tivera êxito em Buenos Aires. Yerma estreara no Teatro Español, com Valle-Inclán na plateia. Em abril de 1936, a famosa atriz Margarita Xirgu apresentou Yerma no México.

Dotado de exuberante carisma, García Lorca havia conquistado Madrid e estava ficando famoso em todo o Planeta. Escrevia obsessivamente. Madrid arruinou-se de chofre. Havia tumulto, brigas de rua.

Na véspera da Guerra, quando os adversários já se matavam com pistolas e fuzis, foi Federico à sede da Revista Cruz y Raya, para tratar, com José Bergamín, detalhes da publicação de “Poeta en Nueva York”. Não tendo encontrado o seu amigo, poeta e editor, deixou-lhe um bilhete: “Querido Pepe: he estado a verte y creo que volveré mañana”. Data: 12 de julho de 1936.

Prometeu voltar, mas viajou a Granada, no dia seguinte.

Os martelos da frágua sinistra não tardaram a soar nos pátios de Alhambra e no jardim de Generalife. Tudo fizeram os irmãos Rosales, que tinham influência junto ao Gobierno Civil de Granada, para salvar o poeta. Os verdugos foram implacáveis. Lorca era considerado subversivo. A família Rosales teve de justificar-se perante o comandante Valdés, perseguidor dos rojos, por ter protegido Lorca. No governo, composto pelas forças falangistas, que haviam forjado o alzamiento, não havia lugar para julgamento nem defesa legal. Havia uma prisão e um pelotão de fuzilamento.

Febre nos olhos, agonia na garganta, Federico ouviu os pássaros chorando, na noite do Guadalquivir. Os ciprestes do Albaicín simbolizaram o martírio do poeta, que saiu numa viagem noturna, naqueles ermos caminhos sem regresso.

Na terrível madrugada, um tiroteio ouviu-se, sob a lua que o rio leva na corrente. García Lorca sentiu a dor de haver nascido, a tristeza inexorável do cruel sacrifício e viu as sombras feridas de desespero.

As Bodas de sangre se consumaram em Víznar, com disparos, gemidos e tempestade no céu. Depois, a queda barranco abaixo.

O maior poeta do século não teve tumba nem flores. Teve, entretanto, a cruz de um Cristo, inofensivo. “Uma primavera que morreu no verão”, escreveu Rafael Alberti, que prometera visitá-lo em Granada.

Eram tempos de medos, angústias e insônias. Tempos tristes e ferozes, de sentenças de morte. A qualquer hora poderiam invadir uma casa e levar alguém para ser fuzilado.

Federico García Lorca pôs o seu imenso talento a serviço da dramaturgia e honrou a tradição teatral da Espanha, com espantosas tragédias.

Mariana Pineda, peça escrita em 1923, quando o poeta contava apenas 25 anos, é anterior a Bodas de Sangre (1933), Yerma (1934) e La casa de Bernarda Alba (1936).

Em 1850, em Granada, Mariana Pineda borda uma “bandera de la libertad” para seus amigos liberais, que conspiravam contra o absolutismo de Fernando VII.

Ela pressente que os esbirros descobrirão tudo. Pede, então, a seu amigo Fernando, que vá socorrer Pedro de Sotomayor, seu namorado.

Fernando, apaixonado por Mariana, atende ao pedido a contragosto. Resgata, na ponte sobre o rio Genil, o rapaz que estaria irremediavelmente perdido, se não tivesse a seu dispor um cavalo e o passaporte guardado por Mariana.

Os filhos da heroína rezavam credos al Santo Cristo del Mayor Dolor, quando don Pedro apareceu. Toda mi sangre, es nueva, porque tú me la as dado, exponiendo tu débil corazón al peligro, disse ele, encorajando-a e augurando que a bandeira seria adotada pelo povo e pelo próprio rei, apesar da intransigência do ministro Calomarde.

A serviço da repressão absolutista, Pedrosa persegue os conspiradores, cujo líder, general Torrijos, é fuzilado em Málaga.

Mariana escondeu a bandeira na casa de uma amiga no Albaicín e teme que ali não esteja bem guardada.

Pedrosa entra na casa de Mariana, acompanhado de dois homens mascarados. Diz que há três meses anda louco para prender um tal don Pedro de Sotomayor. Mariana o expulsa de

casa. O esbirro, não obstante, faz chantagem: ¿Y la bandera?”... “Te quero mia o muerta”, reitera, atrevido e arrogante.

Ao sentir-se rechaçado, Pedrosa promete torturar a moça, para que diga os nomes dos conspiradores, e lhe dá voz de prisão.

Mariana toma conhecimento de que Pedro de Sotomayor fugiu de Espanha. Ela se recorda de que Pedro lhe dissera, uma noite, beijando-lhe a cabeça, que viria morrer a seu lado se a matassem.

Fernando aparece e lhe pede que diga os nomes para salvar-se. Ela, contudo, deixa-se matar por amor.

A casa de Bernarda Alba é um libelo contra o puritanismo autoritário de uma mulher frustrada pela opressão na sociedade rural.

Depois de enterrar o marido, Bernarda proibiu as cinco filhas de sair de casa. Exclamou: En ocho años que dure el luto no ha de entrar en esa casa el viento de la calle. Seguia a tradição de seus ancestrais.

A filha Angustias de 39 anos, noiva de Pepe, assoma-se ao pátio. Bernarda, grossa como uma sucuri, a insulta. As outras irmãs falam de Pepe el Romano, de 25 anos, de que estão enamoradas.

Angustias se acha débil e feia. O interesse de Pepe é pelo dinheiro dela. Adela, a mais jovem, confessa que sente por Pepe um amor voraz: mirando sus ojos me parece que bebo su sangre lentamente. Que tem un fuego levantado por las piernas y boca.

Martirio furta o retrato de Pepe que estava debaixo do travesseiro de Angustias. Bernarda a açoitava com um bastão.

Pepe leva Adela em seu cavalo “a los juncos de la orilla”. Martirio, enciumada, denuncia a irmã. Adela protesta: ¡Aquí se acabaron las voces de presidio! Quebra o bastão de sua mãe e reitera: ¡En mí no me manda nadie más que Pepe! E diz que ele está no corral e dominará a casa como um leão.

Bernarda aponta a escopeta e dispara, mas não acerta em Pepe. Martirio, malevolamente, diz às irmãs: “se acabó Pepe el Romano”. Adela corre a seu quarto e se enforca numa viga. ¡Descolgarla! – exclama Bernarda – ¡Mi hija ha muerto virgen!

O ATENTADO DA CALLE DE CLAUDIO COELLO

Fui caminhando, pela calle de Juan Bravo, até avistar a estátua de Velázquez, o pintor das imagens imperiais da Espanha. Na esquina, avistei o palácio onde funciona a Embaixada da Itália.



A uma quadra dali, achei a esquina da calle de Maldonado com a calle de Claudio Coello, onde o Almirante Carrero Blanco foi assassinado em 20 de dezembro de 1974. Deixou-me forte impressão na memória a inscrição, na lápide de mármore, do número 127 da calle de Claudio Coello, indicando o sinistro que marcou o final da ditadura franquista. Outra placa, vizinha à primeira, assinala o assassinato dos cidadãos Juan Antonio Bueno Fernández e José Luis Pérez, pela banda terrorista ETA, em dezembro de 1973, portanto um ano antes do crime perpetrado contra Carrero Blanco. A organização terrorista, que tanto prejudicou o bem-estar madrilenho, continuou fazendo vítimas até 2010.

Nos tempos em que o generalíssimo firmava sentenças e oferecia wolframio a Hitler, firmava-se a magistratura vitalícia. Os governos ocidentais consideram o autocrata um contrapeso ao poder soviético. Pronto, aterrissaram créditos, a câmbio de bases militares. “Ahora sí que he ganado la guerra”, jactou-se o ditador, quando a França abriu suas fronteiras.

Ao provar quanto valia a opinião pública, declarou que os organismos internacionais não passavam de una intriga de países corrompidos.

Protestavam os aglomerados nas chabolas. O Tribunal de Orden Público sufocava os clamores.

Franco havia deixado tudo “atado y bien atado”, mas os opositores acentuavam sua pressão sobre o regime. Os conflitos sociais cresciam na proporção da repressão. Conspirava-se nas ruas, fábricas e universidades.

No dia 20 de dezembro de 1973, o carro que conduzia o presidente do Governo, almirante Luis Carrero Blanco, explodiu, num atentado a bomba, no cruzamento da calle de Maldonado com a calle de Claudio Coello.

O Caudilho mandou o quanto pôde. Ditou as sentenças que lhe incumbiram. Acercava-se o momento do seu último prazer. No exílio, perguntava Rafael Alberti: “¿Qué quiere el general, un epitafio?”

Os espanhóis só voltaram a recobrar a alegria de viver depois de 1946, quando acabou a Segunda Guerra Mundial. A vitalidade da sociedade espanhola só se reencontrou em 1976, quando o país pôde recolher nas mãos o seu destino.

A RESIDENCIA DE ESTUDIANTES

Conveni meu companheiro de passeios a me acompanhar à Residencia de Estudiantes, com o argumento de que precisávamos rever a instituição onde aconteceram as tertúlias dos poetas da Generación del 27. Além disso, foi naquele sodalício que nos conhecemos, no dia da palestra de Lêdo Ivo. Isto posto, tomamos um táxi para a calle del Pinar, 21.

De pronto, na subida da rua, avistamos o velho edifício de janelas antigas e ladrilhos vermelhos da Residencia de Estudiantes de Madrid.

É oportuno recordar que, desde 1915, a Residencia de Estudiantes professa, na chamada Colina de los Chopos, os ideais da Institución Libre de Enseñanza: liberdade de cátedra e religião secularizada, desenvolvendo o projeto iniciado em 1876, pelo humanista Francisco Giner de los Ríos, o krausista (discípulo do filósofo alemão Karl Krause).

Os chopos respiram conosco naquela altura, em que a brisa da tarde nos alenta. Ao adentrarmos a sala de conferências, revimos o piano de cauda, onde Federico García Lorca tocava, e o auditório onde companhia teatral La Barraca realizou apresentações. Grandes escritores, de vários países, fizeram conferências na Residencia.

Vimos passar velozmente a amiga Alicia Gómez Jurado, a diretora, que recebia uma comitiva, no âmbito da preparação do evento da Noche Europea de los Investigadores. Não nos empenhamos em abordá-la naquela circunstância funcional. O que mais queríamos era rever o ambiente e tomar café com biscocho na cafeteria, para celebrar os 12 anos da nossa amizade. Nossa primeira conversa foi ali, no café, no intervalo da palestra de Lêdo Ivo, que falou no auditório sobre seu romance Ninho de cobras, em sua penúltima viagem à Espanha. Descreveu alguns de

seus personagens, leu poemas e evocou a paisagem nordestina, presente em sua poesia. Referiu-se, com muita graça, à sua descendência de índios antropófagos, o que muito divertiu a plateia.

No auditório da Residencia estiveram também, no período em que residi em Madrid, Nélide Piñon, Ana Miranda e João Almino. A palestra de João Almino foi por mim organizada. Convidei a professora brasileira Bethania Guerra de Lemos, da Universidade Complutense, para apresentar comigo a obra literária do então Cônsul-Geral do Brasil em Madrid. Comentamos os livros *As Cinco Estações do Amor* e *Cidade Livre*, do grande escritor potiguar, autor das melhores narrativas de ficção ambientadas em Brasília.

Em torno da Residencia de Estudiantes, conviveram os grandes expoentes da denominada “Generación del 27”, cuja maioria publicou seus primeiros livros no período histórico da ditadura Primo de Rivera (1923 a 1930), e se exilou durante a Guerra Civil e a ditadura franquista.

Vicente Aleixandre publicou *Ámbito* em 1920. Gerardo Diego publicou *Galería de estampas y efusiones* em 1923. Pedro Salinas, *Presagios*, também em 1923. Manuel Altolaguirre lançou *Las islas invitadas* em 1926. Rafael Alberti surgiu com *Marinero en tierra* em 1925. Luis Cernuda, com *Perfil del aire*, em 1927. Federico García Lorca deu a conhecer o *Romancero Gitano* em 1928. Do mesmo ano é o *Cántico*, de Jorge Guillén, publicado, inicialmente, na *Revista Occidente*, fundada por Ortega y Gasset.

Jorge Guillén, o poeta cujos cantos celebram a vida e a plenitude do presente, foi um dos residentes mais brilhantes. Compôs o Conselho Editorial da *Revista Residencia*, da qual Juan Ramón Jiménez foi diretor, de 1919 a 1928.

García Lorca conheceu Salvador Dalí, Emilio Prados e Luis Buñel na Residencia de Estudiantes, em 1919. Hospedou-se na instituição, de 1919 a 1928. Viveu, posteriormente, em Madrid, no sétimo piso da calle de Alcalá, 96, de 1933 a 1936, ano em que assinou o manifesto de apoio à Frente Popular, coalizão de partidos de esquerda, e foi assassinado em Granada.

Na tarde cálida, sentamo-nos num banco de pedra para contemplar os jardins e a fachada do edifício. Antonio ajudou-me a identificar os chopos. Apreciei a delicadeza dos troncos

brancos e robustos e a folhagem fina e exuberante das árvores que inspiraram Juan Ramón Jiménez a dar ao local o nome de Colina de los Chopos.

Juan Ramón Jiménez estava organizando a biblioteca da Residencia de Estudiantes, quando conheceu Zenobia Camprubí, com quem se casou em 1916. Viveu na calle de Padilla, 38, de 1929 a 1936. Quando percebeu que Madrid se tornara a mais inhospita das cidades, foi pedir a Azaña e recebeu dele o posto de agregado cultural na Embaixada da Espanha em Washington. Desde então, exilou-se nos Estados Unidos, de onde fez sua campanha para ganhar o Prêmio Nobel em 1956. Morreu em Puerto Rico, em 1958, aos 76 anos.

Para Juan Ramón Jiménez, Madrid era a cidade das claridades multicolores, bordada de fontes. O ambiente da Residencia, afastado do ruído, proporcionava serenidade ao neurótico depressivo, que só se acalmava junto às árvores e aos pássaros de algum jardim idílico. Celebramos, com a presença espiritual do poeta das paisagens ajardinadas e suaves, o deleite de desfrutar do bem-estar que nos proporciona a natureza:

Qué dulce poder tener un jardín que nos consuele, disse o poeta bucólico, o peregrino que contemplava os chopos de prata, nas noites de luar, quando a água une estrella y flor.

Descemos a ladeira até a Castellana. Na esquina de José Abascal, junto ao metrô Gregorio Marañón, tomamos um táxi para assistir ao concerto de Amancio Prada, no Teatro Monumental, na calle de Atocha.

En matinales azules callejeo lejanías. Tengo arroyos en el alma. Me precipito por la rociada mañana. Creo en la experiencia sin antes ni después.

Creo en los quebrantos mudéjares, y me enredo por los arcos de las plazas. Un domingo de éxtasis viaja conmigo. Mirlo que se recrea con los colores, me inspiro en claridad de gotas irisadas.

Siento tan sólo ansias de vivir. Deambulo por delicias y magias. Celebro el propiciatorio rito. Las fuentes discurren por mis ojos como ensueño. Viva luz que estremece. Alma es Guadarrama, verde de sombra y horizonte. Sé que no me anegarán las aguas de la congoja.

Voy coleccionando maravillas: La Plaza de Oriente con su portento ecuestre, el transfigurado alminar de San Ginés y la Carrera de San Jerónimo, de fulgurante arrebató. (Madrid, 9/6/96).

ALMUDENA E CUESTA DE LA VEGA

Na vizinhança do portentoso Palacio Real, a Catedral de Madrid (Santa María la Real de la Almudena) impõe a sua hierática alvenaria. Existiu ali a Igreja de Santa Maria la Mayor, que, por sua vez, soterrou a mesquita que jaz invisível nos subterrâneos. A muralha árabe, no começo da Cuesta de la Vega, ao lado da Catedral, dá testemunho da presença sarracena em Castela. Estão plantados, num jardim de ciprestes, os alicerces ao redor dos quais se ergueu a Espanha, como herdeira da civilização cristã. Celebro esse velho muro mouro, que está superposto a ocultas alvenarias visigodas. Al-mudayna, no árabe, significa cidadela ou castelo.



Ponho-me diante das primorosas colunas da fachada da Catedral de Madrid, pontilhada de imagens de santos, anjos e escudos. A cúpula, encimada por um pináculo cônico, coroado por um globo dourado, ostenta uma cruz, em formato de rosácea, entre as duas torres. Diviso, no segundo andar, a balaustrada, sobre a qual, dentro de um arco, exsurge a imagem de Nossa Senhora, coroada de flores, tendo nos braços o Menino.

Na penumbra interior, as vívidas cores dos vitrais iluminam os afrescos. No altar de mármore verdes, entre retábulos de ouro e quadros sombrios, contemplo a escultura de Cristo crucifica-

do, de Juan de Mesa. Vestido de um lençol na cintura, de braços abertos, mãos cravadas, a cabeça pendente, tem o flanco e os pés sangrando.

Na capela de San Isidro e Santa Maria de la Cabeza (María Toríbia), as estátuas de talha policromada mostram o Labrador vestido como um príncipe. O seu cajado apenas difere de um cetro. A santa segura na destra um pé de cabra, e na sinistra uma luminária arcaica. À parte os olhares beatíficos, ambos primam pela suprema elegância. É um espetáculo singular a arca medieval, ao fundo da capela, coberta de pergaminho, que conteve o corpo do santo até 1620.

Minha memória viaja no tempo e vou buscar os momentos de um passeio desfrutado na década de 1990. Era uma fase em que eu despertava cedo para correr ao estrondo do metrô. Deambulava, como hoje, entre os velhos edifícios. De repente, entrava em alguma igreja, procurando silêncio. Em certa ocasião, visitei a cripta da Catedral de Madrid com o amigo Rafael Nava Cuervo. Na primeira hora do dia, rastreando vestígios das remotas eras de Madrid, apreciamos os “lienzos” da muralla árabe.

Renovei esta satisfação, revisitando a magia visual da encaicolada Cuesta de la Vega, que me permite contemplar o panorama verde, que se alteia do outro lado do vale do Manzanares.

A carcaça, que recobre a cripta da Almudena, e os restos da primitiva muralha árabe, a parte alta da Cuesta de la Vega. Revejo os 120 metros de longitude da alvenaria de quatro torreões derruídos, pegados à parede. Sinto sempre um novo encantamento ao rever esse mínimo pedaço de muro sarraceno e descer a espiralada Cuesta de la Vega, em cujos degraus há plataformas ajardinadas.

Na parede da cripta da Catedral, próximo ao fragmento da antiga muralha, vejo uma imagem, dentro de um nicho, em cuja inscrição se assinala: María Santísima de la Almudena, ocultada en este sitio el año 712 y descubierta en el de 1085. A imagem foi encontrada no muro que rodeia a cidade, depois que Alfonso VI de León empreendeu a reconquista cristã da Península Ibérica.

No alto degrau da primeira curva da Cuesta de la Vega, fito a perspectiva frontal dos bairros madrilinhos. Os edifícios emparelhados, coloridos, parecem posar para uma foto. A verde

encosta se expande e ganha altura, além da outra margem do Manzanares e dos bosques da Casa de Campo.

Na primeira plataforma ajardinada, deparo com o busto do fantástico Luigi Boccherini, que compôs *sonatas* e minuetos em Madrid até 1805. Avisto, na perspectiva oposta, as torres prateadas da Almudena e o novo edifício compacto, da fachada lisa e cinza, da Galeria de las Colecciones Reales.

No jardim tranquilo, não transitado pelas multidões, o horizonte aberto lembra-me a ideia do andarilho Ramón Gómez de la Serna, que nessa plataforma mirava um transatlântico em cada grupo de edificações.

Desço ao segundo jardim para fotografar a insólita efígie do magnífico Azorín, postada num pedestal cingido por um canteiro de flores. Azorín segura a pena de escritor e tem o rosto magro, o nariz aquilino e os olhos entornados, como em profunda reflexão.

Subo de regresso à calle de Bailén até o miradouro que fica entre a Almudena e o Palácio Real. Avisto dali a cúpula neogótica de porcelana colorida, da igreja de Santa Teresa de Jesús y San José, situada na plaza de España. A torre da Moncloa e a cúpula prateada da Estación Norte também aparecem no mesmo ângulo. A visão frontal mostra a direção da carretera de Extremadura, com torres de altos edifícios. À esquerda, a cúpula da plaza de toros de Leganés. Na perspectiva mais próxima, as copas dos cedros, pinheiros e ciprestes do Campo del Moro, jardim do Palácio Real.

Sigo por calles soleadas, mis altares, amores de mi religión de alegría. Un alzarse en escaleras hacia los jardines. Cuesta de la Vega, el patio, no el claustro, los alrededores arbolados.

La poesía, mi catedral poblada de espíritus, nace con el día que orea paredes y techos. Celebro al Dios de la Vida, los poetas son oficiantes de mi culto, los asientos de los parques son mis confesionarios y las encinas, mis iconos.

LAS VISTILLAS, LA MORERÍA E PUERTA CERRADA

Passei ao largo do Palácio Real e da Catedral de Nuestra Señora de la Almudena. Caminhei pelo viaducto de Segovia, na calle de Bailén. Benito Pérez Galdós, romancista de Madrid por excelência, nomeia esse viaduto, que liga a Catedral aos Jardines de las Vistillas, “el trampolín de los suicidios”. Um muro de vidro isola a rua do abismo, do qual mais de 500 desesperados se atiraram no século XX. Fiz escala no terraço luminoso das Vistillas, onde se descortina o panorama dos edificios e dos cerros de vegetação verde que se alastram, desenhando os contornos periféricos da cidade. Os montes configuram uma muralha, atrás da qual se divisa a serrania del Guadarrama.

Dessa plataforma visual, no ângulo da calle de Bailén com a calle de la Morería, vejo o viaduto de Segovia, que cobre o vale, que começa na rampa das Vistillas. Avisto, no horizonte mais próximo, a cúpula da Iglesia Catedral Castrense, de configuração piramidal.

Nos jardins do Parque Gabriel Miró, área verde das Vistillas, deparo com a estátua da Violetera, que pregonava por las calles, vendendo ramitas de violeta e é evocada numa famosa canção do Maestro Padilla, com Montesinos de letrista, de princípios do século XX.

A catedral de Almudena é vista de costas para las Vistillas. A neblina cobre o casco da sierra de Guadarrama. Desço ao andar onde há uma fonte e um medalhão com a efígie de Ramón Gomez de la Serna, o cronista de Madrid. Sobre o pedestal, uma musa atlética, nua e de braços erguidos, simboliza a literatura livre do escritor que me serve de modelo.

Acerco-me ao miradouro e vejo os contrafortes da Casa de Campo. Os galhos das árvores tapam grande parte da paisagem.

O Parque Gabriel Miró está sempre repleto de crianças que se divertem, entre as fontes e os canteiros de relva. Da varanda semicircular, contemplo o vale do Manzanares e tenho a impressão de ver água das margens, como se, a superfície dos edifícios, que se avistam nos montes, tivesse sido uma praia em tempos remotos.

Voltei, para cruzar a calle de Bailén e descer a calle de la Moreria, pelo prazer de descobrir itinerários. Encontrei, então, a calle de Alfonso VI e a plaza de Alamillo, arborizada de acácias e ficos. Contemplei a pitoresca ramificação das ruas estreitas do Barrio Moro. Vi ali a imagem do Alamillo (álamo pequeno), configurada num rótulo da parede de um edifício. O álamo antigo foi arrancado por um furacão, segundo relata Azorín. Existiu, na plaza del Alamillo, o Palacio del Rey Moro, o que a caracteriza como um dos lugares mais antigos de Madrid. Imagino el Magerrit encontrado por Alfonso V, em 1083, repleto de férteis hortas.



Diante da bifurcação das esquinas, subi a calle de Alfonso VI, estreita e curva, pela qual vim admirando os edifícios de castiça arquitetura, com “balcones e rejas”.

De chofre, deparo com a fabulosa Costanilla de San Andrés, onde começa a inclinada plaza de la Paja, um quadrângulo em aclave. Na parte mais alta, vislumbram-se as pedras cinzentas da Capilla de Santa Maria e San Juan de Letrán, atrás da Igreja de San Andrés. Sobremodo aconchegante, a plaza de la Paja está cheia de referências históricas e lugares surpreendentes.

Na descida da praça, até a calle del Príncipe de Anglona, encontro um pequeno jardim recoleto, que pertenceu ao Príncipe que dá nome ao lugar. Da terraplanagem desse minúsculo logradouro bucólico, avistei a a torre da Iglesia Catedral Castrense. Dirijo-me então a esse templo e vejo a ponte sobre a calle de Bailén e os carros que deslizam por baixo dela. Os pássaros enfeitam a tarde de dezembro e as ruas parecem labirínticas. Cruzo a calle Mayor e vou em ascensão, pela calle de San Nicolas e deparo com a Iglesia de San Nicolas, onde uma placa informa

estar ali enterrado o arquiteto Juan de Herrera, o artífice do Monasterio de El Escorial.

Torno a descer, agora pela calle del Sacramento, na tarde fria. Ladeira abaixo, chego à Igreja de San Pedro el Viejo e vejo o altar barroco e pessoas devotas, tocando a mão da imagem de Jesus Nazareno El Pobre, que está emoldurada por frisos prateados.

Um cidadão, vestido a rigor, limpa, com um lenço branco, a mão do Cristo, coroado de espinhos, dourados e brilhantes, toda vez que alguém toca ou beija a sagrada mão. Esse ritual folclórico de beijar a estátua do Cristo é parte de uma campanha de doações que acontece nos dias primeiro de dezembro de cada ano. Esse velho santuário de San Pedro configura, topograficamente, um triângulo do qual a Travessa del Nuncio é um ângulo.

*Cuesta abajo, cuesta arriba,
no tiene paradero
el peregrino asceta.*

Desço os degraus da travessa inclinada, deparo com a calle de Segovia. Por ela subo, sem pestanejar, respirando fundo, como fazem os andarilhos. Cruzo a calle del Nuncio e chego à plaza de Puerta Cerrada. Há uma cruz no centro da praça, onde havia a dita porta.

Pela calle de los Latoneros, encontro a calle de Toledo, na perpendicular e, logo em frente, a antiga catedral de San Isidro, construção iniciada em 1622, ano em que o padroeiro de Madrid foi canonizado. Contemplo a portentosa igreja, de imponentes torres, e sigo na direção do Museo de Historia de Madrid ou Museo de San Isidro. Revisitei esse palácio madrilenho, depois de tanto tempo.

Há, na coleção do museu, peças arqueológicas que mostram as transformações econômicas e sociais da história da região de Madrid: desde os períodos primitivos e os tempos romanos e visigodos, quando se fundou a Hispania. No segundo andar, vi diversas pinturas, representando milagres e episódios da vida do Santo Labrador.

Depois de ver mapas, ossos, vasos, joias e outros objetos de remota antiguidade, deparo com os cenotáfios do casal Francisco Ramírez e Beatriz Galindo (esta, a famosa Latina, assim chamada porque conhecia o idioma latino e foi professora da rainha Isabel I). Apreciei a beleza das estátuas de alabastro, moldadas por Hernan Pérez de Albiz, em 1530. Na mesma sala, a Virgen con el niño ou Virgen de la leche, de Pedro Berruguete, é uma das preciosas joias estéticas do museu.

A grande fascinação desse lugar de peregrinação é o poço de San Isidro, num pequeno compartimento decorado com quadros que mostram episódios da vida do padroeiro madrilenho.



O Santo fez ali o milagre do salvamento de um menino que caíra no poço. María se apoiava no brocal, quando o menino escorregou de seus braços. O Labrador e sua mulher aflitos, puseram-se de joelhos. À proporção que San Isidro rezava, as águas do poço cresciam e subiam. Até que, na superfície delas, emergiu o menino, sentadinho, vivo e risonho.

O velho poço é uma profunda e ovalada carcaça de tijolos descobertos. Vê-se ainda a corrente por onde se recolhia a água no balde. Esse solar, onde se instalou o museu, foi a casa de Ivan de Vargas, patrão de San Isidro. A atual capela, construída no século XVII, era o quarto onde viveram e morreram o Santo e sua esposa, Santa Maria de la Cabeza, no século XII. A capela está lindamente decorada com a iconografia da apoteose de San Isidro.

¿Al santo que no soy, salvará mi pastor?

¿Al niño que soy, ahogado en la marisma de los días,
quién salvará a ese chiquillo?

Ao lado do museu, encontro a Igreja de San Andrés, na esquina da casa de San Isidro e da calle de los Mancebos. Uma linda fonte, no centro da plaza de Puerta de Moros, completa o encanto desse bairro castiço, destinado aos mouros pelo rei Al-

fonso VI, após a conquista de Madrid, em 1085, naqueles tempos, uma simples aldeia, de escassa população de origem andaluza.

Logo avisto a plaza de la Cebada, em cuja esquina funciona o Mercado de la Cebada.

Segui caminhando pela calle de San Millán, até a plaza de Antón Martín. Dilatando a caminhada, cruzei a plaza de Jacinto Benavente e cheguei à plaza Mayor.

Da plaza Mayor, fiz uma trajetória que há tempos não fazia. Desci, entre as paredes da velha calle de Cuchilleros, que começa numa porta alicerçada nos granitos de antanho. Ao lado, na esquina, deparo com o restaurante Las Cuevas de Luis Candelas, fundado em 1860. Chego, num átimo, a Puerta Cerrada, praça embelezada apenas por uma cruz de pedra.

Nesse avoengo sítio madrilenho, revejo a calle de Toledo e a portentosa iglesia de San Isidro. Contemplo o ouro cintilante de suas capelas e o altar, que é um grande retábulo prateado.

Tarde clara de otoño madrileño. Llego como si de Ultramar. “Hola, buenas!”, grita el camarero. Cojo un autobús lleno de expectativas vespertinas. Reliquias en retablos, gloria de los penitentes, guitarras del mesón, un ebrio canta flamenco.

Resucito mis quebrantos encantados. Imagino las tertulias del siglo XIX, recordadas en la acera de la calle de Huertas. Camino hasta la Plaza de la Puerta de Moros, cojo la Costanilla de San Andrés. Bajo y subo la Plaza de la Paja. Un ebrio canta en la terraza: “¡Quiero a Madrid con el alma!”

MUSEO DE HISTORIA DE MADRID

O acervo do Museo de Historia de Madrid, também chamado Museo Municipal, na calle de Fuencarral, compõe, com a coleção do Museo de San Isidro, o cenário revelador das origens e da evolução civilizacional da Capital espanhola.



Encontrei-me com Antonio Machado Sanz, diante da Fuente de la Fama, nas instâncias do metro Tribunal. Recorremos ao sacramento do café, momento em que, talvez porque nasceu a 150 metros dali, no bairro de Malasaña, Antonio sentiu-se tão peixe na água, que bebeu o café sem pressa e conversou, indolentemente, com os camareros. Eu tinha pressa, porque Luis Sendino viria almoçar conosco, depois da visita ao museu.

Adentramos o palácio da arte. De início, apreciámos duas maquetes da topografia de Madrid; uma de 1655, época de Felipe II, e a outra de 1830, época de Fernando VII. Identificamos os lugares primitivos da cidade. Na mesma sala, vimos a estátua original da Mariblanca, cuja cópia está na Puerta de Sol. A Mariblanca seria uma Vênus, tento adivinhar, pois anda com o menino Cupido “de la mano”.

Do período de 1561 a 1700, quando Madrid foi a capital de dos mundos, encontramos uma primorosa cabeça de Felipe II, escultura talhada por Pompeo Leone. Também, cinco ótimos retratos, pintados pelos anônimos artistas do taller de Velázquez: Felipe IV; o



príncipe Baltasar infante, de feições delicadas, sem a protuberância labial dos Áustrias; Mariana de Áustria; o desmejorado Carlos II, de grande nariz e lábio sobressalente; e Mariana de Neoburgo.

De Manuel Castellano, *La muerte de Conde de Villamediana*, estampa caído no chão, no lusco-fusco, Juan de Tassis y Peralta, nobre poeta irreverente, de quem o “pueblo” desconfiava ter “amoríos” com a rainha. Vê-se um grupo de pessoas aglomeradas sob um portal, na calle Mayor, ao redor do cadáver, de rosto pálido, do petrarquista, que era o melhor amigo de Góngora. Nascido em Lisboa, don Juan era, segundo Hurtado de Mendoza, dado al juego y los placeres; amábanle las mujeres/por discreto y por galán.

Manuel Castellano pintou também, em 1862, *Muerte de Daoiz y defensa de Montelón*: os guerreiros disparam canhões, sob o arco, que é a entrada do quartel. Com espadas, tiros e paus, os contendores se agriem numa cena dinâmica.

Registro, ainda, do fabuloso inventário do Museo Municipal, um quadro que retrata a primitiva plaza de la Villa, com a população representada pelos protótipos da estratificação social: mendigos, frades e nobres, que circulam ao redor da fonte, que foi construída em 1789, mediante desenho do arquiteto Juan de Villanueva, também autor do projeto neoclássico do Museu do Prado.

Aprecei, também, uma pintura figurando o primitivo Parque del Retiro, pela qual constatei que já não existem os pátios antigos e salões dos reis do palácio outrora localizado no bosque central de Madrid.

Outro precioso documento, no formato de quadro, mostra o primitivo tanque do Parque del Retiro, pintado por José de Castillo, em 1780, quando, evidentemente, ainda não havia o monumento a Alfonso XII no hemicíclo que enfeita o ambiente.

No andar de cima, a coleção se dedica a obras do tempo dos Bourbons. Dignos de nota, dois retratos: um Felipe V jovem, de peruca loura, “toisón de oro” sobre a veste, obra do francês Hyacinthe Rigaud, e a ilustrada Bárbara de Braganza, robusta e vigorosa, a mão tocando no colar de pérolas, cingida pela pequena coroa.

Absolutamente impactante é o quadro intitulado *Ornatos de la calle de las Platerías*, nome dado à atual *calle Mayor*, em 1760, quando Lorenzo Quirós o pintou, para representar a entrada de Carlos III em Madrid, no dia 13 de julho daquele ano.

De Ramón Bayeu, *El Paseo de las Delicias* mostra o caminho arborizado, que desce do *Paseo del Prado*, na direção de *Atocha*.

A fabulosa imagem do *Palacio Buenavista*, com a fonte de *Cibeles*, é outra das atrações do museu; é o palácio que, atualmente, abriga o *Quartel do Exército*. Como não havia carros em 1816, as pessoas passeiam sobre o chão de terra, descontraidamente.

Fotografei o retrato de *Maria Luisa de Parma* (“Precisamente guapa no es”, diz Antonio).

Godoy, o valido de *Carlos IV*, bem jovenzinho, pintado em 1790, por Bayeu, está, segundo Antonio, representado como um *Casanova* da época.

O retrato de *Carlos IV*, por Goya, o especialista em efígies borbónicas, é a de um histrião que, segundo se sabe, não mandava nada, e inclusive se “rumoreaba” de que fora vítima dos “escarceos amorosos” entre “la reina” e *Godoy*.

Na parte final da exposição, vimos a *Alegoría de la Villa de Madrid*, pintada por Goya, em 1810, na configuração de uma coroadada matrona pagã. Sobre a cabeça dessa alegoria feminina, num medalhão ou espelho ovalado, os anjos tocam trompetes e se lê a inscrição: “*Dos de Mayo*”.

José Bonaparte, pintado por *Joseph Bernard Flangen*, mostra uma fisionomia muito parecida com a de seu irmão, o ambicioso imperador. A principal diferença residia no caráter. Tem ele a cruz da *Légion de Honor* sobre o casaco vermelho.

Nessa extraordinária coleção, vi, ainda, da autoria de Antonio Carnicero, um *Fernando VII*, que meu amigo Antonio qualifica de “el peor de los reyes españoles” e “un desertor del arado”, porque era tão ignorante que deveria trabalhar como lavrador. Além de tudo, era também ladrão e falso. O desqualificado Sétimo Fernando, que teve a primazia de representar o Absolutismo, afigura-se vestido com a pompa monárquica de praxe, coberto de panos coloridos e brilhantes.

Sáímos do museu às 13h00 e já nos esperava à porta o amigo Luis Sendino, artífice carpinteiro de profissão, pessoa de grande sabedoria. Um dos primeiros amigos que conheci desde a minha primeira viagem a Madrid em 1994.

Fotografei os amigos, sob o portal barroco do Museo Municipal, depois de reciprocamente os apresentar. A empatia foi total. Eles conversaram como se fossem amigos de longa data.

Sáímos do museu, que fica em frente ao Tribunal de Cuentas, e fomos pela calle de Barceló, na qual nasceu Almudena Grandes (recorda-se Antonio). Luis Sendino também nasceu no bairro, mas foi criança viver no Paseo de Extremadura, na outra margem do Manzanares.

Entramos em um “comedor castizo”, quando o apetite já se tornava fome. Comemos azeitonas, os frutos de sabor silvestre do olivar. Na conversa, disse-lhes da excelente impressão que tive do museu, que mostra monumentos e edifícios que já não existem. Antonio diz que havia piscinas dentro do Manzanares; numa das quais ele se banhava quando jovem.

Enquanto vêm os revueltos de setas, os amigos falam coisas peregrinas: “lo mejor que teremos es lo que menos queremos”, diz Luis Sendino, acerca dos espanhóis.

O prato principal, cocido de garbazo (grão de bico), veio quando Antonio, hablador, contava casos, em plática de acendrada verve. Malgrado a sua crônica de muitos fatos, ele se arvora de conhecer, de história, apenas os monarcas Godos e o último triunvirato romano.

Meus interlocutores, em suas perorações, recordam-se, ironicamente, de que nada se fala de Felipe VI, o que é algo suspeito...

Pedi manzana asada de sobremesa e elogiei as iguarias da culinária do País. Luis é categórico: a comida espanhola é imbatível.

Antonio diz que seu prato predileto é cococha de merluza (de tradição vasca), em salsa verde. A la romana também é excelente, acrescenta Luis. Os espanhóis costumam falar de comida e praticar, cabalmente, a teoria.

Antonio é assíduo do restaurante, conhece o proprietário, conversa com ele. Conta «*chistes*» de toda ordem. Celebramos a amizade, dom de humanidade, gracias a la vida.

Ágape, por excelência, é o alimento do bem-estar. Saímos a marchar, como “los tercios del Tribunal”. Fomos pela calle de Hortaleza.

O dia deu em chuvoso. Despedi-me de ambos os amigos, fiz o trajeto de regresso por metrô, de Callao a Diego de León.

PUERTA DE TOLEDO

Peregrino estoico, saio do metrô La Latina (nome dado em homenagem a Beatriz Galindo, professora de princesas). Ando convicto, com o artelho miúdo direito envolto num esparadrapo, dada a topada recente no pé da cama.

À Puerta de Toledo vou, ladeira abaixo, pelo bairro castiço. Entro numa taberna para me revigorar com um suco de laranja e um café: poção apolínea (ando de mal com Dioniso). O taberneiro chinês, diligente, presto, fornece os líquidos da alquimia. Aproveito a ocasião para “verter água”, porque venho de longos transbordos, pelos túneis metropolitanos.

As ruas mostram nomes pitorescos: calle del Humilladero, calle de Calatrava, calle de Arganzuela, esta perpendicular à calle de Toledo. Vejo o panorama longínquo da cidade, numa inclinação topográfica. Na calçada, um monumento esdrúxulo, de leões e esfinges, homenageia Fernando VII.

Descortinam-se, na baixada da rua, os pórticos da Puerta de Toledo, com seus heraldos embandeirados, que ostentam uma alegoria da Espanha e suas províncias, bem como troféus militares.

Dentro dos arcos, aparece a continuação da cidade, no declínio da paisagem urbana. Nas adjacências estão a Biblioteca Pedro Salinas e a Universidade Carlos III.

A Puerta de Toledo, construída pelo arquiteto Antonio López Aguado, comemora o regresso de Fernando VII, depois da sua destituição pelos adversários franceses. Começou a ser construída em 1813, depois da Guerra da Independência. Insignia de Madrid, situa-se como o pivô de uma rotunda, sob a qual passa o viaduto que mergulha na Ronda de Toledo.



Signo heráldico da calle de Toledo, a Puerta de Toledo é um escudo esmerilado no vão da via pública. Repleta das filigranas alegóricas de suas estátuas brancas, tem uma inscrição, na embleática estampa, que alude ao rei Fernando VII. Minerva segura um cetro coroadado de escudos. Embora tenha o selo do rei espanhol, a ideia da sua construção foi de José Bonaparte, que os espanhóis apelidaram de Pepe Botella, apesar de o irmão do sátrapa Napoleão não ser adepto da bebida de Baco.

Benito Pérez Galdós elogiou a calle de Toledo como a mais bonita e a mais pitoresca do mundo, sobretudo porque havia, em seu tempo, 88 tabernas, da plaza de la Cebada à Puerta de Toledo.

EL MANZANARES

Pela Linha Circular, percorri todo um hemisfério da cidade e desembarquei na Estación de Príncipe Pío, também chamada Estación Norte. A engalanada Puerta de San Vicente é a reconstrução do modelo desenhado por Sabatini em 1775, no tempo de Carlos III. Afigura-se vazada em três partes e coroada de troféus, em formato de figuras pontiagudas. É uma entrada iniciática. O óbolo é um sumo de naranja de Valencia, bebido na esquina.



As escadas, em descenso, vão descortinando sombras verdes. Chego à relva e reverencio as margens quietas do Manzanares. Revejo-o moroso e sinuoso, reduzido de caudais, com ilhas silvestres de permeio. Escuto inebriado o rumor de suas ondas.

Somos sobreviventes, Manzanares generoso!

Metaforicamente genuflexo, posto-me diante de um rio esotérico, mais oculto do que a justiça social no mundo. O Manzanares, riachuelo que ondula e murmura, flui na doçura da branda corrente, entre sarças, juncos e oliveiras, pátria dos melros e dos rouxinóis.



de arroyo aprendiz de río.

Galdós o exaltou: generoso y humilde el Manzanares paga los ultrajes limpiando la villa del Madroño. Quevedo deu-lhe o epíteto pejorativo

Sinto o alívio de ser um animal das ribeiras do Manzanares. Sou um pássaro de arribação, diletante do ócio luminoso. Vou

acompanhando a corrente pela ribeira do moroso curso. Comigo vão as golondrinas e os gorriones, entre plátanos e lavandas.

O Sol parece que tem espasmos, mas eu caminho resoluto. Vou reverenciar os jatos d'água das fontes e os arcos de pedra da Puente de Segovia. O oásis das cascatas alimenta o verdoengo tanque, onde os patos desenham filigranas.

Contigo outra vez,

Manzanares.

Sonoridade líquida.

Hacia el Manzanares voy a beber luz. A aprender manse-
dumbre en su casi estagnación. Espejo velado en suave caudal, su
lento fluir inspira quietud. Busco refugio cerca del agua que pasa,
como si no fluyera. El río cumple su destino de pasar como no-
sotros. Pero va inorgánico y frío, mientras que a mí me inquieta
el pasar existiendo. Me duele sentir el tiempo a orillas de la vida.

El Manzanares se me antoja un portal de alegría en mi pe-
regrinación. No sé si su caudal discurre en mí sus reflejos cre-
pitantes, o si soy yo el que entra en mi ensoñación dentro de su
fantasía. Él cumplirá su destino de fluir, y yo caminaré a orillas
de mi suerte. Él finge que no se adelanta con su paso distraído.
Yo navego, mirando su espejo, dentro de la belleza del tiempo.

PARQUE DEL RETIRO

Um dos prazeres mais agradáveis da minha vida é caminhar no bosque da liberdade que se chama Parque del Buen Retiro. Nesse oásis, na área central de Madrid, desfruto do silêncio orgânico das manhãs e do verde, arejado e aleatório das tardes. Nesse ensolarado remanso, onde a luz abraça o extenuado caminhante e os passaros dão testemunho do claro dia.

Quando a temperatura do verão ainda não aqueceu a cidade, o passeio pelo Retiro é um deleite. Caminho, como nos velhos tempos, pelos jardins, até a Cuesta de Moyano. Quietude. Ar limpo. Leio, num painel, a história dos primórdios dos jardins do Retiro, destinados ao recreio da Corte da Casa de Áustria.

Sua origem remonta ao século XVII. Felipe IV o encomendou ao conde-duque de Olivares, que entregou a tarefa do desenho aos arquitetos italianos Crescenzi e Cosme Lotti. Existia um teatro dentro dos jardins, no qual Lope e Calderón tiveram peças encenadas.

A invasão francesa em 1808 danificou uma parte do parque: foram demolidos alguns edifícios para instalar baterias de artilharia e abrir campos de tiro. Resta, do Palácio antigo, o Casón del Buen Retiro, que era salão de baile da Corte de Felipe IV, hoje integrado ao Museu do Prado.

Fernando VII ampliou a urbanização do bosque, construindo edifícios no setor lateral, paralelo à calle Menéndez Pelayo. O Palácio de Cristal, com estrutura de ferro e vidro, e o Palácio de Velázquez, são de 1868. Convém não confundir Ricardo Velázquez Bosco, o arquiteto construtor de ambos os pavilhões de exposições, com o príncipe dos pintores, Diego Rodriguez de Silva Velázquez.

No Parque dos sonhos verdes e dos passeios dourados não existe o lago nem sequer a onda. Tudo é espelho de tudo. Flauta de gorjeios, poeira líquida no repuxo da água. A tarde se faz antiga no voo dos



pássaros e nas cores do jardim. Cedros e eucaliptos ameam o ouro do céu, na espessura do tecido verde.

O arvoredo, as fontes monumentais e o lago, custodiado pela grande estátua de Alfonso XII, fazem deste horto madrileño um harmonioso espaço de lazer e de acolhimento.

Sobre o arco da magnífica torre estatutária, Alfonso XII ostenta pose de marechal, na portentosa estátua equestre, emoldurada pela simetria dos arcos e das colunas. Contemplo o monumento do rei, refletido no lago verde e as gaivotas sobrevoando a água de fluxo cintilante. Quatro leões de bronze espreitam o lago e as crianças, que servem migalhas aos patos dançarinos. As canoas deslizam conduzidas pelos diletantes que remam.



Despeço-me das marmóreas colunas do hemisfério. Vou escrevendo versos, enaltecendo a beleza dos jardins. Aproximo-me do portão, pelo qual se chega ao esplêndido Museo del Prado.

As pessoas passeiam como se a vida fosse infinita. Os pássaros modulam suas cantilenas. O arvoredo ergue os ramos em direção à luz. Perfumes no ar. Árvores balsâmicas. De fraque preto e branco, a urraca passeia sua elegância.

*O melro caprichoso
desenha aguda chispa
no raio do voo sonoro.*

Alegrias na água, nas crianças e em mim. Primavera de pássaros vespertinos. O passado, onde? O futuro, quando? O presente, como e por quê? É um fim em si a fascinação do verde para o andarilho.

Reabasteço as energias no bosque de alas floridas. Tenho na mão a garrafa de água que me refresca a memória. Silêncio. Ar puro.

Ao sabor dos minutos, sem pensar nos princípios nem nas causas das mudanças, levo sempre algum livro para desfrutar da

leitura com luz natural e quietude propícia. O jardim ensolarado deleita a mente que busca a inspiração.

Com êxtase renovado, ando absorto, pelas veredas verdejantes. Observo, detalhadamente, as pétalas de algumas flores e a graça das inflorescências que apontam para o céu. Deambulo, à toa, sondando a ebriedade sonora dos passarinhos. O Retiro, de flores e sombras anímicas, é o coração verde de Madrid. Estou seguro de que entendo muita coisa do que dizem os pássaros. Eles falam da cálida hora efêmera. Luz e sombra, sob as frondosas copas.

Andarilho do bosque civilizado, reparto, com os pássaros, as plantas e alguns convivas, o oxigênio, éter da luz, e a água que me salva, à sombra dos plátanos de agudas verdes folhas.

Deparo com a estátua de Martínez Campos, o general que, em Sagunto, proclamou Alfonso XII rei, em 1874.

Contemplo os azulejos sevilhanos do Palacio de Velázquez. Sobre a relva, deitam-se marmanjos e marmanjas. Pequenas borboletas também se divertem como se entendessem o domingo.

O Palácio de Cristal contrasta o seu arcabouço de ferro e vidro com a natureza de um pequeno lago, que se alimenta de um jato vertical. Tenho sede de luz.

É hábito antigo repousar no lugar sublime, do qual diviso as colunas do Casón del Buen Retiro, por trás da Puerta de Felipe IV. Vejo as copas dos ciprestes, esteticamente podadas no chão do jardim. Dádiva de contemplar os ciprestes, simetricamente recortados e o frontispício de acrópole do Casón del Buen Retiro, que domina a perspectiva.

Caminhando entre árvores, escuto os pássaros que sibilam agudos louvores à natureza. O Parque del Retiro é um altar da vida contemplativa. Lugar de sombra e luz, policromias nas folhagens e chispas de agudos gorjeios. Os poemas fluem na imaginação:



La tierra emana un olor voluptuoso que se infiltra en éter del aire. Acecho los colores de los pétalos encendidos. La brizna de las nuevas hojas en las ramas, sus preciosos filamentos verdes. Los plateados centelleos de la Gran Luz que añoro.

La fina transparencia en el cielo. Las geometrías de césped del jardín. El cedro como un rey plantado en su trono, al centro de la órbita de mi deambulación.



Impossível renunciar ao êxtase de rever os canteiros floridos desse jardim, diante do Casón del Buen Retiro, cuja varanda de columnas está voltada para os ciprestes polidos. A vegetação vibra na clorofila das folhas. O grande cedro central estica os ramos, como se quisesse reger a orquestra dos pássaros e das nuvens. Carregado de finos filamentos, ele exerce o seu reinado, oferecendo ao vento os galhos que se expandem como dádivas de um ser magnânimo.

Sigo caminhando, com o prazer de redescobrir os caminhos, pelo bosque, onde as plantas dialogam com a brisa. Os pássaros idílicos, politonais, embelezam o momento. Velozes saltimbancos, vestidos de ar, cantam sem marcar o compasso da melodia. Louvam a luz, nadam na areia e exacerbam os etruscos prazeres.

Chego à esquina da calle de Alfonso XII e à Cuesta de Moyano. Pío Baroja, na estátua, de casaco longo, gorro e cachecol, medita, no alto da ladeira pontilhada de livros. Tem o semblante austero e as mãos cruzadas na altura do abdômen. Nascido em San Sebastián, o Dr. Baroja foi um eminente retratista da vida madrilenha.

Comparo o prazer de comparar livros nos quiosques da Cuesta de Moyano com a plenitude de visitar a Capela Sistina.

O mais é descer a ladeira cheia de quiosques de livros e contemplar, do outro lado da avenida, a fachada, em arco, da Estación de Atocha.

Jamais exerci tão plenamente o ofício de poeta como em Madrid. No Parque do Retiro, a poesia brotando como a rama

verde e as flores na primavera, quanta vez celebrei o alento vespertino, inebriado de fulgores extáticos, nos inefáveis jardins. Na companhia dos trinos encantados, medito sobre o enigma do tempo. Converso com a natureza, feito o santo de Assis. O caminho das duas veredas me está desnortando? Ou sou eu que me desencaminho, nessa dualidade?

POEMAS DEL RETIRO

Un sueño de primavera bajo el afán de los tumultos soleados. Un desvarío afortunado me despierta. Canto la poesía de mi dialéctica: Mi veneno es mi medicina insólita. Mi hambre es un hastío de exquisitos placeres. Soy el hijo pródigo de mi plenitud. Me dejo hipnotizar por los gorjeos etéreos. Las flores de la tarde inspiran un éxtasis peregrino. Frecuento laderas de silencio y sombras.

Caminar por el parque es un arte musical. Lejos del demonio de las calles, regresan las migratorias armonías. Lavo mis llantos de sombra. Tregua encuentran mis clamores, ramajes de silencio sanan mi dolencia. Duerme la angustia del día, cuando cesan las preguntas sobre los caminos.

Llego al sitio donde florecen las esperanzas. Agua, pájaros, árboles, y la omnipresencia del Sol. Rincón de afecto, con refrescantes quioscos y arboledas. Comprendo el sentido de caminar. Disfruto de la compañía de aves que dialogan con los árboles. Celebro el día.



El Retiro me entrega su calma. Prescindo de psicoanálisis. Los vegetales son mis antídotos. En meditación devota, delante de la naturaleza, aprendo la enseñanza libre del día.

Prados de luz, triunfos de la tarde, deslumbraamiento. Mirada al cielo, placer de los sentidos. Paseo aéreo. Niebla de sombra, noche, cristal de luna, huerito de aromas. Cristal de luna, antorcha, perla viva, castillo astral.

Plácidas aguas. El viajero contempla vuelos rasantés. Bajo las nubes el perfil de las cosas: celeste remanso. Cruzo la niebla en noche de temor y adentro el día.

Disfruto de sonidos y colores, inmerso en minutos sublimes. En el bosque placentero, idolatro la pureza

del aire. Lejos del trueno de la urbe, hierba húmeda, hojas secas, ando absorto, en lírica pasión.

Soy un contemplador de golondrinas. Mi verdad es una utopía: un celestial sentir metafísico. Sólo, por la vereda marginal, busco la sinestesia perfecta.

Retiro frío y casi desierto, después de la lluvia de diciembre. Retiro ansiolítico y antídoto contra los activos tóxicos. Farmacia botánica de fluidos profilácticos.

Retiro de los cedros más longevos entre los seres mortales. Retiro interior e imaginario. En los subterráneos de la memoria.

Refugio de antigua ternura, como aquel tiempo de emoción romántica, donde el poeta está susceptible al vértigo sensual.

Retiro con cielo de éter gris, donde busco la imposible belleza verdadera.

Los pájaros me invitan a la fiesta del agua. Me siento enfrente del pequeño estanque y observo la flotación de los patos. El cielo despide las nubes lloronas. Pétalos de rosa brillan en los reflejos como en la espiral de la médula que gira el silencio en mi cerebro. Silencio en que suenan las hojas frágiles.

Caminar así, después de la lluvia, el viento frío y limpio en las vías respiratorias. El otoño hizo estragos en los árboles. Pacifico los nervios cerca de los colores nocturnos que brotan en las hojas. Los primeros días de noviembre forjan la trama del invierno.

Magnética mañana de antídotos. Ando encantado bajo la custodia azul de un anhelo de quebrantos. Respiro la esencia de la vida en serena disciplina.

Un día será este perfume que emana de las coloridas flores. Mientras espero ese infinito momento, me ilumino del fluido fuego que se refleja en todo. En el esplendor del inminente encuentro, la esperanza atestigua la prometida imagen auspiciosa.

El aliento de lo que respiro brilla en todos los seres. El que ha degustado la delectación ve la forma infinita en cada árbol y en cada gorjeo. Su corazón exulta como un aroma trascendental. En todas partes y en todo minuto nacen sus pertenencias.

Camino veloz y sin rumbo para que el tedio no me acompañe. Una sed de conocer me desorienta. Camino hechizado de acelerada vibración mental. Busco en las flores la quietud que las ánimas no pueden disfrutar. ¿Cuándo sabré para siempre que soy agua que discurre hacia el mar del presente? El pasado vuelve a ser ahora y el futuro es un temor lúdico. Camino aleatoriamente. Aturdidamente busco la esencia del instante frenético. Deliro con la visión gloriosa del futuro.

Escribo con arrobamiento. En volandas asisto a ese moverme sin rumbo. Contemplaré las flores imantadas y brillantes, hasta que los cielos me brinden la cristalina luz del sentir. Siento el aroma feliz de una libertad sin culpa. Esta sublimación altiva que me agita las neuronas suscita el cielo en mi cerebro, en velocidad alterada de tiempo. Vislumbro el hidrógeno azulado y me conmuevo, ebrio de enzimas frenéticas.

Los huertos yertos tañen la sombra de las horas. Un desconsuelo crepuscular posa desde el firmamento nebuloso hasta mi soledad enternece.

La tarde se ha dormido en la neblina. La lluvia moja las alamedas. Los pájaros vienen a embellecer el vespertino rocío del cielo nuboso y la umbría de mis itinerarios disueltos en púrpura.

Envuelto en el velo aéreo de la penumbra, paseo en el jardín de mis libertades líricas. Los cedros me acogen bajo sus frondosas copas. Adorno el momento de radiantes brotes, irisados de neblina. La naturaleza deja caer el manto acogedor de la noche. Busco el rumor fluido de los manantiales.

Enajenado por la bendición de la serena tarde, me dejo conducir por el trance. Bajo los umbrales del azul me hundo en la hora que se desvanece. Respiro las palpitaciones suspensas del aire. Un sollozo embriagador calma mi precipitada lucidez.

Seguiré extasiado, en tanto que el votivo tiempo me conceda prendas de primavera. Ebrio como los pájaros, traigo la antorcha de mi fábula tutelar. La luna atestigua la maravilla diáfana de mis arrobamientos.

O Parque do Retiro favorece sempre, nos meus passeios, uma meditação que me faz escrever, quando o atravesso, em passeios aleatórios.

Cruzo o jardim das estátuas dos reis e saio rumo ao Museu do Prado. Canteiros de pétalas coloridas ornamentam a relva; os cedros altaneiros concorrem em esplendor com o magnólio de grandes flores brancas. A urraca crocita e voa, como se celebrasse a chegada do outono. Os pulmões agradecem pela oxigenação.

Na estação invernal, quando flui o esmalte gris da cerração, o frio suscita estranha melancolia. Esplendem rajadas azuis na espessura da névoa! Dia nebuloso, ruas molhadas. Promessa de transparência na tela das nuvens veladoras. O estrídulo tormentoso de uma ambulância. O guarda-chuva armado contra o vento. A confusão melancólica suscitada pela chuva.

Sublimar tudo, expansivamente, na hora de autossuficiência. Enganar as alteradas sensações de dúvida. Extraviar-me, aleatoriamente, ébrio de obsessões místicas. Ponho-me ao abrigo dos bancos encharcados.

Silêncio vivo na promessa da noite. Garoa na passarela urbana. Melancolia nos álamos de nervuras amarelas. Os transeuntes, de roupas pardas, entregam-se às cintilações noturnas, quando o Sol guarda o cronômetro dos signos nos porões da noite. Céu de painéis transidos, grafitado de opacidade.

Funcionário da palavra, exerço o ofício emocional-dinâmico, conversando com a própria perplexidade.

A Feira do Livro, no Parque do Retiro, é uma apoteose para os livreiros e os leitores. A produção editorial não decaiu na Espanha, depois da concorrência que o livro de papel sofre dos novos paradigmas de propagação literária. Todos os anos, no mês de junho, a Feira do Livro preenche de multidões uma parte do Parque del Retiro.

As “tiendas” são mais de trezentas, e os compradores são incontáveis. Imensos, também, a quantidade de autores e o ânimo comercial dos livreiros, espicaçados pela volúpia monetária do editores.

Ao percorrer o Paseo de los Coches, onde se instalaram os estandes da indústria editorial, adquiri reforços para as próximas leituras.

El poeta del Planeta
no consta
en el catálogo
de la prosaica editorial.

Transcrevo, ainda, poemas escritos, de outubro a novembro de 2013, durante nos passeios pelo Parque do Retiro e publicados num livro à parte, intitulado *Viagens Introspectivas*:

A alegria das árvores me diz que a eternidade é desde sempre. O céu exorciza a fumaça dos carros. Atravesso as ruas sem me importar com os barulhos das buzinas. Levito na inevitável leveza do minuto que passa.

Respiro o perfume insofismável do ar. Levo nas mãos a escritura dos meus sonhos. Louvo a graciosa vadiagem das aves que dizem o segredo do instante e anunciam a manhã da eterna luz. Ando anestesiado de euforia.

Nesse longo espasmo de lucidez, busco arrimo entre as cintilações verdes. Entre a iminência do tempo e o medo inerente ao corpo, o dia abre o espelho da memória.

O deleite evasivo alimenta as visões do andarilho, que conduz o fardo da jornada, até imergir no silêncio primitivo.

Contemplo os filamentos das nervuras, artérias de clorofila. Flui o flúor do florescimento. Lustral fluxo celestial que perdura e vivifica.

(Madrid, 23/10/2013).

Sob a estampa flutuante das nuvens, imagino a infinita vitória do dia sobre a noite. Respiro o repouso clarividente das folhas, como uma sensação fluida contra o medo. Visto os sentidos de miríades cromáticas que flamejam nas camadas de horizonte.

Água redentora, aprazível calma, azul clarividente. Os vegetais vicejam na delícia do clima. O ambiente translúcido agita a pulsação vital. Infância rediviva.

(Madrid, 24/10/2013).

*Evado-me pela outonal vereda, com o horizonte como pro-
filaxia. Células luminosas pululam na superfície da água. Aviões
espraíam as nuvens. Chego ao lugar da eterna expansão, luz es-
tampada na alta e imensa profundidade.*

*A perspectiva, o horizonte e alguma ilusão para velar e des-
velar, navego ao porto do regresso, até divisar os telhados de Ítaca.*

*Bebo a substância alcalina do dia. O tempo é de frios des-
pojamentos, diáfana letargia que suporto, mediante celebrações
dissolutas. Peregrinações que me entregam o ópio cromático de
um jardim, onde exercito a arte de escrever.*

*A respiração serena nos lugares calmos, consagro-me à im-
penitente vertigem do entusiasmo. Aproveito intensamente a eter-
nidade do instante. Sem afecções nem fantasmas melancólicos, o
crepúsculo proporciona esperança de auroras. Sei que a vida é um
perfume e que não somos os mesmos a cada minuto.*

(Madrid, 3/11/2013).

*A realidade parece uma tela onde se projetam sonhos. Cami-
nho com desesperada esperança. Digo que existirei sempre e escre-
vo como quem tece o silêncio. Bendito seja quem me concede tão
sublime alegria.*

*Água bebida em prol do firmamento! Calma vivida à luz de
um céu de sortilégios.*

(Madrid, 4/11/ 2013).

*À luz do dia, canto o espírito bucólico da manhã. Celebro o
momento em que leio “Full of life”, de Walt Whitman, ou o ensaio
sobre o místico delírio que Stefan Zweig detecta em Holderlin, pela
consciência de que a missão do poeta supõe uma espécie de santo
heroísmo. Ando pelas ruas com a serena inquietação dos estribi-
lhos e a graça prodigiosa das ressonâncias.*

(Madrid, 5/11/2013).

Viajo na vigilância do transe. O vento frio entardece a alma. No clamor cinzento do crepúsculo, as árvores desfolhadas são raízes verticais. Os galhos agudos guardam o húmus do ar para a renovação floral. Fabrico, em labor de tabernáculo, versos na pluma do vento.

À sombra do remanso ajardinado, aprendo o idioma sem fronteiras. No embalo temporário das sensações, descubro o eterno oculto na brevidade. Nebuloso prenúncio de noite, a bruma cobrirá as constelações.

Tarde de outubro. Sento-me diante das frondosas folhagens. Tento não cronometrar o passeio e conservar o lume da sensatez. Água bebida em torneira noturna. Viajo sem roteiro.

(Madrid, 7/11/2013)

PUERTA DE ALCALÁ

Imerso no arvoredo do Parque del Retiro, em sublime intimidade com o Reino Vegetal, vou, paralelamente às grades que circunscrevem o bosque maravilhoso. Passo diante da fonte, em frente à Igreja de San Manuel y San Benito, na metade da subida até a Puerta de Alcalá. Repetir esse trajeto, sistematicamente, parece-me uma atitude das mais sensatas.

Entre cedros e ciprestes, bebo refrigerios, à sombra das balsâmicas folhagens. Diante das grades de ferro do portão do Parque del Retiro, observo as colunas da Puerta de Alcalá: de cada lado, duas portas, ornadas de retângulos, decoradas com motivos florais. Sobre os arcos, o escudo rematado pela coroa real da Espanha.

Carlos III mandou construir esse portento, desenhado por Sabatini e inaugurado em 1778. As esculturas são de Francisco Gutiérrez e Roberto Michel. Esse prodígio arquitetônico delimita os braços de três vias vicinais de Madrid: as calles de Serrano, Alcalá e Alfonso XII.

Além de esculturas de troféus e armaduras, quatro amorcillos ou puttos, de tradição pagã, sentados, com certo desdém, repousam seus artefatos míticos no teto do retângulo monumental de cinco entradas.

Flores em círculo, na descida da calle de Alcalá, completam o beleza desse neoclássico emblema de Madrid, moldado com gramática barroca e alegórica.

Carlos III de Bourbon, sucessor de Fernando VI, embelezou a Capital do seu novo reino com monumentos insígnies. Além da Puerta de Alcalá, mandou fazer, entre outros edifícios, a Casa de Correos, hoje Presidencia de la Comunidad, a Real Academia de Bellas Artes de San Fernando, a Real Academia de la Historia, San Francisco el Grande, e as fontes de Cibeles, Apolo e Neptuno.



A encantada Puerta de Alcalá convida-me a admirá-la
como ornamento artístico do gosto estético daquele tempo que
chamaram Renascimento.

*Por el trasiego de la Puerta de Alcalá, voy embrujado de ritmos.
A merced del tiempo, registro mi paso en la muchedumbre.
Observo las tonalidades del verde.
El viento moviendo las ramas.
Quedarme así, sin expectativas, en deliciosa soledad,
mirando la inconstancia de las nubes.
La libertad es una especie de embriaguez.
Extraño éxtasis.
Dejarme así sin saber quién soy, y sabiendo que nada sé.
En estado de absorción, inmerso en lúcidas sensaciones,
tarde tórrida, mientras brincan los pájaros.
Miro hacia las copas de luciente hojarasca.
Conmovido, me digo a mi mismo:
haber leído a algunos poetas,
y haber escrito estos versos es ya bastante luz para mi día.*

LAVAPIÉS

É necessário subir e descer ladeiras para lavar a mente no pitoresco Lavapiés. Desfruto da festa ambulante, no âmago da liberdade, nos caminhos de peregrinação que percorro, desde quando estive hospedado no bairro, nos meus primeiros dias em Madrid. É sempre um privilégio rever toda a gente da África e da Índia, que têm, em Lavapiés, restaurantes, de comidas típicas e lojas de roupas e artesanato.

Caminhei muitas vezes no labirinto desse bairro de imigrantes, apreciando as coloridas varandas dos antigos e pequenos edifícios de três andares. É pura diversão descer e subir outra vez a populosa colina, entre comércios de tudo. As ruas têm nomes poéticos: calle de la Cabeza, calle de San Pedro Mártir...

A velha carcaça da igreja de las Escuelas Pías de San Fernando, construída no século XVIII, na área alta do bairro plebeu, pelos escolápios (ordem dedicada ao ensino) ergue-se na esquina da calle del Sombrerete com a calle del Mesón de Paredes. As ruínas dão ideia do que foi a Guerra Civil Espanhola.

Desde minhas primeiras estâncias em Madrid, deambulo pela diversidade cultural desse alegre sítio, de formato triangular, onde os cidadãos ociosos afundam na sua pasmaceira.

O Teatro Vale-Inclán é, certamente, a coisa mais esplêndida de Lavapiés. Sua excelente programação confirma a tradição espanhola no campo da arte dramática.

Cruzo a calle del Sombrerete, depois a calle de Caravaca. Os camareros drávidas convidam-me a entrar nos restaurantes indianos e paquistaneses. Passo ao largo das cadeiras que se alastram pelas calçadas e sigo subindo, ao encontro do bifurcamento da calle Lavapiés com a calle de Jesús y María.



A tarde declina e o tempo chuvoso me inspira a escrever. Na calle del Calvario, giro à direita e logo à esquerda, pela calle de San Pedro Mártir. Cruzo a calle de la Cabeza e subo mais, na direção de Tirso de Molina.

Quando eu trabalhava em Lisboa, vinha de trem a Madrid, para curtir a vivacidade lírica e boêmia da capital espanhola; já, naquele tempo, escrevia os poemas em espanhol. Mesmo antes desse tempo, Lavapiés foi o local onde me hospedei no apartamento do amigo Javier Gil, na callle del Sombrerete:

Vuelvo a beber aires de libertad, subiendo y bajando laderas, respirando el hielo de la brisa.

El extraordinario sendero de Lavapiés a Tirso de Molina. Castizas calles de balcones y simétricas viviendas en sinuosos caminos.

Camino con el Diario 16 en las manos trémulas. Vuelan los duendes de melatonina con las palomas delirantes. Las campanas me convocan a los monumentos.

Miro las forjas floridas de los balcones. Sonriendo con los aires de marzo, llego a Lavapiés, en el alegre sitio donde otrora fui bohemio. La primavera puso pétalos en los castaños.

Me encanta la geografía de la imaginación. Voy solitario, pero poblado de visiones, feliz cual pájaro de los campos primaverales, la visión puesta en los vuelos de mis pensamientos.

Descobri o bairro de Lavapiés nos anos de 1990, no tempo em que existia o jornal Diário 16, extinto na década seguinte. Não sabia que existira ali a Aljama, bairro judeu, cuja sinagoga ficava na calle de la Fe. Tampouco sabia que funcionou em Lavapiés a prisão da Inquisição, na calle de la Cabeza. Só recentemente soube que o grande Boccherini viveu, nos derradeiros anos de sua vida, na calle de Jesús y María, perto de Tirso de Molina. Não faz muito tempo, ouvi o coral, onde canta Antonio Machado Sanz, interpretar um trecho de El Bateo, de Federico Chueca: No quiere el Municipio regar en el Lavapiés, pa que no se deshaga la sal que está por coger. El barberillo de Lavapiés, de

Ricardo de la Vega, com música de Barbieri, outra zarzuela fala do bairro, tem como argumento uma conspiração, no reinado de Carlos III, quando os partidários de Aranda e Floridablanca se enfrentavam.

TIRSO DE MOLINA

A caminhada de Lavapiés, ascendente, desemboca na plaza de Tirso de Molina. De pronto, vejo a estátua do dramaturgo, junto à entrada do metrô. Com o largo manto, que se esparrama sobre o corpo, as mãos cruzadas e o olhar cabisbaixo, Tirso de Molina está representado mais como religioso do que como escritor. O poeta-monge medita, cercado de pombos, que o reverenciam. A água escorre ao pé da estátua, na fonte lustral. Vendem flores ao redor, à sombra das árvores.



A praça não é das mais prestigiadas de Madrid, mas tem o seu charme, e não está de todo abandonada pelos vivedores. Estampam-se, no pedestal hierático da estátua do Poeta, o escudo, com o brasão nacional da Espanha, um hipogrifo, saltando, com a língua curva, eriçada, o urso, com as patas dianteiras no tronco do madroño e a coroa de louros do clérigo- teatrólogo da Edad de Oro.

A plaza de Tirso de Molina tem bares, cujos fregueses ocupam cadeiras, sob os toldos que os defendem do excesso da luz solar, nos cálidos dias do verão.

Fray Gabriel Téllez (1579-1648), da Orden de la Merced, escreveu *El burlador de Sevilla*, entre outras obras universais. É considerado o inventor do mito de don Juan, que foi glosado por José Zorilla, Molière, Byron, Mozart e outros. Há controvérsias sobre se *El burlador de Sevilla*, de Andrés de Clamanonte, teria sido escrito e editado antes ou depois da peça do mesmo nome, obra-prima de Tirso de Molina. O certo é que a fábula é a mesma em ambas as peças.

Por que o pseudônimo Tirso? Teria ele o adotado para burlar a censura eclesiástica? Tirso significa uma vara adornada de

folhas, que se usava nas festas de Baco. Molina, por sua vez, é um sobrenome derivado do Conde de Molina de Herrera, a quem os pais do dramaturgo prestaram serviços.

Fray Gabriel Téllez ingressou na Orden de la Merced em 1600. Em 1610, foi enviado por sua ordem a Santo Domingo, por 2 anos. Ao voltar à Espanha, viveu em Toledo até 1621. Cigarales de Toledo, seu primeiro drama, foi publicado em Madrid, em 1625.

A Junta de Reformación de las Costumbres condenou a publicação de comédias profanas por um mercedário, enviando petição a Felipe IV para que o dramaturgo se afastasse da Corte e o enviaram ao convento de Trujillo. Onde quer que estivesse, escrevia a sua obra teatral.

O Burlador de Sevilla exemplifica, em Tirso de Molina, o engenho satírico e a galante intriga entre a santidade e as paixões. Na Corte de Nápoles, Juan Tenorio dorme com a duquesa Isabela, fingindo ser o seu noivo, o duque Octavio. O artifício é descoberto e Juan Tenorio só escapa da justiça porque o tio dele o ajuda a fugir para a Espanha. Ele naufraga no trajeto, mas ele não perde a oportunidade de seduzir, na praia, a pescadora Tíbea. Ao chegar a Sevilha, engana doña Ana de Ulloa, dama de quem está enamorado o Marquês de la Mota.

Don Gonzalo de Ulloa, comendador de Calatrava, enfrenta don Juan num duelo e a culpa da sua morte é recaí sobre o marquês de la Mota, cuja capa vestira o burlador, que não temia nada. O profissional da libertingem não tardou a estorvar o casamento da plebeia Aminta, ao ponto de convencer o noivo Batricio, um lavrador, a aceitar pacificamente a pecha do cornudo.

Numa cena abjeta, o burlador janta com o fantasma de don Gonzalo, que ele assassinara. Diante da estátua viva do pai de Ana de Ulloa, don Juan se perturba e o morto o arrasta para o Inferno. O sentido de humor em Tirso de Molina é algo exponencial. Na sua obra, o jogo dramático é sustentado mais por ironia e humor do que pela moral.

Recordemo-nos de que a tradição atribui a Andrés de Claramonte a escrita de uma peça semelhante à de Tirso de Molina, com o mesmo título. Os enredos são tão símiles que apenas distinguimos aspectos estilísticos de cada autor. Quanto às

hipóteses de autoria, os defensores de que a obra original é de Tirso, dizem que o texto, escrito entre 1612 e 1615, teria desaparecido, e Claramonte o teria encontrado e publicado com o seu nome. Os que atribuem a autoria a Claramonte afirmam que a peça foi por ele escrita em 1617, no período em que ele vivia em Sevilha, na condição de protegido da família Ulloa. (Nesse tempo, Tirso estava em missão religiosa em Santo Domingo).

Tirso de Molina compôs, também, autos sacramentais e poemas devotos. Foi nomeado cronista oficial da Orden de la Merced.

O frei Marcos Salmerón, visitador oficial dos Mercedários, determinou que nenhum frade guardasse em sua cela livros profanos ou que escrevesse sobre assuntos como sátiras contra o governo público ou contra outras pessoas. O dramaturgo, não obstante, seguiu fazendo o seu trabalho de humanista.

Tirso de Molina ou Gabriel Téllez, que chegou a ser prior em Soria, em 1645, tinha efetivamente vocação para o sacerdócio, sendo, porém, disciplinado na arte da dramaturgia. Seus derradeiros dias foram vividos em Almazán, na região de Soria, onde pereceu em 1648, aos 69 anos.

Llego a Madrid como quien sueña. Sueño que Madrid es un galeón de Babel. Vengo del otro extremo de la Península, desde el tremedal de la noche. Callejear (verbo intransitivo), la vida entre metales ambulantes. Fosforescencias urbanas. No sé qué embrujo me lleva a la plaza de Tirso de Molina. Vuelvo a beber aires de libertad, subiendo y bajando laderas, respirando el hielito de la brisa. El extraordinario sendero de Tirso de Molina a Lavapiés.

Madrid de las castizas calles de balcones, de las simetrías de las viviendas y la sinuosidad de los caminos. Madrid alimento espiritual, rocío y arrenal de mi destino. (Madrid, 14/11/11).

PLAZA DE JACINTO BENAVENTE

Vou, pela calle del Doctor Cortezo, ascendente, e chego à plaza de Jacinto Benavente. Quando passeio pela praça Benavente, recordo-me, quase sempre, da moeda de duas pesetas, que, nos anos de 1990, tinha a efígie de Jacinto Benavente, no tempo de minhas primeiras viagens a Madrid.

O autor de *Los intereses creados* ganhou o Prêmio Nobel em 1922. A peça tem por tema a ambição do dinheiro e as peripécias do amor, disputadas em contendas entre espadachins.

Revejo os palácios, dedicados a apresentações de espetáculos, e o Cine Yelmo Ideal, frontispício amarelo e branco, na esquina da calle de Atocha, em frente à parada de ônibus.

A plaza de Benavente é, atualmente, um pouco inóspita, por desprovida de assentos e invadida por alcoólatras, que se aglomeram à sombra de um plátano, quase em frente à sucursal do Ministério da Justiça.

O ambiente, contudo, tem importância no contexto arquitetônico de Madrid. O Teatro Calderón, com motivos florais e a linda torre com o relógio na fachada, é o edifício mais belo da praça.

Na esquina da calle de la Cruz, diante da beata librería San Pablo, a figura de um degenerado índio, de calças justas, camiseta curta, mostrando a barriga, os longos, lisos cabelos negros e a boca vermelha, sorrindo, gesticula para os passantes, convidando-os a realizar práticas imorais.

Antonio Muñoz Molina, no seu livro *Los misterios de Madrid*, caracteriza o personagem Lorenzito Quesada, um jornalista de Jaén, assediado por prostitutas, ao passar pela plaza de Benavente, a caminho da calle de Atocha. Na história de Muñoz Molina, acontecem lances surpreendentes



de delinquência em vários setores de Madrid. A julgar, entretanto, pelo conteúdo do romance, a plaza Benavente não mudou muito, desde o início da década de 1990, quando aconteceram as aventuras e desventuras do personagem picaresco e um tanto ingênuo da obra de Antonio Muñoz Molina.

O que há de comum entre a peça de Jacinto Benavente e o romance de Antonio Muñoz Molina é a truhaneria: a pilantragem e a delinquência marcam a trama de ambas as ficções.

PLAZA DE ANTÓN MARTÍN

Faço, recorrentemente, o trajeto de lúdica peregrinação, pela calle de Atocha, na direção de Antón Martín. Transitam muitos *peatones* nesse roteiro que passa pela Igreja de San Sebastián, onde está sepultado Lope de Vega, e desemboca na plaza de Antón Martín, onde se vê a insólita escultura de uns homens abraçados, em homenagem aos quatro advogados e um sindicalista, membros do PCE e da CCOO, assassinados em janeiro de 1977.

Antón Martín, sucessor de San Juan de Dios, fundou o hospital de Nuestra Señora del Amor de Dios, que se transformou na atual Igreja de El Salvador y San Nicolás.

Em vez de seguir pela calle Amor de Dios, para percorrer de novo uma trajetória de antiga boemia, tomei a direção da calle de Santa Isabel. Vi a programação da Filmoteca Española e adentrei o vizinho Mercado de Antón Martín. O apetite transformado em fome, alimento-me de algum repasto, num dos quiosques de variada gastronomia, e desço as estreitas ruas do bairro: calle de la Rosa, calle de Santa Maria e calle del Olmo. Vou, alegrando os olhos com as fachadas coloridas, de onde pendem pequenos jardins suspensos nas varandas e candelabros ornamentais.

Caminhar assim é mais do que um hábito de devoção. É andar em irmandade comigo e com os outros, exercitando um solilóquio propiciador da comunhão mental.

Alguns prédios se destacam pela beleza das fachadas: o portal barroco do edifício ocre da Filmoteca Española, na calle de la Magdalena, número 10 (que é o palácio do marquês de Perales, de 1727) e, na vizinhança, o prédio neoclássico, de janelas retangulares, com flores nas varandas do segundo andar, ambos na calle onde viveu Cervantes.



SAN PLACIDO E SAN ANTONIO DE LOS ALEMANES

No dia 29 de julho de 2024, encontrei-me com don Antonio Machado na saída do metro Noviciado, junto à Cafeteria Dos Pasos, na esquina da calle del Pez com a calle de San Bernardo. Antonio queria me mostrar a Igreja de San Antonio de los Alemanes, um prodígio do barroco madrilenho, estilo arquitetônico do tempo dos reis da Casa de Áustria.

Ele se recorda da antiga campanha publicitária: “quien compra en la calle del Pez sabe lo que pesca”.

Na esquina da estreita calle del Pez com a calle de San Roque, divisamos, entre palácios, o Convento de San Plácido. Meu colega de caminhada assegura que ali, Felipe IV, apaixonado, forjou um encontro com Sor Margarita, uma monja preciosa, que não queria ser namorada do rei. A Madre Superiora tampouco permitia. Fizeram um túnel, pelo qual o monarca entrou no convento. A trama urdida pelas monjas enganou o rei. Ao ver Sor Margarita no ataúde, fingida de morta, Felipe IV arrependeu-se e deu de presente àquele cenóbio de monjas beneditinas El Cristo crucificado, de Velázquez, que permaneceu ali, até ser incorporado ao Museu do Prado em 1829. Quando, por fim, o rei descobriu a farsa, acabou “encamado” com a monja.

Falei-lhe da minha leitura de Crónica del rei pasmado, de Gonzalo Torrente Ballester, uma sátira que tem no Convento de San Plácido um dos seus principais cenários. O padre Villacusa, um capuchinho, assessor do Gran Inquisidor Rivadesella, tomou conhecimento de que o jovem Felipe IV “fue de putas”, levado à mancebia pelo conde de la Peña Andrada, um corsário que navegava com patente do rei.

Marfisa, a bela profissional, recebeu o rei nos braços do pecado, mas teve de se refugiar no Convento de San Plácido, para não ser vítima de um auto de fé.

Naqueles tempos, em que os párocos viam bruxas no céu de Madrid, o Gran Inquisidor foi instado pelo Conselho do Santo Ofício a prender a pecadora, culpada de fazer o rei cometer um crime contra a sagrada instituição do matrimônio. O povo, por sua vez, fez procissão para neutralizar os pecados cometidos pelo rei e outros grandes do reino.

O Conselho do Santo Ofício reuniu-se para pontificar a ilegalidade do desejo do rei, de ver a rainha desnuda. O protocolo do palácio só previa fornicações monárquicas com o propósito da procriação.

O padre Villaescusa argumenta que, pelo pecado de dormir com a rainha, o rei se responsabilizaria pelos eventuais castigos que a Espanha viesse a sofrer, tais como uma derrota na batalha dos Países Baixos ou algum imprevisto na chegada da frota das Índias, que vinha com os recursos para alimentar a Corte e pagar os empréstimos aos banqueiros genoveses.

O Gran Inquisidor ouviu do próprio Maligno que era estúpida aquela disputa teológica de frades fanáticos. Entrementes, o padre Almeida, um lúcido jesuíta português, ajudava a rainha e o rei a se encontrarem no Convento de San Placido, para numa noite de amores.

Segundo a versão oficial dos fatos, a Igreja de San Placido surgiu de um curioso episódio: em 1623, Teresa de la Cerda desiste de casar-se com Jerónimo de Villanueva e vai ser monja da Ordem Beneditina. O noivo, não apenas aceita a opção da noiva, como doa o terreno onde se fundou o Monasterio de San Placido, para que Teresa seguisse a sua vocação religiosa.

O conde duque de Olivares, valido de Felipe IV, costumava frequentar o monastério para se aconselhar com as monjas. Felipe IV, por sua vez, ia ao cenóbio para apreciar a beleza das monjas, tendo-se apaixonado por Sor Margarita.

Depois da morte do conde-duque, as monjas foram acusadas de alumbradas e hechiceras. Algumas foram condenadas e recolhidas à prisão de Toledo. Também o capellán e o protonotário foram castigados, porém com o desterro.

Adentramos, finalmente, a Igreja de San Placido, na esquina da calle del Pez com a calle de la Madera. Reconstruída de

1641 a 1661, com desenho do Fray Lorenzo de San Nicolás, que projetou a levíssima cúpula, de madeira e gesso, ilustrada com as cruzes das Ordens Militares. O altar maior de San Placio é um retábulo, que contém o prodígio iconográfico da Anunciación, quadro de sete metros e meio, pintado por Claudio Coello, uma verdadeira apoteose barroca, de influência flamenca. Pareceu-me um prodígio encantador a aura do Espírito Santo, com a Virgem ajoelhada coroada de luz, os Profetas e as Sibilas ao redor.

O que mais impressionou Antonio foi o Cristo Yacente de Gregorio Fernández, escultura tão perfeita que o corpo parece vivo.



O Monastério, que também foi reconstruído no mesmo período da igreja, está desativado. Atualmente, não se permitem visitas.

Chegamos à esquina da calle del Pez com a Carrera Baja de San Pablo, e avistamos a Iglesia de San Antonio de los Alemanes, um exemplo de arquitetura do século XVII, cujo nome anterior era San Antonio de los Portugueses. Construída pelos jesuítas, apesar de Santo Antônio ser franciscano, a igreja está decorada com imagens de milagres do santo, xará do amigo que me acompanha. Sabemos que o teólogo Antonio, cujo nome de batismo era Fernando, nasceu em Lisboa e se “italianizou” no apostolado de Pádua. Um Santo Antônio alemão seria o que se denomina um “fake”.

Luca Giordano caprichou nos afrescos de Santo Antônio e São Carlos Borromeo, obras que inspiraram Goya a pintar a abóbada de San Antonio de la Florida.

Depois da independência de Portugal e da expulsão dos jesuítas, em 1668, Mariana de Áustria, regente, viúva de Felipe IV, “germanizou” o templo do santo português, dedicando-o aos alemães.

Felipe V deu a igreja à Santa Pontificia Hermandad del Refugio y Piedad, que cumpre sua função caritativa até os dias de hoje, dando comida aos necessitados.

Visitada a casa santa do franciscano português, seguimos

pela Corredera Alta de San Pablo, na direção do Barrio de Malasaña, onde nasceu Antonio, o espanhol castizo. Ele me diz que Malasaña era uma modista, que os franceses mataram porque ela levava uma tesoura. Acharam que era uma arma de ataque e a mataram. Entramos na calle de Velarde e chegamos à Plaza Dos de Mayo. As estátuas de Daoíz e Velarde, de mármore sob um arco de ladrilhos, evocam a Guerra de Independência da Espanha. Segundo Antonio, o arco era a porta do Quartel de Artilharia de Montelón, um dos focos da rebelião de 1808.



Sáímos na direção da Gran Vía e demos com a calle Loreto y Chicote, onde se localizava o “tablao” chamado “Se cae el telón”, no qual fiz o meu primeiro recital de poesia em Madrid, na companhia do ator Alex Amaral. Já na Plaza de la Luna, também chamada Santa María Soledad Torres Acosta, vimos, no chão, a tampa de metal que se acredita ser a “puerta de entrada a la umbraesfera”. Por que?

Chegamos à Gran Vía, onde Antonio me convida ao nono andar da torre do centro comercial El Corte Inglés, para desfrutarmos do panorama de Madrid e da sofisticada gastronomia.

Contemplamos, do alto, as torres, os telhados e as cúpulas que se estendem até o bosque da Casa de Campo, como uma grande exibição de arte urbana. Comemos pinchos bascos com salmorejo. Depois, na calle del Carmen, tomamos café com gelo, porque era agosto, mês austero, e Antonio é cafeinômano: toma sete cafés diários, dos quais dois sem cafeína.

Buscamos, em vão, uma sombra na desarborizada Puerta del Sol. Antonio esclarece que o urso que sobe no madroño é uma ursa.

Subimos a calle de Alcalá. Passamos pela plaza de Canalejas, onde Antonio diz que se localizava o Banco Hispanoamericano, no qual começou a trabalhar, aos 16 anos. Seguimos pela calle de Sevilla, e nos refugiamos do calor no Café Hontanares, frequentado pelo fiel escudeiro de minhas andanças desde 1961. Ele se gaba de que diretores do banco queriam transferi-lo para

outra cidade, mas ele jamais aceitou deixar Madrid. Em 1964, trabalhou no Banco Ibérico, na Gran Vía, 18 (hoje, uma loja de roupas). Casou-se aos 24 anos. Ficou viúvo da primeira esposa e casou-se com María Jesús, que também enviuvara. Mais poeta do que bancário, Antonio foi, no entanto, diretor de uma cooperativa de crédito da Caja Ibérica e lá prestou serviços até se aposentar.

Rendo minha homenagem ao querido amigo Antonio Machado Sáenz, que me acompanhou em vários momentos das peregrinações aqui reportadas:

*Desde el Parque del Retiro de mis ensueños,
hacia la Calle de O'Donnell de mis recuerdos,
se me aparece don Antonio Machado Sanz,
Poeta, cantor y castizo cronista madrileño,
Caballero de la Orden de los Hombres Fraternos.
Igual que aquél otro Antonio,
también Machado, el venerado ancestral.
Seré el poeta del Retiro y de la calle de O'Donnell,
mientras mis palabras me declaren amigo de este español luminoso
que me acoge en Madrid, su claro feudo familiar.
Antonio es más que una sucesión de días en la ciudad de
Quevedo y Lope.
Hidalgo, cuya estampa me viene, ojalá,
de los anticuarios de una Roma del paganismo de Ovidio.
Antonio es un patrimonio, un fenómeno de la Naturaleza,
os aseguro yo, poeta itinerante, desde mis correrías místicas
bajo los bosques serenos.
Antonio es una leyenda, es un jardín en sí mismo,
con un gran estanque lleno de afectuosos gestos.*

Contemplo cedros, castaños y madroños en ti, poeta magnánimo,

*relámpago y viento de las horas, en que una sola estrella
asoma en la cabecera del cielo.*

*Aprendo contigo a declararme feliz con mis recuerdos y mis
ilusiones.*

CALLE CONDE DE PEÑALVER

Muitas vezes andei no metrô que parte da parada de Goya, em frente à plaza de Felipe II. Nessa praça de suntuosos edifícios, a insólita estátua “Gala”, plasmada por Salvador Dalí, é um ponto de minhas peregrinações. No cruzamento calle de Narváez, com três grandes avenidas (Alcalá, Goya e Conde de Peñalver), fotografei a efígie da grande cabeça de Goya, que é uma esfinge, convidando o povo a decifrar os caminhos que se bifurcam. O semblante austero de Goya, no bronze escuro, é um primor de estética urbanística, naquela circunscrição das avenidas.

Fui andando, do local da estátua de Goya, pela calle del Conde de Peñalver e avistei o portentoso Colegio del Pilar, edifício de arquitetura gótica e primorosos desenhos geométricos, avermelhados, no muro neomudéjar.

Não tardo a contemplar o edifício antigo, na esquina com a calle de Juan Bravo, onde uma placa registra a estada de Miguel Hernandez, durante quatro meses, em 1939, no cárcere de Torrijos, que ali existiu, depois da Guerra Civil Espanhola.



Segundo a placa, posta pela Sociedad General de los Autores de España, em homenagem ao poeta, Miguel Hernández compôs naquele local o famoso poema Nanas de la Cebolla. Ao receber a carta de sua mulher, Josefina Manresa, que dava conta de que o filho do casal vivia precariamente, alimentado de pão e cebola, o poeta lamentou a sorte aziaga:

La cebolla es escarcha/ cerrada y pobre./ Escarcha de tus días/ y de mis noches.

No local, funciona, atualmente, a Fundación Fausta Elorz (Residencia de Mayores). O edifício tem uma cruz no alto da fachada. Sobre as janelas de madeira, nos dois andares, os tijolos marrons ostentam os lúdicos desenhos geométricos da sóbria

fachada. Fico perplexo ao pensar em que ali o grande poeta foi açoitado e humilhado.

Depois da edição de *El rayo* que no cesa, o pastor de Orihuela alistou-se na frente de batalha do exército republicano e se meteu na tormenta das trincheras, soldado em primeira linha de fogo.

Foi preso e posto em liberdade algumas vezes. De maio a setembro de 1939, Miguel Hernández foi recolhido a essa casa melancólica, que hoje é um asilo de anciãos. O seu encerramento no edifício da calle del Conde de Peñalver ocorreu semanas depois de os carabineiros portugueses o deterem na fronteira de Portugal, quando ele tentava vender o ostentoso relógio que levava no pulso, presente que lhe dera Vicente Aleixandre, para que ele tivesse os primeiros recursos no exílio.

Miguel Hernández foi condenado à morte em 1940, pena comutada por 30 anos de cárcere.

De 1939 a 1941, compôs *Cancionero* e *Romancero* de ausências, nas prisões de Valência e Alicante, onde adoeceu, em consequência das condições deploráveis dos internos.

Arrastró a los compañeros ensangrentados y se comió pan mojado en sangre. Cercado de balas, recitaba poemas con altavoces. Se agotaba en el frente, en los nevados sufriendo el frío. Perseguido en todas partes, hambriento, en la puerta de Portugal, intenta vender el reloj que le había regalado Vicente Aleixandre.

Desde Rosal de la Frontera, los salazaristas lo entregan a la Benemérita, para ser apaleado hasta orinar sangre; desde entonces, de cárcel en cárcel, fue galardonado con palizas, candiles de agonía y el hierro infernal en su costado.

Después de sacar pus de los pulmones, ratas, piojos y pulgas fueron sus valedores. La neumonía y la tuberculosis fueron su palma de martirio.

Miguel Hernández morreu na cadeia, aos 32 anos, em 28 de março de 1942, ante o olhar gelado dos carcereiros. Também, como se sabe, os poetas Federico García Lorca (fuzilado em Granada) e Antonio Machado (morto pouco depois de chegar ao exílio na França) foram vítimas da terrível Guerra Civil Espanhola.

Quem foi mesmo esse Conde de Peñalver? Foi um político conservador, *alcalde* de Madrid no período da “Restauración borbónica”, de 1874 a 1931, ano em que foi proclamada a Segunda República. Nesse período, com a monarquia restaurada, sob a égide da dinastia dos Bourbons, reinaram Alfonso XII (de 1874 a 1885), María Cristina (regente, de 1885 a 1902) e Alfonso XIII (1902-1931). Durante essa fase, a Espanha perdeu as colônias de Cuba e Filipinas.

MUSEO REINA SOFIA

Em 4 de dezembro de 2023, revi a estrutura de aço e vidro do Museu Reina Sofia, que, na reforma do prédio, acoplada às paredes antigas do velho Hospital General de Madrid, que se converteu em Faculdade de Medicina, antes de ser Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia.

Da plaza de Juan Goytisolo, que marca esse lugar de eminência para o mundo da Arte, vejo a face do velho edifício, de pequenas janelas, do antigo hospital, que funcionou até a década de 1980.

Num ângulo da plaza de Juan Goytisolo está o Real Conservatório Superior de Música, edifício de janelas em arco, de decoração simplista.

Na esquina da calle de Santa Isabel, diviso a agulha e a coroa que se empinam sobre o Real Monasterio de Santa Isabel, de monjas “Agustinianas Recoletas”. O escudo coroado da Espanha, entre a janela superior e o portal de madeira maciça, enfeitada de retângulos hieráticos o edifício monacal.

No outro extremo da plaza de Goytisolo, ressalta-se a estampa frisada da Estação Atocha, com o ocre das paredes e o cinzento da estrutura metálica. A menos de duzentos metros dali, a helênica frente do formoso Ministério da Agricultura impõe um ar solene à plaza Imperador Carlos V, entre a Ronda de Atocha e o Paseo del Prado. Três figuras de bronze, aladas, aparecem no alto da fachada do Ministério, como se estivessem na iminência de voar.

A pífia decoração da plaza de Goytisolo ganha revelo com o totêmico Mortero Colorado, de cimento, plantado frente à entrada do Museu, sobre uma estrutura de ferro. A escultura, elaborada por Jorge Ballester, imita o tronco de uma árvore, de tonalidade creme, e é uma réplica do original de Alberto Sánchez. Na placa, uma frase de efeito místico: “el pueblo español tiene un camino que conduce a una estrella.”

No interior do edifício, o elevador mostra o panorama do bairro de Atocha. O pitoresco bairro de Lavapiés está ao lado, com sua permanente agitação de cafés e restaurantes.

Contemplado, no crepúsculo invernal, o claustro ajardinado do museu tem aspecto melancólico. Adentrei o acervo para ir direto ao essencial.

Entre tantas expressões artísticas, porventura tive a sorte de ver a exposição temporária de Picasso, com obras procedentes de vários museus da Europa.

Início a visita pela sala em que se expõe o quadro com a figura de um sujeito nu: uma espécie de pícaro, obra intitulada *El Modelo*, datada de 1896 (óleo sobre tela): o homem retratado inclina-se para o lado esquerdo, tem o olhar entre cínico e bobo e mostra explicitamente os órgãos sexuais.

Segui apreciando diversos desenhos de Pablo Picasso: esboços de saltimbancos, pastores e camponeses. São criações do início da sua carreira, que revelam já a grande criatividade que o conduzirá aos períodos cubista e surrealista.

Na sala seguinte, uma série de grotescos nus femininos, demonstra o estilo ainda primitivo e arcaico de Picasso.

De permeio às experiências de Pablo Picasso, surge um *San Sebastián*, do Greco, para sugerir alguma similitude entre as obras de ambos os artistas. O Greco representa São Sebastião num corpo branco, deformado, flechado e recostado numa coluna; o queixo largo, a boca pequena e olhar sereno, fixo no alto.

O talento de Picasso, retratista, continua sendo mostrado em outras salas. Vi as experiências, sedimentadas nas formas cúbicas e os retratos de Fernande Olivier, sua primeira mulher, pintados de 1904 a 1912, quando Picasso morou no *Bateau-Lavoir*, em Montmartre.

Igualmente desse período parisiense é o *Autorretrato*, pintado em 1906, aos 25 anos, que revela, na evolução vanguardista, as morfologias geométricas, aprendidas de Cézanne e as próprias experiências, de tonalidades inovadoras.

Picasso é já plenamente surrealista em *Figuras al borde del mar*, de 1932.

O quadro *Femmes à la toilette*, de 1956, mostra a ruptura radical com a tradição. Os corpos deformados têm qualquer coisa de caricatura e de ironia.

Guernica, o quadro mais visto pelo público, expressa o espanto e o desespero nos rostos das criaturas aplastadas ou fragmentadas. As bocas escancaradas dos mortos, caídos, lembram algo dos fuzilados de Goya.

Tudo suscita perplexidade. Emergem da tela imagens catastróficas da Guerra Civil: o touro, o cavalo, a mão que segura a lâmpada e a outra lâmpada, central, com formato de um olho, que rege a cena, expandindo raios.



Um homem caído tem na mão uma espada quebrada. Uma mãe segura o filho morto e grita, desesperada, diante de um grande touro. Outra mulher, com fenótipo semelhante, abre os braços para o céu. Esse grande mural, que foi uma consagração para Picasso, denuncia a violência com intensa expressão, pelo que tem de simples e assustador. Um *esperpento* trágico, em formato de painel, documenta o bombardeio, pela aviação alemã, daquela pequena cidade do país basco, em 1937.

A exposição permanente apresenta, ainda, artistas da categoria de Juan Gris (que, com Picasso, residiu no Bateau Lavoir, em Paris), ou de Alfonso Ponce de León, cujo quadro intitulado *Acidente*, de 1936 figura o minimalismo impactante de um homem caído sob o clarão de uma lâmpada fantasmagórica. Vi, ainda, *La Verbena*, de Maruja Mallo: a festa popular espanhola figurada no colorido de detalhes surreais, típico do estilo da pintora vanguardista que foi namorada de Miguel Hernández e de Rafael Alberti.

Juan Miró, por sua vez, tem no *Reina Sofia* os coloridos excêntricos e pueris da *Casa de la Palmera*, pintada em Palma de Mallorca em 1983.

Chego às enigmáticas figuras femininas, do visionário Salvador Dalí, pintadas nos anos de 1920: *La muchacha de la ventana*, de costas para observador, contemplando a paisagem

do mar. El gitano de Figueras, figurativo, porém tão diverso da pintura convencional.

O pintor da imaginação exacerbada mostra, nas perspectivas insólitas de *Los esfuerzos esteriles* (1927-28) e *Angelus arquitetónico* de Millet (1933), figuras informes, brilhando em cores mágicas.



Salvador Dalí resplandece com o retrato de Luis Buñuel: o olhar, quase obcecado do cineasta; as feições um tanto rudes; os lábios grossos, numa boca sisuda; o penteado impecável e a vestimenta elegante.

A surrealidade explode com o impacto absoluto de *El gran masturbador* (1929), obra que se afigura como um ponto culminante na pintura de Dalí. Há imagens incompatíveis no delírio visual: a mulher de belo rosto emerge do corpo de um asno putrefato, que tem sobre si vários elementos insólitos: ostras, uma pedra, gravetos secos, figuras humanas em perspectiva longínqua; o grande gafanhoto ou percevejo, que sobe pelo ventre da mulher; um esboço de grandes cílios que semelham uma vagina; a cabeça de um animalzinho demoníaco, que põe a língua para fora, no torso do asno; o antúrio que aflora do plexo feminino; as pernas e o sexo masculinos, vestidos de justa roupa branca, próximos do nariz da mulher, e os joelhos do homem sangrando sutilmente... Só um doido de imenso talento desenharia tais excentricidades.

O Museu Reina Sofia tem uma infinidade de novas experiências artísticas. Pareceu-me, portanto, um laboratório de coisas definitivas e de objetos inacabados. Seu tesouro mais valioso constituiu-se, efeticamente, das obras de Pablo Picasso e Salvador Dalí.

Recordo-me de um encontro, em frente ao Reina Sofia, com o poeta Tanussi Cardoso, que visitava Madrid. Caminhamos, alegremente, até a Puerta del Sol, tendo eu a satisfação de ser um pouco guia turístico daquele querido amigo.

REAL ACADEMIA DE SAN FERNANDO

Chego num átimo, da Puerta del Sol à Academia de Bellas Artes de San Fernando, pela calle de Alcalá. Museu imprescindível para o entendimento da história e da cultura espanholas, a Real Academia de San Fernando contém em seu acervo várias obras que retratam episódios da História da Espanha, tema que interessa diretamente ao escopo deste livro.

Durante a visita a esse Museu, a primeira imagem que me veio aos olhos foi a do rei San Fernando, pintada por Ginés Andrés Aguirre: o monarca recebe a embaixada de Mohamed de Baeza. Dois muçulmanos aparecem ajoelhados, ao lado dos maestros de Santiago, Calatrava e Alcântara e de arcebispo Rodrigo, para cortejar o rei santo e lhe oferecer presentes.

No retrato de Mariana de Áustria, pintado por Juan Carreño de Miranda, de 1670 a 1675, vê-se a rainha vestida de monja, sentada numa escrivaninha, com o papel do regimento da responsabilidade real à mão. Ela esboça um olhar melancólico, que combina com o ambiente de cortinas escuras do Salão de Espelhos do Real Alcázar de Madrid e com o hábito escuro, por luto, que a rainha veste, já que Felipe IV morrera em 1665. Mariana, que era então regente de seu filho, Carlos II, aparece como uma viúva piedosa e ciosa de suas prerrogativas.

Na extraordinária Academia de San Fernando estão também os beatos frades de Zurbarán, de balandraus brancos e semblantes compungidos, e algumas das magníficas apoteoses místicas de Murillo e de Alonso Cano.

O retrato de Bárbara de Bragança, de Louis-Michel van Loo, pintor francês que trabalhou em Madrid, durante quase duas décadas, mostra-a, no rosto de uma senhora gordinha, de olhar tranquilo, em rosto sereno. Dir-se-ia uma camponesa, se não fossem as insígnias do traje que ostenta. Beleza, não, mas irresistível

charme, ela expressa no semblante simpático, quase risonho, e no manto de veludo vermelho e arminho, bordado com castelos e leões. A coroa aparece do lado esquerdo. Esposa de Fernando VI, desde 1729, doña Bárbara era uma mulher culta, aficionada à música e à arte. Trouxe a Madrid o maestro Domenico Scarlatti e o cantor Carlo Brochi, il Farinelli. O período em que reinou ela reinou com Fernando IV esteve isento de conflitos bélicos.

Também, de Louis-Michel van Loo, a efígie de Fernando VI, fundador da Academia de Bellas Artes, em 1752, mostra o rei de vermelhos e espessos lábios, peruca loura e aura de ilustrado e equilibrado, no olhar sereno de firme vivacidade.

Goya tem, no acervo da Real Academia de San Fernando, alguns de seus trabalhos imortais: o Godoy, duque de Acudia e Príncipe de la Paz, pintado em 1801, depois da vitória na Guerra de las Naranjas. O valido traça o uniforme de Capitán-General, com a Ordem do Cristo e a faixa de Carlos III. Está reclinado num sofá, uniformizado com os distintivos de alta patente e a espada na lateral esquerda. Tem o rosto largo e o cabelo espesso. A figura do valido semelha um boneco, de jaqueta de brocado, com o braço direito flexionado. De adornos dourados e casaco vermelho, pousa Godoy com o seu corcel pardo de cintas nas crinas.

A pose de Godoy suscita já uma sátira velada. Nas feições, o presunçoso olhar revela o caráter ambicioso do Príncipe de la Paz. A folha de papel que tem na mão é o documento que o autoriza a governar. Na perspectiva longínqua e sombria, uma luz tênue assoma no horizonte.

Aos pés de Godoy, as bandeiras portuguesas, recebidas na ocasião em que Carlos IV lhe deu o título de generalíssimo. Por trás dele, um soldado figura com olhar melancólico. Cavalos aparecem nas imediações.

O plenipotenciário Godoy resolvia tudo. Havia, recentemente, doado à França a colônia de Santo Domingo, em troca de sossego nas fronteiras. A guerra para submeter Portugal acabara gerando outra guerra, desta feita contra a Inglaterra, que resultou na derrota da armada espanhola em Trafalgar, em 1805.

Outra maravilha de Goya é o retrato equestre de Fernando VII, pintado em 1808, que o configura, depois do Motim de Aranjuez, em 1808, que resultou na abdicação de Carlos IV. Ca-

valo em corveta, Serra do Guadarrama na paisagem, o rei ostenta uniforme de Capitão-geral, com as insígnias do Toison, da Grã-Cruz e a faixa de Carlos III. Na mão direita, a bengala do mando militar. O olhar de Fernando VII tem qualquer coisa de psicopata. Alguns historiadores não hesitam em atestar a imbecilidade do rei, que foi chamado el Deseado pelos súditos que detestavam José Bonaparte. Goya conhecia de perto essas tramoias da corte.

Mais Goya: entre os *Caprichos*, destaca-se, imponentemente, *Procesión de disciplinares*, que mostra um auto de fé dos tempos em que Fernando VII voltou ao poder e mandou a Inquisição tirar o atraso. Na tela, o cortejo negro inquisitorial dos perseguidores maltrata os perseguidos e adora uma imagem de Santa, num palco insólito.

Em “aguafuerte”, os *Desastres de la Guerra*, prolífica produção de Goya, comprovam o seu rechaço à brutalidade do homem-lobo-do-homem. São de um realismo chocante as horrendas cenas inumanas e insanas.



Destaque especial para o famoso *Autorretrato*, óleo sobre tela. Na intensidade do olhar sereno, o rosto do pintor de 70 anos.



Dentre os *Disparates*, plasmados com destreza absoluta, alguns me impressionaram mais fortemente:

Modo de voar, por exemplo. O homem-morcego, com suas sinistras asas. Também, Monstro Bobalicón, um gigante bufão, que tanto assusta quanto diverte. São os originais, cujas cópias estão nas paredes do metrô da estação que leva o nome do pintor. Há outras loucuras igualmente retratadas com o terror que inspira uma realidade agressiva e absurda.

Não menos relevante e expressiva é a figura do galante general Prim, pintado, em 1849, por Antonio Maria Esquivel, com uniforme de gala, calças vermelhas, faixa de marechal, casaca azul e galões de ouro, cruzada com a faixa da Gran Cruz

Laureada de la Real y Militar Orden de San Fernando. A espada, o látigo e o chapéu de penacho (penas e avestruz brancas e vermelhas), dão-lhe o aspecto algo histriônico.

Numa sala inteira, os bustos procedentes de Herculano, que Bernardo Tanucci enviou a Carlos III. E, ainda, grandes estátuas de gesso, trazidas por Velázquez da Itália, em sua segunda viagem, de 1649 a 1651.

No terceiro andar, a seção de pintura moderna retrata os irmãos Baroja (Ricardo e Pío), pintados por Daniel Vázquez Días. O pintor comenta, na margem do quadro: “don Pío parecia uraño y no lo era. Era encantador y abierto como un niño”. Pío Baroja, de perfil sério, com os originais na mão esquerda, e Ricardo, sorridente, fumando um cachimbo.

A cabeça de Antonio Machado, esculpida em bronze por Pablo Serrano Aguilar, mostra o poeta com um semblante sério e um tanto amargo.

MUSEO ARQUEOLÓGICO NACIONAL

O Museu Arqueológico Nacional, situado no mesmo palácio da Biblioteca Nacional, está repleto de objetos que compõem o acervo formacional da civilização ibérica. Vi ali coisas do Paleolítico (de 7 milhões de anos), bem como ídolos e estelas da Idade do Bronze, da cultura de Agar. Em seguida, vi os vasos de cerâmica, machados, armas, ferramentas e dolmens do período Neolítico.

Da produção têxtil e metalúrgica e da indústria lítica do Mesolítico, há um conjunto de materiais encontrados em Astúrias e Cantábria: crânios, arpões etc.

Da Idade do Ferro, no primeiro milênio antes de Cristo, expõem-se pratos de bronze, moedas (dracmas) de prata de Empóron, colares de vidro, pedras talhadas e ânforas das culturas púnica e celtibérica.

Já na Proto-história, a colonização fenícia é representada pela iconografia de Melkart, também conhecido por Baaal, um deus agrícola e marinho, e Astarté, deusa da fertilidade. Entre os objetos litúrgicos, há candelabros de ouro, encontrados em Lebrija (Sevilha) e outras necrópoles.

De Gadir (atual Cádiz), fundada pelos cartagineses, onde o comércio se orientava para a exploração de recursos marinhos, o museu contém ânforas, compradas em Ampúrias, símbolos funerários zoomorfos, fíbulas com formas de javalis, cervos e serpentes de bronze.

Provenientes de Segóvia e Ávila, broches, amuletos, pinças de tesouros celtíberos e verracos (cervos e touros) de granito, de finalidade funerária, do século IV a.C., período em que a Ibéria já constituía o mosaico cultural das tribos que nela viveram.

Destaque especial merecem as três grandes estátuas das damas dos santuários ibéricos da antiguidade remota: A primeira

é a Gran Dama do Cerro de los Santos, do século III a.C, vestida com três túnicas, de penteado com cachos e cântaro nas mãos.



A segunda é a famosíssima Dama de Elche, de Alicante, ícone da arqueologia ibérica: aristocrática, divinizada, coberta de joias, com as insólitas rodas pegadas às orelhas. Estava, antes, policromada, com os olhos de pasta vítrea. Teria sido esculpida por algum artista grego.

A terceira: a Dama de Baza (oriunda Granada), sentada em sua cadeira alada, em postura de divindade propícia à função funerária. Junto a ela, os objetos metálicos e os vasos de cerâmica encontrados em seu jazigo.

Uma maquete de Numancia mostra o cerco de Escipión. Vêm-se armas de legionários, punhais, adagas e esculturas com toga romana. Hispania logo seria consequência da vitória de Roma sobre Cartago, no ano 19 a.C.

Silhares com iconografia ibérica, estelas funerárias, pontas de lanças, placas de bronze, estátuas de mármore de vários imperadores e deuses, uma belíssima ara cilíndrica, dedicada a Baco, do século I. Mosaicos do século III, com quadrilgas, oferendas, amuletos, vasos de terracota e um sarcófago, com gravura da vingança de Orestes: Clitemnestra e Egisto, assassinos de Agamenon. Belíssimos mosaicos de pavimento com iconografia olímpica.

Já do período visigodo, vê-se a coroa votiva de Recesvinto, usada depois da queda do Império Romano, quando os visigodos impuseram sua supremacia militar na Península Ibérica. Fíbulas, cerâmicas, vidros, ferramentas agrícolas, moedas, fragmentos escultóricos, um baldaquino bizantino, alabastros, objetos litúrgicos de prata e esmalte, uma pia batismal do século XII, de Burgos e arcos românicos, de pedra caliza, de várias abadias, com os capitéis esculpidos com imagens alegóricas.

Do período árabe, capitéis nazaris, arquetas de marfim do reino almorávide, moedas de ouro cunhadas por Ali ibn Yusuf em 1143. Peças de cerâmica califal, do século X. Capitéis da mesquita de Córdoba. A pia de ablusões de Almazor, de Madinat al Zahara (987-988).

Do período dos Reis Católicos, esculturas de apóstolos, em granito, do coro da Catedral de Santiago de Compostela. O báculo do papa Luna. Um retrato de Isabel II, fundadora do museu, em 1867.

MEDITAÇÃO NA CALLE DE SERRANO

Rua de lojas de vitrines luxuriosas, edifícios límpidos, plátanos de folhas luminosas e carros céleres, ameaçadores, no asfalto polido. Tudo é luxo e barulho na calle de Serrano. Tento passear em paz com as inquietudes dessa galeria de perplexidades. A calle de Serrano me perturba, com o seu desperdício estridente.

Observo a vulnerabilidade assustadora dos transeuntes, os carros, no afolivo medonho. Busco refúgio no caos dos meus pensamentos. Entre os centros do consumo nosso de cada dia, viajo no caos do ocaso. Celebro os minutos com avidez.

Muita gente na rua significa um trabalho minucioso de reprodução em série. É o fornício que a lei determina: Fornicai e multiplicai! (Serrano é o General Bonito da rainha Isabel II).

A cidade me seduz e me repugna. Minha solidão espreita os carros que deslizam velozes em busca do tempo.

Fujo dos mórbidos estertores de acelerado rumor e das terrações, de falação estridente.

Cruzo a calle de Ayala, referência permanente dos passeios do vagabundo lírico. Atravesso a calle de Hermosilla e, de pronto, a alegria de deparar com as pedras recortadas da Plaza Colón.

Por las anchas aceras calle de Serrano, testigos de mis callejeos, pertrechado voy de mis papeles líricos, apuntes del drama que interpreto, contemplativo y melancólico.

En la magia cromática del poniente la tarde anuncia el otoño.

Soy un heraldo de los pórticos de Madrid. Creo en mis sensaciones sin otro engaño que el de sentir la fluidez de la tarde.

Las calles son ondas del caos que gira con los siglos. Celebro

un acuerdo a cielo abierto con Madrid. Me he convertido en un ciudadano de extramuros. ¡Claridad, religión de mis sentidos!

Madrid me inspira fuerzas peregrinas. Altanera tarde en el silencio de mi delirio. Busco lugares cuyo itinerario no me aparte de la naturaleza.

Madrid, soy el alquimista de tu ciencia lírica, el hierofante de tus campanarios, el mago que da la vida por la poesía. Soy el que disipa en la nada del cielo de hierático frontispicio.

Seguiré caminando mientras Dios me lo permita y disfrutaré serenamente el efluvio del día.

Miro las ruedas de los coches que giran hacia ningún sitio. No hay más espacio que un momento dentro del tiempo, una abstracción dentro de la esfera cotidiana, un viaje interior de recuerdo o contemplación.

Quizá sea este mi único tesoro, antes de que el barquero se detenga en la puerta de la frontera.

PLAZA DE COLÓN

Presto reverências a don Ramón del Valle-Inclán, no Paseo de Recoletos, elegante alameda, palmilhada por numerosos caminhantes. Don Ramón, de blazer fino, espessa barba sobre o peito, tem no rosto esgalgo os costumeiros óculos de aro redondo. Seu pé direito avança, como se ele fosse caminhar com os cidadãos que vadeiam ao redor.



Contemplo a fachada da fabulosa Biblioteca Nacional, pontilhada de estátuas de ilustres escritores. Nos primeiros degraus da escadaria estão San Isidoro e Alfonso El Sábio - um profeta e um rei - sentados em seus tronos. Trajam longos mantos magistrais e abrem os manuscritos.

Detrás, mais alto, Cervantes, Lope, Luis Vives e Nebrija, os doutores da arte literária, e no frontão, a deusa Minerva e um séquito de lúcidas deidades.

No alto de tudo, a Glória, em efígie alegórica, ergue a coroa de louros, junto à bandeira vermelha e amarela.

Esse prédio magnífico foi outrora o Convento de Agustinos Recoletos, onde don Diego Saavedra y Fajardo, diplomata do tempo de Felipe II, autor de *Corona Gothica castellana y austriaca ilustrada*, viveu retirado e morreu em 1648.

Dou seguimento à minha deambulação pela calle de la Armada Española e deparo com o Teatro Fernán Gomez, que tem no teto a escultura de uma grande cabeça branca de mulher de olhos fechados. Obra de Jaime Piensa, intitulada “Julia”, feita de resina de poliéster e pó de mármore.

Dobro a esquina da calle Serrano e vejo, do lado oposto do edifício da Biblioteca Nacional, o Museo Aqueológico Nacional, cujo frontispício emparelha com o da Biblioteca em beleza arquitetônica.

Duas esfinges de bronze escuro guarnecem os três portais, entre colunas dóricas. De um lado, Velázquez, de pé, cabeleira e bigodes curvos, paleta em mão, pés cruzados, fita o horizonte. Tem a cruz de Caballero de Santiago no peito esquerdo. Do outro lado, Berruguete, tem nas mãos o martelo e o buril.

A plaza de Colón alberga os jardines del Descubrimiento e o Centro Cultural Fernán Gómez. Ostenta grandes blocos de concreto cinza e rústicos murais, representativos das barcas armadas que compuseram a frota de Cristóvão Colombo.

Na praça aberta, entre largas avenidas, a sombra da tarde vem acalmando a minha inquietude. Madrid é um desvelo permanente.

No centro da praça, a bandeirona da Espanha, flamejante ondula ao vento. No outro extremo, na rotonda que divide as avenidas, Colombo leva na destra uma bandeira de Castilla, com uma cruz na ponta, que ele apoia sobre um globo terrestre. Estende o braço esquerdo, como se discursasse. Veste um saiote à moda do século XIV. No alto do pináculo, sobre um pedestal de retábulos esculpidos na pedra, o patrono da praça parece observar o trânsito do Paseo de Recoletos, que é a Castellana renomeada, no ponto em que a calle Goya se transforma em calle Génova.

Entre a estátua de Valle-Inclán e a Plaza de Cibeles, localizo a esquina, onde viveu Juan Ramón Jiménez. Identifico, também, o tradicional Café Gijón, frequentado pela chamada Generación del 27, e a estátua de Juan Valera, sobre um largo pedestal de pedra e mármore. Valera, escritor e diplomata, autor de Estudios críticos (1864) e Pepita Jiménez (1874).



ALGUNS PARQUES DE MADRID

Num belo dia, daqueles tempos da minha residência madrilenha, a amiga Maria Antonia Ortega, escritora, sobrinha-neta do mestre Ortega y Gasset, recomendou-me visitar o Mirador de Laguna, o Lago da Casa de Campo e o Parque El Capricho, lugares onde ela sabia que eu gostaria de escrever poemas à maneira de Garcilaso de la Vega ou Fray Luis de León. Fiz incursões a esses ambientes bucólicos. No Mirador de Laguna, contemplei Madrid ao longe, num planalto esplêndido. Entre os bosques da Casa de Campo, passeei ao redor do Lago, que dá nome à estação de metrô. O parque El Capricho compôs o meu rosário de contemplações.

No dia 4 de junho de 2025, vivi a encantadora experiência de voltar ao Mirador de Laguna, um recanto mágico. Na subida, já dentro do bosque, deparei com a pequena Laguna del Campillo, um remanso artificial, com um fluxo vertical de água. É o clube de veraneio das aves que habitam aquele bosque.

Subi a colina, vagorosamente, e a cidade apareceu, lá embaixo. O presente do andarilho é ver, da plataforma, o esplêndido colorido das gradações topográficas de Madrid.



O Mirador de Laguna é uma espécie de templo pagão, de um deus que o poeta contemplativo adora. Com os pássaros, divido a calma de repousar e rever a paisagem que me inspirou um poema em 2012.

O silêncio ao redor, os assentos disponíveis e a vegetação constituem o regozijo de quem sobe a esse topo, e vê a cidade descortinada no horizonte.

É grato tentar identificar, lá, adiante, no degrau acima da planície, em formas de nuances finas, os edifícios identitários de Madrid: as torres da plaza de Castilla, altas e ebúrneas, e da Plaza de España, com frisos marron-claro na fachada; as colunas renascen-

tistas do Palácio Real, de tom azul, quase cinza. Ao lado, a Almudena, com as pequenas janelas da sua piramidal edificação. Atrás do palácio, as colunas escuras do templo de Debod. No extremo ângulo da direita, a famosa Torrespaña, uma antena de televisão de 231 metros, que todo mundo chama de Piruli.

É verdadeiramente inebriante a satisfação visual que a paisagem suscita. Aos pés da colina, rebrilha a água da Laguna, entre as ramas do arvoredado esmeraldino.

No lado esquerdo do panorama, Guadarrama, a Sierra de Castilla, projeta-se na perspectiva, com o relevo azulado que as nuvens branqueiam.

Medito, nesse recanto de onde Madrid emerge como um museu aberto, expondo seus formatos poliédricos.

À sombra da folhagem, desfruto da visão do jardim. Descalço os sapatos e as meias. Respiro o refrigério da tarde primaveril.

O vagabundo lírico é, com efeito, um trabalhador incansável. Estuda o primor das finas folhas do cipreste. Escuta a cantilena feliz dos pássaros.

La ciudad muestra sus delicadezas geométricas en llanura de techos y torres. La tarde de mayo cristaliza paredes ocre y blancas. Espuma vaporosa de las nubes, con sus formas claras. Floraciones inorgánicas del oxígeno de las horas.

Desde el urbanizado otero, los verdes arrabales imantados por el resplandor de las alturas.

Los árboles parecen parpadear, cuando el viento acaricia el fulgor de sus hojas. Siento el fluido de la luz que da vida a sus ramas.

Sobre el remanso de una plataforma ajardinada, Madrid muestra sus emblemas ceñidos por las ondulaciones de la Sierra de Guadarrama.

Quando revisitei o pitoresco Lago da Casa de Campo, cercado de copas verdes veludo, quase selvagem, constatei que a sua superfície é menor do que a do lago do Retiro. Por sobre

a vegetação, divisei a perspectiva do Palácio Real, as cúpulas de igrejas e o grande edifício contíguo à Plaza de España. No centro do círculo aquático, um jato de água imita o de Genebra, em miniatura.

A Casa de Campo é uma floresta de verdes filamentos, de onde avistamos as cúpulas e torres assimétricas das igrejas, os tetos plúmbeos da Moncloa e os gelos brancos da serra, ainda acesos em maio.

Floresce a voz do dia em trinos dispersos. No transparente momento mágico, lânguida claridade no diadema da minha percepção, assisti ao fenômeno alquímico do dia. Sob a emocionante calma de um céu de fulgores, celebram alegrias os passarinhos. Perto da natureza o homem se redime. A dança magnética do Lago reflete diáfanas cores flutuantes.

Recordo-me de quando fui passageiro do teleférico encantado, que percorre uma trajetória sobre o Manzanares. Flutuei como quem gira na roda da fortuna, sobre a vegetação, respirando o bálsamo do dia jubilante. Música e luz:

Phil Collins canta dentro de la cabina espacial. Me deslizo al interior del artefacto, mirando los árboles desde lo alto. El verde fulgor de la Casa de Campo, las formas simétricas del Palacio Real y las agujas de la Almudena se divisan en clave de opulencia.

El coche sigue preso al cable, mientras aparece el elegante Manzanares, y unos edificios de rojizas tejas, guarnecidas por las copas encendidas de los pinos.

Torres, cúpulas y el valle florecido de pequeños pétalos amarillos. Espléndidamente, la Sierra de Guadarrama con su blanca crestería plenaria.

La naturaleza teje los hilos de la fantasía. Líquida esmeralda inmensa, el cielo irradia su magnético sortilegio. Desliza el gran pájaro de las nubes.

Regressei ao parque El Capricho, na Alameda de Osuna, acompanhado do meu filho Vinicius. Chegamos, pela linha 5, a verde. Vimos, na exuberante vegetação, lagos, fontes ornamen-

tais, o palácio do Duque de Osuna, do século XVIII e o jardim onde se jogava “sortija” (jogo em que o cavaleiro, montado a cavalo, deve atravessar um pequeno anel com uma lança, enquanto cavalga a toda velocidade). Osuna, o criador desse lugar de retiro e ócio, não esqueçamos, foi o mecenas de Quevedo, que empregou o poeta como assessor na administração do Vice-reinado de Nápoles. Ao lado do Palácio de Osuna, vimos um refúgio antiaéreo (bunker), construído em 1937, durante a Guerra Civil.

Subimos uma elevação do terreno e vimos estátuas de mármore de deuses mitológicos: Baco, com um cachorro, num templo de granito. Sobre uma alta coluna, Cronos comendo a sua criatura sem cabeça. A escultura romantiza o deus antropóforo, que Goya mostrou com realismo.

Os jardins de Madrid inebriam os sentidos dos peregrinos, suscitam ataraxia. Diante do ácido verde do tempo, clarões de vida por todas partes, em 2013, descrevi o perfil desse encantamento, numa vertiginosa tarde de alegria:

La cuesta es un arca floral

donde los cedros imponen la austeridad de sus copas.

Golondrinas aletean bajo el inmenso azul que se deja ver a lo lejos.

En el césped una urraca muestra el blanco y negro de sus penas.

Vengo a adorar los lirios y ando solo por los bosques.

OS MACHADOS, POETAS SUBLIMES

Visitei, com Antonio Machado Sanz, em fevereiro de 2020, a exposição “Los Machado”, no Instituto Cervantes, em homenagem aos oitenta anos da morte de Antonio Machado em Collioure, em 1939. Vimos preciosos documentos literários: fotos, manuscritos e a correspondência epistolar de Antonio e Manuel Machado, poetas irmão, que coroam de triunfos as melhores virtudes da lírica espanhola. Sevilhanos, que em Madrid estudaram na Institución Libre de Enseñanza (fundada por Francisco Giner de los Ríos, em 1876), ambos produziram sedutora poesia epigramática, em tom nostálgico. A paisagem andaluza, nos versos de ambos, está permeada de ensoñación metafísica e indagações sobre o mistério transcendental.

Andrés Trapiello analisa a personalidade de ambos em seu livro *Los hijos del Cid. La nueva Edad de Oro de la literatura la española: Manuel, poeta de canto hondo y noches templadas, con influencias muy claras de Verlaine, a quien había traducido. Antonio, poeta de inviernos rigurosos, influido sobre todo por Bécquer, el romancero y la poesía popular. Manuel, extrovertido; Antonio, taciturno. Uno humorado, el otro melancólico.* (TRAPIELLO, 2023, p. 240).

Nos versos de Antonio Machado transparece uma diamantina simplicidade, carregada de introspecção e melancolia. Do seu lirismo luminoso e profundo, em *Proverbios y Cantares*, emergem caprichos de pensamento. Os cancioneros apócrifos, dos pseudônimos Abel Martín e Juan de Mairena, aprofundam a meditação de escritor contemplativo e solitário.

Sua produção poética se iniciou com *Soledades*, em 1903, e prosseguiu com *Galerías*. Outros poemas, em 1907. Chegou ao apogeu em *Campos de Castilla*, em



1912. Sua lírica, repleta de melancolia, da paisagem de Castilla e da “ribera del Duero”, revela um pessimismo dolorido. *Campos de Castilla* recebeu elogios de Unamuno, Azorín e Ortega.

Manuel, bibliotecário, autor de *Cantar de los Cantares*, estava em Barcelona, quando eclodiram as jornadas incendiárias de 1909. Publicou *Alma*, *Museo* e *Cantar de los Cantares*.

A paisagem de Soria inspira o professor Antonio, que lecionava francês no Instituto General y Técnico:

*Tardes de Soria mística y guerrera,
hoy siento por vosotros en el fondo
del corazón tristeza,
tristeza que es amor.
Soria fría. La campana de la Audiencia da la una.
Soria ciudad castellana, tan bella bajo la luna.*

Depois de se casar com Leonor, de 15 anos, filha da dona da pensão, Antonio voltou, em 1911, a Paris, onde já havia estado em 1902, com Manuel, curtindo as tertúlias do Café Cyrano, em Montmartre. Teve a oportunidade de assistir às palestras de Bergson, no Collège de France, mas teve de regressar pronto a Soria, com Leonor enferma.

Manuel casou com Eulalia Cáceres, sua prima, em 1910. Publicou *Cante hondo*, no ano seguinte. Foi bibliotecário em Santiago de Compostela, em 1915. Em menos de um ano, trasladou-se à Capital para trabalhar na Biblioteca Nacional em Madrid. Simultaneamente à profissão burocrática, escrevia crítica de teatro para o jornal *El Liberal*.

Em Soria, às margens do Douro, Antonio Machado escreveu o famoso poema *A un Olmo Seco*. O olmo, arruinado pelos anos, com o tronco cheio de teias de aranhas e um ramo brotado na primavera, era uma metáfora da condição de Leonor, castigada pela tuberculose. A imagem das folhas verdes simboliza a esperança de um milagre na saúde quebrantada de Leonor.

Quando Leonor faleceu, o poeta, contrito, escreveu:

Señor, ya me arrancaste lo que yo más quería.

Tu voluntad se hizo, Señor, contra la mía.

Oye otra vez, Dios mío, mi corazón clamar.

Señor, ya estamos solos mi corazón y el mar.

Aparece em 1921 *Ars moriendi*, livro de poemas de Manuel. Antonio traz a lume *Nuevas canciones*, em 1927 e é eleito membro da Real Academia.

No período de 1927 a 1931, os irmãos estrearam várias peças, escritas em parceria. Dessa produção, destacam-se obras da qualidade de *Juan de Mañara* (1927), *La Lola se va a los puertos* (1929) e *La duquesa de Benamejí* (1931).

Antonio publicou no jornal *El Sol* as reflexões filosóficas de seus pseudônimos Juan de Mairena e Abel Martín. Cantou a angústia da Espanha do seu tempo e o sonho de uma Espanha melhor:

*... Mas otra Espana nace, la Espana de cinzel e de la maza,
con esa eterna juventud que se hace del pasado macizo de
la raza.*

Una Espana implacable y redentora.

Em Segovia, desde 1919, o viúvo Antonio contemplava as ribeiras do Eresma e do Clamores, desfrutando da solidão propícia à poesia: *quien habla solo espera hablar a Dios un día*. Viajava todos os sábados a Madrid para se encontrar com Manuel e participar das tertúlias dos Cafés. Em 1927, em Segovia, conheceu Guiomar (Pilar Valderrama), com quem manteve relação sentimental intensa e secreta, pois a sua segunda musa era casada com um engenheiro.

Depois de proclamada a República, Antonio Machado foi nomeado catedrático do Instituto Calderón de Madrid. Na

certeza de que a revolução requer o concurso de mentalidades criadoras, destacou, em seu discurso, a presença de Ortega, Marañón e Pérez de Ayala, no meeting da Agrupación al Servicio de la Republica, em Segóvia, em 14 de fevereiro de 1931: Saludemos a estos tres hombres del orden nuevo.

Nos tempos da Espanha trágica, das incompatibilidades e do fratricídio, deplorou o horror da guerra e maldisse a sanha feroz de Castilla “por donde cruza errante la sombra de Cain”. A elegia pela morte de Lorca é a principal expressão da sua poesia dos tempos da Guerra Civil.

Ao defender os valores civis, contra o golpe militar de 1936, Antonio tinha convicção de que a revolução não consiste em tornar-se louco e lançar-se em barricadas.

*Hay en mis venas gotas de sangre jacobina,
pero mi verso brota de manantial sereno.*

A revolução de Antonio Machado era um vinho bebido na taberna da liberdade. Nesse sentido, ele critica os pedantones al paño/ que miran, callan, y piensan/ que saben, porque no beben el vino de las tabernas.

Manuel Machado achava-se na função de diretor da Biblioteca Municipal de Madrid, quando, em julho de 1936, foi com Eulalia a Burgos, visitar uns parentes. Não puderam regressar a Madrid. Com o início da guerra, suspenderam-se as viagens de trem. Burgos era o reduto dos nacionales, de onde não se podia fugir. Nada pôde Manuel, além de filiar-se à Falange, em agosto de 1936.

Ligero de equipaje, com um grupo de escritores, Antonio saiu ao exílio em janeiro de 1939. A namorada Pilar de Valderrama (de apelido Guiomar) fugiu com o marido para Portugal. O cronista Corpus Barga levou nos braços doña Ana Ruiz, a mãe de Antonio, no complicado desembarque em Collioure, em condições atmosféricas desfavoráveis.

Antonio morreu de pneumonia em 22 de fevereiro de 1939, pouco depois da chegada a Collioure. No bolso de sua camisa,

encontraram versos do início de um poema que a morte interrompeu: Estos días azules y este sol de la infancia. Sua mãe faleceu em seguida.

Manuel pensava que seu irmão estava em Paris. Há controvérsias quanto à data em que o casal Manuel e Eulalia viajou à França para visitar o irmão morto.

O livro *El querido hermano*, de Joaquín Pérez Azaústre (escritor que conheci em Madrid e revi em Argel, de 2014 a 2016), reconstitui o clima da guerra dos Nacionales contra os Republicanos e relata a viagem de Manuel Machado a Collioure.

O poeta José Maria Pemán, pelos falangistas apelidado “el alferes”, ajudou o seu amigo Manuel Machado a empreender a viagem à França, para assistir ao enterro do irmão.

O vínculo de Manuel Machado com a Falange foi uma questão de sobrevivência. Preso em Burgos, em 1936, no começo da Guerra Civil, sob a acusação de defender o bando esquerdista, Manuel salvou-se do fuzilamento graças à intervenção de Eulalia Cáceres, que recorreu aos próceres do franquismo para soltá-lo em 48 Horas.

Imagens surgem na memória de Manuel Machado, durante a viagem. Ele se recorda das tertúlias, na companhia de Unamuno e Autolaguirre, e da temporada que passou em Paris, em 1902, trabalhando como tradutor na Editora Garnier Frères.

Na Capital francesa, Manuel e Antonio desfrutavam da companhia de Oscar Wilde, Amado Nervo, Jean Moreas e Rubén Darío, que exercia o cargo de Cônsul da Nicarágua em Paris. Antonio teve de deixar as tabernas de Montmartre, onde se embebedava de absinto e láudano, quando Leonor (17 anos mais jovem que ele), foi abatida pela tísica. Rubén Darío emprestou a seu amigo o dinheiro para a viagem de regresso à Espanha.

Os irmãos poetas, inseparáveis nas reuniões familiares, na casa da calle del General Arrando, 4, em Madrid, representaram uma Espanha inimiga da outra.

Manuel Machado, o lírico, autor dos versos «tengo una alma de nardo de árabe espanhol», escreveu, em seu discurso de posse na Real Academia: “para uma España más y más España, la sonrisa de Franco resplandece».

Apesar disso, os esbirros da Falange não lhe davam trégua. Na opinião dos falangistas, o poeta fazia jogo duplo, pois já compusera um hino para a República e o recitara no Ateneo de Madrid.

Na ficção de Azaústre, Manuel chega a Collioure, em janeiro de 1939, dois dias depois da morte de Antonio, visita o cemitério e toma conhecimento das agruras que seu irmão sofreu no caminho do exílio: quando a gasolina do carro se acabou, Antonio e sua mãe, doña Ana Ruiz, andaram a pé, num trecho lodoso da fronteira, encharcados de chuva. Não suportaram o infortúnio e morreram nos primeiros dias da chegada a Collioure.

Tudo indica, porém, que somente após o término da Guerra Civil é que Manuel e Eulalia puderam visitar a tumba de Antonio. Durante o tempo em que durou o conflito, havia controles de trânsito e de pessoas, nas zonas enfrentadas. Muitas linhas, estações e pontes foram destruídas. Era impossível cruzar livremente as regiões espanholas.

Restaram, desse transe imponderável, as obras magníficas dos irmãos poetas, que nunca deixaram de ser amigos. A tragédia da Guerra Civil os distanciou apenas fisicamente.

Contou-me o amigo Antonio Machado Sanz, descendente dos bardos andaluzes, que, certa ocasião, foi a Segovia, com María Jesús e a neta Almudena, viu entreaberta a porta da casa-museu de Machado e foi entrando. O guardião perguntou: ¿Que hacen Ustedes aquí? Hoy no es día de visita... Ele: una foto a mi nieta con don Antonio... Mostrou a carteira de identidade (DNI), dizendo ao guardião: soy poeta. O homem examinou o documento de Antonio e respondeu: ¡Entre, Usted es de la familia y, además es poeta!

O parentesco existe em terceiro grau. O avô de Antonio Machado Sanz foi amigo de seus primos poetas, Antonio e Manuel Machado.

A Casa de Antonio Machado em Segovia era a Pensión de doña Luisa Torrego, na calle de los Desamparados. Na hospedaria, hoje museu, o poeta dispunha apenas de um quarto, porém era la mejor habitación, assegura Antonio Machado Sanz. Recordei-me de que, quando estive certa vez no local, vi as coisas do poeta, como se ele tivesse ocupado toda a casa. A guia que nos acompanhou disse que o chamavam Antonio Manchado, em

razão das manchas de cinza de cigarro que lhe caíam sobre a camisa. Mi torpe aliño indumentario, Antonio cita Antonio.

Antonio, o amigo que me acompanha nas peregrinações, prometeu acompanhar-me um dia à casa do mestre Antonio Machado, na esplêndida Cidade dos Aquedutos e do Alcázar ancorado no mar pétreo de Castilla.

A las orillas del Duero de álamos yertos, cogí las risueñas frutas de tu estancia. Ebrio del aroma de los ramajes, me invitaste a tu fiesta y en la ermita junto al río, comprendí tus penas y tu sueño de alba de primavera.

El Sol se deja ver como piedra de hielo. La campana de la Audiencia anuncia la paz de las alamedas. Espumas sonoras embelezan el aire de la mañana.

Soria austera inspira tristeza de amor. Orillas del Duero, donde se ensueña el viajero. Deambulo hacia las simetrías de San Saturio. Mi corazón se ha dormido y oigo tu voz entre los jazmines, voz de temblorosa campana sonando amarguras.

Soria de frescos naranjales y arroyos encantados. Serena claridad que enseña consuelo/ y nos redime de la noche del pesar.

A FRATERNIDADE DOS POETAS

Conheci muitos poetas em Madrid, em saraus, lançamentos de livros e palestras realizadas em várias instituições culturais. Por meio eletrônico, venho-me comunicando com alguns deles. Comento, de vez em quando, seus escritos no Facebook. Continuo em contato, via internet, com Santos Domínguez Ramos, Carlos d'Ors, Santiago A. López Navia, María Antonia Ortega Hernández-Agero, María Ángeles Pérez López, José Ramón Ripoll, Pablo Guerrero, Begoña Montes, María Ángeles Fernández Jordán, Francisco Caro, Alberto Infante, Raul Nieto de la Torre, Jaime Alejandro, María Victoria Caro Bernal, Amalia Iglesias Serna, Rosario de la Cueva, Santiago López Navia, Marta López Villar, Enrique Gracia Trinidad, Raquel Lanseros, Paco Dacal, Begoña Montes, Juan Carlos Mestre, José Elgarresta, Ester Bellver, Amancio Prada, Antonio Ruiz Pascual, Gustavo Ortega, María José Galván e outros.

Gustavo Ortega é um jornalista peruano que mora há 17 anos em Madrid e trabalhou, a maior parte desse tempo, na construção civil, como pedreiro. Conheci-o em Lima, quando Eduardo Rada me apresentou os alunos do seu taller de poesía. Gustavo diz que Rada lhe ensinou as técnicas do haikai e do tanka. Recordo-me da marcante ocasião em que eu vinha de um encontro de poetas, convidado por Gustavo Ortega, quando



tropecei na escada do metrô da plaza de España e machuquei o tornozelo, pelo que passei quase um mês mancando.

María José Galván é autora da primorosa novela *El patio dormido*, narrativa que me impressionou pelo alto nível de suspense da trama.

Particpei do recital *La Voz*, de 10 de janeiro de 2020, cujo tema foi *El corazón al fondo del deseo*, em homenagem póstuma ao poeta José Luis Álvarez Gallego, sob a direção de María Angeles Fernández Jordán y Terry Canceló, na Casa Regional de León, na calle del Pez, 6. Em alegre noite, recitei o *Cántico Espiritual*, do Santo Patrono dos Poetas.

Recordo-me de um recital de poetas, no Centro Cultural Eva, em Legazpi, organizado por Antonio Ruiz Pascual, no dia 30 de janeiro de 2020. Os poetas declamamos poemas de bons augúrios para o ano que já avançava em seu trigésimo dia. Nossos votos poéticos resultaram pouco significativos, porque 2020, como se sabe, não foi um ano dos mais alvissareiros. Fizemos, entretanto, nossas reflexões sobre o tempo, formulamos nossos ensejos fraternos à esquiwa humanidade. Estiveram presentes Carlos D'Ors, Gustavo Ortega (o mais espanhol dos peruanos); Victoria Caro Bernal (Presidenta de Honor de la Agrupación de Retórica y Elocuencia del Ateneo); Ana Ortega, Francisco (Paco) Luque Bonilla, Paco Dacal, Yolanda Lopez, Leonor Merino, David Enriquez e José Luís Pardo. Recitei estribilhos do romancero espanhol.

Cada poeta é um universo e um tesouro de humanismo. Todos merecem artigos e resenhas. Por falta de espaço, no entanto, falo agora de sete eminentes personalidades da cultura espanhola que tive o privilégio de conhecer no período em que trabalhei em Madrid.

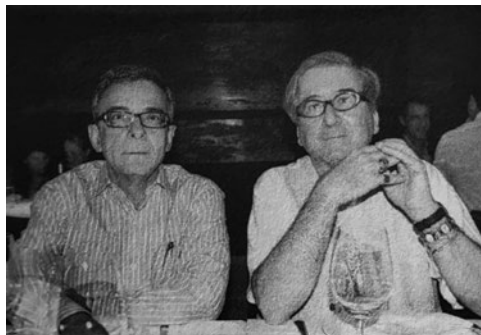
Relato encontros e intercâmbios que mantive com Luis Antonio de Villena, Eloy Sánchez Rosillo, Luis Alberto de Cuenca, Carlos d'Ors, Amancio Prada, Ester Bellver e José Luis García Martín. Confio em que os assuntos sejam úteis ao leitor interessado em literatura espanhola.

LUIS ANTONIO DE VILLENA

Conheci pessoalmente Luis Antonio de Villena na Fundación Juan March, no dia em que ele falou sobre os escritores dandys: Baudelaire, Byron, André Gide e outros malditos. Poeta, romancista, memorialista e ensaísta, tradutor dos sonetos de Michelangelo, autor de biografias de Caravaggio, Aretino e André Gide, Luis Antonio é um clássico pós-moderno, porque sua poesia restaura os mitos gregos, no contexto erótico contemporâneo.

Tenho comigo uma parte da sua vastíssima obra. Comento aqui alguns de seus livros. Na biografia de André Gide, Luis Antonio descreve o panorama literário francês do século XIX, narrando episódios da amizade de Gide com Proust, Wilde e Valéry, e sua influência sobre o editor Gaston Gallimard, que o nomeou diretor da Nouvelle Revue Française, periódico que publicou os grandes escritores do século XIX da França.

No livro *Biografía del fracaso*, Villena comenta a obra e a vida de grandes artistas malditos, da estirpe de Caravaggio, Isidore Ducasse, Paul Gauguin, Arthur Rimbaud, Scott Fitzgerald, Luis Cernuda, Jim Morrison e outros. Ele se identifica com toda essa grei de espíritos de escol.



Quando jantamos no restaurante da calle de Ortega y Gasset, há cerca de três anos, falamos de escritores franceses. Mencionei Nerval, Luis Antonio recitou *El dedichado*. Recordamos de Valéry e ele recitou as primeiras estrofes de *Cimetière marin*. Em seguida, citou Jean Cocteau, aludindo a *La voix humaine*, uma história de amor e desamor, e de *Les enfants terribles*, o drama dos alunos adolescentes do ginásio Condorcet. Dos franceses, ele passa aos italianos e recita Sandro Penna, cujos poemas traduziu: *L'aria di primavera invade la città/ Ai fanciulli*

la sera cresce un poco la età. Ele percebe que estes versos soam como alguns de Petrarca.

Depois do jantar, caminhamos pelas largas calçadas da calle Príncipe de Vergara, que, segundo Luis Antonio, foi uma via pública de calçadas estreitas, com uma passagem central para pedestres.

Durante o mais recente encontro com Luis Antonio de Villena, no restaurante La Trainera, ouvi do poeta interessantes preleções de sua cátedra de conversador.

Pedimos “anchosas”. Ele evoca o nosso primeiro encontro, na Fundación Juan March, em 2009, quando falou sobre os dandys da cultura. Eu vinha de Gana, onde trabalhava na Embaixada, e já sabia que o meu próximo posto diplomático seria Madrid.

Luis Antonio diz que esteve recentemente no México, na casa de um amigo e reitera o que já me dissera outras vezes: que tem mais amigos mexicanos que espanhóis em Madrid. Conheceu a Colômbia em 2015 e descobriu um mundo novo, onde gostaria de viver, em vez da Europa, porque os colombianos são mais hospitaleiros. Queixa-se de que as editoras estão dedicadas a best-sellers, novelas sem fundo ou reportagens de gente de TV, mulheres que foram locutoras... Exemplo: *La amante de Colón*. É “simplon”; “una bobada”.

Luis Antonio declara que está cada vez mais misógino. Comentou que na bibliografia de Sinfonia Italiana tem dois livros da sua autoria. Recordamo-nos de que estivemos com Lêdo Ivo no La Trainera. Louvamos o jeito campechano do nosso velho amigo, que gostaríamos estivesse naquele momento, com sua bonomia.

Recebi, das mãos do poeta polígrafo, um exemplar do seu primeiro livro, *Sublime Solarium*, de 1971, escrito aos 18 anos. A contracapa tem um texto de Luis Alberto de Cuenca. Deu-me também sua mais recente publicação: *Saturnália*, de 2024.

Falamos de literatura espanhola. Ele citou os *chistes* de Juan Ramón Jiménez, que apelidou o amigo de Antonio Machado, poeta aporuguesado, porque os portugueses são tristes e Machado é nome de origem portuguesa. Esse gracejo tem certo encanto, não é pejorativo. Tampouco é negativo o que Borges disse de Lorca: es un andaluz profesional.

Luis Antonio se referiu ao fino sentido de humor de Borges, o qual, para enfatizar que preferia Manuel a Antonio Machado, disse a um repórter, que lhe falou de Antonio, irmão de Manuel: ¿Ah, tenía un hermano?

Manuel Machado se alistou no Movimento Nacional em Burgos, ao lado de Franco; não tinha opção: a zona era franquista. Os irmãos foram por caminhos distintos. Antonio se refugiou em Collioure. Estava enfermo e viveu pouco tempo. A mãe morreu quase simultaneamente.

Prossigo ouvindo sua ilustrada conversa. Ele fala dos muito duros dias da Guerra Civil, quando a Espanha sofreu as atrocidades do fascismo e do comunismo soviético. Eisenhower, que fez campanha contra Franco, veio à Espanha, em 1959, avalizar e proteger o ditador, em troca das bases militares. Assim é a política: há que buscar o menos mal; não existe o melhor. Os políticos são aproveitadores. Já não há políticos de cultura. Castelar era grande orador e Azaña, excelente escritor.

Enquanto Franco mantinha encontros com Hitler e Mussolini, faltava comida em Madrid. A Alemanha mandava batatas.

Luis Antonio fala de seus amigos Jaime Gil de Biedma e Francisco Brines. A respeito de Biedma, escreveu Retratos (con flash), em que evoca a vida noturna de Madrid da década de 1980. Biedma, nascido em Barcelona, em 1929, faleceu em 1990. Via-o de noite, por isso, con flash.

Francisco Brines, valenciano, faleceu em 2021, aos 89 anos. Conheci Brines em Madrid na Fundación Juan March, onde o poeta recitou seus poemas metafísicos e líricos. Dediquei a ele um poema do livro em que homenageio 63 poetas espanhóis.

Luis Antonio expressa em sua poesia um sensualismo libertino e um existencialismo bebidos nos clássicos gregos e romanos. Inspirando-se nas fontes literárias da Grécia e de Roma, deplora a finitude da vida e aprecia a velha liberdade sexual, tão incômoda nas culturas semitas. Confessa que se sentiu sempre mais pagão que profundamente cristão. Maldiz os clérigos, que condenam o que até ele pode perdoar. Em seu livro Decadencias, o poeta denuncia a intolerância religiosa que sofreu Hipatia, no ano 415 da nossa Era. Hipatia foi acusada de bruxa, porque ensinava a mais refinada filosofia neoplatônica.

Alexandria é a cidade emblemática da sua utopia edênica. Na Cidade dos Mil Palácios, viveram Calímaco, o dos exquísitos epigramas, que foi funcionário da famosa Biblioteca, e o hedonista Cavafis, que escreveu, embriagado, versos plenos de diletantes prazeres sensuais. Constantino Kavafis frequentava as noites de bares e bordéis de Alexandria. Era o boêmio que entrava na casa do prazer e se alegrava com esse regozijo promíscuo.

Com Catulo de Verona aprendeu Luis Antonio a se deixar seduzir pelo hechizo de la tentadora Belleza, que nos pone extasiados. Luis Antonio se sente nos bajos fondos de Madrid como Catulo sob o sol de Verona.

Bebeu em Quinto Horacio Flaco, o discípulo de Epicuro, a arte de caminhar sob o trino inaugural dos pássaros, hacia la hierba y los pinos, e aspirar apenas à tranquilidade do ânimo.

Ovidio, poeta de tom festivo e licencioso, tem sido apreendido por Villena desde os 14 anos, quando leu, em sua primera adolescencia, *Ars Amandi* e *As Metamorfoses*, deleitando-se com os fragmentos líricos que retratam a dissipada vida erótica de Roma e os hábitos dos poetas libertinos que convidam ao sexo e ao vinho.

Luis Antonio de Villena não abre mão de suas órficas prerrogativas. Declara-se um sacerdote profano da beleza. Desde jovem, gostava de fazer exibições de rareza. Dava conferências com vendas com manchas de vermelho nos pulsos. Me dedicaba a hacer eso por número - reitera. Em 1966, vestia-se como Oscar Wilde e fazia gastos enormes com jaquetas de veludo. Estava um dia, sentado, mirando em direção à rua, e um professor lhe perguntou: ¿que haces? – Esteticismo, respondeu ele. Certo dia, pensou que, se pintasse as patitas e o bico do seu canário com purpurina dourada, seria a plenitude. O pobre pássaro morreu sufocado. Luis Antonio tinha uma coruja chamada Minerva, que brigava com o gato, que saltava na sua jaula. Ela tentava picá-lo. Tinha também um escorpião, que comia moscas mortas. “Mete la mano al escorpión que el no hace nada, dizia aos que o visitavam. Tem o aracnídeo agora dissecado encima da cama.

Quanto à sua rebeldia inveterada, declara que toda vida que se vive plena es vida para escandalo. E aduz: todo es crepúsculo y todo lo que no embriaga y trastorna es mierda”. Alto de aventura,

como Polibio ante Numancia, poderia dizer que nasceu para as letras e só pede aos deuses otimismo para seguir vivendo.

Recorda o que lhe disse sua tia, com argúcia de experimentada psicóloga: saliste uma noite de 1973 y todavía no te has recogido. Digo, por mim:

Bajo las frías luces de una cátedra, el poeta, un astro delincuente, habla de los suyos. Canta al unísono con los vencidos y los rebeldes. Con los raptados por la pasión, bebe flores impuras.

Me identifico con él (y ellos), en contra del no atreverse. Como en la festiva Roma de antes de la fe española, sin cruces ni monasterios, el visionario mira las rosas de los sótanos.

Más que pregonar graciosos desconciertos, atesora obstinaciones libertarias; permanece roto en el alma, trasnochado, impregnado de quebrantos, delante del daño inevitable, irreverentemente libre, hasta el fin del universo.

LUIS ALBERTO DE CUENCA E ANTONIO FERNÁNDEZ HELIODORO

Na véspera de uma visita ao querido amigo, poeta, bibliófilo e artista plástico Antonio Fernández Heliodoro, encontrei, casualmente, num restaurante chinês da calle de Juan Bravo, o consagrado poeta Luis Alberto de Cuenca, que não via há nove anos, desde 2011, quando ele prefaciou o meu livro *Luz sobre la Historia*. Luis Alberto foi aluno de Antonio Fernández Heliodoro, no Colegio del Pilar, em 1960.

Almocei com esses amigos no dia 14 de fevereiro de 2020, no restaurante Rubayat, em Chamartín, onde estivemos pela primeira vez, havia nove anos. Compareceu também a querida amiga Maria Victoria Marcos de la Fuente, estudiosa de temas da Antiguidade Clássica, nos quais Luis Alberto é autoridade máxima.



Na ocasião, Luis Alberto aludiu à Editora Heliodoro de Arte e Bibliofilia, fundada por Antonio Fernández. A experiência empresarial do artista durou pouco. No Colegio del Pilar, Antonio Heliodoro era um professor tão próximo dos alunos, que com eles jogava futebol, no intervalo das aulas.

Luis Alberto leu um poema de seu livro *Bloc de Otoño*, que nos trouxe autografado. O poema evoca um momento daquele passado idílico, em que a dor do mundo não o afligia.

Recordei-me do dia em que assisti com Antonio Fernández Heliodoro à posse de Luis Alberto de Cuenca, na Real Academia de la Historia, no palácio da esquina da calle Amor de Dios com a calle del León. O cinéfilo Luis Alberto achou Antonio parecido

com Charlton Heston, o talentoso ator de Ben Hur. No encontro anterior, havia pensado em sua semelhança com Burt Lancaster.

Luis Alberto nos presenteou exemplares de uma edição do Rubayat, de Omar Kayam, por ele prefaciada.

Registramos a sincronia entre o nome do restaurante, a obra do imortal persa e a máxima do romano Horácio: o seu “carpe diem”. Tudo convergiu em poesia. Até o endereço do restaurante, que fica na calle Juan Ramón Jiménez.

Em 2024, convidei Luis Alberto de Cuenca e sua esposa Alicia para um almoço no restaurante La Trainera. Recordamo-nos de Antonio Fernández Heliodoro, o professor do Colegio del Pilar, onde estudou também Luis Antônio de Villena. Por intermédio de Antonio Fernández Heliodoro, conheci Luis Alberto.

Na mais recente ocasião em que visitei Antonio Heliodoro, encontrei-o fragilizado e cansado. Não era mais aquele valente andarilho que me acompanhava, de terno e gravata, com passos ligeiros, em caminhadas, tomando chocolate com biscoitos no Café Viena Capellanes e outros, de Chamberí à plaza de Callao.

Falei do livro que escrevi sobre Lisboa e Luis Alberto falou de suas viagens a Extremadura, Algarve e Porto. Lembrou-me de que eu deveria ver a casa e o túmulo de Borges em Genebra. Recomendou-me, também, a leitura dos sonetos de Francisco de Aldana, que morreu com dom Sebastião, quando Portugal atacou o Marrocos. Falamos de Lisboa, do estilo manuelino-plateresco dos Jerônimos. De Rubém Darío, que veio da Nicarágua brilhar em Madrid e morreu aos 49 anos. De Gustavo Adolfo Bécquer, de Juan Ramón Jiménez e dos irmãos Machado. Na avaliação de Cuenca, Manuel Machado é tão bom poeta quanto Antonio. Recordamo-nos de Jaime Siles, professor catedrático de Alcalá de Henares, que vive em Valencia. Recordo-me de ter almoçado com Jaime Siles no restaurante La Trainera em 2012. Lembra-mo-nos de Javier Losalé, que fez 81 anos e continua sendo um cavalheiro da fraternidade humana.

Falamos de gastronomia. Alicia mostra-me no cardápio a foto do “plato de migas”, com uvas. Era a comida dos pastores, de gente do campo, agora, uma iguaria urbanizadíssima, esclarece a musa do poeta.

Leio a primeira estrofe do poema Madrid fantástico, do livro *El secreto del Mago*, que ganhei na ocasião, com dedicatória. O poeta destaca a importância da sua cidade, em cada experiência vivida. Ele compara Madrid com uma turva vinheta no horizonte do curta-metragem da sua vida.

Nomeia Madrid o seu aquário e sua jaula, onde se circunscrevem os limites da sua aventura existencial. Madrid representa, para Luis Alberto de Cuenca, o marco da aprendizagem e da durabilidade dos seus dias, que são velas acesas por Deus, “esse estranho leitor de Cavafis”, que, com seus inescrutáveis desígnios, dispõe dos fogos de todos os seres vivos:

Madrid es mi ciudad, el marco en que se inscriben/ las borrosas viñetas de mi vida./ Madrid es mi pecera, mi jaula, el horizonte/ del cortometraje que aún protagonizo./

En Madrid aprendí a jugar e a leer/ cuando el mundo era joven, y en él se apagarán/ las velas de mis días cuando decida Dios/ - buen lector de Cavafis - que se apague la última.

Com profunda tristeza, tomei conhecimento, através da amiga Piedad Ortiz, de que María Victoria de la Fuente faleceu no dia 6 de setembro de 2025. Lembro-me de momentos em que estive em sua companhia, em visitas a exposições temporárias no Museo CaixaForum, na calle Paseo del Prado. Assisti a algumas peças de teatro com aquela moça, a mais bela espanhola que conheci. Pessoa espiritualizada, sensível, estudiosa de temas esotéricos, Victoria havia organizado, em 2020, no período da pandemia, um grupo de WhatsApp, para estudar os sonhos, esse mistério da consciência.

Para Antonio Fernández Heliodoro dediquei o poema *Proposiciones de Alquimista*, escrito depois de haver lido seu livro *Verticales celestes*:

Los visionarios se inclinan verticalmente desde el cielo hacia la naturaleza sublunar.

La ciencia consiste en trascender la esfera saturnal.

Videncias para descifrar los ideogramas del éter.
El crisol místico que sublima las angustias.
La certeza del viaje en la corriente vital que une el espíritu a
la ruta estrellada.
El nectáreo deleite del bálsamo arcano,
buscado en la odisea de fármacos y alientos.

ELOY SÁNCHEZ ROSILLO

Visitei duas vezes o Poeta Eloy Sánchez Rosillo em Murcia. Lembro-me de que, numa das ocasiões, havia passado por Valencia e reencontrado os queridos Adriana e Miguel Fisher, que me levaram a rever o passeio marítimo de Malvarosa, o corredor arborizado do antigo leito do Turia e a lagoa de Albufera.



Em Murcia, receberam-me o grande poeta e extraordinário cavaleiro Eloy Sánchez Rosillo, e Emília, sua musa, com imensa delicadeza.

Nas duas ocasiões, caminhamos pelo Malecón do rio Segura, onde o ilustre bardo murciano caminha diariamente. Vimos os jardins de palmeiras, ficus e cactos. O Colégio Marista, de sua infância, o Mercado das Verónicas, a catedral de fachada barroca, as ruas estreitas e as velhas muralhas da antiga cidade por onde andou Ibn Arabi.

Às três da tarde, fui ao restaurante com o cavaleiro e sua dama, finos e bem-humorados, gentis. Almoçamos alcachofra e paella. Disse-lhes, brincando, que me senti tão bem alimentado quanto Felipe II e Carlos V. Eles riram. Falamos sobre Brasil, Espanha, poetas, alimentos, climas, viagens, amigos e família. Eloy, alto, elegante, cabelos e barbas brancas, ágil na fala, é Poeta em tempo integral, desde que se aposentou.

Eloy deu-me, autografado, sua Obra Poética Completa, cuja maioria dos poemas conheço desde 2012, quando estive, pela primeira vez, em Murcia.

Quando nos despedimos, prometi que voltaria, para irmos a Cartagena. Ex imo corde.

Abro livro de Eloy e leio: Despertar en mitad de la noche de agosto/ y ver que está mi cuarto lleno luz de luna. Em sua

poesia simples, espontânea, elegante, plena de emoção, panteísta e ecológica nas imagens, a Lua é a deusa branca de Robert Graves. É o arquétipo do matriarcado da Antiguidade, ideia que também impregnou a poesia de Leopardi, que Eloy traduziu impecavelmente.

Em 2012, em homenagem a Eloy Sánchez Rosillo, o Ayuntamiento de Leganés, em Madrid, publicou o pequeno livro *Haber vivido*, do qual participei, na página 37, com o poema *La Nostalgia* de Eloy Sanchez Rosillo, também publicado em *Laudetur*:

Cierra los ojos y vislumbra los geranios. Ve a una muchacha más bella que el fulgor del verano.

Pasaram los días de la antigua primavera. La sombra no le devuelve aquellas imágenes: la acacia que vio plantada, bajo la luna, el recuerdo de su madre cuando era joven, el pastor y el balido de rebaño, los gorrones que lo despertaban en el primer albor.

Bendice los recuedos de su juventud, la canción de un jilguero en la luz vespertina,

la gloria melancólica de haber vivido. No se detuvo el curso de las horas, y no le queda más que a añorar el pretérito encanto de aquellas plácidas tardes.

Al fin de la hermosa fiesta, de pronto está bajo la misma acacia. Recuerda el rostro ajeno que tenía, otra era la llamarada de los largos días de la infancia.

Vá acabándose el tiempo, mientras crece a expectativa del gran silencio. La vida, un día lleno de indulgencia, le entrega la libertad de andar solo, lejos de sí mismo para meditar sobre el enigma.

Os traços distintivos da poética de Eloy são a atmosfera onírica, a paisagem lírica, e os dons da contemplação e as recordações do lugar onde se foi feliz e se sofreu. O idílio metafísico se sobrepõe ao assombro, na compaixão de um instante em que o poeta imagina a piedade dos céus. Duas vertentes semânticas da poesia de Eloy Sánchez Rosillo: a nostalgia das tardes e a visão do azul límpido, imaculado, que nomeia o que existe. O poeta

medita no silêncio e tem a intuição de que a eternidade é um não saber aonde vão as nuvens.

Eloy Sánchez Rosillo recebeu, recentemente, ano 2025, pela publicação de “Venir de tan lejos” (Tusquets Editores), o Prêmio Loewe Fundación, um dos galardões com que os espanhóis reconhecem a qualidade dos livros de poesia.

CARLOS D'ORS

Com o versátil poetae artista plástico Carlos d'Ors, encontrei-me duas vezes no bairro de Chamberí. A primeira vez, em 2013. Revi-o em 29 de setembro de 2025, ao lado da arejada Plaza de Olavide.

Carlos d'Ors, da família inúmeros escritores, a começar por seu avô, Eugenio d'Ors, o consagrado ensaísta polígrafo, tem vasta obra poética.

No primeiro encontro, Carlos presenteou-me com o seu livro *Cómo Son*, uma coletânea de poemas minimalistas e retratos; um para cada homenageado ilustre, cuja lista engloba os nomes de Victor Hugo, Chekov, Cortázar, Valéry, Verlaine, Conrad, Doyle, Gogol, Verne, Rilke, Proust, Valle-Inclán, Novalis, Neruda, Kafka, Juan Ramón Jiménez, Lamartine, Holderlin, Tolstoi, Goethe e Flaubert.

Enrique Gracia Trinidad elogiou a singular destreza do poeta e artista visual Carlos d'Ors: “un alarde de virtuosismo”, “un hechicero de palabras, un malabarista del lápiz, un mago de la sugerencia, un alquimista de la intertextualidad”. A verve criativa de Carlos D'Ors ficou comprovada nos “retratos gnómicos”, do livro *Aforemas y Dibujos*, obra de relevo tanto estético quanto documental.

No final de setembro de 2025, quando almoçamos em Chamberí, Carlos deu-me cinco livros seus, escritos em três anos. Falou de seus ilustres familiares: do avô Eugenio d'Ors, do seu irmão Pablo, autor de livros de filosofia espiritualista; de outro irmão, Luis, que é teatrólogo. São sete irmãos, todos dedicados a atividades estéticas.

Carlos, além de poeta e artista plástico, é também cantor, barítono, com repertório especializado nos lieds de Schubert.

Ao falar das confrarias e tribos de escritores de Madrid, Carlos diz que os celos (ciúmes) dos poetas são sublimados, pois eles são menos invejosos do que os outros artistas. Nesse

sentido, cita o seu avô Eugenio: lo primero, señor mío, tener un cosmos propio.

Carlos deu-me um pedaço da sua hamburguesa, porque viu que eu lutava para cortar a carne dura que me serviram. Disse-lhe: esa es la verdadera hermandad de los poetas. Ele sorriu.



Recebi de presente os livros de poesia: Querida naturaleza, de 2023 (haicais); Ras del cielo” (com prefácio Javier Lostalé); Más allá del horizonte - Aforemas sobre el desierto”, de 2022 (bilíngue castelhano-árabe, ilustrado com imagens pintadas pelo próprio Carlos d’Ors); La jaula de oro - Apotegmas”, de 2024 (com prefácio de Juan Carlos Mestre); e Retablo del amar y del desamar, de 2025.

Carlos autografou os livros com um arcangélico abraço, naquele 29 de setembro, dia de San Miguel Arcangel e do denominado veranillo de San Miguel. O adjetivo da dedicatória coincidiu o santo do dia do nosso encontro. “Arcangélico” é o título de nobreza com que Carlos nomeia os amigos, quando os considera bons poetas e boas pessoas.

A poesia de Carlos d’Ors comprova o seu misticismo existencialista. Tem consciência de que a vida transcende o plano físico-material. Ele próprio confessa que tem a sensação de que existiu antes de 1951, ano em que nasceu, e que existirá depois, numa continuidade. Tem a intuição de que, ao vencermos o Inferno, que é este mundo de provas, chegaremos a um estágio superior de evolução.

Nascido em San Sebastián, Carlos d’Ors vive em Madrid desde menino. Seu poema Viva Madrid, publicado na antologia Madrid de Sol y Luna, editada pela Casa de Castilla la Mancha, é um hino em louvor da cidade. Tem imagens cinematográficas dos lugares prazerosos do “callejear” madrilenho. Nele, visualizamos as emblemáticas estátuas, as fontes monumentais e outros espaços de êxtase da cidade.

O texto descreve uma peregrinação, no final da qual o poeta vislumbra a lua serena no céu de Madrid: En la Casa de Campo la luna,/ alta y serena, nos sonríe,/ elegante y llena./ Dice el dicho que de Madrid al cielo:/ y yo he tenido este pedacito/ de versos para contarlo y verlo...

ESTER BELLVER

No dia 31 de janeiro de 2020, assisti, no Teatro La Abadía, à peça Réquiem, um monólogo autobiográfico escrito, dirigido e interpretado por minha amiga Ester Bellver.

Atriz experiente na interpretação de monólogos que ela mesma escreve ou de textos de outros dramaturgos da estirpe de Agustín García Calvo e Ramón del Valle-Inclán, Ester cativa o público com o seu talento e seu carisma. Na trama de Réquiem, Ester interpretou a figura de uma filha que narra as memórias afetivas dos sofridos dias de seu pai enfermo. Réquiem transmite a angustiante perplexidade humana em face dos mistérios da vida e da morte.

Em setembro de 2025, Ester atuou na peça *Los cuernos de don Friolera*, dirigida por Ainhoa Amestoy, encenada nos Teatros del Canal. Fez os papéis de doña Pepita (a Coronela, esposa do Coronel), doña Tadea, a beata e doña Calixta, a proprietária da taberna.

Recordo-me de que Ester Bellver presenteou-me com *Divinas Palabras*, em 2013, e me recomendou ler *Las comedias bárbaras* (*Cara de plata*, *Águila de Blasón* y *Romance de lobos*), uma trilogia que a encanta e que li com máxima satisfação.

AMANCIO PRADA

Tive a honra de conhecer Amancio Prada, quando nos encontramos no Círculo de Bellas Artes, em 2004. Caminhamos, em meio aos diletantes que atravessavam a noite alegre de Madrid. A cidade brilhava como uma catedral; lâmpadas acesas refletindo dourados cristais e faróis. Noite transparente. Era grato buscar o lugar edênico dos “callejeadores” clarividentes. Fomos, do Círculo de Bellas Artes à Plaza de Santa Ana, em demanda de uma “alegre cena”. Era um caminho que reluz até hoje: vivente oásis na noite iluminada.

Tempos depois, recebi a fraternal visita do menestrel, em 2011, meu convidado, no dia do meu aniversário, 22 de maio, no primeiro ano de minha estada em missão na Embaixada do Brasil em Madrid.

Compareci a apresentações em que Amancio Prada brindou o público com sua voz alumbradora e as canções que ele compõe. Vi-o interpretar o Cántico Espiritual, de San Juan de la Cruz, os sonetos de Federico García Lorca e poemas de Agustín García Calvo, Jorge Manrique, Rosalía de Castro e Juan Carlos Mestre.

Em sublime ocasião, no Teatro da Abadia, Amancio narrou episódios pitorescos da vida do formidável Agustín García Calvo, o astro de Zamora, que ele conheceu nos tempos em que ambos moraram em Paris.

Como dádiva ao público assistente, Amancio apresentou um vídeo, mostrando o rapsodo e filósofo a recitar seus versos com a graça espontânea de sua figura encantadora. Cantou belas canções de Agustín García, da qualidade de *El mundo que yo no viva; Tu, cuya mano e Libre te quiero*.

De testa longa, cabeleira branca de cascata lunar e semblante carismático, Amancio irradia simpatia. O sorriso hipnotizador e os olhos azuis brilham, aura luminosa, à medida que ele, ao interpretar, vive e sente as canções com toda a intensidade

dos sentimentos. A voz celestial e o violão acendem as palavras, fachos lavrados em lareiras de devoção.

Recordo-me da espantosa circunstância, em 2012, em que, eu me programava para viajar a Zamora, quando, de súbito, tomei conhecimento de que a fatalidade arrebatara o visionário García Calvo do mundo dos homens.

Semanas depois da morte de Agustín García Calvo, seus amigos lhe renderam homenagem em Madrid, com a presença de Amancio Prada, que cantou seus poemas. Na mesma ocasião, Ester Bellver recitou versos do poeta de Zamora. No mês seguinte, editaram um livro em que os amigos cantaram louvores a Agustín García Calvo. Tive a honra de participar da edição, publicando, no compêndio, um poema em sua homenagem.

No dia 26 de setembro de 2025, assisti ao maravilhoso concerto de Amancio Prada, no Teatro Monumental, na calle de Atocha, em homenagem à escritora Carmen Martín Gaité. Estive, nessa suprema ocasião, acompanhado pelo querido Antonio Machado Sanz.

Amancio contou a história da sua amizade com Carmen Martín Gaité, desde os tempos em que ele morava em Segovia (de 1975 a 1980) e escrevia a partitura do Cântico Espiritual, de San Juan de la Cruz, o santo patrono dos poetas.

No repertório, além das cantigas gallegas, uma das quais tocada em zanfona, Coplas de Salamanca, Libre te quiero, de Agustín García Calvo, um inefável poema de Santa Teresa de Jesús e o transcendental Cântico Espiritual, em que a poesia mística de San Juan de la Cruz se conjuga com a delicadeza das melodias e harmonias. A expansão sonora do uníssono das vozes do Coro da RTVE, o violoncelo, o violino e o violão, impregnaram o espetáculo de puro êxtase espiritual.



JOSÉ LUÍS GARCÍA MARTÍN

*D*entre os grandes escritores contemporâneos da Espanha, destaco José Luis García Martín. Poeta bucólico e metafísico, cuja exuberante imaginação nos transporta aos jardins que contempla. Tão liricamente canta as paisagens de sua itinerância, que se fez herdeiro da mística transcendental da poesia espiritualista espanhola. É um panteísta que imerge no enigma de tudo e, com o estro do encantamento, afirma: *todo está a la espera del milagro/ y ya cierro los ojos un momento/ o quizá por la entera eternidad.* (Fragmento do poema *Vienen y Van*, do livro *Entrada libre. Canciones, oraciones, Iluminaciones y ortas breverías.* (Bajamar, 2025, p.128).

José Luis García Martín considera a vida “un puñado de palabras sin ventura”. Consulta a sua biblioteca de sonhos e constata a incertidumbre del instante sin tiempo.

Seu panteísmo místico salva-o do desespero: *La noche templada y clara/ con infinitas estrellas./ Que importa que yo esté solo/ si allá en lo alto están ellas.*

Com sua religião de esperança, diz ele, entretanto, angustiado: *Desde aquí todo es pérdida y cuesta abajo. Num instante, a luz da poesia o redime, da tristeza: Aunque nadie me crea /añado esta verdad: / alguien me tiene de su mano/ y no me soltará.*

Do poema *Romance del enterrado en vida*, selecionei este fragmento: *Hay un hilo en algún sitio/ para salir de este pozo/ y volver al cielo claro/ a encontrarme con los otros/ después de tanto luchar/ con endriagos y con monstruos/. A todos he dado muerte,/ menos al peor de todos/ que se llama como yo/ y tiene mi mismo rostro. O poeta tem consciência do estigma da dualidade congênita do Homo sapiens.*

O livro, a cultura e as viagens preenchem-lhe a vida de perplexidade: *Por qué este sol/ porqué este cielo/ azul sin una nube/ me hacen sentir como si al fin hubiera / llegado hasta la cumbre.*

O poeta constata que todo tiene en este mundo/fecha de caducidad. ... Nada queda, todo pasa/ y nada pasa jamás.

José Luis García Martín, bardo extremenho, natural de Aldeanueva del camino, Cáceres, radicou-se, desde jovem, em Oviedo, onde animou tertúlias, exerceu a profissão de professor universitário e dirigiu a revista Clarín. Sua obra poética emerge em 1972, com *Marineros perdidos en los puertos*, e se consagra em 2020, com *Aire en el aire* e *Casual*. Além de palmilhar gloriosamente a senda da poesia, José Luis escreveu narrativas, teatro, aforismos, relatos de viagens e crítica literária.

Os estudiosos o classificam entre os autores da “poesía de la experiencia”, corrente que envereda pela expressão meditativa, intimista, repleta de sentimentalidade. Seu recente livro *Entrada libre* (2025) contém, como o título anuncia, canciones, oraciones, iluminaciones y otras breverías. São *coplas*, haicais, aforismos e humorismos; glosas de Unamuno, Antonio Machado e Camponanes; epigramas de tons diversos. Os versos versam sobre o imenso e paradoxal nada que existe sem existir. Celebram a graça de estar vivo e a memória dos que partiram:

Sin prisa voy, y bien sé yo hacia donde, /hacia el No Ser en donde/ el Ser se esconde.

Hay un cuento que/ somos capaces de contar/ hasta el final: el de la propia vida.

Pasa, tiempo, pasa, para/ sin robarme lo que es mío/ dale cien vueltas al mundo/ y a mí désame en mi sitio.

Dediquei a José Luis estes versos publicados em meu livro *Laudetur*.

Su placer es respirar el aliento dulce del verano. Camina, de sí mismo abandonado. Otra compañía no tiene que el viento que acaricia las ramas de su jardín de sombra.

Otra verdad no tiene que la ceniza del tiempo en sus manos. Ceniza que huele a frescos racimos. Añora a la musa del pelo rubio, que iluminaba sus días.

Recuerda la noche susurrante, que coronó de estrellas el ciprés. La tarde de otro tiempo de encantamiento, con un mirlo cantando en la enramada.

Imagina el primer amanecer del mundo. Teme perder lo que nunca ha tenido. Sueña con lugares donde nunca estuvo. Afirma que los días felices no existieron y que tampoco el mundo existe.

Identifico-me com a poesia repleta de humanismo e bucolismo de José Luis García Martín. Irei um dia a Oviedo.

MADRID E SUAS LITERATURAS

Na ordem cronológica dos períodos históricos, começo o estudo das literaturas de Madrid pelas novelas de Arturo Pérez-Reverte. Conquanto escritas hodiernamente, as ficções do protagonista Capitán Alatriste recompõem literariamente os tempos do Império espanhol.

As aventuras do herói dos “tercios viejos”, nas guerras de Flandes, nos tempos de Felipe IV, são ambientadas em Madrid, cidade perigosa, de ruas estreitas e mal iluminadas, na qual os espadachins rivalizavam, alugando o braço para qualquer felonía.

A calle de la Montera era frequentada por gente de armas e bandoleiros matasietes. Na Cava Baja havia pousadas de forasteiros. Na Puerta del Sol os soldados veteranos se vangloriavam de suas façanhas e faziam soar as pontas das espadas.

Cheia de pícaros, delinquentes e sacerdotes amancebados, a capital dos dois mundos sediava as Cortes de Castilla, que obedeciam aos dogmas impostos pelo Santo Ofício. Madrid era o paraíso dos “alcahuetes” e da “bellaquería”, onde o dinheiro comprava consciências.

Acompanhado pelo poeta don Francisco de Quevedo, que escrevia sonetos nas tabernas, Diego Alatriste desembainhava a espada e a adaga para castigar os seus perseguidores. Naquele tempo de callejones, tabernas y mancebías, Quevedo poeta cojitranco y valentón, putañero, corto de vista, caballero de Santiago, era tão rápido de ingenio y lengua como de espada. Era famoso en la Corte por sus buenos versos y su mala leche.

A Inquisição se encarregava de perseguir bruxos, bígamos, judaizantes e sodomitas. Os familiares do Santo Ofício passavam armados para a queima dos hereges na plaza Mayor.

Na passagem de San Ginés, pululavam os valentões desordeiros, que realizavam perversidades e depois se refugiavam em igrejas e conventos, onde recebiam proteção dos clérigos.

A Espanha confiava no ouro e na prata, trazidos pelos galeões das Índias. As finanças estavam nas mãos dos banqueiros genoveses. Com cerca de 70 mil habitantes, Madrid tinha centenas de tabernas e de mancebias (bordéis).

Pío Baroja descreve, em *Aurora Roja*, a insatisfação da juventude da classe média do início do século XX. O protagonista Juan Alcázar, escultor e pintor, desiste do seminário, e se hospeda na calle Magallanes, em Chamberí, com seu irmão Manuel Alcázar, que tem uma gráfica da qual nada obtém de ganho.

Os protagonistas convertem-se em anarquistas e fundam o grupo *Aurora Roja*. Um dos integrantes fora amigo do anarquista italiano que matou Cánovas, o artífice da “*Restauración*”, no atentado em Guipúscoa, em 8 de agosto de 1897. Alguns anarquistas exerciam o grotesco ofício de ladrões, no cemitério de San Martín, localizado onde hoje existem o Estádio Vallehermoso e a calle Melquíades Álvarez.

O registro de milhares de mortes, nas guerras que a Espanha sustentava, em Cuba e nas Filipinas, desacreditou o reinado de Maria Cristina e incitou a indignação dos anarquistas. Os mais fanáticos perpetrariam as maiores violências.

De 1890 a 1898, a Espanha perdia a parte final do império colonial. Alfonso XIII iniciava o seu reinado, em 1902. Madrid se convertia numa cidade aberta a todas as estéticas.

Ramón Gómez de la Serna dedicou grande parte de sua obra para nos dizer que Madrid é a cidade do diletantismo lírico. Os parques, ruas, cafés e ruídos da cidade estão descritos na letanía madrileñista, prosa poética de *Nostalgias de Madrid* (1956). Gómez de la Serna entoava um hino de ternura entusiástica à cidade da sua maneira dulce de vivir ilusionismo, de ser un paseante. Aguçava os sentidos para inventar sinestesias: el olor de las acacias es el olor de Madrid en sazón.

Em *Piso bajo* (livro escrito em 1957 e publicado em 1961), Gómez de la Serna descreve os portais de Madrid e os mercados do Barrio de Maravillas, onde há o caserón de San Bernardo, antiga universidade de Madrid.

Don Pedro Saavedra, um fracassado filósofo, vive com a filha Olvido num apartamento no andar térreo, em frente à plaza

Dos de Mayo (onde os espanhóis enfrentaram os franceses nos tempos dos demandos de Napoleão Bonaparte).

Pijo bajo é uma metáfora da vulnerabilidade da filha de Pedro Saavedra, a menina Olvido, que, aos 15 anos, é assediada pelos donjuanes e mozalbetes da calle de la Montera. Hortensio, um amigo de don Pedro, frequentador da sua casa, pediu a mão de Olvido. Já noivos, quando iam sair para passear, a moça vestiu um traje transparente. O noivo reclamou, recusando-se a acompanhá-la: no ves que con esa transparencia eres del público, de todos, no se sabe de quién... Depois de um sonho revelador, Olvido decidiu ser noviça no Convento das Salesas, deixando o velho pai, solitário, a definhar no seu quarto do andar térreo.

Don Ramón Gómez de la Serna teve de deixar a Espanha em 1936, quando a guerra infernizou o País. Viveu em Buenos Aires até 1946, quando pôde enfim rever Madrid.

Camilo José Cela escreveu *La colmena* em 1942, quando Madrid era uma cidade de atmosfera gris e fria, debilitada pela recente guerra civil. A recuperação foi lenta. Um enxame de apáticos convivas, de diversas classes sociais, frequentava o Café La Delicia, de doña Rosa. Eram gentes sem perspectivas (prostitutas, funcionários e pícaros), que se reuniam em busca de algum motivo para seguir vivendo. *La colmena* esteve muito tempo proibida na desesperançada Espanha da ditadura truculenta, das chabolas (favelas) e das tabernas arruinadas.

Andrés Trapiello, com *Me piden que regrese*, mescla os gêneros policial e histórico para retratar a realidade de 1945. Transcorriam os últimos dias da Segunda Guerra Mundial. Benjamin Cortés, naturalizado americano, com o nome de Benjamin Smith, voltou do exílio, convocado pela embaixada dos Estados Unidos em Madrid, para falsificar um documento histórico e envolver na trama o corrupto coronel Peñaflor, a fim de afastá-lo do ditador Franco.

A polícia suspeita que Benjamin é um líder comunista e o persegue, apesar da proteção que ele recebe do embaixador estadunidense. Madrid era uma cidade cheia de mendigos e esbirros.

A Alemanha em vias de perder a guerra; a Rússia quase vencedora, os comunistas se empenhavam em vencer o povo espanhol de que Franco estaria a ponto de cair.

Um livro que expõe as condições da vida em Madrid, da década de 1940 até 2010, é *El corazón helado*, de Almudena Grandes.

Na década de 1940, os exilados regressavam gradualmente, expostos ao ambiente de espionagem e repressão de uma cidade repleta de comitês de polícia secreta e mulheres vestidas de negro, nas missas aos domingos. Muitos cidadãos haviam sido despossuídos de seus bens, quando fugiram para salvar a vida. Muitas famílias tiveram as casas destruídas nos bombardeios. Madrid renascia das cinzas.

O protagonista central é Julio Carrión González, um crápula simpático e oportunista, militante da División Azul, porém detentor de documento de identidade da JSU (socialista). Ao regressar a Madrid, do exílio em Paris, em 1947, Julio Carrión encontrou o pai alcoólatra e tomou conhecimento de que a mãe, socialista, morrera na prisão. Em 1977, tornou-se advogado, entrou no ramo da especulação imobiliária e, mediante procuração, passou para o seu nome os bens da família do seu amigo Ignacio Fernández.

Em 2010, quando Raquel, a neta de Ignacio, ameaça publicar as provas do delito, Julio infarta e morre.

As querelas prosseguem. Inimigos ideológicos, os filhos de Julio se insultam, esmurram-se e se intrigam.

Já nos anos de 1970, os juízes autorizavam exumações de vítimas da repressão franquista e o Estado pagava indenizações aos republicanos expoliados pelos vencedores da guerra.

A novela de Almudena Grandes mostra a prevalência, na burguesia madrilenha, de um ambiente de intriga interesseira, materialista e mesquinha, que apenas revela a fragilidade das pessoas.

A atualidade em Madrid deve ser contextualizada na circunstância de uma cidade repleta de cidadãos de origem latino-americana, que trabalham arduamente para sustentar a economia espanhola. Cidade onde Rubén Darío, Pablo Neruda, Jorge Luis Borges, Cesar Vallejo e outros chegaram das províncias de ultramar, aos albergues madrilenhos, para deixar marcas de sua existência.

HEBDOMADÁRIO LÍRICO

A caminho da Embaixada, naquele triênio irrepetível, cada dia da semana mereceu um poema. Meu Hebdomadário lírico celebra o trajeto do bairro de Salamanca ao bairro de Chamberí. Os poemas surgiam nos horários de trégua do funcionário, que caminhava, à hora matinal, depois do almoço, ou de noite, depois do expediente, sobrepondo a poesia à burocracia diplomática. Certa melancolia impregnava o espírito de quem recebeu o magistral epíteto de vagabundo lírico. Esta série de sete poemas foi escrita quando cheguei a Madrid, em 2011 para trabalhar na Embaixada.

Retrato, aqui, os trajetos cotidianos da calle de O'Donnell à calle de Almagro, ou seja: de casa à Embaixada. No primeiro ano, eu pegava o metrô todas as manhãs para ir trabalhar. Era um funcionário que repetia, todos os dias, a mesma trajetória escrevendo, num diário em poesia, o contraponto do tédio. Surgiram, assim, os poemas de um hebdomadário, que, à proporção que a semana avança, vão ficando menos melancólicos. Somente na sexta-feira os conceitos se transformam num compromisso com o hedonismo.

Do segundo ano em diante, para ganhar tempo, eu só ia de táxi ou, raras vezes, quando acordava cedo, ia a pé, cruzando o Parque del Retiro e subindo até calle de Génova, para depois tomar o rumo da calle de Almagro.

No terceiro ano, era tudo poesia. Livros editados, passeios pela cidade e vários saraus aos quais não faltava a assistência das amigas Araceli, Cristiane e Manuela, da Embaixada, e Leny, Nirvana e Cristina, do Consulado-Geral.

Lunes

Voy por la calle Narváez hacia el metro, impregnado de inercia. Los pícaros carpen el día inexorable, como se hubieran de regalar el óbolo al felón de Caronte. Hasta el bolígrafo se me escapa

de la mano. Hay un no sé qué de quietismo en mi conciencia, en desconexión con los movimientos de mi cuerpo.

Los largos tres minutos de espera. La monotonía de la pantalla con noticias innecesarias. El viaje, en pie, huyendo de un estornudo. La procesión de autómatas de ojos entornados. Subo, a regañadientes, los seis pisos de una eternidad, puesto que el ascensor, al parecer, fue tumbado por la crisis. El lunes comienza con todo en contra: prima de riesgo y chispazos a contrapelo. El lunes es un día de apuntar estadísticas. Sin tener la sartén por el mango, me debato en pasmoso intento.

Martes

El martes no se configura como perspectiva de paz para mis nervios de Nerval. Todo lo pragmático me asfixia. Del escenario recurrente de lo cotidiano me gustaría huir. Camino hacia una librería, observando a la gente que pasa con su destino a cuestas. Tengo media hora para recoger los libros y volver a la oficina. Pero serán treinta minutos vividos intensamente. Huir de los ruidosos tumultos hacia los páramos de Antonio Machado o de Wordsworth. No contentarme más que con esa brisa filtrada a las tres de la tarde.

Miércoles

La melancolía entristece los edificios. Las cúpulas quedan pensativas. El cielo gris amenaza con gotear. Hay que coger un autobús y beber por la ventana la nostalgia del día. Me extravió con la sustancia peregrina de la tarde. El tiempo celebra el rapto de Perséfone.

Jueves

Jamás morirme un jueves de lluvia, sin ser Cesar Vallejo. La naturaleza, en su punto de inflexión, el invierno se hace más que presentir. Pero el jueves es el día en que Júpiter se hace cómplice y me entrega abstracciones que se expanden. En el momento mismo en que desperté y me levanté de la cama, pensé en la estrategia literaria de escribir esos versos. Hago todos los días el ejercicio de salir sin paraguas. A renglón seguido, probar fortuna y pronunciar ditirambos cargados de ripios.

Viernes

Cuesta arriba, cuesta abajo, el viernes se enciende como boda transparente. Celebro el día de Venus en la calle de Toledo.

En mi rito ambulante, desde la calle de Tintoreros avisto las torres de San Miguel. Plazuelas castizas se desvelan. Plaza del Conde Miranda. Turistas y pordioseros aparecen a espaldas del Mercado de paredes de vidrio y tejados de filigranas. Cruzo los arcos de la Plaza Mayor. Un aire de víspera alienta a los circunstantes. Sigo adelante, buscando el icono de mis emblemas. Canciones de embrujo idealizan las calles, pero sólo para mí, que soy sacerdote de la belleza. Calle de Preciados de mis despreciadas primicias. Madrid, como escribo los pasos de mi sobrevivencia, escribiré la claridad de tus nocturnos. Madrid celebra conmigo esta contemplación.

Sábado

El sábado es una alfombra donde discurre la gente y los perros. Un aire de agobio trasparece en los paseos. Yo mismo estoy muy agitado, aunque sentado delante de los árboles. Fuera del parque habrá la fiesta pagana de Saturno. Dentro de las calles, miro la cara de los edificios. El sábado es una sed importuna contra la arquitectura de mis sueños. Madrid me está viendo atareado y ya no sé en que luna estamos. Observo los espectáculos circenses. Pero de paso, y pronto demando el tramo subterráneo del metro.

Domingo

El domingo es un pretexto para el vértigo del sentimiento. Ante la ausencia de algunos coches, respiro con serenidad. El domingo es un torbellino de tedio que es necesario combatir. Adoro la ciudad con sus asfaltos y coches, sus puertas de concreto en las encrucijadas. El domingo es un relámpago azul. No me siento extranjero bajo este arco sembrado de torres. El domingo es el más humano de los días, es un antídoto contra las cosas adversas, cuando la vida consiste en callejones en fiesta. Lo demás se me antoja un calabozo de tristeza. Más me encharco de adolescencias matinales, más la vida parece una ilusión de relámpago. El domingo es un arco irisado que huye como la felicidad.

PANEGÍRICO DE LA VIDA APLACIBLE EN MADRID

Madrid, soy el contemplador de tus noches festivas. Entre tus balcones, dialogo con el viento. Ciudad de mis experiencias líricas. La luna es joven y ha llovido. Dentro del aire, fino fluido del generoso mayo, un poeta es un sacerdote del humanismo, un profesor de vida.

Devoto del hedonismo, he visto la lluvia en lo alto de los cipreses.

Sigo la línea enigmática del arbolado paseo de la Castellana a la calle Serrano, entre los escaparates. Tarde de mayo por ancha acera, sol de primavera en los balcones.

En el Madrid de los perros domesticados, los turistas consultan el breviario del metro. La tarde se proyecta en la pantalla de los edificios.

En el Madrid de las tabernas estampadas de epígrafes, a las nueve de la tarde, siento la serena gracia del momento y, en volandas, descubro la ciudad oculta.

Madrid pastoral, pastoril, estrella mozárabe. Buena fortuna busco, manzana del Manzanares, flor de las muchedumbres. Soy el que habla con Quevedo sobre las hechicerías de la vida. Cartas de naturaleza escribo en romance, sobre mis hechuras. Vengo a beber luz en tu azotea, vengo a tus arcas con la llave del candelabro. La vida en mí se entenece de verte. Tus luminarias son la custodia de mi ser.

Desde la cuesta de la calle de Alcalá, aprendo penas de mi suerte: el acorde al que estoy atado. ¡Madrid de entonaciones de azul, en cuya luz el alma remedios ve! Tengo vivientes la esperanza y las dudas metafísicas. ¡Embelesos, me duelo de mí! Sobre un jardín de pena se puso transida la tarde. Pináculos en cada esquina. ¡Flora claustral de pabellones porticados, ando en coloquio contigo!

Madrid de los Austrias, capital de Europa, ensanchada con plazuelas, donde se alzaron proclamas y barricadas. Plazas con motivos laudatorios. Madrid de los espectáculos castizos, de las calles atiborradas de automóviles. Madrid caudal sin fronteras, balcones hacia la sierra del Guadarrama. Madrid de sabor tortilla y aceitunas. Madrid que sabe a placeres.

Extramuros, doradas cúpulas, cuadrigas monumentales. Intramuros el cortejo de las insignias: labrados lienzos de alegorías.

Madrid principio activo de la vida, Madrid olor a castaño después de la lluvia. Madrid frescor del preludio del invierno. Voy por la calle de Atocha, sin preocuparme de llegar a ningún sitio. Ando por afición.

Madrid revisitado, retenciones acordeónicas en las carreteras, cargado tráfico en las explanadas.

Estoy en Madrid, anegado en lucidez. Estoy y no estoy apurado, dirección “Las Musas”. Cuatro Caminos: poesía, música, teatro y filosofía. Estoy sentado en el asiento alto del autobús. Escribo para lucimiento de mi sanidad. Camino sin actos fallidos, bajo el glorioso artificio azul. Calle de la Princesa, día primaveral, aunque los árboles estén casi sin hojas. Soy el poeta de todos los sentidos, el juglar de la sinestesia madrileña.

En el Madrid multimágico me hice amigo de todos: del marginado, de la viejecilla del alma de Cristo y de los que aún quieren a Carlos III, monarca ilustrado. Paseo por plazas y almacenes. Paso por la casa de aquel cuyo ingenio admira el mundo. Sigo a las guapas de ojos ajardinados.

Madrid inspira un don procesional, es la iluminación de mi utopía. Es un hechizo iluminado. Soy el visionario de sus pináculos.

Madrid, mi alimento de beatitud, mi lugar sentimental. Con dispersa calma celebro mi sed de lucidez. Paseo por una acera que la tarde orea. Tarde clara de vértigo azul.

De los Austrias a los Borbones, subo y bajo calles entre portadas y escaparates. En nombre de todos los amores, como un



Quijote, un escudero de humana figura, devoto de las hermandades penitenciales, alumbrado por las majas, tengo en mí las taras de las huestes indómitas.

Soy también manchego en ideal: colérico pastor de las lomas delirantes. ¡Lloro también por El Toboso!

Tengo el inflamado ardor de los profetas iconoclastas, la quimera delirante de los descalzos sacramentales.

Estoy coronado de donaires: música en las tardes soleadas, rosario de balcones que celebran la vida.

Madrid, me determinas reposar en tus hospitalarios deleites. ¡Nací para recitarte en madrigales! Huerto de mis utopías te llamaré por mis albricias. ¡Oh noche, entre peñas y estrellas!

Bajo el cielo embrujado, enigmático, todos los tiempos fueron siempre ahora. ¡Flor de almendro, iris verde del huerto canoro! ¡Clorofila del tiempo!

Madrid me enseña el arte de caminar. Entre quioscos y vértigos, canto las plazas abiertas del organismo urbano. Hora química del vespertino azul, aire de espanto y perplejidad. Tan solo y tan santo nunca estuve.

Cojo un taxi, lastrado con el estigma de la percepción de mi paz trascendente. Siento del tiempo azul del otoño la helada brisa que al cuerpo reconforta. Me permito observar cúpulas y atrios en la dinámica del movimiento.

Veo de relance el coche ornamental de Cibeles. Con semáforos libres, ya estoy en Canalejas.

Celebro este momento sin pensar en ningún futuro. Indiferente a la melancolía del atardecer.

EPÍLOGO

O pensamento viaja às noites frias no Hemisfério Norte. O estremecimento de caminhar em êxtase desperta as impressões líricas. Nos versos encantados de San Juan de la Cruz, encontrei-me com sua noite de êxtase, luz da adoração:

En una noche oscura un poeta se deja ver por la calle de Alcalá. Inventa la ciudad con los pies y el cerebro. En los corredores del metro, retira las gafas para ver los reflejos y las sombras, y escribe hasta el temblor de las manos.

Oh dichosa ventura, laberinto de perderse de contemplar la alquimia indiferente de las nubes. Oh noche amable más que la alborada. Oh noche que juntaste poesía con poeta, la poesía en el poeta transformada.

Desde a década de 1990, a história da Espanha, a vida cultural de Madrid e a novidade de estar no Velho Continente preencheram-me de entusiasmo e encantamento. Identifiquei-me com o madrileñismo. Foi paixão à primeira vista. Até hoje permanece o mesmo enlevo.

Como foi Sevilha para João Cabral, Madrid é a cidade-musa do meu romantismo. Caminhando em êxtase, inebriado de delirante alegria, vivo buscando em Madrid a rosa da utopia, a bem-aventurança absoluta, o perfume do arco-iris, a plenitude dos poetas místicos. Viagem na música do sentimento, arroio cantando às margens do dia, estrelas redentoras no abismo do céu, o rosto da cidade é um jardim sedutor. Peço às flores que me permitam permanecer num infinito deslumbramento estético. Noite acesa em todas as cores.

Certo dia, depois do trabalho, fui assistir a um recital na Fundação Mapfre. Amancio Prada cantaria e Juan Carlos Mestre recitaria. Era enorme a minha expectativa. Tão absorto eu caminhava, que passei do local ao qual me encaminhava:

Absorto andariego, me encharca una llovizna que refresca el aire por la Castellana de mi ensueño hispanista. Buscaba la Fundación Mapfre. Transido, fui hasta el Museo Thyssen.

Será que nunca houve tempo melhor do que o passado? Reflito agora, à luz do ideário sentimental de Jorge Manrique, o poeta das sentidas *Coplas* do puro amor filial.

Quando frequentava os saraus de poesia em Madrid, todas as noites eu saía direto da Embaixada, para me encontrar com os poetas. Certa ocasião, encharcado de boemia, hesitei em comparecer a um evento no Ateneo. Tamanho era o deleite “esquisito” de passear pela cidade.

Ir o no ir al Ateneo esta noche importa menos que el placer de sumergirme en los dorados deleites de mi esotérica extravagancia. Ondas de hidrógeno aéreo vienen con rayos de espectro colosal. Los cerezos ostentan sombrías tonalidades celestes.

Eu ia anotando os nomes poéticos das ruas de Madrid.



Calle de las Flores, peregrino por el jardín. Calle del Silencio, comparto conmigo éxtasis redimido. Calle de la Fortuna, espero que todo sea propicio. Calle del Sol, añoro mi misterioso porvenir. Calle de las Fuentes, libranos de morirnos de sed. Calle del Buen Suceso, postulo mi cosmoecología. Calle de Campoamor, huerto de mi siembra afectuosa. Calle del Río, madrugada destilada en bálsamo. Paseo de Santa María de la Cabeza, Apocalipsis de mi devaneo. Calle del Arenal, llano de mis piés caminantes. Calle de los Peligros, sobrevivo. Calle de los Estudios, sigo aprendiendo del mundo. Calle del Desengaño, nunca anduve en tus aceras. Costilla de los Desemprados, arrimo de mis inquietudes.

Peço a Deus que me permita regressar a Madrid, passear pelas aceras alegremente, tomar infusiones de poleo-menta, na barra de algum Café, e escutar um ritmo flamenco. Desfrutar dos itinerários da calle del Príncipe de Vergara à calle de Alcalá. Caminhar com o Vinícius e a Janet pela calle de Francisco Silvela, até o Parque Eva Perón, onde os idosos se exercitam, pedalando em bicicletas fixas e as crianças se divertem nas gangorras. Revisar, no ambiente tranquilo, textos antigos ou novos, à sombra aconchegante da vegetação.

Da calle de Francisco Silvela, recordo-me, especialmente, do tratamento de catarata com o oftalmologista que atendia no número 27. O consultório já não existe. Soy catedrático, disse-me

o médico, para explicar que me programaria um olho para ver de perto e o outro de longe. Naquele tempo, ainda convalescente, ao regressar ao trabalho em Argel, o chefe me passava tarefas urgentes e numerosas, com a recomendação de que eu “exercitasse os olhos”. Foram momentos duros, aqueles de 2015.

Nunca me esquecerei dos passeios nos parques, do acesso ao metrô Diego de León, do Pilates na calle de Padilla, do ônibus na calle de Juan Bravo, com término em Tirso de Molina.

Sinto um prazer estético de pertencimento a esse mundo habitado de várias nacionalidades. Tenho na memória imagens dos lugares de lazer e comodidades do bairro de Salamanca, dos passeios agradáveis no Parque del Retiro, dos restaurantes da calle de O'Donnell e da plaza de Felipe II, do ônibus Diego de León, pelo qual chego rapidamente à calle de Alcántara e torno a seguir na direção do portentoso estátuário da Cibeles, que tantas vezes admirei e que revejo sempre como a primeira vez.

Recordo-me, ainda, da crise mental que padeci em 2018, quando, de noite, tive uma taquicardia tão forte que me assustei terrivelmente. Em consequência, durante uma semana, não suportava ficar em lugares onde houvesse aglomerações. Entrava numa loja e não tinha condições de permanecer. Ia ao cinema e saía na metade do filme. A causa foi o excesso de cafeína e de entusiasmo, porque eu delirava com a ocasião de estar desfrutando da vida hedonista de Madrid, como quem sente febre de viver e se agita morbidamente. Paralelamente ao mal-estar emocional, sentia irritações gástricas e indigestão. Submeti-me a uma endoscopia e uma colonoscopia. Os médicos disseram que tinha hérnia de hiato, esofagite e pancreatite. E me receitaram um pacote de fármacos. Curei-me daquela afecção com abstinência temporária de café e aulas de yoga, com o hinduísta Ramiro Calle, no seu Centro de Meditação, na calle de Ayala.

Guardo com apreço na memória as deambulações pela plaza de Felipe II, onde não me canso de estudar as nuances da estátua esdrúxula, concebida pelo gênio delirante de Salvador Dalí. Ver as crianças nos balanços e escorregadores, naquela primorosa praça.

No pulsante bairro de Salamanca, tomo um táxi e vou da calle de Peñalver à calle de Goya e, dali, à plaza de Colón. Desço do táxi. Vou sem pressa. Caminho pelas calçadas largas, acom-

panhando a marcha dos que atravessam as ruas. Paro diante das terrazas, onde os transeuntes tomam café, saboreiam tapas e conversam.

Vou, encantado, pela calle de Ortega y Gasset, de amplas calçadas, em agradável passeio, até a rotunda que tem ao centro a estátua do filósofo. Vou escrevendo, como quem descobre a panaceia que elude o desencanto. O espírito em harmonia com a vida.

Vou contemplar o crepúsculo. Andar sem projeto de chegar a parte alguma. Exercer a prerrogativa do vagabundo lírico. Em saborosa vertigem, na doce tarde, atravessar a verde vivacidade das inflorescências. Sigo, peregrino, escutando os pássaros no encanto do momento estremecido.

Panorama de insônia nas janelas. Torres, galerias, cafés, quiosques: pulsar de vida e luz; festim de tumulto e engrenagem. Madrid é sempre inaugural.

Tudo é transitório, mas o certo é que, nesses 30 anos de vivências em Madrid, pude realizar a minha formação autodidata em cultura espanhola.

Ao revisitar Madrid, redescubro o que conhecia na perspectiva nova. Recordo-me, com a visão clara, das partes e do todo. Refundo o ser no dia sem sombras da memória.

POSFÁCIOS:

O POETA E A CIDADE

Cláudio Aguiar

Situada em espaço físico exposto a clima que varia dos 17 aos 37°, entre as colinas que se elevam frente ao vale do Manzanares e avançam às serranias de Guadarrama, Madrid foi fundada no centro da Península Ibérica pelos primevos moradores, dos quais boa parte era de origem árabe. Outros fatores, salientam os historiadores, concorreram para tal escolha, a exemplo dos arredores madrilhenos que convidam os observadores, de imediato, a contemplar a meseta sob uma espécie de áspera e, ao mesmo tempo, bela visão, onde os pinhais integram-se naturalmente a intensos arvoredos.

Além do mais, ali, as alamedas de Osuna, os estuários dos rios Jarama, Henares e Tajuña, afluentes do Manzanares, formam apreciável panorama que se estende rumo à famosa serra de Guadarrama, “com o relevo azulado que as nuvens branqueiam.”

Esse brevíssimo perfil de Madrid dificilmente dará ideia do amplo painel que o leitor encontrará ao penetrar nas entranhas vivas da vetusta metrópole espanhola guiado pelas palavras do atento memorialista. Eis o desafio a que se propôs o poeta Márcio Catunda.

Li as memórias do poeta Márcio Catunda, intituladas Autobiografia em Madrid (e algumas reflexões sobre a Literatura e a História da Espanha), animado pelo prazer de também ter vivido, durante o primeiro lustro da década dos anos de 1980, entre Salamanca e Madrid, cidades que permanecem luminosas nas minhas lembranças. No entanto, logo vi que os olhos e o coração do memorialista (na verdade, neste caso, revelado mais poeta

em todos os rincões visitados), me ofereceram a visão de uma Madrid diferente e encantadora em seus aspectos de metrópole capaz de apresentar novas atrações. Foi, na verdade, um extraordinário convite de retorno a essa cidade para rever sugestivos matizes de sua monumental trajetória.

O principal foco, trazido ao leitor por Márcio Catunda, centra-se nos perfis de situações e vivências de ilustres e consagradas figuras da vida cultural e, de modo particular, das áreas literária e artística de Espanha. Essas memórias podem ser lidas como se fora um passeio por onde viveram e criaram obras os mais expressivos representantes das Letras e das Artes plásticas de Espanha, a exemplo de escritores como Miguel de Cervantes, Lope de Vega, Calderón de la Barca, Luís de Góngora, Francisco de Quevedo, Tirso de Molina, Frei Luís de León,

Tomás Luís de Victoria, etc.; pintores como Diego Velázquez, El Greco (Doménikos Theotokópoulos), Murillo, Goya, Zurbarán, etc., além de outros pintores que integram a extensa galeria do Museu do Prado e, também, de vários museus da cidade, a exemplo da Academia de Bellas Artes de San Fernando, situada na calle de Alcalá.

A plêiade de criadores pode ser visitada a partir das páginas em que o memorialista se detém demoradamente nos perfis de Cervantes, Lope de Vega, Calderón e Quevedo, chamando a atenção para a grandeza de suas obras e também para suas singulares peripécias vivenciais.

O mesmo se diga em relação aos integrantes da galeria de pintores do acervo do Museu del Prado. Creio merecer nesse ponto da longa e firme fatura memorial destaque especial para momentos vividos por aqueles protagonistas de expressivos logros pictóricos da existência espanhola, sem esquecer os juízos críticos e informativos trazidos a essas páginas por Márcio Catunda.

Todos os artistas se destacam por suas obras, porém, logo o leitor notará que as peripécias vivenciais vinculadas a Velázquez e Goya, por exemplo, dão às memórias os mais expressivos e cativantes momentos do périplo empreendido pelo poeta cearense.

Nessas memórias, com a mesma força com que se mostra dono de absoluto domínio narrativo, o poeta confessa ter mantido salutar convívio com velhos e novos amigos. O leitor, então,

ao começar a andar com o memorialista e seus convidados, logo é levado a crer, desde as primeiras páginas, que está diante de um discurso, em grande medida, tomado por claras ambivalências prazerosas, notadas pelo lastro poético revelado na exposição, não propriamente como adorno vocabular, mas, sobretudo, como recurso inspirado e animado por espontâneo talento. Essa singular expressividade, quase sempre, anula possível visão arremada exclusivamente na horizontalizada visão geográfica e histórica encontrada nos manuais turísticos. Assim, o leitor é convidado a caminhar por um cenário em que a sensibilidade mágica do memorialista é burilada, com esmero e naturalidade, por oportunos e surpreendentes sopros poéticos.

Por isso, o sentido e o alcance dessas memórias, justificam plenamente o amplo perfil da monumentalidade de Madrid, urbe mundialmente reconhecida como ícone principal da chamada vida espanhola. Ao desfrutar o leitor dessa salutar e agradável leitura, sobretudo por andar com o memorialista, nada mais justo do que revelar o nome de outro poeta, que lhe acompanhou nos passeios por ruas, praças, pátios, centros culturais, livrarias, cafés e restaurantes, monumentos históricos e culturais de Madrid, confessado pelo próprio Catunda: - “Caminhei com o poeta Antonio Machado Sanz, meu companheiro de investigações líricas...” Mais adiante, num momento de reconhecida descontração, afirma Márcio Catunda, diante do estimado amigo: “Celebramos a amizade, dom de humanidade, gracias a la vida.”

A declarada amizade, presente ao longo das páginas dessas memórias, me faz lembrar o sentido de certas frases lapidares, como a de Aristóteles, quando o filósofo diz: “Amigo é outro eu”. (Állos philos ego).

O livro de Márcio Catunda mostra o poeta e a cidade envolvidos numa singular experiência vivencial, onde as palavras terminam por conspirar situações que se multiplicam numa espécie de devir memorial, nas quais a história e a literatura são

chamadas a simbolizar o périplo não propriamente deslumbrado com o que vê e testemunha, porém, enredado por lúcida e astuta perspectiva crítica.

Nesses passeios, feitos com calma e notável paciência, será possível identificar não só costumes de seus habitantes, mas,

sobretudo, a presença de edificações que resistem à intempérie e revelam rastros de um passado memorável. Tudo se passa como se o andarilho ou paseante, mesmo sem buscar, de repente, passasse a ver, aqui e acolá, a Madrid árabe, a Madrid medieval e cristã, a Madrid dos Áustrias, a Madrid dos Bourbons, a Madrid romântica e isabelina e, por fim, a grande Madrid contemporânea.

Usei os termos andarilho e paseante para assinalar o hábito de caminhar, porém, talvez, seja recomendável lembrar que o termo paseante aparece no famoso Diccionario de la Lengua Española, secularmente editado pela Real Academia Española, com o sentido figurado para significar aquele que “no tiene destino ni se emplea en alguna ocupación útil u honesta”.

Como acontece com as grandes cidades do mundo, a Madrid, pintada e sentida, emocional e magistralmente, pelo poeta cearense, revela, também, os sinais de uma cidade alterada em seus pontos históricos não preservados adequadamente. Como acontece com outras tantas metrópoles, lenta e lamentavelmente, vai perdendo o visual de cidade antiga. Apesar disso, sempre algo fica a resistir.

A propósito, bastaria prestar atenção em tantos rótulos históricos assinalados (e alguns já perdidos) nos velhos mapas.

Felizmente, nos dias que correm, os mapas ganharam configuração digital e vivem metidos nos celulares e computadores, captáveis a partir de códigos armazenados nos GPS. Essa virtualidade digital, agora, traz, instantaneamente, aos

nossos olhos os estilos do passado e os avanços da arquitetura moderna, inclusive com a vantagem da imediata manipulação e a concreta possibilidade de reproduzi-los fisicamente quando se fizer necessário.

Foi exatamente nesse hogar madrilheno, tão marcado por ancestralidades naturais e humanas, onde o poeta e memorialista Márcio Catunda resolveu registrar suas impressões, mais poéticas do que históricas ou geográficas, para falar da monumentalidade de cidade ali erigida. Por isso, apôs como subtítulo ou acréscimo explicativo a informação, tocada por excessiva modestia, de que também oferece algumas reflexões sobre a Literatura e a História da Espanha.

Lembro, por oportuno, que nesse livro despontam, com absoluto domínio expressivo, não apenas algumas reflexões, como alude o autor. Abundam juízos críticos capazes de trazer ao atento leitor informações sobre riquíssimo painel histórico e literário visto e sentido pelo poeta Marcio Catunda.

Ao nos oferecer perfil tão emotivo de uma cidade como Madrid, o memorialista, de fato, registrou a carga memorial de um passado ainda vivo, porque lembrado. Ao mesmo tempo, trouxe a lume figuras humanas e coisas integradas a certa força misteriosa que chamam de poder imaterial capaz de fazer com que elas permaneçam vivas ao longo do tempo.

MÁRCIO CATUNDA, UN APASIONADO WHITMANIANO

Eloy Sánchez Rosillo

El caso de Márcio Catunda es insólito y de verdad impresionante. Tiene ya este escritor brasileño en su haber una obra en verso y en prosa extensa y variada. Pero lo que lo singulariza entre los poetas de nuestro tiempo es su manera de entender la poesía y las proezas que con ella es capaz de realizar. No hace mucho nos sorprendió, o, para mejor decir, nos llenó de asombro con un libro que, en principio, antes de comenzar a leer, parecería un disparate, un tour de force condenado al fracaso. Se trataba de un libro titulado *Luz sobre la historia*, y era, en efecto, un libro de historia, de historia de España, ¡pero en verso! El devenir histórico de nuestro país aparecía en sus muchas composiciones sistemáticamente ordenado, desde los orígenes hasta el momento presente. Y la estupefacción del lector surgía e iba creciendo cuando al hilo de la lectura se percataba de que aquellos poemas, que uno creería de todo punto imposibles por su tema, eran sin embargo hermosos y verdaderos. No, no estaban escritos por un historiador chiflado y con ínfulas, sino que eran obra del amor y habían surgido de la pluma de un poeta auténtico.

Con *Autobiografía en Madrid* vuelve Márcio Catunda a dejarnos perplejos. La obra es el canto de un hombre enamorado hasta los huesos de Madrid, pues la ciudad aparece en los poemas de este libro no como un decorado, como un marco de las andanzas del poeta, sino como una amante viva y palpitante, de la que se nos van celebrando con arrobos todas sus maravillas y hechizos. Vemos al poeta —que en la actualidad ejerce como diplomático de la embajada brasileña en España— recorrer incansable las calles y plazas de la capital, sus lugares emblemáticos y los rincones más íntimos y escondidos. Camina bajo el sol o la lluvia, con el viento frío del Guadarrama o acompañado por la luz tierna de marzo; lo encontramos incluso en alguna de sus caminatas soportando complacido en sus hombros el oro espeso e incandescente de agosto.

Todo le cabe en el poema a este omnívoro panteísta, a este apasionado whitmaniano que nunca se sacia de mirar hacia afuera y de pensar e imaginar por dentro. Hay en estos poemas mucha autobiografía del hombre solitario y contemplativo que Catunda es, pero la fusión con la ciudad amada llega a ser tan intensa que nos parece en muchas ocasiones que la propia Madrid es la que nos habla, la que nos va contando despacio los avatares de su propio existir. Doble autobiografía, pues, en estas bellas páginas: la de un soñador enamorado, la de una ciudad con alma. (Texto do Prólogo de Eloy Sánchez Rosillo ao libro de poemas *Autobiografía en Madrid*)

.....

Debemos estar agradecidos a Márcio Catunda: nos ofrece nuestra historia, desde dentro y desde fuera y crea un tipo muy singular de poema, que utilizando el relato y dosis racionadas (y racionales) de lirismo, hace que tanta y tan caudal historia, nos llegue convertida en singular poema, a la par narrativo y sensitivo. Yo deseo a este “Luz sobre la historia” (el título es doblemente exacto) la mejor trayectoria lectora y crítica, felicitando a su autor por haber escrito desde Brasil un buen libro en español y sobre todo por iluminar una historia – la nuestra – que, a menudo, no entendemos o no queremos entender nosotros mismos.

(Luis Antonio de Villena)

.....

“Que su lumbré – la lumbré de un poeta diplomático brasileño que ama a España y conoce su historia mucho mejor que la inmensa mayoría de los españoles – alimente la hoguera de nuestra querida nación y nos recuerde quiénes somos y de dónde venimos”.

(Luis Alberto de Cuenca)

.....

Márcio Catunda es un viajero de la palabra. Siguiendo la fructífera senda de los poetas diplomáticos, Catunda recorre el orbe y vierte sus vivencias en sus poemas. Viaja con el corazón, y busca conocer el espíritu de los países desde su entraña más profunda. Por eso lee los caminos del mundo desde la historia y desde la poesía. Esta antología nos redescubre España desde sus ojos. Los paisajes se renuevan a través de la mirada amorosa de Catunda, que rinde homenaje a las ciudades y a los poetas de España. El resultado es una singular cartografía doble: por un lado la imagen detallada de nuestro país, por otro el retrato fiel del corazón poético de Márcio Catunda.

Amasador del pan de la poesía, que ofrece el candel a Don Quijote y lleva cual amapola a Dulcinea para tornasolar la espiga que arrebola. Ya quisiera andar por los senderos de la Hispania profunda, un español cualquiera, como caminos haces por su suelo. Ya quisiera mirar al alto cielo y circunvalar el tesoro de su azul como tú en hipérbole dibujas. Ya quisiera yo, a quien tanto duele España como Unamuno escribiera, amarla tanto como la amas tú Marcio amigo. Compañero. Nota bene. Algún día, vive Dios, y vaya si Dios vive, haré a vuesa mercé algo más trabajado, aunque dudo que fuere más sentido. Ya hablaremos.

Un fuerte abrazo, y gracias de nuevo,

Antonio Fernández Heliodoro.

.....

Márcio Catunda (Fortaleza, Brasil, 1957) lleva años agitando el mundo de las letras internacionales y contagiando -allá por donde llega y por donde va- su amor por la literatura. Este escritor y diplomático brasileño, viajero incansable, amante y cultivador de la poesía, ejerce en la actualidad como Consejero de Prensa de la Embajada de Brasil en España. Atrás quedaron sus estancias en Perú, Suiza, Bulgaria, República Dominicana, Portugal, Ghana, de donde extrajo mucho y muy buen material

para sus posteriores escritos. Ahora, nos acerca su undécimo poemario, "Autobiografía de Madrid", un sentido homenaje a la ciudad donde habita y que lo habita. Un Madrid latidor y cómplice del que confiesa haberse enamorado ("Quiero a Madrid con el alma"), un arábigo y bello Magerit - "madre del saber", "lugar de aires y vientos saludables" - que tantos siglos después sigue resultando, para el forastero, hospitalario y cobijador. Quien esto escribe, siempre ha vivido en esta villa de asombros, de madroños, de inauditos remedios para cualquier mal. Y en ella ha saldado amoríos y soledades, y de ella se ha alejado muchas veces, para siempre volver... "Adiós, Madrid; adiós tu prado y fuentes/ que manan néctar, llueven ambrosía", escribió Cervantes. Porque Madrid hace ausencia en quien debe abandonarla, y la melancolía del que marcha se volverá deseo de retornar, de alzarse de nuevo entre sus secretos, al mediodía o en la medianoche, cosida su alma a la de esta metrópoli heroica. De su castizo universalismo, de su cosmopolita condición, de su bullicio, de su carisma, de su colorido febril, de su cielo y de su tierra, de su pasado y su presente..., ha bebido Márcio Catunda para dar a la luz este itinerario de su madritense corazón. A través de sus calles y sus plazas, junto a sus monumentos, ha ido pergeñando estas estampas capitalinas, que se dejan ganar por el verbo torrencial, por la ebria sugerencia expresiva del vate brasileiro.

(Jorge de Arco).

.....

Sin duda alguna, la literatura brasileña de antaño y de ahora debe mucho a la labor cultural y divulgativa de Márcio Catunda alrededor del mundo: presentaciones de libros y nuevos autores, apoyo a traducciones, concursos, premios, certámenes... son solo algunas de las tareas que desarrolla el escritor en su función diplomática. Sin embargo, todas ellas no pasarían de meras circunstancias si no estuviéramos tratando de un artista polifacético, con una obra extensa y prolífica, iniciada en 1976 y publicada en países como Brasil, Perú, Suiza y España. Poesía, ensayo y música componen el escenario por el cual se mueve el autor. Con Días Insólitos, una parte importante de esa alma

pluricultural y polifónica se nos presenta, ahora, en lengua castellana. La importancia de la traducción y del encuentro de sociedades, que se establece a través de la palabra recreada por el texto traducido, forma parte también de la trayectoria de Márcio Catunda, a quien ninguna forma de aproximación a la cultura humana le es ajena.

(Bethania Guerra de Lemos, doctora en Letras Neolatinas).

Madrid, primavera de 2013

.....

El Madrid de Márcio Catunda no es meramente un espacio, ni tampoco su Autobiografía, sus itinerarios, sus paseos por el cuerpo de nuestra capital, son sólo recorridos con un inicio y un punto de llegada. En profundidad, estos caminares, estas propuestas de recorrido, se tornan citas con una experiencia de vida: se encarnan en perspectiva ante el espacio, ante el tiempo, ante la disyuntiva, o conjuntiva, razón/corazón, para conformarse, en definitiva, en antídoto contra la tristeza, en Elixir de la felicidad. Así, el espacio se torna, en las propias palabras del poeta, en “geografía de la imaginación”, y las calles en metáforas. El tiempo se adhiere perfectamente a ellas, a las calles, a los lugares, para compartir una misma dimensión, infinita en muchas ocasiones: “Puerta del sol: horas que nunca se apagan”.

La razón quedará siempre al servicio del sentimiento, pues “pensar el mundo es un modo de no sentirlo”, en un hombre que, sin miedo a realizarse en tanto que ser en emoción, confiesa abiertamente “El domingo es un pretexto para el vértigo del sentimiento: el más humano de todos los días”. Y toda esta perspectiva de vida anegada, como decía, en el Elixir de la felicidad, (“caminar así me hace olvidar 5 todas las penas”), nos llega con muy bellas imágenes. A partir, a veces, de “guapas de ojos ajardinados”, o de manos de una adjetivación novedosa, muy personal, muy de Catunda: ¿Cómo experimentar la “soledad enarbolada” o el “fulgurante arrebató” del poeta, atlántico en origen y acaso ya también mediterráneo?

Autobiografía en Madrid, vida susceptible de ser degustada

caminando o, simplemente, y ésta es mi sugerencia, dejándose llevar por el fluir de los versos de Catunda, por sus duendes, sus respiraciones, sus cantos de juglar medieval y contemporáneo, del ayer y del hoy, del allí y el aquí. Cantos de juglar que, en este caso acompañados de Gil de Biedma, reflejan la maestría rítmica de ecos armoniosos conjugados con vistas de poética enjundia: “Bajo el aire dulce de la luna,/ fragancias después de la lluvia,/ un prodigio de vida me complace.”

Me escribió hace unos días este hombre de mirada tiernísima, de poeta genial y bondadoso, preguntándome si no añoraba Madrid. Desde el profundo y oscuro Pacífico le contesté que no, pues aquí se me está llenando el espíritu del Paraíso reencontrado, de una geografía desbordante, apasionada y casi invasora. Y ahora, tras recorrer Madrid, el Madrid de Catunda, confieso que algo se ha encendido por dentro. Ésta, la autobiografía más íntima que nos propone el poeta, el aroma más intenso de aquella flor del principio, acaso sea, en definitiva, la vía principal de estos poemas, la esencia más preciada del alquimista, su ofrenda más amada.

(Rosa-Isabel Martínez Lillo, Santiago de Chile,
primavera 2011).

EL PAIS

Agenda de Madrid del 22 al 28 de julio

Una selección de lo que se expone, representa, exhibe y habla en Madrid.

Los precios y horarios son orientativos.

LUNES | MARTES | MIÉRCOLES | JUEVES | VIERNES |
SÁBADO | DOMINGO

Archivado en:

NOTA DE PRENSA

PRESENTACIONES / CONFERENCIAS

El poeta y diplomático Márcio Catunda, Consejero de Prensa de la Embajada de Brasil, presentará su libro *Días Insólitos*, el próximo día 24 de julio, a las 20 horas, en el Ateneo de Madrid.

Se trata del quinto poemario del autor editado en España. *Días Insólitos* ha sido traducido por Bethania Guerra de Lemos y Juan Bautista Rodríguez y editado por Manuscritos.

El primer poemario suyo publicado en España, *Luz sobre la historia*, un épico sobre la historia española, mereció elogios de grandes poetas como Caballero Bonald, Luis Alberto de Cuenca y Luis Antonio de Villena.

El segundo, *Autobiografía en Madrid*, un recorrido lírico por las calles y rincones madrileños, recibió importantes críticas de Amalia Bautista, Jorge de Arco y Eloy Sánchez Rosillo.

El tercero, *Laudetur, 63 poetas españoles del siglo XXI*, fue uno de los libros de poesía más vendidos del año pasado.

El cuarto, *Paisajes y leyendas de España*, que contiene poemas sobre ciudades y escritores españoles, fue elogiado por Juan Carlos Mestre, Jesús Maeso de la Torre y José Ramón Ripoll.

La presentación correrá a cargo de Victoria Caro, Secretaria Adjunta de la Agrupación de Retórica y Elocuencia del Ateneo de Madrid y del poeta y filósofo peruano Eduardo Rada, catedrático de la Universidad Ricardo Palma de Lima

Márcio Catunda, autor de más de 30 libros, es miembro de la Academia Cearense de Literatura y Periodismo, del Pen Club de Río de Janeiro y de la Asociación Profesional de Poetas de Río de Janeiro (APPERJ). Su poemario *Escombros e Reconstruções* recibió, entre otros galardones, el premio Vinicius de Moraes de Literatura, concedido por la Academia Carioca de las Letras al mejor libro editado en Brasil en 2012. En español ha publicado en Madrid: *Luz sobre la historia*, *Autobiografía en Madrid*, *Laudetur, 63 poetas españoles del siglo XXI*, *Paisajes y*

leyendas de España, El vuelo del pájaro ciego, Contemplaciones y la antología Jardín de Ortigas. Su poemario Escombros e Reconstruções recibió el Premio Vinicius de Moraes de Literatura, concedido por la Academia Carioca de las Letras al mejor libro editado en Brasil en 2012.

BIBLIOGRAFIA

ALVAR, Carlos. MAINER, José Carlos. NAVARRO, Rosa. Breve historia de la literatura española. Alianza Editorial. Madrid, 1997.

ANTONIO, Trinidad. El siglo XVII español. Historia del Arte. Universidad Complutense. Madrid, 1989.

AZAUSTRE, Joaquín Pérez. El querido hermano. Galaxia Gutenberg. Barcelona, 2023.

AZORÍN (José Martínez Ruiz). Madrid. Editorial Avapiés, S.A. Madrid, 1988.

AZORÍN, Francisco. Leyendas e historias del Barrio de las Letras. Ediciones la Librería. Madrid, 2015.

BALLESTER, Gonzalo Torrente. El Quijote como juego y otros trabajos críticos. Ediciones Destino, Barcelona, 2004.

BALLESTER, Gonzalo Torrente. Crónica del rey pasmado. Editorial Planeta, S.A. Barcelona, 1991.

BAROJA, Pio. Aurora roja. Alianza Editorial. Madrid, 2005.

BAYÓN, Miguel Zorita. Breve historia del *siglo de oro*. Ediciones Nowtilus, S.L. Madrid, 2010.

BENAVENTE, Jacinto. Los intereses creados. Cátedra Letras Hispánicas. Madrid, 1974.

BLACKBURN, Julia. El viejo Goya. Una aproximación. Ensayo Edhasa. Barcelona, 2004.

CELA, Camilo José. La Colmena. Penguin Random House. Barcelona, 2020.

CUENCA, Luis Alberto. El secreto del mago. Visor Libros. Madrid, 2023.

DEL CORRAL, José. El Madrid de los Borbones. Ediciones La Librería, S. A. Madrid, 2005.

DÍAZ-PLAZA, Guillermo. La Poesía Lírica Española. Editorial Labor S.A. Barcelona, 1948.

CALDERÓN DE LA BARCA, Pedro. *La vida es sueño*. Castalia Didáctica. Barcelona, 2011.

CALDERÓN DE LA BARCA, Pedro. *El gran teatro del mundo*. El gran mercado del mundo. Ediciones Cátedra, S.A. Madrid, 1999.

CANAVAGGIO, Jean. Historia de la literatura española. Tomo V, El Siglo XIX. Editorial Ariel S.A. Barcelona, 1995.

DE LA CRUZ, Ramón. *Sainetes*. Taurus Ediciones. Madrid, 1985.

DE VILLENA, Luis Antonio. *La belleza impura*. Visor Libros. Madrid, 1996.

D'ORS, Eugenio. *Tres horas en el Museo del Prado*. Editorial Tecnos. Madrid, 2004.

ESTEBAN, José. *Los Barrios Bajos de Madrid, según Galdós*. Reino de Cordelia, Madrid, 2021.

FERRERO, Miguel Pérez. *Vida de Antonio Machado y Manuel*. Colección Austral. Espasa-Calpe, S.A. Madrid, 1973.

GALÁN, Juan Eslava. *La familia del Prado*. Editorial Planeta. Barcelona, 2018.

GALDÓS, Benito Pérez. *Dos visiones de Madrid 1865 e 1815*. Ediciones Ulises. Madrid, 2021.

GALDÓS, Benito Pérez. *Prim*. Alianza Editorial. Madrid, 2023.

GIBSON, Ian. *Cuatro poetas en guerra*. Editorial Planeta, S.A. Barcelona, 2008.

GLENDINNING, N. Historia de la literatura española. Siglo XVIII. Editorial Ariel S.A. Barcelona, 1903.

GÓMEZ DE LA SERNA, Ramón. *Quevedo*. Espasa-Calpe, S.A. Madrid, 1962.

GÓMEZ DE LA SERNA, Ramón. *Piso bajo*. Espasa-Calpe, S.A. Madrid, 1961.

GÓMEZ DE LA SERNA, Ramón. *Descubrimiento de Madrid*. Ediciones Cátedra, S.A. Madrid, 1986.

GÓNGORA, Luis. *Antología Poética*. Hispamerica. Ediciones Argentina S.A. Buenos Aires, 1982.

GRANDES, Almudena. El corazón helado. Tusquets. Barcelona, 2010.

GUEVARA, Veléz. El diablo cojuelo. Castalia Ediciones, Barcelona, 2023.

LACARTA, Manuel. Madrid y sus literaturas. De la *Generación del 98* a la posguerra. Editorial Avapiés, S.A. Madrid, 1986.

LAGUARDA, Amparo Duñaiturria. Cuaderno de Bitácora de Madrid. Editorial Almuzara. Córdoba, 2025.

LARA, Pedro López. *Arcén*. Poesía reunida. Editorial Renacimiento. Sevilla, 2025.

LOBATO, Daniel Cotta. Historia secreta de la literatura española. Editorial Almuzara, S.L. Córdoba, 2024.

LOPE DE VEGA. Fuenteovejuna. Ediciones Cátedra. Madrid, 2024.

LOPE DE VEGA. *El Caballero de Olmedo*. Plaza & Janés Editores S.A. Barcelona, 1998.

LOPE DE VEGA. *Peribáñez y el Comendador de Ocaña*. Ediciones Cátedra. Madrid, 2023.

LORCA, Federico García. Mariana Pineda. Editorial Losada S.A. Buenos Aires, 1927.

LORCA, Federico García. La casa de Bernarda Alba. Ediciones Cátedra. Madrid, 2022.

MACHADO, ANTONIO. Antología Poética. Editorial Renacimiento. Sevilla, 2010.

MENDOZA, Eduardo. Riña de Gatos Madrid 1936. Editorial Planeta, S.A. Barcelona, 2024.

MOLINA, Antonio Muñoz. Los misterios de Madrid. Editorial Planeta, S.A. Barcelona, 1992.

NEUSCHÄFER, Hans-Jorg. La Ética del Quijote. Editorial Gredos. Madrid, 1999.

NORDSTROM, Folke. Goya, Saturno y melancolía. Visor. Madrid, 1962.

ORTEGA Y GASSET, José. Velázquez. Editorial Espasa. Barce-

lona, 2007.

ORTEGA Y GASSET, José. España invertebrada. Espasa Libros. Barcelona, 2011.

ORTEGA Y GASSET, José. A ideia do teatro. Editora Perspectiva Ltda. São Paulo, 2007.

QUEVEDO, Francisco. Obras Completas. Prosa. Aguilar Ediciones. Madrid, 1966.

QUEVEDO, Francisco. *Historia de la vida del Buscón*. Espasa Libros, S.L.U. Barcelona, 2010. RAMOS, Santos Domínguez. Pórtico de la memoria. Alcazaba. Badajós, 1994.

RAMÓN, Francisco Ruiz. Historia del Teatro Español (Desde sus orígenes hasta 1900). Cátedra. Madrid, 1996.

REVERTE, Arturo Pérez. Falcó. Roman Seuil. Paris, 2018.

REVERTE, Arturo Pérez. Limpieza de sangre. Penguin Random House. Grupo Editorial, S.A.U. Barcelona, 2025.

RIVAS, duque. Don Álvaro o la fuerza del sino. Edicionse Cátedra, Madrid, 2008.

ROZAS, Juan Manuel. Estudios sobre Lope de Vega. Ediciones Cátedra S. A. Madrid, 1990.

SARLO, Flávio. *Pitangas vermelhas e cigarros índios*. Ediciones Tupyhanarcus. Salvador, 2017.

SITAW, D.L. Historia de la literatura española V. Siglo XIX. Editorial Ariel, S.A. Barcelona, 1983.

TAHOLES, Clara. Guía del Madrid mágico. Ediciones. Martínez Roca, S. A. Barcelona, 1998.

TARAVILLO. Antonio Rivero. Luis Cernuda. Años españoles (1966-1938). Biografía. Tusquets Editores. Barcelona, 2008.

THOMAS, Hugh. Goya. El tres de mayo de 1808. Editorial Planeta. Barcelona, 1973.

TRAPIELLO, Andrés. Los Nietos del Cid. La nueva Edad de Oro de la literatura española. Athenaica Ediciones. Sevilla, 2023.

TRAPIELLO, Andrés. Me piden que regrese. Ediciones Destino. Barcelona, 2024.

TRAPIELLO, Andrés. Madrid. Editorial Planeta S.A. Barcelona, 2020.

UMBRAL, Francisco. Valle-Inclán. Los Botines Blancos de Piquê. Editorial Planeta, S. A. Barcelona, 1998.

UNAMUNO, Miguel. Vida de don Quijote y Sancho. Ediciones Cátedra. S. A. Madrid, 1998.

UREÑA, Pedro Enríquez. Ensayos. Casa de las Américas. La Habana, 1973.

VALLEJO, César. España, aparta de mí este cáliz. Ediciones Literarias del Comisariado. Montserrat, 1939.

VALLE-INCLÁN, Ramón. *Luces de Bohemia*. Espasa Libros, S.L.U. Barcelona, 2010.

VALLE-INCLÁN, Ramón. Martes de carnaval. *Esperpentos*. Espasa Libros, S.L.U. Barcelona 2011.

VALLE-INCLÁN, Ramón. La cabeza del dragón. Libros Espasa S.L.U. Barcelona, 2011.

VALLE-INCLÁN, Ramón. Águila de blasón. *Comedias bárbaras* II. Espasa Libros, S.L.U, Madrid, 2013.

VALLE-INCLÁN, Ramón. Romance de lobos. Ediciones La Biblioteca Digital, 1908.

VÁZQUEZ, Áber. Cervantes en Argel. Cinco años en las mazmorras del Grand Turco. La Esfera de los Libros, S.L. Madrid 2025.

VIDAL-FOLCH, Ignacio. Casa Museo Lope de Vega. Guía. Comunidad de Madrid. Madrid, 2015.

VILLANUEVA, Darío. *La poética de la lectura en Quevedo*. Ediciones Siruela, S.A. 2007.

WILSON, E. M. e MOIR D. Historia de la literatura española. *El Siglo de Oro*. Teatro. Editorial Ariel S.A. Barcelona, 1998.

ZAMBRANO, María. Unamuno. Random House Mondadori, S.A. Barcelona, 2003.

ZORRILLA, José. *Don Juan Tenorio*. Penguin Random House. Barcelona, 2017.